

# I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística

## RESUMOS

Conferências, Mesas-Redondas e Comunicações

Universidade Federal da Bahia  
Instituto de Letras

Salvador, Bahia, Brasil, 11 a 16 de setembro  
1994

## UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

**Reitor:**

Luís Felipe Perret Serpa

**Vice-Reitor:**

Maria Gleide Santos Barreto

**Pró-Reitor de Extensão:**

Armindo Jorge Bião

**Pró-Reitor de Graduação:**

Roberto Paulo Correia de Araújo

**Pró-Reitor de Planejamento:**

Nice Maria Americano da Costa Pinto

**Pró-Reitor de Pós-Graduação:**

Antônio Fernando Guerreiro de Freitas

## INSTITUTO DE LETRAS

**Diretor:**

Aurélio Lacerda

**Vice-Diretor:**

José Carlos Bastos Sant'anna

**Chefe do Departamento de Letras Vernáculas:**

Therezinha Maria Mello Barreto

**Chefe do Departamento de Fundamentos para o Estudo das Letras:**

Rosauta Maria G. Fagundes Poggio

**Coordenador do Mestrado em Letras:**

Célia Marques Telles

## DIRETORIA DA ABRALIN

Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso

Jacyra Andrade Mota

Serafina Maria de Souza Pondé

## CONSELHO DA ABRALIN

Diana Luz Pessoa de Barros (USP)

Giselle Machline de Oliveira e Silva (UFRJ)

Lúcia Maria Pinheiro Lobato (UNB)

Luiz Antônio Marcuschi (UFPE)

Maria Bernadete Marques Abaurre (UNICAMP)

Myrian Barbosa da Silva (UFBA)

## ORGANIZAÇÃO

### Presidente

Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso

### Secretária

Jacyra Andrade Mota

### Tesoureira

Serafina Maria de Souza Pondé

### Comissão Organizadora

Carlota da Silveira Ferreira  
Celina de Araújo Scheinowitz  
Cely dos Santos Vianna  
Edleise Mendes Oliveira Santos  
Ilza Maria de Oliveira Ribeiro  
Ivone Afonso de Almeida Novis  
Josane Moreira de Oliveira  
Judith Mendes de Aguiar Freitas  
Maria del Rosário Suarez Albán  
Maria Lúcia Souza Castro  
Rosa Virgínia Mattos e Silva  
Silvana Soares Costa Ribeiro  
Sônia Bastos Borba Costa  
Vera Lúcia Sampaio Rollemberg

### Apoio Executivo

FAPEX - Fundação de Apoio à Pesquisa e à Extensão

Registra-se o apoio de numeroso grupo de estudantes dos cursos de Letras da UFBA à Comissão Organizadora.

### Capa

Tércia Marques e Moacyr Gramacho

## APOIOS

FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

UFBA - Universidade Federal da Bahia

Instituto de Letras - UFBA

Pró-Reitoria de Extensão - UFBA

UCSAL - Universidade Católica de Salvador

UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

Fundação Calouste Gulbenkian

PETROBRÁS

Pontes Editores

VARIG

Brahma

Palmeiron

VITALMED

Restaurante Getúlio

Café Atlântico

Jacobina Mineração e Comércio S.A.



## SUMÁRIO

Conferências .....	11
Mesas-Redondas .....	15
Seções de Comunicações	
Fonética e fonologia .....	53
Sintaxe .....	59
Semântica .....	73
Interação verbal .....	80
Linguística histórica .....	91
Aquisição da linguagem .....	98
Lexicologia .....	107
Análise do discurso .....	116
Linguística e ensino .....	144
Línguas indígenas .....	171
Sociolinguística .....	183
Tradução .....	200
Dialectologia e contato lingüístico .....	203
Linguística e outros ramos do saber .....	209
Sessões coordenadas .....	214
Índice remissivo.....	222

10 .....  
11 .....  
12 .....  
13 .....  
14 .....  
15 .....  
16 .....  
17 .....  
18 .....  
19 .....  
20 .....  
21 .....  
22 .....  
23 .....  
24 .....  
25 .....  
26 .....  
27 .....  
28 .....  
29 .....  
30 .....  
31 .....  
32 .....  
33 .....  
34 .....  
35 .....  
36 .....  
37 .....  
38 .....  
39 .....  
40 .....  
41 .....  
42 .....  
43 .....  
44 .....  
45 .....  
46 .....  
47 .....  
48 .....  
49 .....  
50 .....  
51 .....  
52 .....  
53 .....  
54 .....  
55 .....  
56 .....  
57 .....  
58 .....  
59 .....  
60 .....  
61 .....  
62 .....  
63 .....  
64 .....  
65 .....  
66 .....  
67 .....  
68 .....  
69 .....  
70 .....  
71 .....  
72 .....  
73 .....  
74 .....  
75 .....  
76 .....  
77 .....  
78 .....  
79 .....  
80 .....  
81 .....  
82 .....  
83 .....  
84 .....  
85 .....  
86 .....  
87 .....  
88 .....  
89 .....  
90 .....  
91 .....  
92 .....  
93 .....  
94 .....  
95 .....  
96 .....  
97 .....  
98 .....  
99 .....  
100 .....

**CONFERÊNCIAS**

One of main tasks of Critical Discourse Analysis (CDA) is the systematic study of the expression and reproduction of ideologies in text and talk. In this paper, we examine some of the theoretical and analytical problems of such a discursive approach to ideologies. Within the broader framework of a project on Discourse and Ideology, this paper more specifically focusses on some of the discursive manifestations of the expression of underlying ideological opinions, e.g., in lexical, syntactic and semantic structures of discourse. The data to be analyzed in the (written, English) version of the paper are Editorials of the New York Times and the Washington Post, and editorials from Brazilian newspapers in the spoken version of the paper (which will be in Portuguese). One assumption to be examined in more detail in this paper is that ideologies are usually expressed only indirectly, that is, through specific opinions about concrete 'cases' or 'events', which in turn are based on more general, socially shared attitudes, which are finally organized by more fundamental ideological structures. Most research on ideologies does not focus on the details of the internal organization of ideologies. It is assumed that discourse analysis should be able to contribute to such a study of the structures of ideologies. Ideally, this research should also lead to a practical 'diagnostic' of ideological contents and structures through systematic discourse analysis.

FRANCHI, Carlos. *Linguística no Brasil: o pluralismo necessário.*

Pretende-se discutir e justificar a convivência no Brasil de diferentes "linguísticas", examinando essa pluralidade de pontos de vista distintos — em uma reflexão epistemológica, com base na própria complexidade do objeto de estudo (a linguagem) e levando em conta as tarefas da linguística no Brasil.

A tese central a ser desenvolvida é a de que — com as reservas necessárias — há duas razões para pensar a possibilidade de uma complementaridade nos esforços dos linguistas de várias tendências. A primeira delas decorre da própria complexidade da linguagem. Por um lado, é possível perguntar-se, a partir do discurso mais simples que se construa:

a. o que faz das sentenças que o compõem sentenças de uma língua natural? Que mecanismos e princípios estão envolvidos em sua construção? E, pois, que limites sintáticos se impõem à sua interpretabilidade?

b. por que, dentre as inúmeras possibilidades oferecidas, se selecionam precisamente umas e não outras? Quais são as "motivações" dessa escolha?

c. que outros mecanismos lingüísticos e extra-lingüísticos fazem passar de uma interpretação escrita e literal ao entendimento desse discurso de forma compatível com as suas condições de produção?

No fundo, deve-se perguntar se a questão do método e das técnicas envolvidas em uma certa "linguística" não depende diretamente das questões que se formulam, ou seja, do ponto de vista e do posto de observação que se assumem no vestibulo da prática científica.

Uma segunda questão se enraíza na diversidade das tarefas que cabem ao linguista e que lhes impõem privilegiar diferentes questões. Servem os mesmos instrumentos de pesquisa e de construção teórica tanto ao que investiga a capacidade mesma da linguagem (sua inscrição no cérebro humano), ao que a examina como atividade e processo histórico e social, ao que busca intervir em processos terapêuticos e pedagógicos em que a linguagem é objeto de construção ou reconstrução, ao que documenta e registra línguas para as quais não possui a competência do falante nativo, etc.?

Uma resposta a estas questões servirá de pano de fundo sobre que se projetará o trabalho contemporâneo dos linguistas brasileiros.

LORENZO, Ramón. *Breve história da língua galega.*

A minha intenção nesta conferência é apresentar os pontos mais importantes da história da língua, desde a sua formação até a actualidade: formação do domínio lingüístico galego, separação do galego e do português, o galego na época medieval, a perda da condição de língua literária nos séculos XVI-XIX, a recuperação da língua literária no século XIX, o estado da língua falada nos séculos XIX e XX e a situação actual.

MIRA MATEUS, Maria Helena. *O horizonte da investigação sobre o português.*

1. Factores que justificam o estudo/descrição de uma língua. Relações entre línguas e entidades culturais. Línguas de expansão, línguas de tradição, línguas de afirmação. As línguas e os movimentos nacionalistas. As línguas e o desenvolvimento do indivíduo. As línguas e o conhecimento da mente humana.
2. O português, as línguas particulares e a Gramática Universal. Construção de instrumentos de análise e informatização do português. Contribuição da investigação sobre o português para a definição da especificidade das línguas. Os níveis lingüísticos. Estruturas comparadas: o português e as línguas europeias. A investigação sobre o português e a Gramática Universal: estruturas lingüísticas e operações psicológicas.

## MESAS-REDONDAS



## INTERFACE MORFOLOGIA/SINTAXE

MIOTO, Carlos (UFSC). *A relação entre morfologia e sintaxe.*

A apresentação começa por um breve histórico que apresenta como as correntes lingüísticas concebem a relação entre morfologia e sintaxe. Parte da visão pré-estruturalista que concebe morfologia e sintaxe como disciplinas distintas. Passa pela visão estruturalista, que tende a torná-las indistintas, a morfologia encampando a sintaxe. Nesse sentido, não é sem propósito a pergunta: Onde está a sintaxe? Finalmente, deságua na teoria gerativa, onde a morfologia é que é subsumida pela sintaxe, e a pergunta muda de foco: Onde está a morfologia?

O foco da exposição incide sobre a interface entre a morfologia e a sintaxe nas formulações mais recentes da Gramática Gerativa. Discute a *Hipótese Lexicalista Forte* opondo-a a *Hipótese Lexicalista Fraca*. Procura assentar que a morfologia mais relevante para a sintaxe é aquela relacionada com as categorias funcionais. A relevância provém do fato de ser admitido, freqüentemente, que as variações paramétricas estão associadas às categorias funcionais, isto é, às partes não substantivas do léxico.

Por um lado, serão abordados os efeitos de uma visão como esta para a mudança lingüística, para preparar terreno para o trabalho da colega Ilza Ribeiro. Neste particular, a pergunta é: *Como sintaxe e morfologia "interfocem" no processo de mudança lingüística?* Por outro lado, serão considerados os efeitos da concepção assumida para a aquisição da linguagem, para preparar o terreno para o trabalho da colega Vicente Cerqueira. Neste particular, a pergunta é: *Como morfologia e sintaxe "interfocem" no processo de aquisição da linguagem?*

RIBEIRO, Ilza (UEFS). *Traços morfológicos "fortes" e "fracos" e o Critério-QU.*

A apresentação pretende discutir questões relacionadas com a mudança sintática e a morfologia, dentro de uma visão gerativa, em que se considera que: a) a aquisição da linguagem é um processo de fixação de valores paramétricos pela criança; b) as diferenças sintáticas entre dois ou mais estágios de uma língua resultam da fixação pela criança, durante a aquisição, de valor(es) paramétrico(s) diferente(s) do da geração de falantes adultos; c) a marcação de parâmetros sintáticos é guiada por propriedades morfológicas dos sistemas lingüísticos.

Com base nos estudos apresentados em Roberts & Kato, orgs. (1993), pode-se considerar o português brasileiro como um caso particularmente claro de mudança paramétrica em curso. As principais mudanças relacionadas com a reorganização interna da gramática do PB, discutidas neste e em outros trabalhos de sintaxe diacrônica, são: a perda da inversão Verbo-Sujeito, a perda da propriedade *pro-drop*, a perda de movimentos longos de verbos e dos pronomes interrogativos. Essas mudanças sintáticas resultam de uma mudança morfológica no PB: a erosão da sua morfologia verbal.

Considerando que as estruturas sintáticas dependem de propriedades morfológicas, veremos, então, como uma mudança na morfologia verbal pode levar ao desaparecimento de um traço morfológico abstrato, dando origem a novas estruturas sintáticas.



CERQUEIRA, Vicente (UFAC). *Morfologia e aquisição da gramática.*

As formulações apresentadas no Programa Minimalista (Chomsky, 1993) põem na ordem do dia a relação entre morfologia e sintaxe. Nessa teoria, a checagem de traços morfológicos é fator definidor da ordem linear dos constituintes da sentença. Essa forma de ver os fatos de superfície dá ensejo a uma teoria paramétrica que explique diferenças entre as línguas, a partir da diferença da força morfológica dos traços das categorias funcionais que as línguas manifestem. A diferença de marcação entre forte e fraco vai produzir estruturas terminais diferentes, a partir de um esqueleto básico igual para as línguas envolvidas.

Na perspectiva da aquisição, essa maneira de encarar a relação entre a GU e gramáticas particulares é bastante atraente. Dado o fato de que a fonte de diferenças entre as línguas é reduzida a uma subparte da gramática, mais precisamente, ao conjunto das categorias funcionais (à espera ainda de delimitação precisa), a tarefa de uma criança no processo de aquisição reduz-se consideravelmente. Pode-se especular que, no processo de construção de uma gramática adequada aos dados de sua experiência lingüística, a criança precisa realizar duas coisas: identificar as categorias funcionais (supondo-se possível, a variação entre as línguas quanto a quais categorias) que entram na composição do esqueleto sintático, e, em seguida, determinar os valores (mais-menos) dessa categoria para aquela língua. Feito isso, todos os aspectos derivados do valor da força morfológica da categoria relevante são automaticamente "descobertos".

## TEMPO, ESPAÇO, PESSOA E ASPECTO: ENTRE A LÍNGUA E O DISCURSO

BARROS, Diana Pessoa de (USP). *Algumas reflexões sobre a aspectualização dos discursos.*

Neste trabalho examinam-se algumas questões relativas à aspectualização do discurso na perspectiva da teoria semiótica da narrativa e do discurso. A aspectualização, nesse quadro teórico, depende de um observador instalado no discurso, que modifica (aspectualiza) o tempo, o espaço e os atores discursivos.

Com o objetivo de apontar algumas das relações possíveis entre aspecto lingüístico e aspectualização discursiva e o interesse e a necessidade de se examinar o aspecto no bojo de uma teoria do discurso, duas questões serão estudadas:

- a) as formas de incidência da aspectualização sobre categorias do tempo, do espaço e dos atores do discurso;
- b) as correspondências, em níveis diferentes de descrição, entre aspectualização discursiva, organização modal da narrativa e tensões fundamentais.

FIORIN, José Luiz (USP). *O tempo: entre a língua e o discurso.*

Existem nas línguas dois sistemas temporais: um relacionado diretamente ao momento da enunciação e outro ordenado em função de momentos de referências instalados no enunciado. Ocorre, no entanto, que o momento de referência está relacionado ao momento da enunciação, já que este é o eixo fundamental de ordenação temporal da língua. Por isso, ao momento da enunciação aplica-se a categoria topológica concomitância vs não concomitância (anterioridade vs posterioridade) e obtêm-se três momentos de referência: concomitante, anterior e posterior ao momento

da enunciação. No primeiro caso, temos um sistema enunciativo. Nos outros, temos dois sub-sistemas temporais enuncivos: um pretérito e um futuro.

O momento dos acontecimentos é ordenado em relação aos diferentes momentos de referência. Aplica-se a eles a categoria topológica supra-mencionada e obtêm-se três tempos: um concomitante ao momento de referência, um anterior e um posterior a ele. Dessa forma, uma língua como o português tem nove tempos: três no sistema enunciativo, três no enuncivo pretérito e três no enuncivo futuro. Ademais, no sistema do momento de referência pretérito, é preciso distinguir um concomitante limitativo e um não limitativo.

O discurso, sendo da ordem do acontecimento, é o lugar privilegiado da instabilidade lingüística. No que concerne à categoria de tempo, o discurso mistura perspectivas, confunde os termos da categoria topológica, subverte oposições, produzindo uma "vertigem temporal", com vistas a criar efeitos de sentido. Estes, no entanto, não se fragmentam numa multiplicidade incontrolável de significações, mas estão subordinados a determinadas coerções semânticas. Dessa forma, no discurso, os tempos fogem das rígidas convenções do sistema, mesclam-se, superpõem-se, combinam-se, sucedem-se num intrincado jogo de articulações e efeitos de sentido. Este trabalho, depois de descrever o sistema temporal do português, analisa as condições do uso de um tempo por outro no discurso e as matrizes semânticas dos efeitos de sentido gerados por essa instabilidade temporal.

ESPAR, Teresa (Universidad de Los Andes - Venezuela). *El aspecto como puesta en perspectiva del tiempo, el espacio y la persona desde la semántica lingüística y la teoría semiótica.*

Las teorías lingüísticas y semióticas del discurso han abordado en los últimos diez años problemáticas cada vez más complejas, consideradas todavía como "cajas negras". La confrontación entre puntos de vista esquematizadores y modelizadores orientados a la producción de constructos formales aplicables a las LN y a otros conjuntos significantes, con aquellas propuestas consideradas como lingüísticas y la abundancia de acercamientos desde perspectivas cognitivas, han producido una proliferación de estudios que se acercan a aquellos territorios del análisis lingüístico que hasta ahora o se abordaban como dominios inconexos, tratados con enfoques atomizadores y desarticulados o bien eran considerados como restos de análisis - ¿"cajas negras", entonces? - desde perspectivas más totalizadoras.

Pero ya ha llegado el tiempo de tomar distancia y examinar los aportes de las diferentes perspectivas - lingüística, semiótica, cognitiva - en relación, precisamente, con el aspecto y la aspectualización discursiva; el espacio y el tiempo y los procedimientos de su puesta en discurso y la función central de la persona - enunciativa o enunciada - y su todo poderosa manipulación semiótizante.

Nuestra contribución se orientará hacia aspectos teóricos e interdisciplinares, para tratar de dilucidar los avatares de una búsqueda llena de vacilaciones y límites pero que al mismo tiempo abre nuevas perspectivas e ilumina el camino del saber sobre aquello que hace los efectos de sentido más inquietantes. Nos interrogaremos sobre la construcción semántica del aspecto, el tiempo, la persona y el espacio, sobre sus modos de ser aprehendidos por el análisis del discurso que practica la semiótica y en forma más superficial, por los acercamientos cognitivistas. De la teoría a la puesta en discurso, trataremos de cotejar con los textos, la discusión que propondremos.

## A LINGÜÍSTICA NO BRASIL: HISTÓRIA E PERSPECTIVAS

**MATOS, Francisco Gomes de (UFPE).** *A pesquisa lingüística brasileira: uma perspectiva com base em fontes abralinianas.*

A partir de uma análise de textos publicados na revista D.E.L.T.A. e no BOLETIM da ABRALIN, objetiva-se identificar:

1. Origem/representatividade regional dos pesquisadores.
2. Domínios de investigação lingüística abrangidos.
3. Enfoques teórico-metodológicos subjacentes.
4. Pesquisas realizadas individual/coletivamente.
5. Pesquisas objeto de resenha.

**RODRIGUES, Aryon D. (UnB).** *A lingüística histórica das línguas indígenas brasileiras.*

Na presente comunicação procuramos resenhar criticamente os estudos de lingüística histórica sobre as línguas indígenas faladas no Brasil, distinguindo-os em quatro classes: (a) estudos comparativos visando basicamente à classificação das línguas, cujos resultados têm implicações históricas, mas cujos autores não os fizeram com uma preocupação histórica explícita; (b) estudos comparativos feitos com preocupação histórica explícita, mas que não utilizaram o método histórico-comparativo; (c) estudos de lingüística histórica e reconstrutiva, cujos autores procuraram aplicar o método histórico-comparativo; e (d) ensaios que, utilizando resultados de estudos das classes (a), (b) e (c), discutem aspectos históricos e pré-históricos das línguas indígenas do Brasil. Dada a grande extensão territorial do Brasil, há diversas famílias lingüísticas cujos membros se encontram exclusivamente neste país. Há muitas outras, entretanto, que se estendem através das fronteiras nacionais. Embora nesta comunicação queiramos destacar o conhecimento das línguas faladas no Brasil, tomamos em consideração, naturalmente, estudos cujo escopo é todo o continente sul-americano ou uma parte deste, independentemente das fronteiras políticas. Assim também consideramos indistintamente contribuições de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, embora concluamos destacando a contribuição crescente de lingüistas e de centros de pesquisa brasileiros para os estudos de lingüística histórica no âmbito das línguas indígenas.

## O ENSINO DO PORTUGUÊS EM ÁREAS BILÍNGÜES

**VANDRESEN, Paulino (UFSC).** *O ensino do português em áreas bilíngües: uma perspectiva histórica.*

Numa perspectiva histórica, analisaremos as políticas lingüísticas adotadas no Brasil em relação aos falantes de línguas indígenas, línguas africanas e línguas de imigrantes europeus e asiáticos. Em relação às línguas indígenas há um período inicial de favorecimento e difusão das "Línguas Gerais". A partir de 1750, Pombal impõe uma política lingüística de uso exclusivo do português, que afeta mais severamente as línguas africanas trazidas pelos escravos. Com a legislação de 1973 e o Artigo 210 da constituição de 1988 consagrou-se um ensino bilíngüe, com ênfase do português, para as áreas indígenas remanescentes.

Nas áreas de imigração européia houve inicialmente um total desleixo com o ensino do português, período suficientemente longo para permitir a criação de um sistema de escolas étnicas, com destaque para a escola comunitária de língua alemã.

Posteriormente, especialmente a partir de 1911, começam esforços mais conscientes para a integração dos imigrantes e seus descendentes à sociedade nacional, através do ensino do português, ampliando a rede pública (ensino em português) ou através de incentivos (subsídios governamentais) para um ensino bilíngüe nas escolas étnicas. Durante o governo de Vargas, (1930 - 1945) a "Campanha de Nacionalização do Ensino" culminou com o fechamento das escolas étnicas, com a imposição do uso do português, sob pena de prisão, num cenário em que os três grupos de imigrantes mais expressivos provinham de países contra os quais o Brasil estava em guerra.

Ao analisar as diferentes políticas lingüísticas é importante salientar outros fatores sociais intervenientes na aculturação lingüística, tais como: isolamento geográfico, posicionamento das lideranças religiosas, papel da escola e da imprensa, a cidadania política (*Jus solis*), serviço militar, etc.

Apesar de o português ser hoje falado pela maioria dos descendentes de imigrantes, pesquisa recente (1988) apontou que em 64 municípios catarinenses ainda há crianças que chegam à escola sem falar o português. Além disso o português foi aprendido ou com uma população cabocla ou com falantes bilíngües, com forte interferência de suas línguas maternas. Esta pesquisa verificou também que os professores, de forma geral, não estão preparados para enfrentar os desafios do ensino do português nestas áreas. Para ilustrar o problema, apresentaremos um estudo de caso de um município com sérios problemas de evasão e repetência - que ilustra os problemas sociolingüísticos enfrentados pela escola em áreas bilíngües e algumas medidas postas em prática para solucioná-los. O Projeto VARSUL, por outro lado, está levantando dados do português falado em áreas de influência alemã, italiana, eslava, etc, devendo trazer novas informações e indicações sobre o ensino de português nestas áreas.

**COSTA, Iara Bemquerer (UFPR).** *O ensino do português em áreas bilíngües: estratégias.*

A discussão sobre o ensino do português em áreas bilíngües é feita, muitas vezes, sem uma base empírica sólida, que possa subsidiar a decisão de propor ou não estratégias diferenciadas para o ensino do português em áreas bilíngües e monolíngües. Pretende-se neste trabalho fornecer subsídios para tal decisão. Para tanto, são examinados alguns dados sobre o português falado em áreas bilíngües de colonização italiana no Rio Grande do Sul. Parte desses dados foram obtidos em um núcleo rural no município de Ijuí, no noroeste do Estado. Outros dados fazem parte do acervo do Projeto VARSUL: "Variação Lingüística Urbana na Região Sul do País". Os dados obtidos em Ijuí servem para esboçar a evolução do italiano ao português em um período de aproximadamente 30 anos em um grupo que teria, em princípio, condições favoráveis à manutenção do bilingüismo.

Em relação aos dados do Projeto VARSUL, a questão básica que se coloca é: o português não padrão falado em áreas bilíngües apresenta diferenças consideráveis em relação ao falado em áreas monolíngües? Na tentativa de esclarecer essa questão, foram escolhidas inicialmente duas características do português não padrão que são objeto de estudo nas escolas de primeiro e segundo grau: a concordância verbo/sujeito na terceira pessoa do plural e o uso de relativas não padrão (com *onde* e *de que*). Procura-se, no trabalho, comparar as probabilidades de uso das formas não padrão em duas localidades: Porto Alegre - RS (área monolíngüe) e Flores da Cunha - RS (área bilíngüe). Nas duas localidades, analisa-se a fala dos informantes com escolarização primária (até 5 anos de escolarização), por ser esse o grupo com o nível de escolarização a partir do qual as escolas normalmente iniciam um trabalho sistemático de ensino da língua portuguesa com professores especializados.



BISOL, Leda (UFRGS/PUCRS). *A variação no sistema consonantal.*

Três consoantes do sistema consonantal de português serão consideradas: a vibrante, a lateral e a oclusiva dental com as variantes com que se manifestam em comunidades bilingües.

Aliando-nos aos que defendem a idéia de que o português possui uma só vibrante em seu sistema fonológico, interpretamos o fato de os falantes bilingües substituírem livremente a vibrante simples pela múltipla ou forte e vice-versa em qualquer posição como uma evidência de que eles entendem as duas formas como variantes do mesmo fonema. Neste particular, o problema não é fonológico, mas fonético. Afora a posição de contraste, ou seja, entre vogais, cuja distinção tem de ser aprendida e onde a interferência deve estar jogando um papel, eles têm de ser treinados no reforçamento da vibrante, regra fonética que se aplica em certas posições.

Como uma regra que vai desenvolvendo os passos de um processo diacrônico, a lateral em posição de coda converte-se em velar ou é vocalizada. A forma velarizada é preservada em comunidades bilingües, positivamente à fala de grandes metrópoles, onde o processo em direção à vocalização, o mais das vezes, está concluído. Ao contrário de outras variantes que identificam problemas, essa preserva uma fase da história do português e tem importante papel funcional. Permite distinguir o verdadeiro ditongo, que pode ser monotongado, do ditongo derivado, que nunca perde a semivogal como em *touro-toro* versus *polvo-powvo*, mas não \**povo*.

Por fim, a presença das variantes da oclusiva dental, a forma palatalizada e a não-palatalizada tão frequentes em comunidades bilingües que tomam por modelo um dialeto com palatalização (nem todos os dialetos do português do Brasil possuem esta regra) é o reflexo de uma regra em aquisição que, por ser pós-lexical, não oferece nenhum problema de comunicação. Monolíngües também têm a variante não-palatalizada diante de /S/.

## LINGÜÍSTICA APLICADA AO ENSINO DE LÍNGUA II

Veio à luz, em 1973, a obra, hoje clássica, do lingüista britânico S. Pit Corder, intitulada *Introducing Applied Linguistics* (Harlow, Longman), a qual inaugurou uma fase da história dos estudos sobre o ensino e a aprendizagem de línguas no mundo anglófono, fase essa marcada pela insatisfação com a natureza e com a suposta inaplicabilidade, direta e unidirecional, na pedagogia de línguas, das descobertas que vinham fazendo, àquela época, os pesquisadores em Lingüística Teórica.

Transcorridos trinta e um anos desde então, encontra-se a Lingüística Aplicada em busca de seus caminhos, confrontada com questionamentos de diversa natureza, que vão da delimitação de seu "real" objeto de estudo à definição do seu paradigma metodológico de investigação, com inevitáveis repercussões na explicitação do seu status enquanto ciência, disciplina ou área de estudos.

Nesta mesa-redonda, reunir-se-ão especialistas do Brasil, dos Estados Unidos e da Inglaterra, representantes das mais distintas correntes do pensamento lingüístico aplicado; que trabalham com facetas tão díspares quanto fulcrais dos processos de ensino e de aprendizagem de segunda língua/língua estrangeira; e que procurarão, durante este raro encontro, não apenas externar seus pontos-de-vista sobre os dilemas que lhe afligem o cotidiano de professores-pesquisadores, mas, também, empenhar-se pela harmonização de suas posturas epistemológicas e metodológicas, contribuindo, assim, para o revigoramento da própria Lingüística Aplicada e para a conseqüente reafirmação de sua viabilidade e relevância. (Hélio Augusto Monteiro Filho, Coordenador).

MONTEIRO FILHO, Hélio Augusto (UFBA). *Unity in diversity: the challenge to applied linguistics in the 21st century.*

Psychologically endowed with the capacity for language and anthropologically bound to the need for communication, man has paradoxically been pushed into insularity.

The two Great World Wars and a long Cold War were enough to teach men not only to distrust and mistrust one another, but also to speak little and, whenever possible, say nothing, at least nothing really clear and meaningful.

However, with the failure of all the major political regimes, most nations have had to resort to the organisation of blocks called "common markets" through which they hope to ensure their economic survival.

Apart from an inherent feeling of intolerance against differences, mainly in race and religion, the proximity to the end of the century seems to be creating in men a certain sense of pre-armed-doomed fear which has led them to make a sacrifice in favour of world peace and peace, roughly speaking, results, basically, from a process which is essentially dialectical, dialogical, and interactive and which, above all, entails the acceptance of pluralism.

In this paper, we shall endeavour to investigate some of the possible contributions Applied Linguistics may make towards the design of a feasible policy on the effective learning and teaching of languages for the next century which takes into account the rapidly changing demands of a multifarious, divided world and the need for the achievement of ever-lasting peace through linguistic education.

KLEIMAN, Ângela B. (UNICAMP). *Language teaching: forgotten issues of identity, awareness and learning.*

The unilateral relationship commonly presupposed between Linguistics and Applied Linguistics has been responsible, throughout the development of the area of foreign language teaching/learning, for the creation of a dependence upon Linguistics, and for the continuous emergence of "disposable" language teaching methods. When new theoretical concepts and paradigms emerge in Linguistics, those areas linked to application abandon teaching methods and their related concepts, in order to make way for the new. In this presentation we will analyze this relationship with a view towards a new type of interdisciplinarity, related, this time, to areas which will permit us to rephrase our questions about the teacher and the learner which take into account their socio-cultural context. This viewpoint raises important issues about the relationship between identity and language awareness, on the one hand, and success in learning a foreign language, on the other.

CALDAS-COULTHARD, Carmem Rosa (UFSC). *Critical text and critical reading: practices for the applied linguist.*

Crucial assumptions that underpin mainstream theories of text production and interpretation are that texts are unproblematically established and fixed. Language is viewed as an autonomous, self-contained system, separated from other semiotic and social systems.

Critical studies of language challenge these assumptions: texts are the result of social practices which reflect and reinforce power relations and ideologies. The focus, for the critical analyst, is on how social actors construct themselves and are constructed through discourse.

In this paper, I want to discuss some of the statements made in critical discourse analyses and examine how they can contribute to language teaching practices.

**COULTHARD, Malcolm** (University of Birmingham). *Evaluative text analysis and the teaching of writing.*

While it is universally agreed that evaluating grammars is a proper concern of Linguistics, evaluating the comparative communicative success of two alternative sentences, let alone two alternative paragraphs, generated by any given grammar is not. I want to argue for the introduction of a component on evaluative texts analysis into courses concerned with the teaching of writing. Paradoxically, I want to suggest that the examination of badly written texts and even more so the rewriting of them, can be more valuable to the student than the models of "good writing" which are usually the focus of attention.

**CUNHA, Maria Jandyra** (UnB). *Portuguese as a second language in the Juruna speech community.*

The Juruna are one of the sixteen speech communities which live in the Indigenous Park of Xingu in Central Brazil. As other Xinguan, many members of the Juruna community speak one or more languages besides their own mother tongue. The Brazilian variety of Portuguese — the official language of this country and the language spoken by the majority — will certainly be one. The mainstream language has encroached on the lives of the Juruna who speak it not only as a *lingua franca* within the Park but also as a means of communicating with the dominant society. Official descriptive linguistic research on the Juruna Language has been carried out since 1988, but Portuguese still remains as a medium of instruction in school. The main focus of this paper is to briefly describe the role that the Portuguese language is presently playing in the lives of this 167-member community.

**RIVERS, Wilga M.** (Harvard University). *Memory models and language in action.*

Basic to language use is a mental representation of how the language works. What we need to know is how this mental representation is developed, what is represented, and the role of this mental representation in the individual's production of language. These questions will be discussed in the light of statements by Chomsky, the linguist, and Shanon, the cognitive psychologist. The role of the mental representation in language in action will be considered with reference to connectionist parallel distributed processing theory and J. R. Anderson's model of cognition, ACT\* (Adaptive Control of Thought, final version), which are dynamic and process-oriented. Accessibility is seen as basic to retrieval of language material. Finally, the implications of these models for language teachers who wish to facilitate accessibility for their students will be discussed in practical terms.

## A LINGUAGEM DAS COMUNIDADES INDÍGENAS E AFRO-BRASILEIRAS RURAIS: PONTOS PARA REFLEXÃO

**PETTER, Margarida Maria Taddoni** (USP). *Sobre a concordância verbal no Vale do Ribeira.*

O trabalho a ser apresentado insere-se no projeto "Vestígios de dialetos crioulos de base lexical portuguesa em comunidades afro-brasileiras isoladas", que tem como coordenador-geral o Prof. Alan Baxter (La Trobe-Melbourne) e como professores responsáveis: Dante Lucchesi (UFBA), Mary Francisca do Careno (UNESP-Assis) e Margarida M. T. Petter (USP).

Esta comunicação objetiva verificar, a partir das evidências manifestadas pelo *corpus* transcrito de fala espontânea de comunidades negras residentes no Vale do Ribeira, São Paulo, em que medida fatos de concordância verbal observados, característicos do português popular brasileiro, podem ser considerados como indícios de um processo de crioulização prévia e de atual descrioulização. Tal hipótese será discutida individualmente e pretende confrontar-se com os trabalhos apresentados pelos demais componentes da mesa - principalmente com o português dos indígenas - que revelam aspectos comuns, podendo caracterizar um processo irregular de aquisição de linguagem.

**SOUZA, Sueli Maria de** (USP). *A concordância verbal e nominal em alguns textos escritos por Krahô.*

O objetivo principal desta comunicação é mostrar os processos de concordância verbal e nominal em texto produzido, em português, por falante nativo do krahô. Quer-se observar em primeiro lugar as variantes morfosintáticas na estruturação e tipificação da segunda língua (L2 português). O que se pretende, em síntese, com esse estudo morfosintático é enumerar fatos que possam ser relevantes para essa caracterização da segunda língua, falada por krahô.

**NETTO, Waldemar Ferreira** (USP). *A concordância verbal e nominal em alguns textos escritos por Waiãpi.*

No português escrito por Waiãpi é comum encontrar-se variações referentes às concordâncias nominais e verbais que, nem sempre, parecem refletir aspectos morfosintáticos da língua Waiãpi. O trabalho que se pretende realizar objetiva verificar tanto a sistematicidade dessas variações quanto compreender sua ocorrência como uma tentativa de aquisição da L2, a partir de dados extraídos de textos escritos por falante nativo da língua Waiãpi, com idade entre 20 e 30 anos.



## INTERFACE SEMÂNTICA-SINTAXE

C STOWELL, Timothy A. (UCLA-EUA). *Clause structure at logical form.*

In this talk I discuss the structure of clauses at the level of logical form. The general idea is to extend the approach taken in recent work in the Government-Binding and Minimalist frameworks with respect to the decomposition of the syntactic category corresponding to verbal inflection (Tense, Agreement, etc.). Two main lines of investigation are explored. First, the category TENSE is broken down into its component semantic parts, including a dyadic predicate of temporal ordering (Tense) and two phrasal categories which refer to times (Event-Time and Reference-Time), serving as the arguments of the dyadic Tense predicate. The proposed structure serves as the basis for an account of various subtle semantic effects associated with the interpretation of simple and compound tenses in a variety of syntactic environments (complement clauses, relative clauses, etc.). The second main line of investigation concerns the representation of quantification. Instead of the traditional rule of Quantifier Raising, which is supposed to involve the adjunction of quantifiers to any other category, a more articulated clause structure is proposed, with particular positions reserved for specific quantifier types, associated with negation, distribution, existential quantification, and specific reference. This provides the basis for an account of previously unobserved asymmetries among various quantifiers with respect to possible scope construals when two or more quantifiers interact scopally within a clause.

## A ESTRUTURA PROSÓDICA E A SÍLABA

BISOL, Leda (UFRGS/PUCRS). *O sândi e a teoria fonológica.*

Neste estudo, defende-se a idéia de que os fenômenos de sândi externo, resultantes de ressilabação, são governados por princípios universais. Estipulações de língua específica são desnecessárias.

O choque de picos silábicos, uma das sensibilidades métricas do português, que ocorre no encontro de duas palavras, produz como resultado final a elisão, a ditongação ou a degeminação. A última é norteada pelo Princípio do Contorno Obrigatório que proíbe a sequência de segmentos idênticos e resume em um só nó raízes de traços idênticos. A ditongação é a ressilabação que fica atenta, como as demais, à Condição da Sílabas Base, e sob o controle do Princípio do Licenciamento Prosódico e do Sequenciamento de Sonoridade, reassocia o V flutuante, colocando-o na posição nuclear, se o seu grau de sonoridade for mais alto. Neste caso, desaloja a vogal anteriormente ligada para a posição de coda, criando-se o glide. A elisão, por fim, resulta de processo similar, com a diferença de deixar desassociado o V flutuante, que é apagado pela regra universal de Apagamento de Elemento Extraviado.

WETZELS, Leo (Institut Frans - Holanda). *Stress and syllable weight in Romance.*

The question whether or not stress in Italian, Spanish, and Portuguese is quantity-sensitive has been a long-standing issue of debate in Romance phonology. With regard to Spanish, Harris defends the relevance of syllable weight, whereas Roca tries to argue that syllable weight is irrelevant for stress in this language. I will take up this discussion and evaluate the arguments that have been put forward to defend the different points of view. More in particular, I will show that the facts which Roca brings up against quantity sensitivity represent, on closer inspection, strong arguments in favour of the relevance of syllable weight for the determination of stress in Romance.

NESPOR, Marina (University of Amsterdam). *The role of the phonological phrase for syntactic access.*

One of the debated issues in the theory of language acquisition is that of the syntactic initialization, the so called syntactic bootstrapping, i.e. how can a baby fix the syntactic parameters of the language it hears at a stage in which neither semantics nor the knowledge of syntactic categories are available to it?

In this lecture, I will propose that the prosodic hierarchy, in particular the phonological phrase () as defined in Nespor and Vogel (1986) is relevant to the issue. In particular it provides the phonetic cue that, given UG, makes it possible for the child to fix the recursivity parameter of the language s(he) hears.

The argumentation goes as follows:

- Babies are sensitive to stress (cf. Gleitman and Wanner, 1982; Echols and Newport, 1992).
- boundaries are universally characterized, among other things, by lengthening and babies are sensitive to them (cf. Christophe, 1993).
- has right prominence in right branching languages and left prominence in left branching languages (cf. Nespor and Vogel, 1986).
- Thus: from stress, infants should be able to fix the parameter concerning the direction of recursivity in the syntax of their language.

MAGALHÃES, José Olímpio de (UFU). *Os constituintes da sílaba e o governo prosódico.*

A sílaba se organiza em função (1) das relações de dependência entre os segmentos e (2) dos tipos de sílaba parametrizados por uma língua. A ênfase de nossa apresentação será sobre o modelo silábico que é inerente à Teoria do Charme e do Governo (TCG). Neste modelo, mais do que a sílaba, são os constituintes da sílaba que desempenham realmente um papel na descrição dos fenômenos fonológicos: a sílaba propriamente dita não tem um estatuto fonológico.

Na TCG, as palavras são inteiramente silabificadas no nível da representação lexical. Esta silabificação reflete a aplicação automática de certos princípios universais, considerando-se as relações de dependência entre os segmentos. É o charme do segmento que define suas relações de dependência e sua posição na sílaba. De acordo com sua composição (combinação de elementos), um segmento será de charme positivo, de charme negativo, ou neutro quanto ao charme (sem charme). De acordo com a caracterização dos segmentos, a TCG prediz, antes de tudo, que um segmento que possui charme governa um segmento sem charme. Assim, por exemplo, a silabificação de dois segmentos consonânticos adjacentes deve obedecer tanto ao tipo de sílaba parametrizado pela língua quanto à relação de governo existente entre eles.

A relação de governo existente entre dois segmentos vai determinar a organização dos domínios de governo (normalmente chamados de constituintes da sílaba). Assim, por exemplo, o ataque é um domínio de governo. A rima é outro domínio de governo. A relação de governo existente dentro de cada domínio é o governo *intraconstituente*, com características próprias. Pode haver também um governo entre domínios diferentes, caracterizando um governo *interconstituente*, também com características próprias.



HERMANS, Ben (Tilburg University). *Comments on syllable extrametricality.*

In my talk I will try to determine to what extent syllable extrametricality deserves the status of being a primitive of linguistic theory. It is my claim that, in fact, syllable extrametricality can be eliminated in favour of foot ternarity. Ternarity is the natural result of the assumption that feet can be subject to the same geometrical constraints as syllables.

## CLASSES DE PALAVRAS E TEORIA DA GRAMÁTICA

SENNÁ, Luiz Antônio de Gomes (UERJ). *A questão epistemológica das classes de palavras.*

O levantamento de classes de palavras pode ser o elemento mais expressivo a determinar a aplicabilidade de sistemas de descrição gramatical. Existe, todavia, um hiato no desenvolvimento da ciência linguística no que tange à *Teoria das Classes de Palavras*, enfim, a teoria que determina e justifica as classes gramaticais. A despeito do indiscutível progresso nas áreas de sintaxe e morfologia ao longo deste século, a linguística submete-se integralmente à *Teoria Clássica das Classes de Palavras*, resultando disso uma série de adaptações das classes consagradas na tradição gramatical - ora mais, ora menos radicais - que, além de contribuir muito pouco para o redimensionamento do conceito básico de *classe de palavra*, causou diversas distorções nos resultados esperados das rotinas de descrição gramatical.

Neste trabalho, abordarei o aspecto epistemológico que permeia o uso das classes de palavras consagradas na tradição gramatical pelas rotinas modernas de descrição linguística. Neste sentido, estarei considerando os seguintes tópicos:

(a) a natureza do fenômeno gramatical nos paradigmas do Estruturalismo, do Gerativismo e do Neo-Empiricismo Sócio-Quantitativo;

(b) a natureza do fenômeno de classificação de palavras numa abordagem estritamente cognitivista e nas abordagens associadas a doutrinas gramaticais específicas.

Meu objetivo com a exposição será demonstrar que o fenômeno de classificação de palavras não pode ser reduzido aos diferentes recortes epistemológicos produzidos pela ciência linguística a fim de explicar o fenômeno gramatical. Uma teoria sobre classes de palavras deve anteceder a teorias sobre o fenômeno gramatical, uma vez que o fenômeno de classificação de palavras não está diretamente relacionado a modelos descritivos, mas, sim, a modelos genéricos de representação e de uso da linguagem.

DIAS, Maria Carmelita Pádua (PUC-RJ). *As classes de palavras e o processamento de linguagem natural.*

A noção de classes de palavras, quando aplicada ao Processamento de Linguagem Natural, apresenta alguns dos problemas decorrentes da natureza ambígua da sua definição dentro dos estudos linguísticos e evidencia, ao mesmo tempo, constatações interessantes acerca do comportamento de certas expressões e acerca dos mecanismos de ligação entre a sintaxe e a semântica. A maior parte dos sistemas de interpretação ou geração de textos utiliza termos tradicionais da gramática, como *determinantes*, *substantivos* ou *verbos*, para classificar as palavras que preenchem os espaços destinados aos constituintes das sentenças. No entanto, a atribuição desses termos, dentro do ambiente

computacional, passa por tratamentos diferenciados, dependendo do objetivo de cada sistema, da possibilidade de expansão do léxico a ele acoplado e do tipo de representação de conhecimento utilizado.

Pretendemos enumerar alguns dos problemas decorrentes da transposição da noção de classes de palavras para o ambiente computacional e possíveis soluções para os mesmos. As questões envolvidas vão desde a delimitação do escopo de atuação das classes até a tradução para uma língua natural de conceitos expressos em outros sistemas de representação, como a Linguagem de Primeira Ordem e as Redes Semânticas.

## LEITURA E ESCRITA: TEORIA E PRÁTICA

MELO, Lélia Erbolato (USP). *Literatura infantil: uma perspectiva de preparação para a alfabetização na pré-escola.*

Por que, afinal, colocar a "literatura infantil" como um instrumento central à preparação e ao processo de alfabetização? E, mais especificamente, os "contos de fada"?

Em primeiro lugar, porque se prende geralmente a conteúdos que são de interesse das crianças.

As histórias infantis liberam o pensamento da criança e estimulam sua expressão criadora, ao mesmo tempo em que respondem às suas necessidades afetivas e intelectuais, possibilitando, assim, um aprendizado significativo da leitura e da escrita.

Em segundo lugar, porque o imaginário infantil só pode se enriquecer através de narrativas com começo, meio e fim.

Finalmente, abro parênteses para concordar com alguns autores (Jacqueline Held e Bruno Duborgel, entre outros) que, ao estudarem a "imaginação humana", concluem seu pensamento sugerindo a necessidade de que seja criada uma pedagogia do imaginário em resposta (quem sabe!) à tendência racionalista da educação contemporânea.

OLIVEIRA, Angélica de (USP). *Leitura/produção de textos: uma interação transformadora.*

Um dos enfoques abordados pela *Proposta Curricular para o Ensino da Língua Portuguesa no Primeiro Grau*, elaborada pela CENP, em 1987, diz respeito ao incentivo à interação leitura/produção de textos, como instrumento de desenvolvimento social e individual do aluno.

Sob esta perspectiva, procuramos desenvolver, em sala de aula, com alunos de 5ª a 8ª séries do primeiro grau, um trabalho em que a leitura e a escrita passavam a receber tratamento não diferenciado e interativo - procedimento substancialmente contrário às práticas em geral adotadas -, tendo em vista tornar a aquisição da leitura e da escrita uma atividade prazerosa, através do desenvolvimento do gosto literário.

Com efeito, foi possível verificar como a leitura de um texto motivador pôde-se transformar em elemento desencadeador da produção de vários outros textos, pelos alunos.

No final deste trabalho, pudemos constatar que sua realização resultou, não apenas na mudança de comportamento do aluno enquanto produtor, mas, também, na mudança de seu comportamento enquanto leitor de textos, alterando um quadro inicial de desinteresse, anteriormente observado.

consiste na preferência cada vez mais acentuada pela construção enfática, o que faz com que a próclise em orações não-dependentes se torne, no português do século XVI, largamente dominante (com a consequência de que a construção enfática aparece como não-marcada). Enfraquecida assim a evidência de que existiam duas construções diferentes associadas a diferentes colocações dos clíticos, estavam criadas condições para que se produzisse a reanálise dando lugar ao aparecimento de uma nova gramática.

Embora as orações subordinadas fornecessem evidência de que os clíticos podiam estar incorporados em duas diferentes posições (já que a interpolação não se generalizou), a reanálise não foi travada. Este facto pode explicar-se admitindo, com Lightfoot 1991, que as crianças não usam dados de domínios encaixados no processo de aquisição da linguagem.

Perdida pois a evidência relevante em orações não-dependentes, as crianças com quem surgiu a nova gramática terão concluído que, na língua com que estavam confrontadas, existia apenas uma posição para os clíticos. Se assumirmos que o movimento dos clíticos para AgrS é dado pela gramática universal (os clíticos têm universalmente um traço forte [+ específico] que é verificado em AgrS), enquanto o movimento adicional dos clíticos para E está sujeito a variação paramétrica, compreende-se que, tendo concluído que existia apenas uma posição para os clíticos, as crianças que levaram a cabo a reanálise tenham concomitantemente identificado essa posição como sendo AgrS. Isto apesar de nas frases que ouviam aos pais, e que constituíram o input para a construção das suas gramáticas, os clíticos ocorrerem quase sempre em E; facto este que constitui um forte argumento a favor do papel mediador da gramática universal no processo de aquisição da linguagem.

Depois desta mudança, só a interpolação de não continua a ser possível. A interpolação de não não depende pois do movimento dos clíticos para E, mas antes da natureza de não: "morfema verbal" - "núcleo (lexical) de EP".

## TENDÊNCIAS RECENTES EM HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA

FÁVERO, Leonor Lopes (USP). *As idéias lingüísticas no Brasil e em Portugal - um percurso histórico.*

A pesquisa, parte de um projeto maior que tem como objetivo traçar a *História das Idéias Lingüísticas no Brasil e em Portugal*, se fixa agora no estudo das gramáticas escritas no século XVIII. São aqui examinadas a obra do brasileiro Antônio de Moraes Silva, *Epítome da Grammatica Portugueza*, e a do português Jerônimo Soares Barbosa, *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*.

Se o trabalho pode ser considerado um estudo "sincrónico" de uma etapa da história da gramática portuguesa, este corte sincrónico é, evidentemente, resultado de uma diacronia; as obras contêm uma teoria gramatical elaborada a partir da aceitação ou rejeição dos caminhos de Sánchez, Port-Royal, Enciclopedistas e outros; tomou-se o cuidado de indicar as grandes linhas dessa diacronia, marcando os acordos e desacordos, mas não perdendo de vista o objetivo principal que é o de examinar a estrutura de um conjunto teórico: "a ciência gramatical" que os autores construíram.

Ficou evidente o quanto essas obras se sobrepõem às demais do período: obras precursoras porque seus autores vêem a língua como cientistas: intuem, prevêem, apresentam conceitos e posicionamentos aceitos e valorizados pela lingüística moderna.

ALTMAN, Maria Cristina F. S. (USP). *A questão das influências na produção lingüística brasileira.*

A tentativa de situar o surgimento de uma disciplina *Lingüística* no Brasil, que se pretendeu autônoma em relação à *Filologia* e à *Dialetologia* tradicionais, passa, inevitavelmente, sobre como a questão das *influências, empréstimos e originalidade* se colocou na reflexão crítica sobre a produção lingüística brasileira.

Neste sentido, embora cientificamente não sustentável, a percepção das teorias, métodos e modelos atuantes na *Lingüística Brasileira* contemporânea como advindos de duas grandes esferas de influência - a europeia e a norte-americana - realmente se deu. Este fato traria repercussões importantes para os processos de diversificação dos grupos sócio-profissionais que então, no país, começaram a se autodenominar lingüistas. Logo se formariam, sob este critério, dois grandes grupos que se apresentaram como distintos: o dos que faziam *lingüística europeia* e o dos que faziam *lingüística americana*, "moderna". De fato, se até a década de sessenta, o ideal brasileiro de produção lingüística parece ter realmente se pautado por um *modelo europeu* de cientificidade, no virar da década de setenta, parte do eixo de influências sobre a *Lingüística Brasileira* se transferiu para os Estados Unidos. Ao discurso da *vanguarda estruturalista*, que se opunha, nos anos sessenta, às tradições acadêmicas da *Filologia* e da *Dialetologia*, se sucedeu o discurso de uma *vanguarda gerativista*, que passou a imprimir a todo conhecimento anterior - *estruturalista* ou não - um valor de coisa ultrapassada.

Esta reflexão procura mapear esse conjunto de valores - nem sempre explícitos - que têm perpassado nessa prática de análise lingüística nas últimas décadas, bem como procura levantar algumas hipóteses explicativas para sua origem e posterior desenvolvimento.

PARRET, Herman (Universités de Louvain et d'Anvers). *Découvertes récentes concernant l'histoire du structuralisme linguistique.*

Le structuralisme, en linguistique, s'est figé, à partir des années soixante, dans des slogans qui simplifient beaucoup l'acquis théorique et empirique de cette orientation. Il me semble que l'on peut retourner vers Ferdinand de Saussure et son meilleur lecteur, Louis Hjelmslev, pour y réévaluer des séquences entières de leurs travaux restées dans l'ombre. Cette réinstallation d'un Saussure "caché" et d'un Hjelmslev "oublié" pose en plus un problème méthodique intéressant pour l'historiographie de la linguistique: quels sont les facteurs qui favorisent une paradigmatization extrême ou une stéréotypisation outrancée d'une pensée subtile et originale comme celle de Saussure et de Hjelmslev?

En ce qui concerne Saussure, je voudrais démontrer comment la récente découverte et publication des soi-disant "Manuscrits de Harvard" modification surtout en relation avec des intuitions saussuriennes, exprimées dans ces manuscrits, concernant la "subjectivité dans le langage" (pour parler comme Benveniste). Saussure suggère dans ces manuscrits une conception du Temps-sphère très différente de sa conception "officielle" du temps dans le *Cours de linguistique générale* (où il ne parle de la temporalité que sous sa forme de Temps-facteur et de Temps linéaire). A travers son intérêt pour le hindouisme perçoit une conception du Sujet parlant comme un Moissonmeil, notion éminemment subversive pour le structuralisme stéréotypisé.

En ce qui concerne Hjelmslev, je voudrais mettre en lumière des travaux du Hjelmslev le plus linguiste, *La Catégorie des cas*, par exemple, d'une ultime importance pour la recherche actuelle mais totalement oubliée par la sémiotique structuraliste "orthodoxe".



These analyses make different empirical and typological predictions. In an analysis based on Nespor and Vogel (1986) the explanation for the loss of enclisis must be sought in the syntactic changes (the loss of V-second) that have occurred, whereas in an analysis based on Selkirk and Shen (1990) the loss of enclisis can adequately be accounted for by a resetting of the edge-parameter for the construction of Prosodic Words triggered by a change in the rhythmic structure of the language.

After that, we will recast the analyses in an Optimality-theoretic account (Prince and Smolensky 1993) combining the basic insights of our first two analyses.

## ESTRATÉGIAS DE IDENTIFICAÇÃO REFERENCIAL NA INTERAÇÃO VERBAL

Um dos aspectos problemáticos na interação verbal é a identificação referencial na construção negociada das significações. Nesta Mesa-Redonda serão analisadas algumas das estratégias dos falantes no seu trabalho de referenciação, tendo em vista condições de produção, estruturas de participação e espaços discursivos diferenciados. Objetiva-se, ainda, discutir e exemplificar as funções interativas desempenhadas pelas diversas atividades de construção textual na interação e seu papel na negociação dos sentidos. (Luiz Antônio Marcuschi, Coordenador)

**KOCH, Ingedore G. Villaça (UNICAMP).** *Funções interativas das atividades de construção do texto falado.*

Objetiva-se, nesta exposição, discutir as principais funções interativas das atividades de construção do texto falado, vistas, em grande número de casos, como estratégias de desaceleração do ritmo da fala, como é o caso das inserções e dos diversos tipos de reformulação, quer retóricas, quer saneadoras.

Servirão como base para a exemplificação excertos do *corpus* mínimo partilhado do "Projeto Gramática do Português Falado", extraído dos materiais coletados pelo Projeto NURC.

**RIBEIRO, Branca Telles (UFRJ).** *Referenciação e contextualização no discurso psicótico.*

Esta comunicação analisa a estruturação tópica e sua contextualização no discurso de três pacientes internados em surto psicótico. Investiga inicialmente a inter-relação análise de tópicos (Brown & Yule 1983; Schiffrin 1987) e análise de enquadres do discurso (Bateson 1972; Goffman 1981; Tannen 1993), abordando especificamente a construção do discurso patológico em entrevistas psiquiátricas (Ribeiro 1994). Observa-se nas interações médico/paciente aqui analisadas que os pacientes podem utilizar dois tipos de estratégias discursivas: na primeira fazem uso de múltiplas seqüências digressivas, numa fala topicamente coesa, com extensa elaboração, onde a coerência se rompe na relação enquadre/tópico; na segunda, de natureza paradoxal, a paciente introduz múltiplos referentes num discurso frequentemente marcado por uma falta de especificidade, dificultando para o/a ouvinte a localização e recuperação dos antecedentes. Os três encontros médico/paciente apresentam semelhanças no processo de construção tópica e contextualização (por exemplo, frequentemente os elos coesivos ocorrem por processos de assonância e não por processos léxico-referenciais) e apresentam também diferenças (em dois casos observa-se a coerência na construção

interacional do tópico, pois ambos, médico e paciente, ratificam o tópico proposto e colaboram na construção do tópico; em um caso observa-se a quebra da estrutura de turnos na organização das seqüências).

Essa discussão demonstra também que a análise de tópicos descreve uma série de distúrbios de fala apresentados em estudos de psiquiatria. Assim, este tipo de análise poderá propor uma descrição sociolinguística para uma categorização dos processos de desvio no discurso do psicótico, podendo corroborar na descrição de patologias da fala, da comunicação, e da interação médico/paciente.

## MUDANÇA LINGÜÍSTICA NO PORTUGUÊS

**FARACO, Carlos Alberto (UFPR).** *Salmos na linguagem de hoje: indícios de diacronia?*

O texto completo da Bíblia em português apareceu publicado pela primeira vez no século XVIII ao cabo de um esforço de tradução começado no século anterior por João Ferreira de Almeida (1628-1691), pregador ligado à Igreja Reformada Holandesa que viveu e trabalhou na atual Indonésia em uma colônia portuguesa que havia passado para o domínio holandês.

O chamado texto de Almeida é, pela sua origem, aquele adotado como referência pelo protestantismo de fala portuguesa. O texto recebeu, ao longo do século XIX, sucessivas revisões, convergindo para a edição Revista e Corrigida (1898) que foi o texto de uso corrente ao longo do século XX. Nos anos 40, a recém criada Sociedade Bíblica do Brasil instituiu Comissão Revisora, cujo trabalho resultou na edição Revista e Atualizada (1958).

Se o texto original de Almeida pode ser visto, na opinião de Teófilo Braga, como o maior e mais importante documento para se estudar a língua do século XVII, suas sucessivas revisões, visando principalmente uma "atualização" da linguagem, podem ser vistas como um documento importante para captarmos indícios de mudanças na língua nos últimos 300 anos, em especial se tomarmos também em conta a tradução recente na chamada "linguagem de hoje" (NT-1973; Salmos-1979; Bíblia completa-1988).

Tomam-se os Salmos como os textos básicos para efeito das comparações iniciais entre as edições Corrigida, Atualizada e na Linguagem de Hoje. Apresentaremos os primeiros resultados do estudo.

**MARTINS, Ana Maria (Universidade de Lisboa).** *Mudança sintáctica. O caso dos clíticos.*

No português antigo, duas posições eram acessíveis aos clíticos: AgrS e E. No século XVII, um processo de reanálise veda aos clíticos o acesso a E. Esta é a mudança fundamental que tem lugar na história do português no que diz respeito à colocação dos clíticos. Esta mudança é precedida por uma mudança não-gramatical (uma mudança ao nível do uso desenvolvendo-se gradualmente entre o século XIII e o século XVI) que constitui o *input* para o processo de reanálise.

A existência de duas posições para os clíticos, no português antigo, era evidenciada pelo facto de os clíticos poderem preceder ou seguir o verbo em orações não-dependentes "neutras" (i.e., não introduzidas por operadores) e pelo facto de poderem ocorrer quer adjacentes ao verbo quer separados dele por outros constituintes (o fenómeno de "interpolação") em orações subordinadas.

A construção envolvendo movimento do clítico para E era, admito, uma construção enfática; os clíticos subiam para E para verificar um traço de ênfase que lhes podia estar associado e que os tornava atribuidores de ênfase à frase. A mudança ao nível do uso que gradualmente se desenvolve entre o século XIII e o século XVI

## SINTAXE COMPARADA ROMÂNICA

SALVI, Giampaolo (Universidade de Loránd Eötvös-Hungria). *As línguas românicas e o latim*.

No estudo sobre a evolução histórica das línguas românicas há duas estratégias de pesquisa: reconstrução baseada na comparação das diferentes línguas e a análise filológica dos textos do latim tardio ou vulgar. O exame comparativo reconstrói, no domínio da sintaxe, um proto-românico oposto, nas suas características fundamentais, ao latim clássico. A análise dos textos, em geral, individual, através do exame dos "erros" com respeito à norma clássica, aqueles fenômenos evolutivos que caracterizam as línguas românicas e não existiam no latim clássico. Ambas as estratégias acaham por criar uma oposição bastante clara entre a sintaxe do latim e das línguas românicas, oposição sublinhada também pelas pesquisas de caráter tipológico baseadas na ordem das palavras.

Há contudo fenômenos de continuidade, alguns evidentes, outros mais escondidos. Um desses é a existência e a colocação dos clíticos: no latim não parece que houvesse uma distinção entre formas pronominais livres e clíticas - todas as línguas românicas, pelo contrário, tinham, na fase antiga, pronomes oblíquos clíticos que, como podemos reconstruir com base na comparação, eram colocados depois do primeiro constituinte da oração. Assim parece que temos aqui uma típica inovação românica. Mas um exame mais aprofundado do emprego dos pronomes em latim revela que essa inovação é só parcial: já no latim existia uma diferença entre formas pronominais "fracas" e "fortes", de que procede a distinção românica, e os pronomes fracas eram colocados segundo os mesmos princípios dos clíticos românicos. Um fenômeno parecido é a focalização, que em latim utiliza as mesmas estruturas que nas línguas românicas e que talvez seja o ponto de partida para a formação da estrutura V2.

NUNES, Jairo Morais (University of Maryland-EUA). *Apagamento e clíuização de vestígios*.

Em seu Programa Minimalista, Chomsky (1993, 1994) adota a teoria de movimento por cópia, de acordo com a qual um vestígio é uma cópia do elemento movido que é apagado em PF, mas se mantém presente em LF. Assim, um marcador frasal como (1) abaixo se superficializa em PF como (2). Este trabalho pretende explicar por que (1) não pode dar origem em PF a uma seqüência como (3) e por que o único elo de uma cadeia que se superficializa em PF é o elemento movido, mas nunca seu(s) vestígio(s), como exemplificado em (4):

(1) [[IP[NP John] [VP was arrested [NP John]]]

(2) John was arrested

(3) \*John was arrested John

(4) \*Was arrested John

Minha proposta é que uma cadeia com todos os seus elos foneticamente realizados não pode convergir em PF, porque viola o Axioma de Correspondência Linear (ACL) de Kayne (1993). A numeração (Chomsky 1994) que subjaz a (1) tem somente uma ocorrência de *John*, que é duplicada como parte do funcionamento da operação *Mover alfa*. Assumindo que a cópia resultante é indistinta do elemento movido, a cadeia de NP em (1) não satisfaz o ACL. O elemento movido c-comanda assimetricamente sua cópia e, de acordo com o ACL, *John* deveria preceder a si mesmo (a sua cópia). Uma ordem linear é, no entanto, irreflexiva. Portanto, a cadeia em (1) não pode ser linearizada como está, requerendo apagamento do vestígio.

Este trabalho discute também casos de duplicação de clíticos, como exemplificado em (5) abaixo, que aparentemente violam o ACL. Adaptando uma proposta de Chomsky (1994), proponho que um complemento sem

estrutura interna (como os clíticos) numa cadeia com uma cópia c-comandante pode contornar a questão da reflexividade requerida pelo ACL se se cliticizar ao núcleo de que é irmão. Nesse caso, o clítico se torna "invisível" ao ACL e a superficialização das duas ocorrências do clítico se torna possível, em consonância com o ACL.

(5) *Lo voglio farlo.*

O trabalho conclui discutindo propriedades associadas à duplicação de clíticos, tais como ausência de movimento de infinitivo nos dialetos que admitem (5).

## VALIDADE E EFICÁCIA DO DISCURSO

Os trabalhos que serão apresentados na mesa-redonda *Validade e eficácia do discurso* situam-se junto às preocupações comuns relativas aos elementos persuasivos do discurso. Partindo de diferentes teorias (Semiótica, Pragmática, Retórica) e focalizando discursos de natureza diversa, dar-se-á ênfase aos procedimentos mobilizados para se atingir os objetivos de cada questão: o discurso político jornalístico ("Jornal e credibilidade", Lincide Mosca), o discurso político ("Fato político e estratégia discursiva", Helena N. Brandão), o discurso poético ("Argumentação e poesia", Roberto O. Brandão) e também uma "Semiótica da proposição", Antonio Medina Rodrigues.

Procurar-se-á, enfim, verificar que mecanismos são esses que asseguram ao discurso a sua máxima eficácia, conjugando simultaneamente elementos do pensar e do sentir, reconhecidos pelo fazer interpretativo daqueles que, de uma forma ou de outra, fazem parte do ato comunicativo (Lincide do Lago Salvador Mosca, Coordenadora).

MOSCA, Lincide do Lago Salvador (USP). *Jornal e credibilidade*.

O presente trabalho localizar-se-á sob a perspectiva de uma teoria geral do discurso, valendo-se de contribuições da Teoria Semiótica e da Nova Retórica no que toca ao processo comunicativo.

Considerando-se o discurso o enunciado tomado em seu quadro enunciativo, ou seja, com função comunicativa, o jornal será examinado como um discurso em ação, um espaço onde se constrói/ destrói o objeto-valor por um processo de transferência que envolve mais do que uma simples circulação de informação, um "fazer saber". As operações nele latentes levam a reconhecer a existência de um sujeito epistemológico que constrói o discurso e de um sujeito cognitivo que reconhece a significação.

A crença, portanto, está ligada à instauração de um sujeito competente, modalizado para o *crer*, capaz de realizar uma série de operações sensíveis, apto a interpretar os expedientes discursivos utilizados pelos seus diversos códigos presentes no espaço-jornal e a reconhecer a existência de uma intencionalidade significante no discurso.

A credibilidade do leitor prende-se ao reconhecimento da presença implícita de um observador, de onde parte a *doação* do conhecimento e do sentir, cujo produto final é o discurso. A ênfase dada ao receptor, num modelo de caráter interpretativo como este, conduz a levar em consideração as relações intersubjetivas desenvolvidas entre o produtor da mensagem e o público-leitor, as relações de ambos num jogo de representações e de construção mútua do qual resulta a *credibilidade*. Esta se estabelece em pleno espaço tenso da controvérsia e não do consenso e da fixidez, razão porque se torna necessário falar de opinião pública e das formas que ela reveste. O jornal cumpre o seu papel quando realiza um "fazer *crer*" que é a razão de sua própria existência, efetuando o contrato de credibilidade estabelecido com seus leitores. Para tratar desses aspectos, serão utilizados textos jornalísticos tais como os *painéis* em que se possa sondar esses efeitos.



## ALTERNATIVAS DE ANÁLISE DE PROCEDIMENTOS DISCURSIVOS

ROJO, Roxane Helena Rodrigues (PUC-SP). *Sintatização e gramaticalização em aquisição de linguagem: visões interacional e enunciativa.*

No presente trabalho pretendemos analisar, do ponto de vista (sócio) interacional e do ponto de vista enunciativo, enunciados de crianças presentes em amostras colhidas a partir de interações *book-reading* ou *story telling*, em episódios de interação livre em universo familiar (02:02m.) e episódios de interação professor/alunos em sala de aula (pré-escola, cerca de 04:00m.).

Na primeira análise o enfoque estará centrado nos processos e mecanismos interacionais presentes nos episódios e responsáveis, seja pela regularização da fala da criança, seja pela emergência inicial de episódios de "fala letrada". Na segunda análise, tais processos e mecanismos serão revistos no sentido de caracterizá-los como processos reorganizativos de gramaticalização (Bakhtin, 1929) e de sintatização, largamente influenciados pelos "gêneros secundários" (narrativa ficcional escrita).

Tais análises visam contribuir para a explicação sócio-constructivista (no sentido de Vygotski, 1934) dos processos de reorganização e emergência da sintaxe na fala infantil, identificando mecanismos interativos e enunciativos implicados na afirmada "horizontalização da 'sintaxe vertical' primitiva".

## VARIANTES DE PRESTÍGIO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

CALLOU, Dinah (UFRJ). *A chamada norma culta.*

Com base em análises já feitas de aspectos morfosintáticos do *corpus* do Projeto NURC, pretende-se apresentar generalizações descritivas, a fim de fornecer subsídios para a melhoria do ensino e da aprendizagem de língua portuguesa, ao mesmo tempo em que se discute a questão das variantes de prestígio, atento ao fato de que "A primeira lição elementar de todas as ciências é que objetivamente não pode haver um fenômeno bom e outro mau ou ruim. Todos os fenômenos são essencialmente legítimos" (João Ribeiro, 1993).

ROLLEMBERG, Vera (UFBA). *Variantes lingüísticas e prestígio.*

O confronto entre realizações de vogais em distribuição inacentuada e de consoantes constrictivas em distribuição implosiva, documentadas em elocuições em situação formal (IF's) e em diálogos entre informante e documentador (DIDs) que constituem o *corpus* do Projeto NURC/Salvador, tem levantado questões a respeito do uso de variantes mais/menos prestigiadas na modalidade culta de Salvador. Pretende-se examinar os resultados do cruzamento dos dados lingüísticos obtidos com os fatores sexo e faixa etária dos informantes e discutir se/quando, em Salvador, homens e mulheres marcam o seu desempenho lingüístico pela utilização de variantes que coincidem com as que predominam em áreas lingüísticas brasileiras consideradas de prestígio.

GOMES, Christina A. & MOLLICA, Maria Cecília (UFRJ). *Prestígio, mudança e escola.*

Este trabalho pretende analisar a situação de atribuição de prestígio a uma das variantes em competição em um processo de mudança lingüística e sua influência na direcionalidade da mudança, bem como o papel da escola como promotora da correção em favor da variante de prestígio. Registros históricos, como o *Appendix Probi* (séc. III a.C.) e a Gramática de Duarte Nunes de Leão (final do séc. XVI), mostraram casos em que a avaliação de estigma não foi suficiente para coibir a mudança em direção à variante desprestigiada. Labov (1982) apresenta evidências, no caso do *r* final em Nova York, de que a hipercorreção na classe da pequena burguesia, no sentido da realização de *r*'s finais (*r-1*), modificou a tendência do prestígio, invertendo a avaliação de (*r-0*), anteriormente considerado como norma, e promovendo a avaliação positiva de (*r-1*). Assim, o vetor da mudança passa a ser na direção do acréscimo de *r*. A análise a que nos propomos focalizará fenômenos correntes, já estudados, sobre o português do Brasil.

## LEITURA E ESCRITURA: DUAS FACES DISTINTAS DO PROCESSO COMUNICATIVO

SMITH, Marisa Magna (PUC-RS). *Muito além da frase: a pontuação a serviço do texto.*

Embora a pontuação seja indispensável à escrita, seu estudo limita-se geralmente ao nível frasal, e suas implicações textuais têm sido tradicionalmente ignoradas.

Muito mais do que meros símbolos gráficos, os sinais de pontuação formam um complexo sistema de múltiplas funções - prosódicas, sintático-semânticas, estilísticas -, que orientam leituras, desfazem ambigüidades, estabelecem ênfases, estruturam frases e parágrafos.

No presente estudo, entende-se a pontuação como um conjunto de sinais ideográficos que relacionam conceptualmente escritor e leitor, como indicadores gráficos de enunciação, e propõe-se a leitura oral como instrumento para fazer aflorar a consciência dessa relação.

Com base nesses pressupostos, procedeu-se a investigação com alunos do Curso de Letras da PUC/RS, buscando verificar as seguintes hipóteses:

- a) a leitura em voz alta de um texto conduz a uma pontuação mais adequada do mesmo;
- b) a conscientização da relação entre ler em voz alta e pontuar leva a uma pontuação ainda mais adequada.

Além das análises quantitativas, que apresentaram resultados estimulantes, observaram-se aspectos importantes do uso dos sinais de pontuação, tais como frequência por tipo, incidência discriminada de desvios, alterações no desempenho após o experimento. Os resultados indicam tratar-se de campo amplo e promissor para investigação, especialmente na linha da Sintaxe, Psicolingüística e Lingüística do Texto.



la Société de Linguistique de Paris, la langue française est la langue d'échange la plus fréquemment employée. Pourtant un mouvement d'ensemble se dessine en Europe qui va apporter un profond renouvellement; les noms des villes qui organisent les Congrès de Linguistique dessinent le champ de forces neuves; successivement: La Haye, Genève, Rome, Copenhague, Bruxelles. C'est seulement en 1948 que Paris sera le siège du 6<sup>e</sup> Congrès. C'est de ce déplacement, à notre sens significatif, des axes et des finalités de la linguistique que nous voudrions entretenir les congressistes.

## A GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS FALADO

CASTILHO, Ataliba T. de (USP). *A gramática do português falado.*

O projeto de Gramática do Português Falado desenvolve-se desde 1988, tendo por objetivo a preparação coletiva de uma gramática de referência do português culto falado no Brasil, com base nos materiais do Projeto NURC/BR.

Trinta e cinco pesquisadores pertencentes a doze universidades brasileiras se envolveram no Projeto, de que resultaram a publicação de uma série de volumes (3, de um conjunto de 7, estando 2 no prelo), e a conclusão de diversas Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado.

Nesta mesa-redonda, planja-se apresentar informações sobre seu estado atual, e discutir alguns dos seus resultados, particularmente no que diz respeito à articulação teórica (Milton do Nascimento), e aos achados, numa abordagem gerativista, da Morfologia Derivacional (Margarida Basílio) e, numa abordagem funcionalista, da Sintaxe das Classes de Palavras (Maria Helena Moura Neves).

O Projeto deve encerrar-se em 1995, estando prevista para 1996 a consolidação dos resultados.

BASÍLIO, Margarida (UFRJ). *A formação de palavras no português falado: questões metodológicas.*

Um dos maiores problemas que se apresentam para a morfologia no âmbito da formação de palavras é a dificuldade de obtenção de dados que consubstanciem ou falseiem propostas descritivas específicas, dada a dupla composição do léxico, como componente de regras e como lista de entradas lexicais.

O reflexo dessa dificuldade no tratamento do *corpus* mínimo compartilhado do Projeto Gramática do Português Falado traduz-se no fato de que ocorrências de construções lexicais específicas não se constituem necessariamente em evidência para a operação do processo lexical correspondente, já que poderiam estar memorizadas, havendo, portanto, a alternativa de acesso direto à lista de entradas lexicais.

Uma possibilidade de tratamento do problema metodológico decorrente é a de considerar-se como evidência de operação de processo morfológico apenas as formações novas, assim definidas a partir do critério de não dicionarização. Outra alternativa é a de considerar-se como evidência de operação de processos morfológicos apenas as formações regulares, definidas como formações cujas propriedades fonológicas, sintáticas e semânticas correspondem exatamente ao previsto pelo processo de formação.

Neste trabalho discutirei estas abordagens alternativas à luz da questão mais geral das evidências disponíveis sobre a representação e processamento lexical de formas derivadas na língua falada.

NEVES, Maria Helena Moura (UNESP). *Sintaxe das classes de palavras.*

O grupo Sintaxe I do Projeto "Gramática do Português Falado" opera dentro de uma orientação funcionalista, definindo como seu objeto mais amplo de estudo a competência comunicativa. Decidiu-se partir do exame do funcionamento das classes de palavras, entendido que, considerada a produção lingüística e as condições de produção, a taxionomia dos itens nada mais é do que uma abstração operada a partir do exame de seu funcionamento. Invocada a dicotomia restrições/escolhas que o suporte teórico do grande grupo da GPF tem assentada para equacionamento, fica entendido que o grupo Sintaxe I se move especialmente no terreno das escolhas, procurando deprender os processos de operacionalização de estruturas que produziram os enunciados sob exame, procurando, então, dar conta das regularidades do lado probabilístico, no exercício da competência comunicativa.

Nesta concepção, parte-se do princípio de que todos os itens em funcionamento na atividade lingüística atuam em quatro processos básicos de construção do enunciado: a) predicação; b) conjunção; c) dêixis; d) foricidade. Assenta-se, por outro lado, que a ativação desses processos básicos não pode deixar de ser afetada pela diferente caracterização da atividade lingüística oral e da atividade lingüística escrita, determinação que se situa no subsistema probabilístico, isto é, no domínio das escolhas para cumprimento das funções.

Apresentam-se, como amostra do tratamento das classes de palavras sob essa orientação, três questões relativas ao funcionamento dos advérbios na língua oral, especialmente quanto aos processos dêitico e fórico.

## ÁREAS DIALETAIS DO PORTUGUÊS

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (UFBA). *Para uma delimitação de áreas dialetais no Brasil.*

O português do Brasil, ao longo de sua história, mereceu a consideração de alguns poucos autores no que diz respeito à identificação de áreas dialetais e uma divisão geolingüística do país. Tais propostas se ressentem da inexistência de dados, dos quais os estudos atuais, em parte, já podem dispor.

A comunicação, partindo de divisões dialetais do Brasil, apresentadas no começo deste século, e considerando dados que os atuais estudos de geolingüística e sociolingüística oferecem, especificamente os fornecidos pelos atlas lingüísticos já publicados e pelos resultados parciais do Projeto NURC/BR, discute a formação de algumas áreas dialetais específicas.

GONÇALVES, Maria Perpétua (Universidade Eduardo Mondlane-Moçambique). *A formação de uma variedade africana do português: o caso de Moçambique.*

A história da língua portuguesa em Moçambique é uma história recente. Ainda que os portugueses tenham chegado à costa oriental de África em finais do séc. XV, a ocupação efectiva do território só teve início em finais do séc. XIX. Moçambique é pois um país plenamente integrado na zona de línguas da família bantu, e o português detém o estatuto de língua oficial, não materna, da maior parte dos falantes. Trata-se pois de uma variedade em formação, cujas propriedades têm de ser identificadas através de metodologias que não ignorem a sua situação de língua segunda.

**BRANDÃO, Helena H. Nagamine (USP).** *Fato político e estratégia discursiva.*

Tomando como tema o fato político do "impeachment" (setembro de 1992), pretende-se analisar em dois jornais paulistanos as "manchetes" que o veicularam. O objetivo é verificar como essas enunciações jornalísticas "constroem" o fato e como o enunciador "faz trabalhar" o acontecimento (como diria Pêcheux), do que estratégias discursivas se serve para construir significações e mobilizar a opinião pública. Procura-se analisar como a rede de formulações vai moldando discursivamente o acontecimento novo na atualidade do seu desenrolar, e como, num movimento de antecipação, vai prefigurando-o, dando-lhe forma, na expectativa de um desfecho.

**BRANDÃO, Roberto de Oliveira (USP).** *Argumentação e poesia.*

Partindo da concepção de argumentação como "técnica discursiva visando a provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que lhes são apresentadas" (Perelman), procuramos no presente estudo verificar como algumas das concepções tradicionais e modernas de poesia se colocam o problema de sua inserção no mundo.

Seguir o critério acima implica em situar a poesia num quadro retórico em que o poeta (canta/fala/argumenta) sobre um objeto (um saber, um acontecimento, o próprio canto) a um ou vários receptores de quem espera a aceitação de sua mensagem como verdadeira e válida.

## AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

**SCLIAR-CABRAL, Leonor (UFSC).** *A concepção da aprendizagem da escrita no livro didático.*

A participação no GT designado pelo MEC e FAE durante quatro meses a fim de analisar a qualidade dos conteúdos programáticos e dos aspectos pedagógico-metodológicos dos livros das séries iniciais do 1º grau, bem como apontar o perfil da produção, escolha e aquisição do livro didático, permitiu-nos a apreensão da concepção da aprendizagem da escrita no livro didático predominante entre seus autores.

A análise se deteve nas dez coleções que detêm supostamente a preferência do magistério nas quatro séries iniciais e, conseqüentemente, as mais compradas pela FAE.

A constatação unânime dos membros dos GTs foi a da péssima qualidade do material compulsado, em todas as disciplinas.

O problema requer o energético posicionamento dos responsáveis pela educação e, no caso particular, dos envolvidos com a construção da língua escrita, se considerarmos que, apesar dos US\$110 milhões investidos na compra do livro pela FAE no ano de 1994, as exigências em relação à qualidade dos conteúdos do livro didático são mínimas ou inexistentes.

As conclusões básicas sobre a concepção dos autores no que diz respeito à construção do sistema escrito são as de que ainda predominam as teorias mecanicistas, privilegiando os aspectos mais periféricos em detrimento dos centrais, os aspectos mais automáticos em prejuízo da criatividade. Cansam-se as crianças com exercícios preparatórios precedendo a construção da lecto-escrita, para treinar a sensório-motricidade e a discriminação e execução de esquemas repetitivos distantes dos princípios dos sistemas alfabéticos. No decorrer das quatro primeiras séries, após levantamento quantitativo, constatamos a presença maciça das listas sem estrutura e dos exercícios de cópia.

Definitivamente, a maioria dos autores contribui para a náusea e dificuldades que os alunos experimentam em relação à leitura e redação.

**CORRÊA, Leticia M. Sicuro (PUC-RJ).** *Processamento lingüístico e aquisição da linguagem.*

O estudo do processamento lingüístico e o da aquisição da linguagem têm se constituído como áreas de investigação bastante dissociadas. Nesta mesa-redonda, pretendo apontar para dificuldades para o estudo do desenvolvimento lingüístico que parte de uma definição processual da habilidade linguística sob investigação, em oposição a uma caracterização estrutural ou funcional do fato lingüístico a ser adquirido.

Por "definição processual" entende-se aqui uma caracterização dos procedimentos tomados como necessários para que um dado tipo de enunciado lingüístico seja produzido/compreendido, assim como dos possíveis efeitos de variáveis passíveis de atuar em uma dada situação de enunciação. Com isso, ficam explicitados os aspectos de natureza gramatical e/ou funcional cuja representação é pressuposta para que um desempenho "adulto" se realize, assim como são clarificadas as demandas que tais procedimentos impõe ao aparato processador.

Vantagens teóricas e metodológicas desta abordagem são consideradas à luz de dados transversais relativos à compreensão de construções relativas e ao estabelecimento da referência anafórica.

## A HISTÓRIA DAS IDÉIAS LINGÜÍSTICAS E A CONSTITUIÇÃO DA LÍNGUA NACIONAL

**ORLANDI, Eni de Lourdes Pulcinelli (UNICAMP).** *A história das idéias lingüísticas.*

Trata-se da apresentação do Projeto "História das Idéias Lingüísticas: a construção de um Saber Metalingüístico e a Constituição da Língua Nacional". Este projeto está sendo desenvolvido no Brasil sob a coordenação de Eni Pulcinelli Orlandi e, na França, sob a coordenação de Sylvain Aurox, como parte do convênio entre a Unicamp (IEL) e a Universidade de Paris VII (URA 381).

Como coordenadora da mesa-redonda só apresentarei as linhas gerais do projeto, seus objetivos institucionais e acadêmicos, sua relevância para a nossa comunidade científica. Mais especificamente, procurarei resumir como a análise de discurso pode fornecer subsídios para a compreensão da relação entre a construção do saber sobre a língua e a produção da língua nacional, assim como para a elaboração do conhecimento de discursos sobre a língua que produzem as bases para o reconhecimento de uma unidade na formação social e para a nação, no caso, brasileira.

Trabalhos já realizados no quadro desse projeto serão apresentados por pesquisadores franceses e brasileiros que integram a mesa.

**CHEVALIER, J.C. (Université Paris 8).** *Les premiers congrès internationaux de linguistique (1928-1948) et la France.*

Au sortir de la guerre de 1914-1918, la recherche française en linguistique, emblématisée par Antoine Meillet, jouit encore d'un très grand prestige. Les chercheurs français sont souvent cités, les étrangers se pressent à



estudo do processo escritural, afastam-se daqueles da crítica textual. Colocamos em debate alguns aspectos metodológicos da crítica genética.

## DISTÚRBIOS LINGÜÍSTICOS

**SPINELLI, Mauro (PUC-SP).** *Patologias orgânicas e aquisição da linguagem.*

É praticamente consensual, hoje, considerar que distúrbios na aquisição da linguagem dependem quase sempre de mais de um fator, ou causa. Ainda que exista fator orgânico severo, uma surdez por exemplo, as condições sociais e emocionais influem intensamente no desenvolvimento da linguagem.

Tal conclusão, apoiada em estudos valiosos e independentes entre si, não diminui a importância dos fatores orgânicos envolvidos no domínio progressivo da língua pela criança. Alterações patológicas de órgãos que têm funções na compreensão e na produção da fala vêm sendo progressivamente esclarecidas em muitos dos distúrbios de linguagem infantis, como, por exemplo, no "Distúrbio Específico (do desenvolvimento) de linguagem", abreviadamente DEL, tema preferencial desta apresentação.

Compõem o repertório do DEL alterações variáveis em grau e aspecto afetado - fonologia, sintaxe, semântica e outras. O aspecto comum é a delimitação do distúrbio à área da linguagem, ou seja, estão preservadas, ou quase, a motricidade de membros, e portanto a locomoção, a apreensão, e também a inteligência e a audição a nível sensorial (não a nível perceptual).

Durante muito tempo, desde as descrições de Luchsinger/Arnold, de Lenneberg e especialmente de T.T.S. Ingram, fizeram-se hipóteses acerca da presença de alterações cerebrais e de fatores etiológicos, por exemplo genéticos, nos indivíduos afetados, hipóteses que não tinham confirmação objetiva. Todavia, dados obtidos nos últimos anos vieram confirmar a presença de diferenças estruturais cerebrais em indivíduos com DEL, reveladas em imagens por ressonância magnética e em necrópsias; e diferenças funcionais, por estudos de captação de íons pelas áreas cerebrais engajadas em tarefas verbais. Vieram também fortalecer, e em alguns aspectos comprovar, a presença de fatores causais - cromossômicos, gestacionais e genéticos no DEL. Os detalhes dessas pesquisas e suas relações com os achados clínicos fonoaudiológicos constituem o núcleo da apresentação a ser feita e debatida no congresso.

**LAMPRECHT, Regina Ritter (PUC-RGS).** *Aspectos da aquisição fonológica normal e com desvios fonológicos evolutivos na perspectiva da geometria de traços.*

A desonorização de obstruintes é um dos processos de substituição que pode persistir por mais tempo na aquisição normal da fonologia do Português brasileiro. Pesquisa longitudinal mostra que a aquisição da sonorização é determinada por fatores internos ao segmento - modo e lugar - e externos ao segmento - natureza do segmento seguinte e tonicidade -, nesta ordem.

A hierarquia de importância dos fatores internos ao segmento é natural e explicada claramente pela geometria de traços proposta por Clements & Hume (1993). Os dados mostram que, quanto mais alto um traço estiver localizado na estrutura arbórea - e, portanto, quanto mais perto estiver da raiz - mais cedo encontrar-se-á adquirido. Assim, fica justificada a constatação de que o traço [contínuo], diretamente ligado ao nó da cavidade oral, é mais importante na aquisição das obstruintes sonoras do que os traços ligados ao nó de ponto de consoante (C-place).

Na aquisição com desvios observam-se outros fatos também explicáveis pela organização interna do segmento. Preponderam as substituições por alterações nos traços terminais - o [sonoro] do nó laríngeo e os traços do

nó de ponto de consoante. Alterações de valor de traço nos nós mais altos são menos frequentes e podem ser indicativos de desvio severo; um exemplo é o traço [soante] que, pertencendo ao nó de raiz, e sendo, portanto, de nível máximo, poucas vezes é alterado.

A própria natureza dos desvios fonológicos evolutivos pode receber uma definição diferente, deixando de ser, basicamente, uma questão de frequência e de cronologia para ser enfocada como uma diferença na qualidade e na hierarquia dos traços alterados.

## A PESQUISA COM LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS E A TEORIA LINGÜÍSTICA

**SOARES, Marília Facó (Museu Nacional/UFRJ).** *As relações entre a fonologia e a sintaxe: os casos Tikuna, Marubo e Matsés.*

A partir de estudos realizados sobre duas línguas da família Pano - Marubo e Matsés (cf. Costa 1992 e Carvalho 1992) -, é nosso objetivo no presente trabalho explicitar formalmente as razões que fazem com que as duas línguas se diferenciam do ponto de vista da relação sintaxe/fonologia. É nosso objetivo também tecer uma comparação entre os resultados deste trabalho e aqueles alcançados no nosso estudo da língua Tikuna (cf. Soares 1992).

**FRANCHETTO, Bruna (UFRJ).** *Manifestações de ergatividade nas línguas das famílias karibe e pano: tipologias e parâmetros.*

A investigação da ergatividade enquanto padrão de marcação de caso e/ou de concordância tem sido intensa nos estudos tipológicos das últimas três décadas. Pesquisas sobre línguas do mundo inteiro têm acumulado dados e evidenciado a variabilidade das manifestações de ergatividade, dos tipos de sistemas bifurcados e de seus condicionamentos, bem como tem se defrontado com o problema da relatividade ou da universalidade das categorias sintáticas (sujeito, objeto). Os trabalhos de Dixon, entre 1977 e 1993, representam o esforço mais completo de uma síntese tipológica, incluindo, em sua última versão, material proveniente de várias línguas indígenas das terras baixas da América do Sul. Dixon assume uma tentativa de explicação funcionalista: padrões de ergatividade vistos como gramaticalização de fenômenos discursivos. Uma boa sistematização tipológica e abordagem funcionalista caracterizam a recente reconstrução diacrônica de Gildea, com o objetivo de fundamentar hipótese da gênese da ergatividade a partir de sistemas de tipo nominativo-acusativo nas línguas da família karibe. É no interior desta família que os estudos sobre ergatividade se desenvolvem hoje com maior profundidade, buscando caminhos explicativos à luz da teoria gerativa, da postulação de hipóteses paramétricas a incursões ainda exploratórias nas propostas do Programa Minimalista. Nesse sentido, a questão da "ergatividade" (nas diversas acepções do termo) é objeto de interesse da lingüística gerativa desde, pelo menos, os trabalhos de Halle sobre o Warlpiri, mantendo-se no palco dos debates teóricos com as pesquisas sobre línguas eskimó, maya, o basco, e outras. Assistimos a uma sucessão de propostas de parametrizações e ao deslocamento das hipóteses de um nível representacional a outro. O debate é incipiente, aceso e está em pleno andamento. Pretendemos, nos limites de uma breve apresentação: (1) delinear o status dos conhecimentos até hoje obtidos sobre o fenômeno da "ergatividade" em línguas do Brasil, em particular comparando línguas karibe e pano; sobre estas últimas já dispomos de dados e descrições confiáveis e de análises interessantes frutos de pesquisas recentes; (2) cotejar os distintos tratamentos da chamada "ergatividade" por parte

Na minha exposição, apresentarei uma proposta de periodização da língua portuguesa em Moçambique, ao longo da qual serão destacados factores sociais e lingüísticos que actuam no processo de formação da (futura) variedade moçambicana do português.

## INTERFACE LÉXICO/SINTAXE

**BRITO, Ana Maria (Universidade do Porto - Portugal).** *As normalizações: das informações lexicais à estrutura sintáctica.*

1. Numa mesa-redonda em que o tema é a interface entre léxico e sintaxe, optou-se por abordar as nominalizações e alguns dos problemas que elas levantam no que diz respeito à relação entre a estrutura argumental e a estrutura sintáctica, no quadro da teoria da regência e da ligação.

2. Começar-se-á por fazer uma análise crítica da proposta de Grimshaw 90, inspirada em Zubizarreta 82/87, Anderson 83/84, segundo a qual os Ns resultativos não têm estrutura argumental temática, diferentemente dos Ns eventivos.

Um dos problemas que se colocam em relação à anterior proposta relaciona-se com os Ns que, no plano abstracto, como *análise*, *exame*, etc. são ambíguos. Em relação a este tipo de Ns, os valores resultativo ou eventivo parecem não poder estar contidos na estrutura aspectual como parte da estrutura lexical, porque são factores contextuais como os adverbiais, adjectivação, a determinação, o tempo verbal, entre outros, que definem a interpretação dominante.

O estudo das nominalizações a apresentar enquadra-se na chamada análise SDET e na hipótese de existência, na estrutura sintáctica, para todas as nominalizações, de uma categoria funcional S ASP (Sinagma Aspecto) com um núcleo constituído por um traço [+/- eventivo] que se justificará em função de informações contextuais, entre elas do material contido na posição de ESP da categoria funcional S ASP.

Em relação aos Ns passivos e outras nominalizações eventivas, elas devem ser marcadas como tal não só na estrutura lexical mas também na respectiva estrutura sintáctica (através da categoria funcional S ASP com núcleo [+eventivo]). Explorar-se-ão problemas da estrutura das nominalizações passivas nomeadamente a posição básica e superficial do SPREP iniciado por *por*, o modo como se actualiza a relação temática de agente, etc...

## INTERFACE SOCIOLINGÜÍSTICA/ENSINO

**SILVA, Myrian B. (UFBA).** *Sociolingüística, gramática e norma.*

Pretende-se rediscutir a questão levantada no encontro do GT da Sociolingüística da ANPOLL, em julho de 93 em Salvador: a escola deve continuar o ensino da variedade culta do Português, quando as pesquisas sociolingüísticas apontam para uma diversificação da língua não só do ponto de vista da geografia, mas das diversas classes que compõem a sociedade brasileira?

**FIAD, Raquel Salek (UNICAMP).** *O professor de português de 1ª e 2ª graus e a sociolingüística.*

Embora a produção académica na área de sociolingüística seja bastante significativa, observa-se que os conhecimentos produzidos nessa área não se refletem nas práticas vigentes de ensino de português de 1ª e 2ª graus.

Conforme apontei anteriormente, em estudo apresentado no Seminário Nacional sobre Diversidade Lingüística e Ensino de Língua Materna (Salvador/1993), há uma incorporação do conceito de diversidade lingüística nos textos oficiais que tratam do ensino de português, ao menos nos textos dos últimos vinte anos. A questão que permaneceu após esse estudo foi a seguinte: como tem sido a circulação e a apropriação dos conhecimentos produzidos no interior da sociolingüística pelos professores de português de 1ª e 2ª graus?

Neste momento, pretendo apresentar algumas reflexões sobre essa questão a partir de depoimentos desses professores, considerando que uma análise desses depoimentos pode contribuir para clarear essa questão. Através desses depoimentos, pretendo discutir: como esses conhecimentos chegam (se chegam) aos professores? como são entendidos? incorporados? como interferem (se interferem) em sua prática?

Esta discussão pretende contribuir para uma análise da distância entre a sociolingüística e o ensino de português e sugerir algumas formas de diminuir essa distância.

## CRÍTICA TEXTUAL

**AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de (UFRJ/UERJ).** *A lírica de Camões e a crítica textual.*

A lírica de Camões continua a ser o maior problema textológico da literatura portuguesa de todos os tempos.

Sobre a questão, há dois problemas básicos, cuja solução está sendo procurada pelo Autor desta comunicação. O 1º problema é de crítica autoral, aqui propondo-se o critério do duplo testemunho quincentista incontroverso, para que um texto lírico possa ser atribuído a Camões. E o segundo problema, que é de crítica textual propriamente dita, busca a sua solução nos manuscritos da época, ou seja, em livro de mão ou cancioneiros apógrafos do século de Quinhentos, onde ficou dispersa a obra lírica de Camões.

Resolvidos os dois problemas acima indicados, ter-se-á o *corpus minimum* devidamente estabelecido. Os textos de frágil contestação autoral serão criticamente discutidos numa segunda etapa da pesquisa.

Após isso é que terá sentido a discussão literária em torno do lirismo camoniano, ou seja, a discussão que partirá de textos inequivocamente do Poeta e estabelecidos com o possível rigor científico. Seja como for, o que já parece fora de dúvida - à luz do estado atual da questão - é que a lírica de Camões se insere na órbita maneirista, refletindo uma espécie de humanismo angustiado.

**LIMA, Sônia Maria van Dijck (UFPB).** *Estudo de manuscritos e formulações da crítica genética.*

Considerando que seu objetivo de pesquisa está voltado para a investigação dos procedimentos autorais no decorrer da escritura, a crítica genética interessa-se por textos autógrafos, enquanto documentos de redação, a serem organizados como prototexto. Por conseguinte, os interesses da crítica genética, na medida que se voltam para o

## COMUNICAÇÕES



dos modelos tipológico-funcionalista e gerativo, apesar de sua incomensurabilidade; (3) apontar os problemas mais interessantes que as línguas indígenas apresentam para uma aplicação criativa de propostas atuais da teoria gerativa.

**VIEIRA, Márcia Damaso** (Museu Nacional/UF RJ). *As construções relativas na língua Asurini do Trocará.*

Este trabalho mostra que as únicas construções que podem ser identificadas como orações relativas na língua Asurini são as nominalizações com *Wa'e*.

Tais nominalizações apresentam a mesma estrutura que as orações relativas do tipo "núcleo interno" (=internal-headed) (cf. Willie, 1989; Jelinek, 1990): (a) o elemento relativizador (=nominalizador) tem o núcleo a ele incorporado (=aquele que) e age como operador; e (b) o pronome resumptivo na morfologia verbal funciona como variável.

- (i) *h̄i-ahy-wa'ej*  
3p-doer-nom.  
aquele que está doente

A ocorrência de relativas de núcleo-interno está associada ao fato de que em Asurini, os afixos de pessoa são os verdadeiros argumentos verbiais, ao passo que os sintagmas nominais exercem a função de adjunto.

## LES ANALYSES DU DISCOURS

**BRANDÃO, Helena H. Nagamine** (USP). *Uma análise de discurso: aspectos da obra de D. Maingueneau.*

Pretendemos abordar alguns aspectos do trabalho de Maingueneau sobre o discurso. Dentre eles, destacamos: a concepção fundamental de linguagem enquanto instituição social e de uma Análise do Discurso como disciplina que se inscreve, de modo privilegiado, no espaço lingüístico e mantém vínculos peculiares com as condições sócio-históricas de produção, articulando o discurso e o "não-discursivo": uma concepção de gênese discursiva assentada na noção de interdiscursividade, no fato de que todo discurso polemiza com outros: a dimensão pragmática e enunciativa como constitutivas da produção do sentido.

**MAINGUENEAU, Dominique** (Université de Picardie - Amiens). *Les analyses du discours: penser la diversité.*

Quand on travaille dans le domaine de l'analyse du discours on est confronté à de grandes difficultés pour délimiter l'espace où l'on se situe. Non seulement l'analyse du discours est divisée en une multitude de tendances qui se diversifient elles-mêmes continuellement, mais la séparation entre l'analyse du discours et des domaines comme l'analyse de la conversation, la linguistique textuelle, l'analyse de l'argumentation, la sociolinguistique... est loin d'être nette. Cet inconfort est encore plus grand pour ceux qui travaillent dans le prolongement de "l'école française" des années 1960-1970, car ils sont spontanément amenés à produire une définition de l'analyse du discours qui exclut la plupart des travaux qui dans le monde *de facto* se réclament de ce domaine.

Il nous semble raisonnable de prendre acte de la pluralité des recherches d'analyse du discours, de considérer

cette pluralité comme irréductible. À condition toutefois que l'on propose quelques critères minimaux pour distinguer un travail d'analyse du discours d'un travail mené dans un autre domaine. Dire que l'analyse du discours a pour objet le "discours" apparaît en effet notablement insuffisant, dans la mesure où ce "discours" peut être appréhendé de multiples façons. Il est donc préférable de définir l'analyse du discours à partir du *point de vue* spécifique qu'elle adopte sur la discursivité, un point de vue qui peut être celui d'approches très différentes les unes des autres. Il apparaît ainsi que certains travaux se réclamant de l'analyse du discours n'en relèvent pas, et inversement.

En ce qui concerne "l'école française" aussi la diversité est irréductible: à côté de recherches qui entendent prolonger les problématiques qui ont dominé au début de ce courant, il en existe d'autres qui s'en écartent considérablement. On est ainsi amené à distinguer entre une définition *stricte* et une définition *étendue* de cette école française.

**CRISTÓFARO, Thaís (UFMG).** *A silabificação de glides no português brasileiro.*

Este trabalho tem por objetivo propor uma análise de silabificação de glides no português brasileiro. Glides prevocálicos yy, wy, posvocálicos vy, vw, intervocálicos VyV, VwV e casos em que o glide segue oclusiva velar Kw, gw são analisados. Também discutimos porque em alguns casos o glide alterna com a vogal alta correspondente e em outros casos tal alternância não ocorre. Justifica-se a alternância (ou sua ausência) a partir da silabificação e da configuração segmental.

Esta análise é baseada na "Teoria Fonológica do Governo" proposta em Kaye Lowenstamm & Vergnaud (1985, 1990) e é resultado de pesquisa apresentada em tese de doutoramento (Cristóforo (1992)). Tal trabalho não apenas fornece uma análise da ocorrência de glides no português brasileiro em todos os ambientes em que estes ocorrem, mas também aponta fenômenos fonológicos decorrentes desta análise a serem investigados em futuras pesquisas.

**FIGUEIREDO, Ricardo Molina de (UNICAMP).** *A eficiência de diversos parâmetros acústicos na identificação de falantes.*

O presente trabalho pretende examinar a eficiência de diversos parâmetros acústicos na identificação de falantes. Vários experimentos foram realizados, tendo como base um conjunto de 8 falantes, adultos do sexo masculino, com idades entre 22 e 45 anos. Em algumas análises incluem-se mais dois falantes, gêmeos idênticos, de modo a examinar instrumentalmente as diferenças entre vozes perceptualmente muito semelhantes. Os parâmetros estudados foram: Formantes Vocálicos, Frequência Fundamental, Espectro de Longo Termo, Velocidade de Fala, Consoantes Nasais e VOT (*Voice Onset Time*). Discutiu-se também a eficiência da inspeção visual de espectrogramas na identificação de falantes, um tema especialmente relevante para o modelo forense, e que tem provocado grande controvérsia nas últimas décadas.

**GASPAR DE OLIVEIRA, Sidneya (UFSC).** *A sílaba em português: algumas considerações.*

Apesar de os estudos sobre a estrutura silábica requererem aprofundamento e organização, e de esta idéia constituir-se em uma unanimidade entre os lingüistas, somente nos últimos 10 anos a sílaba vem sendo realmente considerada.

Harris (1983:4) adverte que as palavras não se constituem numa simples seqüência de sílabas, e que a sua organização não se esgota no estabelecimento da construção ao nível silábico. Para o autor, definir uma "palavra possível" deriva, necessariamente, da definição de "sílabas possíveis".

A noção de sílaba não é, entretanto, aceita sem discussões entre os lingüistas.

Para a presente comunicação, apresento um estudo dentro de uma abordagem não linear, assumindo, a exemplo de Goldsmith (1990:108), que a sílaba é um constituinte fonológico composto de zero ou mais consoantes, seguido por uma vogal, e terminado por uma cadeia de zero ou mais consoantes.

Ao contrário, no entanto, de Goldsmith (1990), que apresenta uma estrutura silábica do tipo

Sílaba

Ataque

Rima

Núcleo

Coda

proponho uma estrutura organizacional para o português, com apenas dois constituintes, ataque e rima, em que este último é o elemento obrigatório, sem subdivisão em N e C, e o ataque, nó irmão que lhe fica à esquerda, é opcional.

Adoto uma estrutura complexa da sílaba, considerando que o único elemento obrigatório é o ocupado por RI.

Estabeleço, assim, para o português, uma rima composta no máximo por três elementos, que são distribuídos de acordo com o que determina a hierarquia interna da sílaba.

O estudo está relacionado com uma escala de sonoridade relativa, que leva em conta a ressonância inerente de cada segmento, e também a variação de uma língua para outra.

**GERMANO, Maria do Socorro Pires (UECE).** *Estudo das divergências fonético-fonológicas entre o inglês britânico RP e o americano GA.*

A escolha do tema deve-se ao problema de, como professora de fonologia inglesa no Curso de Letras, reunir numa mesma sala-de-aula alunos com experiências anteriores de pronúncia britânica e/ou americana, gerando situações confusas e frustrantes para falantes e ouvintes.

Mudanças sonoras surgem nas línguas por serem elas organismos dinâmicos, sujeitos a influências do meio. Assim é que a língua inglesa passou por períodos diversos desde o seu surgimento com o Inglês Antigo, passando pelo Inglês Medieval até o Inglês Moderno.

A língua inglesa foi alvo de mudanças diacrônicas e ainda o é sincronicamente. Surgiu, então, a idéia de explicar as divergências sincrônicas entre o inglês britânico (RP) e o americano (GA), considerando a evolução da língua inglesa através de processos lingüísticos por que passou em seu desenvolvimento diacrônico. Assim é que, pensamos na elaboração de uma classificação que explique até que ponto a lei do menor esforço, a analogia e diferentes fenômenos lingüísticos concorreram para o distanciamento da fala americana da britânica.

Decidimos fazer uma pesquisa baseada no dicionário (WELLS, J.C. *Longman Pronunciation Dictionary*. Harlow, Longman Group U.K. Limited, 1990), a fim de simplificar a investigação, tendo em vista a sua realização aqui no Brasil, Fortaleza especificamente. Obtivemos um *corpus* de 500 palavras aleatórias e daí partimos para a pesquisa dos fenômenos lingüísticos que envolvem as divergências entre RP e GA.

Na fundamentação teórica discutimos as teorias das diversas escolas relacionadas à variação lingüística e mostramos a evolução do estudo das divergências lingüísticas entre o inglês britânico e o americano nos últimos cinquenta anos.

**HERNANDORENA, Carmem Lúcia Matzenauer (Universidade Católica de Pelotas).** *A geometria de traços na representação das palatais do português.*

Tendo sido a hierarquização dos traços fonológicos um dos principais avanços apresentados pela Fonologia Autossegmental, a organização dos traços em uma *geometria* - defendida fundamentalmente por Clements (1989, 1991) e Clements & Hume (1993) - significou a possibilidade de uma representação simples e clara tanto dos segmentos como dos processos fonológicos a que eles estão sujeitos. Com substrato dessa teoria fonológica, a complexidade

**CAMPETELA, Cilene (UNICAMP).** *A importância do tom para a compreensão da linguagem.*

O objetivo desta comunicação é mostrar como o tom opera num enunciado possibilitando a compreensão da linguagem. Segundo Evanildo Bechara (1961), a unidade de sentido de uma oração se caracteriza pela entoação, isto é, pela maneira com que é proferida em obediência a certo contorno melódico.

Os dados selecionados serão analisados utilizando-se o modelo de descrição entoacional de Halliday.

Esta comunicação será dividida em três tópicos, a saber:

1) O primeiro tópico apresentará uma resenha breve do modelo de descrição entoacional escolhido. Como este modelo foi, originalmente, proposto para a análise entoacional do inglês britânico, serão feitas algumas adaptações de acordo com Cagliari (1981) e Gebara (1978), a fim de adequá-lo à análise do português brasileiro.

2) O segundo tópico tratará da importância do tom para a compreensão da "intenção" do falante, ou melhor, para compreender o propósito de sua mensagem. Para tanto, será feita a análise do texto de um comercial televisivo referente à esponja "Scotch Brite".

3) Finalmente, serão feitas algumas considerações gerais sobre entoação e significado, a fim de obter conclusões relevantes sobre a importância do tom no português do Brasil.

**CANOVAS, Maria Irene F. (UNEB).** *Enfraquecimento fônico de /v,z,z<sup>h</sup>/ na fala de Salvador.*

Na história da língua portuguesa, o fenômeno do enfraquecimento na produção de fonemas continua como uma das marcas de variação nos usos lingüísticos brasileiros.

Nossa pesquisa registrou e tentou explicitar esse fenômeno na pronúncia do /S/ pós-vocálico e de /v,z,z<sup>h</sup>/ cabeças de sílaba na fala de Salvador.

O /S/ enfraquecido através das pronúncias, em pares surdo /sonoro: palatal [s<sup>h</sup>, z<sup>h</sup>] aspirada [h, h<sup>h</sup>] e zero fonético [0] é também observado em outras regiões brasileiras, como o Rio de Janeiro. Entretanto, a aspiração de /v, z, z<sup>h</sup>/ parece ser uma característica da região do Nordeste brasileiro e é sobre ela, principalmente, e sobre o zero fonético, inexpressivo na amostra, que se concentra esta comunicação.

3.555 dados de /v,z,z<sup>h</sup>/ da fala de 45 informantes compõem nossa amostra, analisada segundo as variáveis: estruturais - qualidade do ambiente fônico e tonicidade - e sociais - idade e escolaridade.

Nossos resultados sugerem que essas variáveis estudadas não constituem fatores que inibem o fenômeno, o que pode indicar ausência de estigma social.



Dentro da teoria gerativa, a interpretação de pronomes é deixada para o componente interpretativo. Porém, assumindo uma proposta específica (Fiengo & May, 1993), que explica na sintaxe as leituras estrita/imprecisa ("strict"/"sloppy") de pronomes em estruturas de elipse de VP, proponho que pronomes "paycheck" têm uma leitura imprecisa ("sloppy") devido ao fato de seu antecedente não ser referencial, o que permite o processo de "reconstrução" em FL. Assim, a interpretação desses pronomes pode ser explicada dentro do componente sintático da língua.

O objeto nulo do português brasileiro (PB) é um elemento fórico, semelhante a um pronome, pois sempre deve ter um antecedente, seja na sentença anterior, ou no discurso (ou na situação - objeto nulo déitico, cf. Kato, 1993). Diversas análises propõem que, em PB, essa categoria vazia seja pronominal, diferindo entre si sobre quais seriam os elementos que licenciariam/identificariam esse *pro*. Minha análise, porém, sugere que o objeto nulo com antecedente não-referencial (inclusive o do português europeu, PE), seja resultado do mesmo processo operante em casos de pronomes "paycheck", em elipse de VP, além de outras construções. Devido a esse fato, e a uma reanálise diacrônica, o objeto nulo do PB é possível em (quase) qualquer contexto, diferindo assim do objeto nulo do PE, como o proposto em Raposo (1986).

DILLINGER, Mike; DUQUE, Cláudio Gottschalg; STOPPA, Flavia & SILVA, Ione de Assis (UFMG). *Evidências contra a projeção lexical*.

A hipótese padrão da gramática gerativa é que a estrutura frasal é projetada a partir de informações lexicais e de acordo com os princípios da gramática. Essa hipótese atribui ao léxico um papel central na determinação da estrutura das frases.

Uma consequência dessa hipótese para o processamento é que a leitura de elementos da frase que são previsíveis a partir de um elemento lexical devem ser lidos mais rapidamente que elementos que não são previsíveis. Por exemplo, ao identificar um verbo, pela teoria vigente, saber-se-ia que deve ou não ser seguido de um objeto direto (no caso de um verbo transitivo); isto é, a estrutura argumental do verbo faz parte das informações recuperadas ao identificar-se um verbo.

Uma maneira de avaliar essa hipótese é contrastar a leitura de frases compostas de palavras normais com entradas lexicais completas e frases compostas de palavras inventadas que, por definição, não têm entrada lexical. No caso das palavras normais, prevê-se uma facilitação grande para a leitura de um objeto direto depois de verbo transitivo; para as palavras inventadas não deve haver facilitação com base nessa expectativa sintática.

Evidências desse tipo podem contribuir para a avaliação de hipóteses sobre a relação entre o léxico e a gramática.

DUARTE, Inês (Universidade de Lisboa). *A não uniformidade dos objectos nulos*.

De entre as construções em que, em português, um objecto nominal se encontra realizado como uma categoria vazia ou associado a uma categoria vazia, contam-se as ilustradas pelos seguintes exemplos:

(1) (a) Esse livro, o João disse-me que (o) leu [-] ontem.

(b) - Onde está o livro que eu andava a ler?

- Pus[-] na estante da sala.

(c) Este artigo é fácil de ler[-].

Nesta comunicação discutirei as propriedades da Topicalização na Deslocação à Esquerda Clítica (cf. (1) da construção de Objecto Nulo (cf. (1b)) e da Estrutura de Operador Nulo Predicativa (Contreras 93) presente em (1c), mostrando que não existe uniformidade categorial dos objectos nulos que ocorrem nelas quatro.

Discutirei ainda casos de Topicalização e de Objecto Nulo sem conectividade como os exemplificados em (2), cada vez mais frequentes no PE falado:

(2) (a) Perfumes muito intensos, não gosto [-].

(b) - É o relatório? Não queremos levá-lo?

- Não, só preciso [-] para a reunião do mês que vem.

Sugerirei que a sua ocorrência deve ser associada à tendência para a perda de "Pied-Piping" que parece caracterizar o português contemporâneo falado (Kato 93) e que afecta em primeiro lugar os marcadores de caso que legitimam o complemento de verbos atribuidores de Caso Inerente.

DUARTE, Inês (Universidade de Lisboa). *Os núcleos funcionais Asp e Agro em PE*.

Construções de infinitivo gerundivo (Raposo 89) e de gerúndio dependentes de verbos perceptivos comportam-se como domínios sem tempo gramatical - tal como as orações participiais, (a) não aceitam negação frásica (Belletti 90) (cf. (1a)); (b) não admitem tempos compostos (cf. (1b)):

(a) \*Vi os meninos a não brincar(em) no jardim.

\*Vi os meninos não brincando no jardim.

(b) \*Vi os meninos a ter(em) brincado no jardim

\*Vi os meninos tendo brincado no jardim.

Nesta comunicação, defenderei, contrariamente a Raposo 89, que os infinitivos gerundivos/gerúndio dependentes de verbos perceptivos são projeções de AgrS sem núcleo funcional T e com núcleo funcional Asp.

Derivarei a restante fenomenologia associada a esta construção (cliticização em acusativo do sujeito pro nominal da oração encaixada na norma culta do PE, possibilidade vs impossibilidade de infinitivo flexionado em certos contextos, impossibilidade de um pronome nominativo focalizado à direita da forma infinitiva/gerundiva de obrigatoriedade de subida do sujeito encaixado para a posição de SPEC de AgrOP antes de "Spell Out" - ; caracterização habitualmente assumida no Programa Minimalista para as construções ECM -, de uma hipótese sobre o infinitivo flexionado em que a legitimação de tal forma não assegura directamente a legitimação casual do sujeito da forma infinitiva e de uma análise de estrutura como construção de elevação e não de controle.

GALEMBECK, Paulo de Tarso (UNESP-Araraquara). *O subjuntivo em elocuições formais: Projetos NURC/SP e NURC/RJ*.

As gramáticas normativas arrolam as diversas modalidades de oração em que o modo subjuntivo deve ser empregado: *orações adjetivas* que exprimem hipótese ou dúvida, finalidade, e impossibilidade ou irreabilidade; *orações substantivas* ligadas a nomes ou verbos que exprimem dúvida, ordem ou prescrição, e sentimento ou apreciação; *orações adverbiais* condicionais, finais, concessivas, causais, comparativas, temporais, conformativas (nas quatro últimas modalidades, o subjuntivo é empregado em alguns casos apenas); *orações independentes* que exprimem dúvida (introduzidas por *talvez*), hipótese ou desejo. Nesse trabalho faz-se um levantamento das ocorrências de subjuntivo em um corpus de textos falados (elocuições formais), com a finalidade de verificar em que modalidades



de orações o subjuntivo é efetivamente empregado e em que modalidades são utilizados, no lugar desse modo, tempos do indicativo ou formas nominais do verbo. Essa verificação parte da hipótese de que, na língua falada, o subjuntivo é correntemente empregado apenas nos casos em que possui valor modal nítido, ou seja, nos casos em que é evidente a expressão da dúvida, da irrealidade, da ordem (orações condicionais, orações adjetivas que exprimem hipótese ou dúvida, orações substantivas ligadas a verbos indicadores de ordem, por exemplo). Nos demais casos, os falantes empregam, no lugar do subjuntivo, o modo indicativo e, especialmente, orações reduzidas, construídas com as formas nominais do verbo. (O corpus deste trabalho é constituído por elocuições formais do corpus dos Projetos NURC/SP e NURC/RJ.)

### GONÇALO, Márcia (UNICAMP). *Os problemáticos psico-verbos: dados do português brasileiro (PB) e algumas soluções propostas da literatura.*

Os psico-verbos, diferentemente de outros transitivos, apresentam uma inversão de argumentos em sua realização sintática que, conforme a literatura, define dois grupos de verbos. O primeiro apresenta sujeito-Exp o objeto-Tema (verbos do tipo *temer*), e o segundo apresenta uma configuração inversa, sujeito-Tema e objeto-Exp (verbos do tipo *preocupar*). O grupo de *preocupar* também apresenta um outro tipo de comportamento: a ligação de uma anáfora contida no sujeito com um antecedente no objeto, parecendo violar a condição de c-comando de *Government and Binding* (GB).

Dentro do quadro teórico da GB, temos: Belletti e Rizzi (1988) propondo que, em estrutura-P, verbos do tipo *temer* tenham uma configuração transitiva e do tipo *preocupar* tenham uma construção inacusativa, de duplo objeto com a posição de sujeito não-temática. E Grimshaw (1990) que propõe uma estrutura argumental, definida em termos de relações de proeminência temática e aspectual. As propriedades apresentadas pelos psico-verbos podem ser entendidas como um resultado da não-combinação entre essas relações. Em uma análise aspectual dos psico-verbos (no sentido Vendler-Dowty), Van Voorst (1992) mostra que os dois tipos de psico-verbos não se distinguem aspectualmente, tratando ambas as classes como *achievement*.

Em um estudo da seleção argumental de 300 psico-verbos do PB, encontramos, não somente duas, mas quatro classes diferenciadas pelas propriedades sintáticas apresentadas: *temer*, *preocupar*, *acalmar* e *animar*. Mostramos que o sujeito das três últimas classes (que têm a mesma rede temática: [Tema-Exp]) não tem características de sujeito derivado como propõem B&R, e nem a proposta de objeto deslocado tem motivação empírica e teórica para ser sustentada. Também mostramos o erro conceitual de Grimshaw ao tratar em um mesmo nível de análise semântica, a análise aspectual que situa-se em um nível extensional e a temática que situa-se em um nível intensional. Os dados do português evidenciam esse fato e comprovam, concordando com Van Voorst, que essas duas classes de verbos não se distinguem aspectualmente.

Como as propostas acima mostraram-se ineficazes para os dados do português, lançamos a hipótese de se buscar a solução dos problemas apresentados pelos psico-verbos em uma análise mais fina de uma teoria de estrutura argumental onde os papéis temáticos e seu conteúdo particular são relevantes para certas propriedades sintáticas.

### GONÇALVES, Anabela (Universidade de Lisboa). *Reestruturação sintática em construções com verbos aspectuais do português.*

Em Raposo (1989), considera-se que a seqüência a-infinitivo que segue os aspectuais do português (como *estar*) é uma oração pequena de natureza preposicional, projecção da Preposição *a*, sendo-lhe atribuída a seguinte estrutura interna.

(1) [pp[NP[pp a IP]]]

Esta hipótese permite explicar que a seqüência à direita do aspectual forma um único constituinte e que as construções em que estes verbos ocorrem apresentam uma estrutura bi-oracional. No entanto, a hipótese apresentada em Raposo (1989), como já foi discutido em GONÇALVES (1992) e Duarte (1993), não dá conta da comutabilidade entre a construção infinitiva preposicionada e a construção gerundiva (cf.(2)) nem dá conta do facto de, em português europeu (PE) a seqüência *estar a*-Infinitivo poder reestruturar-se ou não, sendo, por isso, possível a subida do clítico para a esquerda de todo o complexo verbal ou a sua ocorrência à direita do verbo de que é argumento (cf.(3)):

(2) O João está a ler um livro. /está lendo um livro.

(3) O João não o está a ler. /não está a lê-lo.

Considerarei, assim, que os verbos em causa não c-selecionam um PP, mas um ASPP (Sintagma Aspectual), cujo núcleo ASP, pode ser preenchido ou pela expressão *a*, que constitui um morfema descontinuo com a marca de Infinitivo, ou pelo morfema *-ndo*. Esta hipótese permitirá explicar as semelhanças entre a construção gerundiva e a construção de infinitivo dependentes de verbos aspectuais (cf. GONÇALVES (1992)). Sendo esta análise semelhante a que Duarte (1993) propõe para as construções de infinitivo dependentes de verbos perceptivos, será interessante aproximá-los dos aspectuais.

Paralelamente, considerarei que, em PE, os aspectuais podem reestruturar-se com o seu complemento, o que explica a semelhança entre estes verbos e os auxiliares, nomeadamente no que diz respeito à possibilidade de subida do clítico (cf.(3)).

### ILARI, Rodolfo & FRANCHI, Carlos (UNICAMP). *"Piero é andato a farsi tagliare i capelli": estratégias de detematização nas línguas românicas.*

Há em português orações como

(1) Eduardo operou o nariz. Eduardo cortou o cabelo

que, embora tenham forma superficial transitiva ativa, têm como argumento externo um "sujeito derivado", caracterizado tematicamente por desempenhar um papel não-agentivo.

A tese de que esse sujeito é derivado apoia-se em vários argumentos sintáticos, e leva a considerar que os correlatos ativos de (1) são sentenças como

(2) Eduardo<sub>1</sub> mandou / deixou / fez que o  
médico operasse seu<sub>1</sub> nariz / ...que a  
cabeleireira cortasse seu<sub>1</sub> cabelo

Como estas últimas sentenças se constroem com verbos agentivos, e como o agentivo é, em português, o papel mais proeminente na hierarquia temática que preside a seleção do sujeito, cabe descrever as orações exemplificadas em (1) como casos de detematização, fenómeno do qual resulta uma sentença simples em que o agentivo é omitido, ou aparece periféricamente, no escopo de preposições de lugar e companhia, cp.

(3) Eduardo operou o nariz com o Dr. X.

Eduardo corta o cabelo no Mário.

Corrente em PI, a detematização não ocorre em outras línguas românicas. Em italiano, por exemplo, é de regra o uso de um verbo operador causativo (ver o exemplo que foi retomado no título desta exposição) e as traduções diretas de (1) e (3) seriam interpretadas como agentivas ou soariam incompletas ("Piero ha tagliato i capelli: di chi?")

A partir dessas observações, nossa pesquisa orientou-se em duas direções: de um lado, voltamo-nos para outras línguas românicas, indagando entre outras coisas: \*Quais aceitam a detematização e quais recorrem ao verbo causativo? Até que ponto se assemelham as construções causativas utilizadas por estas últimas? \*As duas construções se excluem reciprocamente, ou têm usos preferenciais? o que os determina? \*O fato de que o Português do Brasil usa uma construção em que não aparece o pronome reflexivo é um fato isolado, ou se relaciona a outros, como a omissão do pronome objeto e do reflexivo de verbos que historicamente eram pronominais? \*Que relações se podem estabelecer entre uso do reflexivo e passivização? Em quais das línguas românicas faz sentido falar de uma "passiva sintética" (cp. Eu me batizei em Capivari / \*io mi sono battezzato a Viterbo)? \*Por que, em algumas dessas línguas tende a aparecer, associado ao causativo, um verbo de movimento?

De outro lado, procuramos levantar algumas das questões teóricas que esse estudo comparativo coloca a uma teoria explícita, como a que admitisse que as variações observadas decorrem de adoção de diferentes parâmetros na aplicação de princípios universais. Desde já, os fatos do português contradizem uma célebre generalização descritiva de Burzio e parecem apontar para a relevância na sintaxe de informações de natureza semântico-pragmática.

### JORGE, Lurdes Teresa Lopes (UnB). *Nominalizações: relações semânticas e estrutura sintática.*

A distinção tradicional entre adjunto e complemento do nome baseia-se, essencialmente, no critério semântico que opõe agente/paciente em estruturas em que N é uma nominalização seguida de sintagma preposicional, como em (i) *invasão dos argentinos* e (ii) *invasão da cidade*. Esse critério, no entanto, não se aplicaria, segundo alguns gramáticos, quando as nominalizações estiverem sendo usadas concretamente, caso em que perderiam o traço [+ação], que, em geral, herdam do verbo do que são derivadas.

Nas teorias gramaticais mais recentes, a oposição adjunto/complemento está ligada à questão de os nomes terem ou não estrutura argumental e à de que papéis temáticos - no caso específico de nomes que têm estrutura argumental - atribuem aos seus argumentos. Nesse sentido, cita-se Grimshaw (1986), entre outros, que contrasta nominalizações que expressam evento com as que expressam processo, para o estabelecimento da diferença entre complemento e adjunto do nome. Nessa distinção está implícita a analogia entre nominalizações que não indicam evento com nomes comuns, concretos, que não têm estrutura argumental. Essa posição, em essência, é a mesma da gramática tradicional.

O objetivo deste trabalho é reexaminar tal critério semântico com base nas relações semânticas que se estabelecem entre N (nominalização) e o SP que o segue e nas características sintáticas em que N é um nome comum ou uma nominalização.

Nossa reflexão assume a perspectiva teórica do modelo de Princípios e Parâmetros, Chomsky (1981) e procura chegar a uma proposta da estrutura argumental das nominalizações que leve em consideração a aquisição da língua.

### MARRAFA, Palmira (Universidade de Lisboa). *Predicados complexos em português: análise computacional.*

Esta comunicação tem como objetivo a apresentação de um sistema de análise automática de construção como as exemplificadas em (1)-(4):

- (1) A música torna as pessoas alegres.
- (2) A Ana pintou o muro de azul.
- (3) A Maria considerou o filme excelente.
- (4) O Pedro construiu a casa inclinada.

Do ponto de vista lingüístico, os dados são tratados no âmbito do modelo proposto em Chomsky (1981 1986) e trabalhos subsequentes, com particular incidência na relação entre a estrutura semântico-lexical determinada pelos predicados, na linha de Pustejovsky (1988, 1989 e 1991), entre outros, e a estrutura sintáctica das frases. A análise evidencia uma estreita relação entre o elemento verbal das frases em questão e o constituinte que, em termos lineares, ocorre em adjacência ao SN que ocupa a posição de objecto directo. Mais especificamente, mostra-se que os referidos elementos constituem uma unidade semântico conceptual, que a representação sintáctica tem de reflectir, assim, a proposta que nesse sentido se defende difere, de forma essencial, de outras apresentadas em trabalhos anteriores, quer incidam sobre o português quer sobre outras línguas.

O formalismo computacional construído insere-se no quadro geral da programação em lógica e implementado em PROLOG. O sistema é operativamente eficaz, produzindo, para o fragmento de gramática em questão, todas as representações sintácticas legítimas e só as legítimas, sem sobregeração nem subgeração, portanto. Nesta medida, o próprio sistema valida a análise proposta, uma vez que a sua eficácia depende não apenas do desenho do algoritmo, mas também do facto de conter as especificações lingüísticas necessárias e suficientes.

### MATOS, Gabriela Ardisson (Universidade de Lisboa). *A elipse do SV em português europeu.*

A Elipse do SV em português europeu exibe duas propriedades distintivas relativamente ao inglês, pode ser legitimada tanto por verbos auxiliares como por principais (cf. (1)vs(2) e requer que o verbo adjacente ao constituinte elíptico seja idêntico a um dos verbos da frase antecedente (cf. (3)vs(4)):

- (1) a. O João teria comprado essa revista se tu também tivesses [VP-]  
b. O João não dá livros aos filhos mas a Maria dá [VP-]
- (2) a. John gives books to his children and Mary does [VP-] too  
b. \*John gives books to his children and Mary gives [VP-] too.
- (3) a. ??\* Ele tem de ver esse filme e eu também hei-de [VP-]  
b. Ele tem de ver esse filme e eu também hei-de [VP-]  
c. Ela está a falar nesse assunto ao Pedro mas nós já tínhamos lulado. [VP-]
- (4) a. Peter is complaining about the noise, but John won't [VP-] (SAG 1976/80)  
b. John may be questioning our motives, but Peter hasn't [VP-] (idem)

Assumindo que Elipse do SV implica a presença de um legitimador/identificador lexical local na projecção funcional que subcategoriza o SV, o contraste entre (1) e (2) decorre trivialmente das condições sobre elevação e verbos na Sintaxe explícita, em Pollock, 1989 atribuída à força do modelo AGR. Quanto à inexistência VS existente do requisito de identidade lexical do legitimador de SV elíptico relativamente a um dos verbos da frase antecedente



procurarei demonstrar que esta propriedade é uma consequência da primeira, captável no âmbito do Programa Minimalista.

A ausência de elipse do SV em línguas como o francês (cf.(5)), que também possuem Movimento de verbo na Sintaxe, sugere que a legitimação deste constituinte elíptico depende crucialmente da sua possibilidade de ser sintacticamente identificado.

(5)a. \*Jean a lu ce livre et Marie a aussi

b. \*Jean offre des livres a ses enfants  
mais Marie n'offre pas

baseando-se sobretudo nos dados do português e do inglês, formularei condições gerais susceptíveis de, por parametrização, dar conta de legitimação/identificação sintáctica do constituinte elíptico nesta construção.

### MENDES, Ronald Beline (USP). *A gramaticalização de estar + gerúndio no português falado.*

A perífrase *estar + gerúndio* é pan-românica e deve ter se constituído na fase do Romance, a partir da ampliação dos usos do verbo *estar*.

Nesta comunicação, parte de uma pesquisa integrada no Projeto de Gramática do Português Falado, vou me restringir aos usos dessa perífrase, argumentando que a mesma ainda não se gramaticalizou totalmente.

Para sustentar tal argumento, vou examinar a ocorrência de elementos sintáticos entre o auxiliar e o auxiliado, sujeitando os usos apurados aos testes constantes da literatura pertinente.

### MIGUEL, Matilde (Universidade de Lisboa). *A extracção de complementos adnominais genitivos e as orações pequenas que denotam a posse.*

Cunha & Cintra 1984:305 dizem-nos que "os pronomes que funcionam como objecto indirecto [...] podem ser usados com sentido possessivo, principalmente quando se aplicam a partes do corpo de uma pessoa ou a objectos do seu uso particular [...] e dão os seguintes exemplos:

1.a. Escutaste-lhe a voz?

b. Viste-lhe o rosto?

O uso possessivo do "objecto indirecto" é de igual modo referido nas gramáticas do francês, para a forma equivalente a *lhe* (*lui*). Ora, verificamos que o clítico *lui* ocorre em contextos semelhantes àqueles em que ocorre o pronome clítico genitivo *em*:

2.a. Tu connais les défauts de cette voiture.

b. Tu *em* connais les défauts.

3.a. Tu connais des défauts à cette voiture.

c. Tu *lui* connais des défauts.

Tentar-se-á dar conta deste uso possessivo dos "objectos indirectos", no francês e no português europeu, tentando motivar as seguintes hipóteses:

(1) Contrariamente ao que acontece em (2), os Sintagmas Nominais subcategorizados de (3) podem ser analisados como orações pequenas que denotam a Posse.

(ii) a lacuna existente no paradigma dos pronomes clíticos do português europeu, explica que, nesta língua que não dispõe de um clítico genitivo, o clítico *lhe* abranja os contextos nos quais, em francês, aparecem, em distribuição complementar, o clítico genitivo *en* e o clítico dativo-possessivo *lui*.

### MORAES, Lygia Correa Dias de (USP). *O aposto na língua falada.*

Prendemos rever, inicialmente, o tratamento dado ao aposto, ou, mais amplamente, à aposição, quer pela gramática tradicional, quer pela teoria linguística, mostrando como a maior dificuldade de compreensão e definição desse fato sintático decorre da falta de precisão com que geralmente se descreve o aposto. Os critérios para fazê-lo, que se dividem entre sintáticos, como modulação e posição, e lógicos e semânticos, como determinação e referência, nem sempre são aplicados ordenadamente, dentro de uma hierarquia, à observação e análise dos fatos, mesclando-se a considerações de outra ordem.

A partir da hipótese de Perini (1989:183), que exclui o aposto das funções de nível suboracional, sugerindo poder "tratar-se de um mecanismo de nível mais alto (digamos, de nível oracional)", desenvolvemos a nossa, de que o aposto se situa no nível da enunciação, manifestando-se como marca da interação entre os participantes da conversação. Nesse caso, é de supor que a língua falada possa comprová-lo.

É o que procuramos apurar num *corpus* de língua falada, do Projeto NURC/SP.

### MORAIS, Maria Aparecida Torres (UNICAMP). *Mudança pragmática no português.*

Recentemente, vários linguistas, entre eles, Salvi (1990, 1991, 1992), Beninca (1991), Madeira (1992), Manzini (1992), Rouveret (1992), Uriagereka (1992, 1993), Martins (1992, 1993) Barbosa (1993), Galves (1993, 1994), Raposo (1994) têm investigado a sintaxe do verbo e clíticos no português europeu (PE). Como se sabe, no PE a ênclise é obrigatória em sentenças principais com sujeitos referenciais como ilustrado em (1)

(1) O José deu-me o dinheiro.

A mesma construção com próclise não é possível como se vê em (2). A próclise só ocorre se o sujeito for quantificado ou enfaticamente como ilustrado em (3a-b):

(2) \*O José me deu o dinheiro.

(3) a. Alguém me deu o dinheiro.

b. Só o José me deu o dinheiro.

A questão que gostaria de apresentar nesta comunicação é que até o início do séc. XIX não só (1) co-ocorria ao lado da construção em (2), como também esta era muito mais freqüente do que a construção enclítica. Isto fica claro nos resultados que obtive com dados extraídos de autores do séc XVIII. Estes resultados mostram que a próclise ocorreu nos contextos com sujeito referencial numa proporção que variou de 60% até 100%.

Com Almeida Garrett, o autor da primeira metade do séc. XIX (nascido em 1799) observa-se uma mudança significativa na ocorrência da próclise e ênclise: a ênclise atinge agora 77% do total das sentenças computadas. Finalmente, com os autores da segunda metade do séc. XIX, a ênclise torna-se categórica e os poucos casos de próclise que ainda encontro ocorrem em contextos marcados.

A pergunta que se coloca agora é a seguinte: o que teria causado esta mudança? Nos termos do Programa Minimalista, uma extensão da teoria dos Princípios e Parâmetros, toda mudança está relacionada aos traços morfológicos das categorias funcionais. Além disso, dentro da abordagem paramétrica nenhuma mudança ocorre isoladamente. Baseando-se nestes pressupostos, procuro argumentar dois pontos:



(1) a perda da próclise em construções como (2) observada na primeira metade do séc. XIX estaria relacionada com a perda do que denominei a Topicalização V2 ou ordem XPV encontrada no séc. XVIII. Nestas construções, a próclise é obrigatória, e o elemento XP inicial representa o sujeito, advérbios, ou complementos. No PE esta construção ficou limitada aos contextos de Focalização como em (4):

(4) Isso lhe digo eu.

(ii) a ênclise obrigatória nas construções (1) teria evoluído das construções denominadas na literatura Deslocamento à Esquerda Clítica (cf. Duarte, 1987) presentes em todo o desenvolvimento do português e ainda encontradas no PE como em (5):

(5) O dinheiro, o José deu-o para mim.

A partir desta reanálise, aparece uma terceira construção que ocorria muito raramente no séc. XVIII e que se torna a Topicalização do PE. Nesta construção a ênclise é obrigatória:

(6) O dinheiro, o José deu-me ontem.

Vários autores, partindo do fato de que na evoluções do português o clítico não aparece em primeira posição, propuseram que em (4) e (5) a ênclise reflete o movimento do V para uma posição funcional mais alta uma vez que os elementos iniciais, entre eles o sujeito, estão em posição deslocada e, portanto, não contam para "salvar" o clítico da primeira posição.

Seguindo Galves (1992, 1993, 1994) vou propor, porém, que ao contrário do que ocorre no séc. XVIII, a ênclise do PE em (1), (5) e (6) evidencia que o sujeito está em posição de especificador. Observa-se que as construções (5) e (6), realmente, instanciam uma ordem V3 em que o sujeito pode ser analisado não como um elemento deslocado, mas como um elemento que ocupa a posição de especificador de uma categoria funcional.

Além disso, proponho que esta análise da ênclise no PE reflete a presença de uma categoria funcional projetada entre CP e IP e que denomino AGR1 emprestando a denominação dada por Cardinaletti & Roberts (1991). Esta categoria teria, no PE, traços-V e traços-N fortes que denotariam o movimento obrigatório do V e do clítico para AGR1 e permitiriam o assinalamento nominativo ao sujeito pré-verbal em seu especificador. No séc. XVIII, porém, AGR1 não teria, como procurarei demonstrar, esta mesma natureza. Isto explicaria porque outros elementos que não o sujeito pudessem ocupar a sua posição de especificador e que a próclise com sujeito referencial fosse possível. A mudança na natureza desta categoria funcional é que teria levado à mudança paramétrica na colocação dos pronomes clíticos e à perda da ordem XVS ou ordem V2 a partir da primeira metade do séc. XIX.

### NEGRÃO, Esmeralda Vailati & MÜLLER, Ana Lúcia (USP). *As mudanças no sistema pronominal do português brasileiro: substituição ou especialização de forma?*

Dentro da Teoria Gerativa, a discussão sobre os princípios que regem o licenciamento e a identificação das categorias vazias nas línguas naturais tem girado em torno da conceituação do que seriam padrões de concordância *ricos, uniformes, fortes*. Um "AGR uniforme", tal como postulam Jaeggli & Safir (1989), seria a propriedade central responsável pelo licenciamento da categoria vazia pronominal caracterizadora das línguas que integram o parâmetro conhecido como Parâmetro do Sujeito Nulo.

Nessa discussão inserem-se os trabalhos sobre o português do Brasil que, apesar de estar incluído nesse parâmetro, parece estar dele se afastando na medida em que seu paradigma de flexão vem sofrendo modificações, reconhecidas por esses trabalhos como, principalmente, um enfraquecimento das marcas flexionais de pessoa.

Nesta comunicação pretendemos, a partir da análise de dados de língua oral do português brasileiro, dialogar com esses trabalhos, oferecendo uma reinterpretação dos fatos que aponta para uma reorganização do sistema pronominal e anafórico do PB em termos de especialização e não em termos de substituição de formas, o que traz

conseqüências para a hipótese do enfraquecimento da concordância enquanto responsável por mudanças nos padrões de distribuição e interpretação dessas categorias.

### POERSCH, José Marcelino (PUCRS). *Sintaxe funcional: taxionomia dos dispositivos coesivos*.

Entendemos o texto como uma unidade comunicativa obtida através de uma integração real entre elementos sintáticos, semânticos e pragmáticos responsáveis pela textura. Para que um texto seja reconhecido como tal, de manter uma continuidade de sentido, o que vem a ser coerência. Embora reconheçamos que a coerência do texto também se relacione com aspectos extra-textuais, enfatizamos o papel da coesão como recurso revelador da coerência. A coesão está ligada aos meios linguísticos pelos quais se alcança a textura. Por coesão entendemos os nexos que estabelecem entre os elementos que constituem a superfície textual. Os dispositivos de coesão constituem pistas que o falante/escritor coloca no texto para orientar o possível ouvinte/leitor na construção da coerência do mesmo. Assim, os recursos coesivos assumem papel importante na compreensão e são conceituados relacionamente constituindo um conjunto de índices linguísticos que funcionam como elos semânticos entre unidades linguísticas lexicais que se localizam além das fronteiras da frase e do parágrafo.

Para a taxionomia a ser apresentada nesta comunicação, partimos do princípio de que coesão é um conceito relacional; nenhum elemento é coesivo "per se". Somente será coesivo na medida em que estiver ligado a outro formando com este uma unidade. O que interessa é o tipo de ligação estabelecida que tanto pode ser à distância e em contigüidade, direta ou indireta, gramatical ou lexical.

Enquanto diversos autores afirmam que a coesão se reduz à dualidade, neste estudo, além de considerar as duas estruturas relacionadas A e B, acrescentamos o elemento x, responsável por determinado tipo de ligação. O elemento não é necessariamente uma ponte que estabelece o vínculo entre A e B, mas o mecanismo que permite fazê-lo, atuando direta ou indiretamente sobre A e B e fazendo com que A fique ligado a B. Fiel a esse critério, distinguimos três grandes tipos de ligação, cada qual com subdivisões:

- Ligação conectora (por conexão lógica ou por seqüenciação);
- Ligação remissiva (por evocação, por retomada ou por associação);
- Ligação indicadora (por recuperação ou por definitivização).

### SARMENTO, Manoel Soares (UESB). *Elementos para uma definição de elipse nominal em língua portuguesa: uma abordagem sistêmico-funcional*.

A partir de resultados de uma tese de doutoramento, faço uma discussão a respeito de elipse nominal nas gramáticas normativas, na teoria gerativa e na teoria sistêmico-funcional de M.A.K. Halliday, a fim de propor elementos para uma definição desse fenômeno linguístico. Apresento a definição básica de elipse nominal baseada no modelo de teoria sistêmico-funcional, cujos principais resultados são: a) Elipse deve ser descrita em termos de elipse-construção (E-c, o todo do sistema) e Elipse-elemento (E-e, uma das principais partes do sistema). A construção implica uma interrelação entre E-e e o referente (R), interrelação que é pressuposicional. b) O sistema global é composto pelos seguintes subsistemas principais: Instrutores de Busca de Núcleo do Referente, Núcleo do Referente Exofórico, Núcleo do Referente Endofórico, Ancoradouro do Núcleo de E-e, Mantenedor Zero de Referente, Instrutores Pleno de Busca de Núcleo de Elipse-e, Instrutores Zero de Busca do Núcleo de Elipse-e e Elipse-elemento. c) Elipse é um fenômeno de redução do enunciado, não sendo, porém, vazio; d) Elipse-e é realizado por um léxico-zero; e) Elips

mantém um referente zero no caso das endóforas e apresenta o referente no caso das exóforas. Essas propriedades são depreensíveis a partir de uma base teórica formada por sete noções básicas, a saber: a) a tensão entre o sistema e o funcionamento; b) as opções codificadas no sistema e mapeadas para a estrutura; c) o fenômeno de redução; d) o centramento na semântica que é realizada na lexicogramática; e) o texto que é formado de frases, que se constrói com base num dado contexto de situação; f) o fenômeno da recuperabilidade; g) a categoria do nome.

#### SARMENTO, Manoel Soares (UESB). *Por uma classe lexical zero.*

Embasado na teoria sistêmico-funcional de M. A. K. Halliday, proponho uma classe lexical zero (CLZ), ou parasita, que deve ser tratada juntamente com as outras classes lexicais. As propriedades básicas de CLZ são: a) realizam-se nas elipses como elemento; b) são de base cognitiva; c) não podem ser mensuradas mecanicamente.

#### VITRAL, Lorenzo (UFMG). *Estrutura VS e concordância verbal: uma perspectiva minimalista.*

Vários trabalhos recentes em Gramática Gerativa têm desenvolvido a hipótese segundo a qual os morfemas flexionais que aparecem junto ao verbo são categorias sintáticas autônomas num nível abstrato e que a concordância é um fenômeno de natureza sintática (ver, entre outros, Pollock (1989), Chomsky (1988), (1992).

Esses trabalhos tornaram possível a formulação da seguinte pergunta (ver Rouveret (1991):

(1) A concordância implica, em todas as suas manifestações, a existência de uma configuração estrutural única? Qual seria essa configuração?

A resposta de Chomsky (1988), (1992) é a seguinte: a concordância implica a realização de uma configuração estrutural em que os morfemas de número e de pessoa (e de gênero) definem uma categoria AGR ("agreement") e o elemento que deflagra a concordância transita (ou se aloca) pela posição de especificador da categoria AGRP ("agreement phrase").

As construções portuguesas que dispõem de sujeito posposto trazem problemas à hipótese de Chomsky. Em frases como a seguinte:

(2) Viajaram cinco crianças ontem.

A categoria nominal que aparece posposta é gerada na posição de especificador de VP ou é, segundo Nascimento (1984), inserida diretamente na posição do objeto direto. A questão se coloca, então, de saber como se obtém a ordem superficial que aparece em (2).

Examinando as possibilidades de compromisso entre os dados do português e a hipótese de Chomsky, chegou-se à conclusão que o quadro minimalista (Chomsky (1992), que adota a posição lexicalista no que concerne à inserção dos morfemas flexionais e trata a concordância como um processo de checagem de traços podendo ter lugar no nível PF ou no nível LF, permite o tratamento do fenômeno da concordância nas estruturas VS do português como um processo sintático que coloca em ação uma relação do tipo especificador-núcleo.

Considerou-se, então, após um exame do efeito de "definitude" (Reulan & ter Meulen (1987), que em frases como (2), a checagem associada à concordância pode ser feita no nível LF.

#### (\*\*\*\*). *A compreensão da anáfora objeto em português brasileiro.*

Esta comunicação examina a compreensão da categoria vazia e do pronome lexical de terceira pessoa em posição de objeto no português do Brasil (PB). Os resultados de dois experimentos psicolinguísticos demonstram que o processamento da categoria vazia e o pronome lexical em PB é consistente com a idéia central da Condição dos Pronomes Abertos (*Overt Pronoun Constraint-OPC*) proposto por Montalbetti (84), segundo o qual nas línguas que permitem a alternativa da categoria vazia, esta especializa-se pela interpretação vinculada, ficando o pronome aberto restrito à interpretação correferencial.

O experimento 1 compara o processamento do pronome lexical e da categoria vazia em posição de objeto em estruturas em que esses elementos anafóricos são vinculados a partir de posição argumental (sujeito) e a partir de posição não-argumental (tópico). Baseado na teoria da reativação psicolinguística, o estudo usou uma técnica de reconhecimento dos antecedentes anafóricos em que as frases foram apresentadas auditivamente aos informantes e o tempo de reconhecimento visual dos antecedentes foi medido em milésimos de segundos. Os resultados de 48 falantes nativos de PB indicaram a reativação do antecedente somente nos casos das categorias vazias vinculadas por tópicos e dos pronomes lexicais vinculados por sujeitos, enquanto que nenhuma reativação significativa foi registrada para os antecedentes sujeitos das categorias vazias ou para os antecedentes em posição de tópico do pronome lexical. No experimento 2, a diferença entre as interpretações correferenciais e vinculadas do pronome lexical e da categoria vazia em posição de objeto é investigada através da comparação das interpretações estrita e não-estrita (*sloppy*) desses elementos. Os resultados de 20 informantes em um teste de julgamento imediato de gramaticalidade demonstram uma preferência pela interpretação estrita do pronome lexical, enquanto que a categoria vazia é também capaz de elicitar a interpretação não-estrita.

A partir desses resultados experimentais, propõe-se a classificação do objeto nulo vinculado por tópico em BP como um epíteto nulo. Os resultados dos experimentos são relevantes também para diversos tópicos de interesse da Psicolinguística: a realidade psicológica das categorias vazias, o papel das estruturas gramaticais na teoria da reativação, a estratégia do antecedente mais recente, o efeito do tópico discursivo na resolução da referência e o acesso imediato do mecanismo de processamento de frases à informação sobre a estrutura argumental dos predicados.

### SEÇÃO 03 - SEMÂNTICA

#### ABREU, Antônio Suárez (USP/PUCCAMP). *Funcionalidade textual das redes argumentais nominais.*

Tem este trabalho o propósito de discutir dois aspectos ligados aos chamados nomes com marcação teta (cf. Grimshaw, 1990, 45:105). O primeiro deles se refere às semelhanças e diferenças entre as redes argumentais de verbos e adjetivos e as de substantivos abstratos. O segundo se refere a um assunto tratado por Bach (1989, 69:83) em um capítulo intitulado "Kinds of Things", em que o autor discute, dentro da teoria de Montague, diferenças entre **individuais** e **conceitos individuais**. A nosso ver, é possível a partir de algumas dessas idéias construir uma "escala de prototipicidade" que inclua também os nomes abstratos, em diferentes situações textuais. Isso nos levaria, por exemplo, a entender os motivos pelos quais nomes como **tentativa**, **preocupação**, **construção**, às vezes exigem a



presença de argumentos e às vezes não. Mais ainda, esse estudo nos levará a entender a importância do funcionamento desses nomes não-prototípicos nos esquemas gerais da coesão do texto.

**BENTZ, Ione M.G. (UFRGS/UNISINOS).** *O gênero na Semiótica.*

O trabalho "O gênero na Semiótica", a partir da concepção de que o código é condição necessária e suficiente para a subsistência do signo, detém-se sobre a questão do gênero na Semiótica. Compreendido como uma entidade mais sócio-histórica do que formal, o gênero é uma das noções fundamentais da translingüística, uma vez que se configura como uma forma estável, não-individual, do discurso.

A compreensão de gênero como elemento de mediação atua como um sistema modalizante na estruturação do significado. Assim sendo, propõe-se que o gênero organize-se como um código, enquanto princípio de correspondências, de equações metalingüísticas. Para melhor compreender tal formulação, é necessário estabelecer diferenças entre o que se classificará como código "lato sensu" e código "stricto sensu".

Ao lado dos sistemas de significação ou "linguagens", elas próprias sistemas de comunicação, portanto convencionados, atuará um sistema paralelo que poderia, no esquema glossemático, incluir-se no plano da Norma. Um novo desdobramento daí decorre: a necessidade de estabelecer diferenças entre sub-sistemas de "linguagens" (Norma, em oposição a sistemas-esquema) e formas estereotipadas.

Tais formulações teóricas interessam particularmente a uma semiótica de fundamento comunicacional que relevará os enunciados em sua estrutura e circulação, possibilitando considerar pertinentes contextos organizados de mediação, bem como conjuntos de variáveis, reunidas sob o rótulo de circunstâncias da comunicação, que circundam os agentes do processo, além de considerar o papel das mediações tecnológicas.

**BORDAS, Miguel Angel García (UFBA).** *Alguns problemas de aquisição dos significados: a discussão das teorias das referências vs. denotação vs. sentido.*

O interesse pela aquisição da linguagem leva a questões de diversas ordens. Os modos de dizer, as modalidades veridativas, as tipologias do discurso, as teorias da aprendizagem são temas que entram no âmbito de uma função referencial, pouco esclarecida até agora. Nas gramáticas aparece muitas vezes como uma questão de **termos abstratos ou concretos**, dentro de uma abordagem que pressupõe um universo semântico definido, lexicalmente configurado, uma gramática mais ou menos perfeita e uma enciclopédia também supostamente delimitada. Isso tem a ver, no nosso entender, com o sonho de uma língua e uma gramática perfeitas de Dante, Raimundo Lullio, Leibniz e outros que até desenvolveram tentativas de línguas universais como o esperanto (Lico: *La ricerca della lingua perfetta*, 1993).

A questão das relações da linguagem e a realidade torna-se ainda mais complexa dada a dificuldade de estabelecer limites entre objetos reais, os objetos imaginários e o que vem sendo considerado como objetos virtuais, a chamada "realidade virtual", que abre e quebra, ao mesmo tempo, posturas simplistas com relação à *teoria dos objetos*.

Urge, pois, discutir e tentar avançar mais um pouco sobre as questões da natureza e funções da referência e entender como se descobre o sentido e como se desenvolvem os processos de denotação e referência e a que níveis. Nesta comunicação discutiremos o papel dos processos de "indicação" como elemento de trabalho para melhor entender e operacionalizar a passagem de enunciados abstratos para concretos e viceversa. O *processo de indicação* nos parece um elemento concreto, uma ação pragmática que pode operar essa passagem concreta, de um enunciado

imediate, de um aqui e agora - *de uma instância discursiva concreta, na sua singularização, particularização* para enunciados universais e abstratos e viceversa

Desta forma podemos entender o *movimento da expressão da indicação* dos enunciados - os procedimentos de "apontar para", "tentar mostrar", "designar", "denotar", "mencionar", "aludir", "evocar" - como um experiência concreta de algo enunciado, uma instância discursiva de um sujeito, de um "aqui" e um "agora" que pode representar muitos outros "aquis" e "agoras" universais, que vemos assim como *universais lingüísticos*, medida em que representavam uma multiplicidade de "aquis" e "agoras".

Nesta perspectiva de compreensão dos universais lingüísticos, podemos aproximar-nos de uma forma de entendimento operativo, pragmático, de como se organiza o "lexicon", de acordo com níveis de complexidade e alguns dos seus problemas de aquisição. Por outro lado, podemos também, nesta ótica, começar a discutir quais elementos necessários para uma teoria da referência, da denotação e do sentido (Lyons, 1977) de forma concreta útil, sem recorrer a outras instâncias subjacentes, tradicionalmente consideradas.

**CAMACHO, Roberto Gomes (UNESP-S.J. do Rio Preto).** *A natureza sintática da contabilidade nominal.*

Lexemas como **carro** e **água** distinguem-se inequivocamente entre si, quanto à subcategorização nominal contável e não-contável, mas certas propriedades específicas, de natureza morfossintática e discursiva, contextualizam na, subvertendo, de um modo muito peculiar, o significado lexical típico. São essas propriedades que sinalizam uma interpretação aceitável e não contraditória para uma sentença, como **E justamente porque gosto dos carneiros que não como carneiro**.

Essas propriedades que fornecem pistas para essa interpretação inequívoca justificam a análise de subcategorização nominal e, sobretudo, a exigência teórico-metodológica de determinar o âmbito gramatical em que a contabilidade de fato se resolve. Considere-se, além disso, que a estrutura gramatical pode ser, ao menos parcialmente determinada por distinções semânticas que representam, por sua vez, um tipo relevante para a definição das partes do discurso e de suas classes de expressão. Não se descartam, então, que as distinções semânticas relevantes seja determinadas por algum tipo de distinção ontológica, independente da estrutura das línguas particulares. As classes de expressão, entretanto, variam, na medida em que variam as distinções semânticas relevantes e um dos aspectos em que as línguas variam é, particularmente, no modo como gramaticalizam a distinção entre nomes próprios comuns, por um lado, e entre contáveis e não-contáveis, por outro.

Este é, por conseguinte, um estudo das possibilidades gramaticais da subcategorização contável e não contável dos nomes que se inicia por uma tentativa de definição semântica, no nível do significado lexical e encerra, concluindo que essa subcategoria se caracteriza por não se esgotar no nível lexical, mas por apresentar correspondências entre a base cognitiva, ontológica e o nível do significado relacional, em virtude da organização morfossintática e discursiva.

**JOHNEN, Thomas (Universidade de Bonn-Alemanha).** *Af como partícula modal do português.*

Na interação verbal cotidiana é com frequência que se produzem enunciados como p.ex.: (1) Senta af, como invitação de sentar-se ou em outros contextos se produzem enunciados como (2) Deixa af que eu faço depois.



(3) Espera aí, já vamos falar.

Nestes enunciados *aí* não tem a função de advérbio de lugar, que a gramática tradicional lhe atribui, mas uma função apelativa do locutor para com o alocutário, modificando aquela do imperativo.

A comunicação pretenderá analisar estes usos de *aí* como contribuição ao estudo das partículas modais do português, partindo no quadro teórico dos resultados do estudo fundamental de Antônio Franco (1991) e dos diversos estudos de Jürgen Schmidt-Radefeldt que, porém, ainda não consideram *aí* sob este aspecto.

#### LONGO, Beatriz Nunes de Oliveira (UNESP). *Os tempos verbais no discurso indireto.*

Neste artigo, toma-se como ponto de partida o sistema de definições temporais de Reichenbach, que se baseia numa combinação de três momentos - o da fala (MF), o do evento (ME) e o de referência (MR) -, numa tentativa de explicar que as alterações sofridas pelos tempos verbais na passagem do discurso direto para o indireto não são devidas a um desvio do centro dêitico; antes, refletem uma mudança na perspectiva transmitida pelo falante ao seu interlocutor.

A análise de sentenças com o verbo introdutor de discurso indireto no passado evidenciou que sempre que MF e MR são simultâneos na oração em discurso direto, ocorre um desvio do MR na passagem para o discurso indireto. Se, por outro lado, MR e MF não são simultâneos, não há alterações.

No caso das sentenças introduzidas por verbo no futuro, o deslocamento do MR não tem efeitos significativos sobre os tempos das orações em discurso direto, portanto tal desvio não implica alterações nas formas verbais.

#### MARTINS, Ronaldo Teixeira (UNICAMP). *Aspecto e cognição.*

A categoria lingüística de ASPECTO, tradicionalmente definida como referência ou não à temporalidade interna de uma determinada situação verbal, também pode ser designada, expurgadas as noções falaciosamente aspectuais (ASPECTO ≠ AKTIONSART), como perspectivização do discurso para sua organização em termos de figura e fundo situacionais (aspectos perfectivo e imperfectivo, respectivamente).

De fato, abonada a hipótese da existência de uma homologia (ou de uma isotopia) entre processos lingüísticos e processos cognitivos, entre funções lingüísticas e funções cognitivas, é lícito crer que os mesmos (ou equivalentes) mecanismos responsáveis pela organização perceptual sejam também pertinentes à organização do discurso.

O discurso, então, preservaria a topologia cognitiva da percepção humana, organizando-se sob os mesmos princípios; e estabelecer-se-ia, assim, inequívoca equivalência entre a função cognitiva da perspectivização ("foregrounding") e a função lingüística da aspectualização, caracterizadas, ambas, pela eleição, num determinado contexto, de um fato ou argumento (escalarmente) mais pertinente às intenções perceptuais ou comunicativas do sujeito apreendedor, que, portanto, o sobrelevaria ou perfectivizaria, destacando-o.

#### MEYER, Rosa Marina de Brito (PUC-RJ). *A complementação semântica da nominalização deadjetival e a conceituação de complemento nominal.*

A análise da estrutura semântica e do comportamento sintático dos complementos dos substantivos derivados de verbos, as nominalizações deverbais, permitiu que apresentássemos, em Meyer R.M. de B. (1991) *A complementação semântica da forma nominalizada deverbal sufixal e a conceituação do complemento nomi-*

*nal*. Tese de Doutorado, PUC-Rio, uma nova conceituação para o elemento sintático que a tradição gramatical chama complemento nominal. Propusemos, nesse trabalho, a classificação de todo elemento preposicionado que, seguindo uma nominalização deverbal sufixal, corresponda a um dos argumentos de sua estrutura predicacional, como complemento nominal.

A seqüência a este trabalho vem-se desenvolvendo agora em torno dos substantivos derivados de adjetivos, as nominalizações deadjetivais. A partir de uma abordagem funcionalista de base pragmática, analisou-se em primeiro lugar a controvertida questão do valor predicador dos adjetivos. Sua constatação permite, então que se discutam:

a. se, como a nominalização deverbal, a nominalização deadjetival pode exercer a função enunciativa de predicador, além da função de argumento, em uma predicação;

b. se, como a nominalização deverbal, a nominalização deadjetival apresenta padrão semântico idêntico ao da sua base;

c. se, como a nominalização deverbal, a nominalização deadjetival apresenta grande variação de estruturas predicacionais possíveis;

d. se, como na estrutura da nominalização deverbal, o comportamento sintático dos complementos da nominalização deadjetival mantém relação constante com a sua estrutura semântica; e, por fim,

e. se o conceito de complemento nominal proposto em Meyer (1991) para a complementação da nominalização deverbal aplica-se à complementação da nominalização deadjetival.

A análise desenvolvida, embora ainda não concluída, permite já propormos que a maioria das questões acima apresentadas tem resposta positiva, ou seja, a nominalização deadjetival parece manter comportamento semântico-sintático idêntico ao da nominalização deverbal. Esta constatação permitirá, então, uma aplicação mais ampla do conceito de complemento nominal acima referido, na busca de uma nova conceituação deste termo sintático que possa ser atribuída a todos os tipos de substantivo da língua portuguesa.

#### OLIVEIRA, Fátima (Universidade do Porto-Portugal). *Tempo e aspecto: algumas questões.*

Uma das questões cruciais na análise das línguas naturais reside na descrição dos meios que uma língua põe ao dispor dos falantes para processar informação temporal e também dos mecanismos que dão conta da estrutura interna das "eventualidades" (Bach 86), pois a sua articulação é complexa e dá origem a diferentes efeitos semânticos.

A teoria das representações discursivas (Kamp e Reyle 93) fornece um quadro teórico em que se pode tratar a informação temporal lingüística. Nesta teoria, a interpretação de frases e de textos é construída na forma de estruturas abstractas (DRS) e quando uma nova frase é analisada, a sua DRS é incorporada na que já foi previamente construída.

Desta forma, esta teoria pode não só analisar questões de Tempo e Aspecto na frase, como também no texto. No entanto, é discutível até que ponto uma semântica de eventos como a da teoria em causa pode contribuir para uma análise mais pormenorizada do Aspecto nas frases (Verkuyl 93).

Assim, numa primeira parte serão analisadas algumas questões de Tempo e Aspecto em frases, tendo em conta a interacção entre a informação temporal e atemporal dada pelos constituintes do sintagma verbal, por exemplo, o tipo de quantificação dos argumentos internos do verbo ou o tipo de nome envolvido (contável/não contável). A título exemplificativo: escrever uma carta / escrever cartas: correr / correr a maratona / correr para estação; tocar música / tocar uma sonata.

Numa segunda parte serão abordadas algumas questões de anáfora temporal com especial incidência nos tempos do passado, e tendo em conta a distinção entre referentes temporais e referentes de estado ou de evento.

**OVIDEO, Alejandro (Universidad de Los Andes - Venezuela). *Las funciones semánticas nominales en la lengua de señas venezolana.***

Como se codifican las funciones semánticas de los nombres en la oración (los "casos" tradicionales) es la base de todo tratado de sintaxis de una lengua. Este trabajo describe los recursos con los que la lengua de señas venezolana (LSV) define esas funciones:

- a) Orden de los nombres en relación con el verbo. En la LSV el orden SVO es el no marcado.
- b) Dirección del movimiento. La LSV abunda en verbos polisintéticos, que informan en sí mismos, según la dirección del movimiento, sobre acción, agente y objeto.
- c) Señas no manuales. En las lenguas de señas, la actividad no manual (movimientos de cuerpo, cabeza y cara) puede equiparse a la actividad suprasegmental en las lenguas orales. En ciertos contextos, los casos son definidos por señas no manuales.
- d) Relación semántica establecida entre los nombres participantes.

Nuestro trabajo se inscribe dentro de los presupuestos teóricos de la sintaxis tipológica (Givón 1984 y 1989) y en la línea para la descripción de las lenguas de señas del grupo de la Universidad de Gallaudet (Liddell 1980 y 1991).

**SCHINELO, Rosimar de Fátima (Universidade Federal de Uberlândia). *Definições.***

O que é sol? Você já parou alguma vez para tentar definir tal palavra? E casa, mãe, sapato, saudade, luz, rio, escola, etc. Já lhe passou "pela cabeça" que todos esses vocábulos podem ser definidos?

Há várias maneiras de se definir uma palavra. Ela pode ser definida pela função, pelo seu gênero próximo ou por suas diferenças específicas, por sinonímias ou antonímias, além de outras possibilidades.

E o que faz cada indivíduo quando precisa definir uma palavra? De que forma ele a define? Será que sabe definir aquilo que pronuncia? Será que embutido nessas definições existem visões de mundo?

E o analfabeto? Até que ponto ele consegue traduzir em palavras as palavras que usa? Será que tem consciência da subjetividade da língua?

Foram dessas questões que nasceu esse trabalho.

Seu objetivo: verificar como se dá o processo de definição em pessoas não alfabetizadas e falantes da norma popular e em pessoas consideradas falantes da norma culta.

**VASCONCELLOS, Zinda (UFF). *Fenômenos semânticos no modelo da linguagem.***

A comunicação proposta representa uma tentativa de articulação e conciliação de duas linhas de questões que venho explorando, seja em minha tese de doutoramento, em elaboração, seja em outros trabalhos apresentados em encontros diversos.

A primeira linha, desenvolvida especialmente na tese, trata da dificuldade de concepções semânticas formais e instrumentos teóricos disponíveis darem conta do fenômeno de expansão de sentido dos itens lexicais. Já a segunda consiste numa reflexão teórica sobre a obra de Jackendoff, um dos linguistas que se vem dedicando à questão da integração das representações semânticas no modelo da linguagem, e sobre o artigo "A Minimalist Program for Linguistic Theory", de Chomsky, que apresenta a última versão da gramática gerativa.

Onde as duas linhas se articulam é no fato de que a dificuldade acima referida pode levar ao questionamento da própria existência, dentro de um modelo formal da linguagem, de um componente que mereça plenamente o nome de semântico. Certos aspectos das concepções de Jackendoff, no entanto, abrem uma possibilidade e solução para os problemas apontados, a qual, embora não ortodoxa, é compatível com o espírito da teoria gerativa da gramática no quadro do programa minimalista.

Da confluência dessas duas linhas resulta uma proposta quanto aos limites do lugar de fatos semânticos no modelo da linguagem e quanto à contribuição relativa que o léxico (e através dele o sistema conceitual), a estrutura sintática e os sistemas de desempenho teriam na produção do sentido.

**VASCONCELOS, Zinda (UFF). *Ramificações de sentido no verbo passar: o que revelam sobre o significado lexical.***

A comunicação proposta, que utiliza conceitos teóricos da Linguística Cognitiva, é parte de um projeto maior, que vem sendo realizado na minha tese de doutoramento, em curso, que toma por objeto o fenômeno da expansão de sentido dos itens lexicais porque acredita que ele se presta especialmente para lançar luz sobre o modo como a linguagem natural constrói significações, colocando em xeque muitas concepções sobre significado lexical existentes na literatura a respeito.

A comunicação em si se centra na descrição de 92 acepções espaciais do verbo passar, classificando-as e focalizando as diferentes relações de sentido que há entre elas que imprimem uma organização no espaço semântico passível de ser expresso por este verbo.

A partir dessa descrição, procura caracterizar em termos cognitivos o significado de passar, mostrando-o como uma categoria radial e iluminando o papel que esquemas de imagens, transformações de esquemas de imagens e imagens de nível básico desempenham nesse significado.

Parte do interesse da comunicação reside na análise do tipo de continuidade existente entre as acepções, o que constitui um resultado diferente dos encontrados em outras análises de categorias radiais da literatura da Linguística Cognitiva, e pode lançar uma luz diferente sobre esse tipo de organização cognitiva.

**ZANOTTO, Mara Sophia. *Expansão da metafóricidade e crítica à literalidade.***

Numa visão idealizada e simplificada do mundo e da linguagem se sustentou a dicotomia literal-metafórico. No entanto, nos últimos 20 anos, está em processo uma ruptura com o passado, pondo em cheque a visão dicotômica da realidade. Assim as dicotomias estão sendo questionadas e repensadas: subjetividade X objetividade, literal X metafórico, etc.

Em relação à metáfora, está ocorrendo um processo de revalorização e reconceptualização, pelo qual ela deixou de ser apenas uma figura de linguagem e um simples ornamento, para ser uma questão cognitiva de pensamento e ação (Lakoff, & Johnson, 1980; Lakoff, 1987; Lakoff & Turner, 1989), assim como deixou de ser uma questão de linguagens especiais, como a poética e a persuasiva, para ser considerada inerente à linguagem ordinária.



Dascal (1992) observou que, concomitante ao processo de redescoberta e revalorização da metáfora - denominada pelo autor de "expansão da metaforicidade" - ocorreu a crítica e desvalorização da literalidade. Entre os psicólogos cognitivos há inúmeras discussões sobre a realidade psicológica do literal (Gibbs, 1984, 1989; Glucksberg, Gildea e Bookin, 1982, etc), a partir de dados empíricos.

Entre os linguistas, Lakoff & Johnson (1980) nos mostram que há um rico sistema de metáfora convencional, que nos leva a pôr contra a parede esta noção sagrada - a do literal, perguntando qual a sua verdadeira identidade.

Assim o objetivo deste trabalho é discutir a problemática do literal frente aos "insights" dos pesquisadores em relação à metáfora nos últimos 20 anos.

## SEÇÃO 04 - INTERAÇÃO VERBAL

ALVES, Virgínia Colares Soares Figueirêdo (UNICAP). *Tessitura textual e construção da argumentação em depoimentos judiciais.*

A comunicação pretende tratar a questão de uma das transformações processadas na passagem do oral para o escrito na tomada de depoimento (TD), na Justiça.

O objetivo do trabalho foi mostrar que a inserção, pelo juiz, de conectivos (que, por que, por isso, etc...) realiza operações argumentativas que não estavam presentes na fala do depoente.

Foram analisadas dez horas de gravação em audiência de instrução e julgamento, transcritas a partir de um modelo da análise da conversação.

O evento TD caracteriza-se como um tipo peculiar de inquérito no qual as perguntas do juiz são omitidas no documento da audiência. A complexidade interativa na construção do texto-documento manifesta-se na alternância de parceria do juiz; na mudança da modalidade discursiva: diálogo/monólogo; no código da mensagem: oral/escrito; na natureza dos enunciados produzidos: perguntas, respostas, comentários, relatos.

Um dos resultados da pesquisa foi a observação de que, na passagem do texto-depoimento para o texto-documento, o conjunto de conteúdos da produção da fala do depoente, disposto sucessivamente (em resposta às perguntas do juiz) sem pré-determinação de relações coesivas, é apresentado no texto-documento com inserção de conectivos que realizam operações argumentativas.

A organização da argumentação foi tratada do ponto de vista da descrição semântica proposta por Ducrot e Anscombre (1978:229-261). Nessa perspectiva, não existe, para cada enunciação, a "verdadeira" interpretação com apenas um valor semântico. O contexto enunciativo possibilita mecanismos interpretativos e define a instância das variáveis possíveis de valor semântico dos enunciados (significação).

A análise, no nível dos conteúdos, evidencia conteúdos que são relações entre outros conteúdos e requer a noção de argumentação que fundamenta a relação "ser argumento em favor de", que determina a direção para a qual o texto conduz (orientação argumentativa). Pode-se concluir que o texto-documento nem sempre corresponde ao texto-depoimento.

ANDRADE, M<sup>a</sup> Lúcia da Cunha Victório de Oliveira & AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de (USP). *Aspectos interacionais e seqüenciação tópica na conversação.*

O texto falado apresenta características organizacionais específicas e seu estudo permite observar a complexidade de seu processo de produção. Nesse processo devem ser considerados o seu modo de organização, as estratégias e as marcas próprias da atividade conversacional.

O objetivo principal deste trabalho é apresentar alguns dos elementos interacionais que articulam a organização do tópico discursivo e os diferentes encaminhamentos na estrutura da conversação decorrentes da colaboração entre os interlocutores. Para uma análise do texto falado, tomaremos o tópico discursivo como um de seus principais organizadores, cuja seqüenciação permite que se instaure a coerência.

Parece imprescindível elaborar um modelo de organização da estrutura conversacional a partir da interação entre os falantes, visto que estes realizam suas contribuições geralmente baseados numa concatenação pressuposicional ordenada e não aleatória. Em outras palavras, há um padrão de organização seqüencial dos turnos na interação e um de seus recursos se configura através da noção que cada falante tem de seu papel ou "status" na interação.

BARROS, Kazuo Saito Monteiro de (UFPE). *Subvertendo os papéis: estratégias conversacionais de alunos na interação em sala de aula.*

As interações entre professor e aluno em sala de aula têm sido insistentemente descritas como assimétricas, no sentido de que envolvem dois grupos de indivíduos diferentemente distribuídos numa hierarquia institucionalizada. No estudo de contextos dialógicos desse tipo, é consensual partir-se do pressuposto de que os padrões linguísticos refletem e ratificam a assimetria social existente entre os interagentes. Assim, o intercâmbio triádico iniciativa (geralmente uma pergunta) - resposta - *follow up*, visto como unidade lípica da interação em sala de aula, é interpretado como causa e consequência do papel privilegiado de uma das partes. O professor inicia porque tem o controle da interação e, ao fazê-lo, confirma esse controle, restringindo o aluno à atividade secundária de fornecer as respostas.

Também o sistema que descreve as regras de troca de turnos em sala de aula (McHoul, 1978) não prevê a possibilidade do aluno se auto-selecionar ou selecionar outro, ficando a distribuição dos turnos como exclusiva do professor. Nessa perspectiva, portanto, a assimetria social se equivale a controle linguístico.

Se, por um lado, muitos têm interpretado a ocorrência de dadas estruturas linguísticas como decorrentes da desigualdade de poder entre as pessoas numa conversação, pouco se tem estudado como os interagentes de menor *status* tentam subverter a situação de desvantagem. É nesse sentido que esse trabalho se insere. Embora não negue que exista uma relação assimétrica na interação em sala de aula, tento demonstrar que essa assimetria não garante ao professor o controle total da interação. As aulas não são vistas aqui como unidades monolíticas e ritualizadas, mas como rotinas negociadas, compostas de várias macro-seções. A partir da análise de materiais empíricos coletados em escolas de primeiro e segundo graus, em Recife e no Rio de Janeiro, procuro evidenciar algumas das estratégias que o aluno utiliza como forma de participação mais efetiva no discurso central, conseguindo, assim, maior controle sobre a interação.



CASTRO, Maria Guadalupe de (UFMT/UNICAMP). *Dêixis temporal e espacial no discurso oral dialogado.*

Objetivamos tecer considerações sobre dêixis em geral, mas focalizando as relações produzidas pelos dêixicos no discurso oral dialogado.

Postulamos ser a separação entre dêixis temporal e espacial bastante tênue, assim como entre dêixis temporal e as características subjetivas da linguagem.

A referência dêixica, deste ponto de vista, pode contribuir para o estabelecimento de relações com perspectivas diversas na situação contexto lingüístico.

Para fundamentação teórica, servimo-nos de Bühler (1982); Erlich (1982); Fillmore (1971); Levinson (1983) entre outros.

CHAVES, Gilda Maria Monteiro (UFPA). *As ações topicais na fala urbana culta paraense.*

Este estudo das "Ações Topicais na Fala Culta Urbana Paraense" é um trabalho empírico, analítico e interpretativo que busca a sistematização da organização sequencial da conversa informal. Fazendo uso da indução, partimos da observação de itens particulares para a generalização, procurando abordar as consequências interacionais e inferenciais da escolha entre elocuições alternativas. Foi usada a proposta de Bublitz (1988) sobre as Ações Topicais, que trata da manipulação dos assuntos dentro da conversação e do papel dos falantes num tipo particular da conversação diária, tanto que no se refere às contribuições dos falantes como aos sinais do ouvinte.

Somando a vinculação situacional ao caráter pragmático de toda a atividade lingüística, foi incluída, como preocupação importante, definir as funções cognitivas que estão subjacentes ao comportamento social do indivíduo e que servem de base para as regras que comandam a conversação.

Integrar uma informação a outra é a intenção do falante no propósito de facilitar a sua compreensão. As diferenças individuais entre os falantes e o desconhecimento parcial ou total da situação ou do contexto podem gerar múltiplas interpretações do tópico abordado. A coerência na interpretação de um texto com seus níveis semântico, pragmático, estilístico e sintático merece todo o cuidado do analista já que há todo um processo inferencial através do qual os falantes deduzem as intenções do comunicador que estão implícitas em suas elocuições.

A digressão, que é a suspensão momentânea do assunto em pauta e a conseqüente introdução de um novo tópico movido por um interesse maior, foi a manipulação mais recorrente no corpus. Foi levantada a hipótese de ser este "entre parênteses da fala" uma característica do estilo conversacional típico do paraense.

DIONÍSIO, Ângela Paiva (UFPE). *A argumentatividade em conversas espontâneas.*

Uma das características da linguagem é a sua natureza argumentativa. A produção de um enunciado traz intrinsecamente a intenção do falante de atuar sobre o(s) receptor(es) de tal enunciado. Em determinadas situações, os falantes procuram, propositalmente, persuadir e convencer seus interlocutores, como no caso dos discursos políticos, publicitários, religiosos, entre outros. Comumente, durante uma simples conversa espontânea entre amigos, estamos nós, usuários de uma dada língua, buscando defender nossos pontos de vista, nossos valores, nossas crenças, e, em nossa visão de mundo. Formulamos, portanto, enunciados com força argumentativa.

Este trabalho se propõe a investigar, em um fragmento de conversa espontânea, as atividades de formulação textual, ou seja, os tipos textuais que constroem o discurso argumentativo. Duas questões básicas orientam esta investigação: (a) a que critérios de estruturação discursiva recorrem os falantes ao construir um discurso argumentativo numa conversação? e (b) que tipos textuais apoiam essa estruturação argumentativa?

Das tipologias textuais existentes, farei referência apenas àquelas apresentadas por Werlich e por Virtanen. Para Werlich, dois critérios orientam a elaboração de uma tipologia: (a) os dados contextuais de funcionamento de texto e (b) as estruturas lingüísticas típicas das orações formadoras da base do texto. Com base nesse segundo critério, o autor identifica cinco bases temáticas típicas: (a) base temática descritiva, (b) base temática narrativa, (c) base temática expositiva, (d) base temática argumentativa e (e) base temática instrutiva.

Virtanen, tomando a tipologia de Werlich como um dos referenciais teóricos e analisando produções escritas, distingue tipo de discurso de tipo de texto. Para a autora, o tipo de discurso, relacionado ao propósito do discurso, influencia toda a estratégia do texto. Em decorrência, um tipo de discurso pode não ser realizado através do tipo textual correspondente (por meio de uma narrativa se pode realizar um discurso expositivo, subsidiar uma argumentação, por exemplo). O discurso argumentativo, devido à função persuasiva inerente aos demais discursos, pode realizar-se facilmente através dos diversos tipos de textos, caracterizando-se como o discurso prototípico. Considerando essa heterogeneidade textual existente no discurso argumentativo, destacar-se-á, neste trabalho, o tipo de texto prototípico, ou seja, a narrativa.

ESTRADA, Megan Parry de Castro Duque (UFPA). *"Pois é, né?": marca interativa.*

Diferenças e similaridades na utilização dos marcadores *pois é* e *né* na fala urbana culta paraense. Suas localizações e funções em interações informais face a face.

Este trabalho procura mostrar que os marcadores citados, apesar de possuírem aspectos que se opõem, como a localização na unidade comunicativa e no turno e a fonte de produção, podem apresentar certos aspectos semelhantes no processo interativo.

O *né* é uma expressão que aparece nas elocuições em posição variada, mas demonstra preferência clara para o final de unidade comunicativa, tanto coincidente quanto não coincidente com o final do turno. Diferentemente, o *pois é* aparece em início de unidade comunicativa, quase que invariavelmente em início de turno.

Notamos que em relação à fonte de produção há também uma oposição dos marcadores, pois o *né* é mais utilizado pelo falante e o *pois é* pelo ouvinte. Ambos, entretanto, possuem um posicionamento anafórico e pontuam textos orais, sendo formas nitidamente conversacionais.

A utilização dos marcadores propicia um monitoramento da fala, o que os torna bastante relevantes na organização do discurso. Eles se apresentam como formas dinâmicas capazes de assumir diferentes funções de acordo com o contexto em que estão inseridas. O *né* e o *pois é*, além de possuírem uma função fática, realçam o processo de transferência de informação e têm um papel interessante em relação ao princípio de preservação das faces e à polidez.

FRANÇA, Nilcéia Albuquerque (UEPG). *Marcadores de interação e suas funções em narrativas orais e escritas.*

Meu objetivo, neste trabalho, é levantar os tipos de marcadores de interação em 04 (quatro) níveis de escolaridade, nas duas modalidades de narrativas, orais e escritas, procedendo à análise das funções de alguns

marcadores mais recorrentes nos textos orais e nos textos escritos, dentre eles, *e, daí, então, mas* e outros. O *corpus* para análise compõe-se de 32 narrativas, 16 orais e 16 escritas, distribuídas nas 2<sup>as</sup>, 5<sup>as</sup> e 8<sup>as</sup> séries do 1<sup>o</sup> grau e nas 3<sup>as</sup> séries do 2<sup>o</sup> grau, produzidas por alunos de um colégio estadual de Ponta Grossa, Paraná. Tem-se, como hipótese de trabalho: 1) Os alunos utilizam, nos seus textos escritos, maior número de marcadores com múltiplas funções, do que nos textos orais. 2) À proporção que sobe o nível de idade-escolaridade, os alunos vão empregando, com maior propriedade, em seus escritos, maior número de marcadores de interação.

**GABBIANI, Beatriz** (Universidad de la Republica Uruguay). *Algunas estrategias de control de maestras de primaria.*

Las maestras pueden ejercer (y ejercen) el control en el aula. Este control tiene dos caras y se pasa en una doble asimetría. Por un lado, la asimetría propia del acto pedagógico: las maestras tienen un mayor conocimiento y además saben lo que pretenden alcanzar. Esta asimetría tiene como consecuencia que las maestras controlen los contenidos e incluso a veces las formas (lingüísticas o comunicativas en general) en función del objetivo que pretenden alcanzar con una actividad determinada. A medida que el niño avanza en el proceso de aprendizaje en el correr de los años de escolarización, esta asimetría tiende a desaparecer, por lo menos en algunas áreas: llegará el momento en que lea tan bien como las maestras, sepa trabajar en equipo y domine las reglas conversacionales, por ejemplo.

La otra asimetría es social: la maestra es un superior en relación al niño, existe una distancia jerárquica entre ambos que permite el ejercicio del control en base al poder relativo. Esta asimetría no se supera nunca, puesto que el niño nunca podrá elegir los tópicos, evaluar las intervenciones, preguntar y exigir respuestas o controlar la toma de turnos.

En este trabajo presentaremos el análisis de algunas de las estrategias de control de las maestras relacionadas con:

- (a) el control de la conversación, especialmente la organización conversacional y la toma de turnos;
- (b) el control de los tópicos, a partir de la regulación de la introducción y continuación de los mismos; y
- (c) la utilización o no de estrategias de cortesía que pongan de manifiesto o disimulen la distancia social entre la maestra y los niños y la imposición del acto pedagógico.

**GALVÃO, Marise Adriana Mamede.** (UFRN). *A interação na sala de aula - a macro-estrutura do evento.*

A presente comunicação pretende focar parte da pesquisa de mestrado, em andamento, sobre a organização tópica em interações entre professor e aluno em salas de aula de língua inglesa.

É consenso na literatura que uma conversação casual tem como componentes obrigatórios uma abertura, uma seção de desenvolvimento tópico e um fechamento. Outras pesquisas, também sobre a interação verbal, mencionam a existência de outras seções, além das já mencionadas e que são denominadas de pré-tópicas e de pré-fechamentos.

Nas interações em sala de aula essas macro-seções, ou macro-estruturas, de natureza lingüística possuem características específicas. As aberturas e fechamentos são próprias de cada nível de ensino da língua já citada e podem se diferenciar entre si, de acordo com as especificidades da organização física de cada grupo. Por exemplo, nas escolas de 1<sup>o</sup> e 2<sup>o</sup> graus, é comum os alunos permanecem em suas salas aguardando o professor que geralmente utiliza recursos típicos como forma de abertura do evento. Com relação às aulas no nível universitário, outra situação

ocorre: os alunos nem sempre se encontram no local, à espera do professor, para que a aula seja iniciada, por convergirem, na maioria dos casos, de diferentes salas de aulas.

É, portanto, objetivo desta comunicação tecer considerações sobre as especificidades dessas macro-seções nas salas de aula de língua inglesa, comparando-se exemplos diferenciados de aulas em alguns níveis de ensino-aprendizagem.

**GAVAZZI, Sigrid Castro** (UFF). *Fechamento de subtópicos em diálogos assimétricos.*

Nossa pesquisa propõe-se a detectar os mecanismos que levam um falante a perceber que determinado subtópico - em um diálogo assimétrico - está se esgotando e deve, para evitar vazios na interlocução, ser substituído por outro.

Nessa busca, selecionamos elementos pragmático-textuais e discursivos que, de alguma forma, com maior ou menor relevância, interfeririam no processo. E, embora consideremos nosso estudo de tendência funcionalista/qualitativa, aclamamos por bem submeter os dados ao programa computacional VARBRUL.

Os resultados nos levaram a concluir que, para dois tipos básicos de fecho (*frástico*, sem a presença de paráfrase e *parafraático*, com recorrência resumitiva, avaliativa, metalingüística e reduplicativa), colaboram, em grau de escalaridade decrescente, os seguintes grupos de fatores: (1) conhecimento compartilhado; (2) gêneros do discurso; (3) alteração de linha discursiva (mudança de referente, de tipologia, de foco e presença de comentários parentéticos); (4) estrutura sintática menos complexa / sexo feminino e (5) marcadores externos (de apoio) e contrastivos.

Fora isso, pesquisamos, no momento, os contextos específicos que motivam a escolha por cada tipo de fecho. Resta-nos, finalmente, levantar fatos suprassequenciais que entram como determinantes, auxiliares ou acessórios no fechamento de nossos subtópicos.

**GONÇALVES, José Carlos** (UFRJ). *Análise da interação em contextos institucionais.*

Este trabalho discute as perspectivas convergentes da análise de conversação, da Sociolingüística Interacional e da Etnografia da Comunicação para o estudo da interação em contextos institucionais.

Discutem-se as noções de simetria, contexto, culturas de trabalho e as perspectivas e expectativas conflitantes de profissionais e clientes nas interações de trabalho. Enfatiza-se a importância da qualidade da comunicação entre profissionais e clientes para a qualidade e a produtividade da prestação do serviço.

Examinam-se os pressupostos teóricos e metodológicos da pesquisa da organização, estrutura e funcionamento da interação em diferentes contextos institucionais, com base no contexto específico da interação médico-paciente.

Discutem-se, finalmente, as aplicações e implicações da análise da interação em contextos institucionais para a formação e o treinamento de profissionais que utilizam o discurso em suas atividades de trabalho.



HOFFNAGEL, Judith C. (UFPE). *Linguagem e sexo: o caso da modalização epistêmica.*

A investigação de vários aspectos da produção oral (introdução de tópico, marcadores conversacionais) tem mostrado diferenças nítidas no uso de elementos linguísticos por parte de mulheres e homens. A fala da mulher, tanto na literatura específica sobre linguagem e sexo como nos estereótipos populares, é frequentemente caracterizada como sendo "fraca", "indireta", "hesitativa" ou "sem força", e demonstrando pouca confiança no que é dito. Em apoio a esta caracterização, é alegado, por exemplo, um maior uso de "hedges" (atenuadores, delimitadores) por parte da mulher. Os elementos linguísticos mais usados como "hedges" são os modalizadores epistêmicos. Esta comunicação representa um primeiro passo na investigação, em língua portuguesa, do uso da modalização epistêmica em conversações naturais com o intuito de verificar se é também sensível à variável social de sexo do falante. Utilizando um *corpus* composto de conversações naturais (Projeto NURC) e conversações espontâneas (Projeto Linguagem da Mulher e Projeto Hesitação), e seguindo a classificação proposta por Castilho e Castilho (1992), pretendemos verificar a ocorrência e distribuição dos modalizadores epistêmicos. Se for correta a caracterização da fala da mulher como "fraca", etc., é de supor que ela usará mais os modalizadores epistêmicos do tipo Quase-asseverativos e Delimitadores e os homens mais os Asseverativos.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi (UNESP/Assis). *Progressão do texto falado: idas e vindas.*

Esta comunicação tem por objetivo demonstrar que o texto falado pelo fato de ser processado conjuntamente pelos interlocutores, no momento de ocorrência do intercâmbio verbal, apresenta marcas dessa co-elaboração momentânea. Dentre essas marcas, será abordada, especificamente, a progressão textual, que comporta um desenvolvimento sintagmático com retomadas.

Com base em pesquisas sobre o francês falado, realizadas pelo Grupo Aixois de Recherches Syntaxiques (G.A.R.S), as retomadas são vistas, no contexto do SN, como novo preenchimento lexical de uma mesma posição sintática, já preenchida anteriormente.

O foco de análise é de natureza textual-interativa. Sob esse ângulo, serão destacadas as hétero-retomadas, entendidas como estratégia de construção do texto falado, que reflete uma "interação contrada", indiciando a atenção mútua, dos interlocutores, sobre o que se diz.

O *corpus* de análise é constituído por inquéritos do Projeto NURC/SP, do tipo D2 (diálogo entre dois informantes), por serem estes, em relação às demais modalidades de inquérito do NURC, os que mais se aproximam de uma conversação espontânea e, portanto, os que melhor permitem a observação de hétero-retomadas.

LEITE, Marli Quadros (USP). *Abordagem modular do discurso: uma aplicação.*

Neste trabalho, o nosso objetivo é analisar um discurso dialógico, aplicando a teoria modular, desenvolvida por Eddy Roulet e seu grupo de pesquisa da Universidade de Genebra, explorando, o quanto possível, as características do texto dialogado. Para tanto, buscamos subsídio teórico, principalmente, no texto *Vers une approche modulaire de l'analyse du discours*, de Roulet (1991). Assim, detivemos-nos na abordagem modular da interação verbal, versão evoluída da teoria do discurso, proposta pelos pesquisadores de Genebra, cuja hipótese é, como o diz Roulet (1991:56-7):

"(...) les propriétés de celle-ci relèvent de domaines différents, caractérisés par des systèmes de connaissances indépendants, mais en interrelation constante".

A natureza e as peculiaridades do texto exigiram um trabalho mais intenso com determinados módulos da teoria, sendo que o hierárquico foi o suporte para o trabalho com todos os outros. A rigor, os módulos explorados foram: a. hierárquico; b. interativo; c. psicológica; d. polifônico e e. informativo.

LOPES, Adna de Almeida e LEITE, Sueli Nunes (UFAL). *A reconstrução gradativa no planejamento do texto oral.*

A importância dada, hoje, à análise linguística da fala num contexto de interação social é atribuída tanto à emergência das áreas de pesquisa nesse campo como pela inovação tecnológica que permite a preservação do objeto de pesquisa através da conversação gravada. A apreensão de dados da língua falada possibilita ao pesquisador analisar aspectos linguísticos de tal instância da língua, a qual permite uma sintaxe específica, diferente daquela utilizada no texto escrito.

Delimitando o ponto de análise do trabalho, procuramos visualizar o processo de gradação semântica presente na atividade de formulação do texto falado. O falante vai se utilizando de termos num crescente de importância de sentido para possibilitar ao ouvinte uma melhor compreensão do significado de sua fala.

Em outras palavras, procuramos focalizar a reconstrução ocorrida de forma gradativa como marca do planejamento do texto oral, incluindo entre os processos de reconstrução casos de especificação, reconstrução com operadores argumentativos, repetições e acréscimos.

Os dados utilizados são procedentes do banco de dados do Projeto "A língua usada em Alagoas: uma pesquisa sociolinguística", de onde selecionamos para a análise entrevistas realizadas em Maceió, em julho de 1991, com alunos oriundos de uma escola pública, com idade entre 7 e 12 anos.

MADFES, Irene (Universidad de la Republica - Uruguay). *Estrategias comunicativas de género, el rol de los marcadores conversacionales.*

Los marcadores conversacionales, entendidos como expresiones estereotipadas y frecuentes en grado sumo, ruegan un importante rol en la interacción conversacional. Constituyen una de las zonas descuidadas del discurso, donde la planificación, que, por otra parte es reducida al mínimo en los discursos informales, desaparece totalmente. Esta característica de los marcadores permite que se constituyan en puntos de emergencia del otro. Es por esto que se presentan con uno de los elementos ideales para estudiar como se estructuran y desarrollan las interacciones.

Analizar estas señales implica tener en cuenta un complejo haz de rasgos que permitirían una cabal comprensión de estas. Este complejo haz comprendería, por ejemplo, rasgos tales como la fuente de la producción ya que es un hecho ampliamente admitido que hablante y oyente producen señales de distinto tipo que admiten y requieren, lecturas diversas. Las señales del hablante son básicamente de dos tipos *preposicionadas*, como "escucháme, "mirá" "vos sabés que" ... etc. Y *posposicionadas* del tipo de "¿entendes?" "¿ta?" "¡oime!", etc.

Las señales del oyente pueden ser de tres clases: convergente - "mhm", "claro", "sí, sí" - divergente - "no, no", "para nada", "¡ para ! - o indagatoria - "¿como?", "¡no digas!", etc.

Además de la fuente de la producción es preciso tener en cuenta el/los significado/s, la/s función/s, y su/s rol/es dentro de la coherencia discursiva.



Teniendo en cuenta que este trabajo integra nuestro estudio sobre estrategias comunicativas de género, es preciso analizar particularmente el lugar que estas señales ocupan dentro de la asimetría propia a todo intercambio conversacional - dominio de turnos, eje poder/solidaridad, confrontación de discursos con tendencia informativa con discursos de tendencia afectiva, etc. - así como la especial relevancia significativa que implican los usos compartidos y los no compartidos.

Por todo lo antedicho, creemos que los marcadores conversacionales verbales son una zona extremadamente sensible del discurso, erigiéndose como uno de los lugares más fructíferos para el diagnóstico de las estrategias comunicativas de género, tanto femeninas como masculinas.

#### MENDES, Eliana Amarante de Mendonça (UFMG). *A mudança de registro na conversação.*

Pretende-se nesta comunicação apresentar pesquisa que venho desenvolvendo sobre as possibilidades de mudança de registro na conversação, descrevendo o fenômeno e estabelecendo suas condições de ocorrência.

São analisados textos orais (conversacionais) colhidos de adolescentes de uma unidade da FEBEM (Fundação Estadual do Bem-estar do Menor) em Belo Horizonte e de adolescentes de um colégio "classe A", também de Belo Horizonte, buscando-se detectar nos mesmos ocorrências do fenômeno "mudança de registro".

No âmbito deste trabalho, são examinados apenas, como indicadores de mudança de registro, fenômenos de nível lexical, a saber, a "tradução" de unidades lexicais - gírias e vulgarismos - por unidades lexicais ou segmentos do vocabulário padrão.

As ocorrências de mudança de registro detectadas são analisadas e descritas. Buscando-se estabelecer as condições de ocorrência das mesmas, conclui-se que a mudança de registro na conversação é, nos casos analisados, uma concessão que o falante faz ao ouvinte para realizar seus objetivos de interação comunicativa, quando percebe que sua fala não está sendo compreendida.

#### NOZAKI, Izumi. (UFMT) *Código e socialização. Estudo experimental de sociolinguística com mães e crianças japonesas.*

Como é vastamente sabido, os japoneses expressam suas idéias com poucas ou nenhuma palavra e que têm desenvolvido uma capacidade de uso flexível da linguagem apropriada a cada contexto situacional.

Segundo Bernstein (1971), a base do desenvolvimento da linguagem encontra-se na inter-relação ocorrida no núcleo familiar, especialmente entre mãe e filho, onde os significados da estrutura social são transmitidos pela linguagem nos diversos contextos sociais, determinando os chamados códigos sócio-linguísticos; restritos ou elaborados.

Com base nestas considerações sócio-linguísticas, foi realizado um estudo experimental, exploratório e interdisciplinar, que buscou na integração das teorias de Bernstein, Halliday e de Vygotsky, o respaldo necessário à compreensão sobre "sob que circunstâncias as crianças japonesas são socializadas a usarem um tipo de linguagem que enfatiza a flexibilidade e a adequação verbal a diferentes contextos - ou seja, ao uso de um código elaborado, conforme a teoria de Bernstein".

A análise das implicações do tipo de família e da atitude verbal das mães sobre o código sócio-linguístico das crianças japonesas, revelou, entre outras coisas, que tanto as mães de crianças "usuárias do código elaborado" como as mães de crianças "usuárias do código restrito", quando em interação com seus filhos, embora usem, com

maior incidência, um código ou outro, são capazes de trocar de código ("switch code") conforme as necessidades e exigências contextuais. O resultado mostrou, desta forma, que as mães japonesas, de um modo geral, têm adquirido ambos os códigos, o que lhes permite a troca de código quando necessário, confirmando assim o que Bernstein observou, ou seja, o fato do código ser restrito não significa que o seu usuário - neste caso, a mãe -, em nenhum momento use variantes do código elaborado, apenas que o uso dessas variantes serão infrequentes na socialização da criança; e que a escolha do uso ou não de um código, está ligada, de uma maneira muito específica, ao contexto de situação.

#### PEREIRA, Maria das Graças Dias (PUC-RJ e UERJ). *Estratégias de interação em comunicações e debates no discurso acadêmico em linguística.*

O objetivo do presente trabalho consiste em tratar das estratégias de interação utilizadas em comunicações e debates no discurso acadêmico em linguística, a partir da análise de sessões de comunicações do XI Encontro Nacional de Linguística (PUC-Rio, 26 a 28/09/1988). A exposição faz parte de um trabalho mais amplo, "Estratégias de interação no discurso acadêmico falado - análise do XI ENL" (Tese de Doutorado PUC-RJ, 1993).

O arcabouço teórico insere-se em uma abordagem sociolinguística para o discurso, de caráter interacional (Goffman, 1970, 1967, 1974, 1981; Tannen, 1979, 1985; Gumperz, 1982), em interface com a análise da conversação em contexto institucional (Levinson, 1979; Atkinson, 1982; Heritage, 1984) e a pragmática (Brown e Levinson, 1987). Estratégias de interação são vistas, na literatura, como (a) estratégias de polidez positiva e negativa - imagem pública que cada membro quer afirmar para si mesmo e que diz respeito às normas e valores estabelecidos pelos membros de uma comunidade (Brown e Levinson, 1987; v. tb. Goffman, 1967 e Lakoff, 1979); (b) estratégias de envolvimento - modeladas e elaboradas no discurso literário, que "refletem e simultaneamente criam envolvimento" (Tannen, 1989: 1; v. tb. Gumperz, 1982; Chafe, 1982, 1984, 1985); (c) estratégias de obter sucesso no jogo da interação (Goffman, 1970).

O "XI ENL" é realizado em um contexto cultural, social e institucional. As estratégias interacionais estão sujeitas ao tipo de atividade social em que se desenvolvem bem como às seções específicas das sessões de comunicações - a exposição da comunicação e a realização do debate. A diferenciação de objetivos e de papéis dos participantes faz com que ocorram estratégias interacionais em dois planos: (a) por parte do comunicador ao expor sua comunicação; (b) por parte do comunicador e dos debatedores durante a realização do debate.

O emprego das estratégias de interação na exposição das comunicações nos revela diferentes estilos de comunicações: estilo-leitura, estilo espontâneo, estilo misto. Do ponto de vista estilístico, a forma de ocorrência das estratégias de polidez e envolvimento corresponde aos tipos de regras de co-ocorrência estabelecidas por Ervin-Tripp (1972): (a) um tipo de regras que ocorrem em nível horizontal, com relações entre itens na sequencialidade do discurso; (b) um outro tipo de regras que ocorrem entre níveis ou setores, em nível vertical, com mistura de informal com formal, com mistura de registros. Do ponto de vista social, os estilos evidenciam diferenças de relacionamento com a audiência.

Na realização do debate, os participantes fazem uso de estratégias de polidez negativa e positiva, marcadas explicitamente e de estratégias não marcadas, evidenciadas na forma de estruturação das perguntas e respostas. São estratégias que se voltam, por um lado, para a proteção da face negativa do interlocutor, por outro lado, para a proteção da sua face positiva, de modo a reafirmar ou construir sua imagem junto à comunidade científica. O emprego das estratégias de polidez evidencia também relações de poder na comunidade científica.

**RIBEIRO, Branca Telles (UFRJ).** *A transcrição de entrevistas psiquiátricas: interpretação e análise.*

Esta comunicação problematiza a transcrição e transformação de dados orais - inserido num contínuo - para dados escritos, de natureza discreta. Aborda a questão da formatação do texto transcrito e a escolha de convenções, cujos métodos precisam ser confeccionados indutivamente. Contrasta, através de entrevistas psiquiátricas transcritas, o texto enquanto produto e o texto enquanto processo, assinalando que toda transcrição é um "artefato", um texto em aberto, sempre sujeito a mudanças (a partir das informações contidas no dado gravado). Levando em consideração o trabalho desenvolvido por Ochs (1979), Tannen (1984), Mishler (1984), Preston (1985), Macaulay (1988), Edwards (1992), Ribeiro (1994), pretendo discutir as possibilidades disponíveis para o/a analista de discurso no sentido de ter presente o viés interpretativo do ato de transcrição.

**REINALDO, Maria Augusta Gonçalves de Macedo (UFPE).** *Tipos de assimetria na discussão acadêmica entre universitários.*

O exame de materiais transcritos de áudio-gravações de interações acadêmicas, tipo *discussão preparatória entre alunos universitários*, revelou que os participantes desse tipo de evento se encontram, em princípio, em condições de igualdade: a mesma faixa etária, o mesmo grau de escolarização, os mesmos direitos na situação de fala focalizada. Não obstante esse ponto de partida ideal da simetria de papéis dos participantes, tais interações apresentam desequilíbrio quanto ao desempenho dos papéis comunicativos por esses mesmos participantes.

Para a explicação da assimetria surpreendida nas referidas interações, adotamos o princípio geral de que todos os diálogos e, naturalmente, as conversações de multi-participação, envolvem assimetrias em diferentes níveis (Linell e Luckmann, 1991). Orienta esse princípio a concepção de que o diálogo, que constitui uma forma específica de interação social, reúne propriedades essenciais de natureza diversa: de um lado, está a reciprocidade, evidenciada na mutualidade e no partilhamento de conhecimento, pressuposições e interesses; de outro, estão as assimetrias ou desigualdades, evidenciadas em vários aspectos da dinâmica interacional.

Nessa perspectiva, o termo assimetria aqui utilizado remete aos vários tipos de não equivalências ou desigualdades presentes no processo dialógico, que podem ser subcategorizadas sob as dimensões domínio do conhecimento e escopo (assimetria local x assimetria global). Dentre os tipos de assimetria, destacamos aquelas que se manifestam como padrões de dominância emergente sobre as seqüências discursivas do diálogo. A dominância surge, assim, como um fenômeno multi-dimensional, manifestado, na interação dialógica, em propriedades de padrões mais ou menos objetivos, passíveis de identificação e interpretação. Dentre as diversas dimensões da dominância, elegemos, para este estudo, dois dos tipos propostos por Linell (1990 - apud Linell e Luckmann, 1991). São eles: a) a *dominância interacional*, aquela que se manifesta através da distribuição de movimentos interacionais fortes (iniciativas) e fracos (respostas), realizados pelo falante; b) a *dominância semântica*, aquela que se manifesta através da introdução e manutenção de tópicos pelo falante durante a interação. A perspectiva aqui defendida é a de que a forma de presença desses dois tipos de elementos, na seqüência do diálogo, desempenha importância, às vezes, definitiva, na dinâmica do processo interacional, constituindo-se índices da relação de poder que se estabelece entre os interlocutores.

**SEÇÃO 05 - LINGÜÍSTICA HISTÓRICA**

**ARAÚJO, Antônio Martins de (UFRJ) & MARUYAMA Toru (Nanzan University - Japão).** *De como nossos primeiros tratados ortográficos podem indiciar as pronúncias do português e do japonês quinhentistas.*

Assim como o rimário dos cancioneiros medievais galego-lusitanos, ao lado das cartas em aljamia podem iluminar (na falta de registros magnetofônicos e afins) as pronúncias do galego-português e do espanhol medievais; assim também a bibliografia jesuíta editada em caracteres românicos (ROMA-JI), principalmente nas cidades de NANGASAKI (sic) e de AMAMUSA no final do século XVI e princípio de XVII são hoje o testemunho vivo mais concreto não só da fonologia, mas também da morfossintaxe e da semântica do japonês medieval.

Em meio às obras jesuíticas ali e então publicadas sobreleva a do padre João Rodrigues, um dos mais produtivos gramáticos e lexicógrafos que, da Europa Ocidental, partiram para a África e para o Oriente, a fim de levar a fé e as ciências então conhecidas. Ele, entre outras obras, escreveu a *Arte Grande da Língua Japoa* e a *Arte Breve da Língua Japoa*; bem como o dicionário bilingüe JAPONÊS-PORTUGUÊS e o trilingüe LATIM-PORTUGUÊS-JAPONÊS, para auxiliar os irmãos da ordem na catequese dos gentios nipônicos, na tradição lexicográfica de CALEPINO, tão do gosto da época.

Como essas obras são posteriores às gramáticas pioneiras de Fernão de Oliveira e João de Barros, e contemporâneas aos tratados ortográficos do Bacharel Duarte Nunez do Lião e de Pero de Magalhães de Gândavo, os comunicadores pretendem estabelecer o elo entre essas duas bibliografias com base nas listagens de computador dos índices dessas últimas, realizadas nestes últimos dez anos principalmente pela equipe japonesa PACHIE-I daquela Universidade.

**BARRETO, Terezinha Maria Mello. (UFBA)** *Predicadores e argumentos na Carta de Caminha.*

O presente estudo representa a análise de mais um dos fatos lingüísticos estudados pelo grupo PROHIPOR - Programa para o estudo da língua portuguesa - no primeiro texto escolhido para trabalho em conjunto a Carta de Pero Vaz de Caminha.

Partindo da análise de 172 predicadores, procurou-se averiguar o comportamento sintático e semântico dos mesmos no século XVI e ressaltar o contraste com o século XX. Foi adotada a classificação em predicadores que selecionam apenas um argumento e predicadores que selecionam mais de um argumento. Os que selecionam apenas um argumento foram subdivididos em intransitivos e ergativos. Os que selecionam mais de um argumento foram agrupados em: 1. predicadores que denotam atividade física; 2. predicadores que denotam atividade mental; 3. predicadores volitivos; 4. predicadores causativos e perceptivos; 5. predicadores declarativos e 6. predicadores de inquirição.

Apesar de fornecer informações sobre o comportamento de um número significativo de predicadores no século XVI, esse estudo é preliminar, pois baseia-se em *corpus* de dimensão reduzida, não sendo representativo, pois, para indicar um perfil das modalidades de emprego e das diversas possibilidades de seleção de argumentos dos predicadores da língua, na época, será necessário estudo mais detalhado, em *corpus* mais amplo e de caráter diversificado.



**BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa (PUC-SP).** *Um método para o ensino de língua portuguesa - século XVII.*

Ensinar a língua latina era uma preocupação no século XVII, pois acreditava-se ser a mesma essencial na formação dos estudantes, entretanto, para Amaro de Reboredo já se configurava a necessidade de se ensinar a língua materna por perceber que a valorização da terra e da gente portuguesas deveria partir da valorização de sua própria língua.

Assim é que ensinar a língua materna para preservá-la e passá-la aos dominados aparece como uma postura também vigente no século em questão. Ensina-se a escrever bem a língua portuguesa, com correção e elegância como faziam os antigos escritores de prestígio e, agindo-se dessa forma, estava-se preservando o patrimônio linguístico português.

Essa preocupação perpassa a obra de Amaro de Reboredo - *Método gramatical para todas as línguas* - escrita no ano de 1916 e apresentada parcialmente neste trabalho que objetiva revelar a postura do autor frente à sociedade da época.

A presente obra propõe um método de ensino de línguas - incluindo-se latim e português - dividido em *gramática, cópia e frase*, partes estas distribuídas em três livros, a saber: o Livro Primeiro - "Da Explicação compositiva das partes da Oração Portuguesa, e Latina"; o Livro Segundo - "Dos Nomes e Verbos Irregulares, e defectivos Latinos, e alguns Portugueses correspondentes" e o Livro Terceiro - "Da Universal Explicação Resolutiva, e compositiva das partes da Oração exemplificada na Língua Latina".

A primeira parte da obra, que se constitui dos três livros expostos acima, é o nosso objeto de análise. Através dela, procuraremos, no mundo contextualizado pelo autor, detectar as formações imaginárias contidas no discurso do gramático e as articulações existentes entre elas, visualizando, então, a imagem do gramático dividido entre as duas posturas apresentadas, a imagem do referente e a imagem do público ao qual se destina a obra.

**CARVALHO, Rosa Borges Santos (UFBA).** *Poemas do mar de Arthur de Salles: tentativa de edição crítico-genética.*

Arthur Gonçalves de Salles, poeta baiano, que viveu em 1879 a 1952, foi um dos mais importantes representantes da corrente parnasiano-simbolista.

A partir do *corpus* dos poemas de temática o MAR, já catalogados, procurar-se-á demonstrar o comportamento a ser adotado na edição crítico-genética dos *Poemas do mar* de Arthur de Salles.

**COHEN, Maria Antonieta Amarante de Mendonça. (UFMG).** *Grande, bom e variantes: gatilhos de mudança sintática no SN português.*

Discorre-se nesta comunicação sobre pesquisa em andamento que investiga mudança na ordem de constituintes no sintagma nominal (SN) português, mais especificamente, na ordenação do adjetivo (A) e do nome (N) que modifica. Em trabalhos anteriores, Cohen (1986/1990; 1990), procedeu-se ao estudo da "anteposibilidade" de adjetivos no sintagma nominal português, dentro do modelo de tipologia de mudança na ordem dos constituintes, tendo a ordem AN se mostrado a preferencial até o século XVIII, sofrendo um declínio marcante a partir dessa época. Dada a alta frequência de ocorrência de dois adjetivos no *corpus* sob análise, a saber, os adjetivos *grande* e *bom* e suas variantes, associada a outros fatores não quantitativos, concluiu-se por serem os dois atuado como "gatilhos" da mudança em questão, AN > NA. Presentemente dá-se continuidade a tal projeto, agora focalizando a "posposibilidade" dos adjetivos no SN, com base no mesmo *corpus* anterior e levando em conta outras pesquisas

sobre adjetivos em desenvolvimento no Brasil, como a de Lobato (1990, 1992), para a parte de descrição sincrônica. Do lado diacrônico, adota-se uma postura empirista, embora não exclusivamente, frente à linguística histórica, aproximada da apresentada por Tarallo (1990, 1991), Hynon (1985), bem como a do próprio trabalho citado anteriormente.

**COHEN, Maria Antonieta Amarante de Mendonça (UFMG).** *Que linguística é esta, apresentada por Lacan em "A instância da letra do inconsciente ou a razão desde Freud"?*

Com base em três versões do texto de Lacan intitulado em português "A instância da letra do inconsciente ou a razão desde Freud", a saber, a brasileira da Ed. Nova Perspectiva (1992, 3ª edição); a portuguesa, da Livraria Martins Fontes (1967), incluída na Antologia de Textos Teóricos sobre o Estruturalismo, organizada por Eduardo Prado Coelho e o original francês, contido nos *Écrits*, ed. du Seuil (1966), procede-se a uma discussão sobre o conceito estruturalista de signo linguístico, tal como o propõe Saussure no *Cours*, em face daquele que é apresentado no texto, bem como à da relação entre significante e metonímia nele contidos, uma vez serem estes aspectos pouco explicitados no que toca aos conceitos linguísticos que lhe servem de base.

O uso das três versões justifica-se pelo fato de as mesmas apresentarem variantes: necessária se faz, então, uma leitura crítica desses aspectos, à maneira da crítica textual filológica. As variantes nos levam à tentativa de conferir ao texto sua máxima autenticidade, livrando-o dos vieses que a quase-transmissão do mesmo possam ter provocado, e que obscurecem a compreensão da base linguística nele invocada pelo autor.

Pretende-se contribuir para uma melhor compreensão deste texto no que respeita aos pressupostos linguísticos nele embutidos, sem, no entanto, relacioná-lo a outros trabalhos do mesmo autor.

**COSTA, Sônia Bastos Borba (UFBA).** *Os advérbios na história do português (três momentos).*

O trabalho é parte do Projeto "A classe de palavras tradicionalmente denominada advérbios na constituição histórica da língua portuguesa" que, por sua vez, insere-se no "Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR)" do Instituto de Letras da UFBA. Continua um roteiro que se iniciou com um estudo das relações entre advérbios, preposições e conjunções em um texto do século XIV, "A Lenda do Rei Rodrigo" (LRR), na edição de Luís Filipe Lindley Cintra, em confronto com o uso atual, este representado por observações assistemáticas e pela normalização configurada em gramáticas portuguesas dos últimos trinta anos. O referido trabalho foi apresentado em co-autoria com a Profª Therezinha Barreto (IL-UFBA) no IX Congresso Internacional da ALFAL (UNICAMP, 90), e nele colaboramos com a parte referente a preposições, advérbios e respectivas locuções. Nessa linha, apresentamos também, em 1992, estudo das locuções adverbiais no texto de 1500 "A Carta de Pero Vaz de Caminha" (CPVC), na edição da Casa de Rui Barbosa (Revista ESTUDOS: *linguísticos e literários*, n. 13, IL-UFBA, 1992). Pretendemos agora observar os advérbios e locuções adverbiais no texto de Fernão Lopes, da primeira metade do século XV, "A Crônica de D. Pedro" (CDP), na edição de Giuliano Macchi, atentando para características semânticas e sintáticas, tais como manutenções, desaparecimentos, processos de formação, alterações de sentido, surgimentos e migrações entre classes de palavras, com o intuito de apresentar um quadro comparativo entre ADVÉRBIOS e LOCUÇÕES ADVERBIAIS nos três textos citados (LRR, CDP, CPVC).



CUNHA, Viviane (UFMG). *Vestígios de superestrato no vocalismo português.*

Os autores que trataram da metafonía de maneira mais específica não mencionaram a época de seu aparecimento na língua portuguesa. Este trabalho procura mostrar que ela surgiu na fase do romance e foi resultante de contatos lingüísticos. Mas que contatos seriam esses, com os povos germânicos, ou com os árabes? Tudo leva a crer que foi na fase do domínio germânico sobre a Península Ibérica, entre os séculos V e VII D.C. É verdade que as várias tribos germânicas que ali estiveram, como a dos alanos, vândalos e suevos, não deixaram senão raros vestígios. Mas os visigodos, lá permaneceram por dois séculos e meio, e acabaram se fundindo com a população romanizada. O gótico, língua falada por esses povos, apresentava traços de UMLAUT, a alternativa vocálica alemã, que nas línguas românicas é conhecida como metafonía.

A língua dos povos latinos e já latinizados e a língua dos povos invasores passaram a viver num processo de simbiose, influenciando-se mutuamente, vencendo, posteriormente, a estrutura da primeira. Estudando melhor estas pistas, cheguei à conclusão de que a origem da metafonía portuguesa pode estar associada à influência do superestrato germânico. Na minha opinião aí estaria o germe da questão, isto é, ponto de origem da mudança.

GAMA, Albertina Ribeiro da & TELLES, Célia Marques (UFBA). *A problemática concernente aos documentos em prosa da coleção Arthur de Salles.*

A prosa de Arthur Salles é bem menos conhecida do que a sua obra poética. Além dos contos e crônicas, destacam-se as cartas entre os textos completos, mas são também encontrados alguns fragmentos de textos e rascunhos diversos. Pretende-se apresentar uma análise dos documentos em prosa da Coleção Arthur de Salles: manuscritos e datiloscritos. Examinar-se-ão os documentos dos três acervos da Coleção. Procurar-se-á dar enfoque especial aos fragmentos e rascunhos que representam o material menos conhecido relativamente à prosa de Arthur de Salles.

GAMA, Nilton Vasco da & TELLES, Célia Marques. (UFBA). *A OBRA de Arthur de Salles contida na sua correspondência a Durval de Moraes.*

A correspondência entre os poetas Arthur de Salles e Durval de Moraes é de fundamental importância para o conhecimento dos fatos relativos à vida literária de Arthur de Salles. Em anexo a algumas das cartas a Durval de Moraes encontram-se versões dos seus poemas. Por outro lado, o texto das cartas documenta fatos relativos às composições poéticas. Procurar-se-á mostrar o acervo da obra poética contido nessa correspondência, fornecendo-se, na medida do possível, a datação *ad quem* das versões aí documentadas.

LEDEZMA, Domingo. (Universidad Central de Venezuela). *La estructura argumental preferida en el latín clásico.*

El objetivo de esta investigación es el de comprobar si la Estructura Argumental Preferida del inglés - Preferred Argument Structure PAS - (EAP en adelante) propuesta por Du Bois 1987 como un patrón de comportamiento de lingüístico universal existió en la lengua origen de las lenguas românicas.

La EAP ha sido estudiada y comprobada en un gran número de lenguas ergativas y no ergativas pertenecientes a diversas familias. En las lenguas românicas la EAP sólo se ha estudiado el portugués de Brasil (Dutra 1987), en el francés y en el español (Ashby & Bentivoglio 1993).

Según la hipótesis de Du Bois, los patrones ergativos que se manifiestan morfológicamente en las lenguas ergativas también están presentes en las lenguas no ergativas. Dicha hipótesis se fundamenta en la necesidad de diferenciar los roles gramaticales que desempeñan los argumentos directos de los verbos (S, el argumento único de un verbo monoargumental; A, el argumento más agentivo, y O el menos agentivo de un verbo multiargumental) según el tipo de información - activa/inactiva (Chafe 1987); identificable/no identificable - que esos argumentos codifican. Esta necesidad se ha gramaticalizado en las lenguas morfológicamente ergativas pero no así en las nominativo-acusativas. En estas últimas, sin embargo, un conjunto de características morfológicas, semánticas y pragmáticas diferencia a A tanto de O como de S. Los ejemplos (1) y (2) ilustran los tres roles de S, A y O en latín clásico:

(1) Rol S

Nubes<sub>s</sub> oriebatur, ...

'Se levantaba una nube'

(2) Rol A y O

Vertit ille consilium<sub>o</sub>, ...

'Cambia él su parecer' (Plinio el joven VI, 16)

El análisis de esta investigación se realizó sobre una selección de textos narrativos latinos aparecidos entre los siglos I a.C. y II d.C. Las cláusulas analizadas fueron seleccionadas según los parámetros propuestos por Ashby & Bentivoglio 1993. Los datos se codificaron de acuerdo con variables de tipo morfológico, pragmático y semántico y se cuantificaron mediante la ayuda del programa Goldvarb 2.0 (Rand & Sankoff, 1990). Este programa incluye dos aplicaciones, una de las cuales genera pesos probabilísticos para cada variable, y la otra selecciona aquellas variables cuya distribución es estadísticamente significativa.

Los resultados obtenidos validan la hipótesis inicial, verificándose así en latín clásico la existencia de la EAP, la cual se manifiesta de la siguiente manera: i) el rol gramatical A se distingue radicalmente de O y de S, morfológica, semántica y pragmáticamente; ii) El rol S difiere de A, sobre todo en lo que atañe a las características pragmáticas, pues se usa tanto para codificar referentes identificables como no identificables, activos e inactivos; y iii) el rol O se sitúa en el extremo opuesto de A ya que tiende a ser expresado por una frase nominal léxica cuyo referente tiene el rasgo [-animado] y es pragmáticamente no identificable e inactivo.

LOBO, Tânia Conceição Freire (UFBA). *A ordem dos clíticos na carta de Pero Vaz de Caminha.*

A ordem dos clíticos na frase tem sido uma das questões mais discutidas da história da língua portuguesa, dentre outras razões, porque as significativas mudanças pelas quais passou a língua quanto a esse item da sintaxe constituem um marco estrutural divisor do português nas suas variantes brasileira e europeia.

A perspectivação histórica das diferenças atuais na ordem dos clíticos remete-nos à indagação de como se estruturava a língua quando chegou ao Brasil trazida pelos colonizadores portugueses. Com o objetivo de fornecer novos elementos que possam contribuir para a análise desse problema, apresentarei a descrição da colocação dos clíticos no primeiro documento da história do Brasil - a Carta de Pero Vaz de Caminha -, procurando, em seguida, estabelecer um quadro geral do desenvolvimento divergente da língua no que diz respeito a esse ponto da sintaxe.

**OLINDA, Sílvia Rita Magalhães de (UEFS). *Pois e cá: mudanças semânticas e sintáticas no português arcaico.***

Verificou-se no texto os Diálogos de São Gregório, século XIV, versão A, a existência da conjunção *pois* com valor 'novo' explicativo a par do seu valor temporal etimológico, polissemia que não está registrada nas gramáticas históricas e histórias da língua portuguesa. A partir desse problema observado, procurou-se verificar se essa polissemia de *pois* era uma idiossincrasia da versão A dos Diálogos. Recorreu-se então à versão C (1416) dos Diálogos e a outros textos da 1ª metade do século XV e 2ª metade deste século. Trabalhou-se com os textos: D.S.G. (A), D.S.G.(C) (Diálogos de São Gregório - duas versões), V.S. (Vidas de Santos), C.D.P. (Crônicas de D. Pedro), V.P.A. (Vidas e Paixões dos Apóstolos), I.C. (Imitação de Cristo) que vieram a constituir o corpus básico da pesquisa e com os textos C.S.M. (Cantigas de Santa Maria) e F.R. (Faro Real) do século XIII e D.L.N.L. (Dialogo em louvor da nossa linguagem) e LU (Lusiadas) do século XVI, textos que formaram o corpus de controle ou secundário. Com o andamento da pesquisa, constatou-se que além da conjunção *pois* ser temporal e explicativa, a conjunção *cá* abarcava conteúdos semânticos diversos. Era explicativa, comparativa, integrante, relativa e elo narrativo compartilhando com *pois*, portanto, dos valores explicativo e elo narrativo. Evidenciou-se com esse fato o entrecruzamento de *cá* e *pois* nas duas acepções. Essas informações levaram às seguintes hipóteses: a) A perda da acepção etimológica de *pois* está correlacionada, cronologicamente, ao uso de *pois* na acepção 'nova' explicativa; b) A "nova" acepção de *pois* está correlacionada, cronologicamente, ao desaparecimento de *cá* explicativo; c) O surgimento de depois que está correlacionado cronologicamente, ao desaparecimento de *pois* temporal. A partir dessas hipóteses avançou-se na pesquisa através do levantamento de dados nos dez textos acima mencionados. Posteriormente fez-se a análise e interpretação desses dados. Procurou-se identificar as condições que favoreceram as mudanças e os fatores que favoreceram a implementação delas. Analisaram-se os contextos e chegou-se às conclusões. A pesquisa norteou-se nas reflexões sobre mudança linguística de E. Coseriu (1958), na teoria de Weirreich, U., Labov, W. e Herzog, M. (1966), em Labov (1982) e Mattos e Silva, Rosa V. (1989).

**PEREIRA, Teresa Leal Gonçalves. (UFBA). *As preposições e os seus valores.***

A partir da significação geral das preposições, descrição dos seus valores em textos da prosa arcaica da língua portuguesa: *Colleção Mystica* de Fr. Hilário de Lourinhã (códice Alcobacense CCLXLVI) e da versão galega da *Crônica Troiana*, a análise descritiva ressalta os aspectos sintáticos e semânticos estabelecidos por meio desses elementos de relação.

**QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro. (UFBA). *Sonetos de Arthur de Salles: Tentativa de edição crítico-genética.***

Arthur de Salles, poeta baiano do início do século, integrante da corrente parnasiano-simbolista, publicou seu primeiro e único livro de poesias em 1920, reunindo composições do período compreendido entre 1901 e 1915. Ao morrer, em 1952, deixou uma vasta obra dispersa.

Dessa obra dispersa, textos editados (publicados em revistas literárias e jornais) e inéditos (manuscritos e datiloscritos), alguns já foram editados criticamente pelo Grupo de Edição Crítica de Textos da Universidade Federal da Bahia, sob a direção do Prof. Dr. Nilton Vasco da Gama.

A partir do corpus dos sonetos já catalogados, editos e inéditos, procurar-se-á demonstrar o comportamento a ser adotado na edição crítico-genética dos *Sonetos* de Arthur de Salles.

**RAMOS, Elvira (Universidad de los Andes-Venezuela). *Apuntes para la historia de la introducción del castellano en Mérida.***

El estudio de una lengua a través del tiempo implica su contextualización sociohistórica, así como su caracterización lingüística a lo largo de su desarrollo, esto es, sus cambios en tanto reestructuración de los aspectos fonético-fonológico, morfosintáctico y léxico. El trabajo que presento es una introducción al estudio de la historia de la inserción del castellano como lengua en la realidad americana a raíz de la conquista española de estas tierras a fines del S. XV, específicamente en lo que constituyó la gobernación de Mérida y la Grita entre 1558, año de la fundación de la ciudad de Mérida y 1676, año en el que la sede de la gobernación se traslada a Maracaibo.

El tema central de la investigación es el aspecto léxico. A partir de la lectura de una serie de documentos oficiales he extraído términos propios del castellano de los siglos XVI y XVII, algunos de los cuales constituyeron voces propias del español escrito, en un contexto fundamentalmente administrativo, mientras otros son vocablos indígenas que necesariamente fueron incorporadas a la lengua para hacer referencia a buena parte de esa nueva realidad que los españoles tuvieron ante sí; igualmente se tienen términos que en el castellano actual están en desuso o han cambiado de significado, lo que da cuenta de la dinámica de la lengua como vehículo del pensamiento del hombre y sus circunstancias en su devenir histórico social.

En la ponencia se da cuenta de algunos términos, su movimiento semántico y algunas hipótesis que sirven de norte para la búsqueda de explicaciones que den respuesta al por qué de la desaparición de ciertas voces y la permanencia de otras en la lengua actual.

**SANTANA NETO, João Antonio de (UCSAL/UNEB). *As cantigas de Fernan Soarez de Quinhones - subsídios para uma edição crítica.***

O presente trabalho tem por objetivo apresentar alguns aspectos filológicos do tratamento que demos à obra satírica, conhecidas dificuldades surgidas e soluções encontradas, visando a uma edição crítica das cantigas deste trovador, que figuram no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*.

**TELLES, Célia Marques. (UFBA). *A categoria de tempo no discurso dos "roteiros de navegação".***

Caracterizam-se os "roteiros de navegação" como discursos do mundo comentado. Com base no texto dos roteiros espanhóis e portugueses (da "Carreira das Índias de Castela" e da "Carreira da Índia") compilados no "Libro universal de derrotas..." de Gaspar Manuel, buscar-se-á mostrar como são expressos presente e futuro e as suas funções no discurso dos roteiros. Por outro lado, registram-se também fatos expressos no passado, mas esses estão condicionados à experiência do piloto. Tentar-se-á demonstrar que a estrutura da narrativa e as relações temporais são as mesmas nas duas línguas românicas.



(\*\*\*). *Contribuição para a história da gramática portuguesa; os Elementos de grammatica portugueza de Francisco Soares Ferreira.*

Situando-se numa área bastante pouco explorada da história da língua portuguesa, esta comunicação tem por objetivo o estudo de alguns aspectos da *Grammatica portugueza*, publicada por Francisco Soares Ferreira, em 1819. Trata-se de um texto anterior à famosa Gramática Filosófica (1822) de Jerônimo Soares Barbosa e no qual já está bem patente a influência da gramática geral francesa.

Os aspectos a desenvolver na comunicação dizem respeito, por um lado, à concepção e à estrutura da gramática, dividida em quatro partes - etimologia, prosódia, sintaxe e ortografia -, e às partes do discurso (artigo, nome, pronome, verbo, particípio, preposição, advérbio, conjunção, interjeição) e, por outro lado, à sintaxe, que surge bastante alargada e reflecte a leitura de Du Marsais e Beauzée, entre outros.

Este trabalho tem em vista contribuir para a história das idéias gramaticais e lingüísticas em Portugal, e até mesmo no espaço lusófono, trazendo à luz, simultaneamente, um dos antigos textos metagramaticais portugueses.

## SEÇÃO 06 - AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

AGUIAR, Ana Cristina de (UNICAMP). *Reflexões acerca da dislexia.*

O trabalho a ser exposto apresentará resultados preliminares de uma pesquisa, que vem sendo desenvolvida há três anos, sobre a chamada dislexia, uma síndrome caracterizada por deficiências na atividade de leitura. Porém, como a mesma muitas vezes é acompanhada de problemas relacionados à escrita, tem-se notado uma preferência por chamá-la de distúrbio de aprendizagem.

Independentemente da terminologia mais adequada para nomeá-la, o interesse básico de minha pesquisa é investigar que tipo de déficit, distúrbio ou deficiência é de fato característico desta síndrome tão freqüentemente diagnosticada atualmente entre crianças em idade escolar.

Uma turma de 1ª série do 1º grau de uma escola particular de classe média de Campinas foi observada durante dois anos para a coleta de dados. A escolha de tal grupo de alunos, por sua vez, representa uma preocupação em tentar afastar do contexto de investigação fatores como desnutrição, condição financeira precária e outros problemas externos que podem eventualmente resultar em problemas de aprendizagem.

A apresentação, porém, não será restrita somente à exposição e análise de dados. Pretendo discutir também dúvidas e questões teóricas relacionadas às várias abordagens recebidas pelo tema até momento.

CALIL, Eduardo (UNICAMP). *Sujeito(s) a guincho: uma análise lingüístico-discursiva do processo de produção de texto.*

Pretendo discutir como se articulam os dois modos de funcionamento que fundam a atividade lingüístico-discursiva, a saber, processos metafóricos e processos metonímicos (de Lemos, 1992). Serão mobilizados também alguns conceitos formulados pela Análise de Discurso de linha francesa.

O material que servirá de análise faz parte de uma coleta de dados de dois anos, em uma escola particular, na cidade de São Paulo. Durante este período, acompanhou-se, com filmagens realizadas mensalmente, a produção conjunta de duas crianças pré-escolares.

A análise procurará mostrar que há uma íntima relação entre os processos metafórico e metonímico, os domínios discursivos e as condições de produção do dizer. Em outras palavras, não é qualquer significante que pode "entrar" na cadeia discursiva, visto que ela está relativamente determinada pelos domínios discursivos e pelas condições de produção que a articulação entre significantes vai pondo em funcionamento e produzindo múltiplos efeitos de sentido para cada sujeito do discurso.

COIMBRA, Miriam (PUC-RS). *A aquisição fonológica do português em uma criança bilingüe.*

A pesquisa a ser apresentada trata da descrição da aquisição do sistema fonológico do português por uma criança bilingüe português/inglês. Dentro dessa proposta, mostraremos em que medida o sistema dessa criança difere do sistema fonológico de uma criança monolíngüe, adquirindo o português, e também apresentaremos dados referentes às estratégias que ela utiliza em seu processo de aquisição.

Os dados, coletados longitudinalmente por seis meses e que abrangem a idade 4;9;7 a 5;2;28, são analisados através da análise por processos fonológicos tendo como base a teoria cognitivista para a aquisição fonológica de Ferguson 1978, Ferguson & Farwell 1975 e Macken & Ferguson 1983.

Com relação à análise dos dados, mostraremos que fatores tais como posição na sílaba, na palavra e no enunciado, ponto e modo de articulação, tonicidade da sílaba, ambiente precedente e seguinte ao segmento em questão variaram em sua importância no processo de aquisição do sistema fonológico do português em nossa informante. Discutiremos, também, a relevância dos processos fonológicos encontrados em seu sistema, uma vez que a maioria deles são processos encontrados em crianças adquirindo o português, com exceção do tratamento dado à líquida não lateral, já que, neste segmento, é constatada interferência do inglês.

Esta pesquisa, portanto, contribui não somente para a área da aquisição da linguagem como levanta aspectos relevantes para a teoria fonológica, para o estudo do bilingüismo e para o ensino de língua estrangeira.

FERREIRA, Severina Sílvia M.O. (Centro de Estudos Freudianos-PE). *A interação mãe-bebê: os primeiros passos.*

Este trabalho está centrado na interação mãe-bebê. Trata-se de como a mãe interage com o seu bebê e como o bebê se relaciona com a sua mãe. É um trabalho que tenta responder várias perguntas, sendo a primeira e mais fundamental a seguinte: existe comunicação entre mãe e bebê? Dito de outro modo, é possível que uma mãe se comunique com o seu bebê? E tem o bebê condições para se comunicar com a sua mãe? E se afirmativas essas respostas, como é possível a comunicação entre seres tão distintos: entre um adulto, com uma estrutura psíquica organizada, que é um falante, mas que não possui meios através dos quais possa decodificar as mensagens singulares do bebê, pois o sistema lingüístico de que dispõe não se aplica à interpretação do comportamento verbal e não-verbal da criança, e um bebê que é ainda, pelo menos do início, um inacabado fisiológico, que não tem a compreensão verbal de que necessitaria para entender os enunciados lingüísticos maternos.

Nesse sentido, mãe e bebê são estrangeiros um diante do outro. Mas, apesar disso, mãe e bebê interagem. Como sabemos que eles interagem? Porque a mãe responde às necessidades do bebê, alimentando-o, cuidando dele, dando-lhe afeto. Por outro lado, o bebê também satisfaz à mãe: deixando-se alimentar, cuidar, respondendo aos seus apelos afetivos.



Se mãe e bebê interagem, é porque se comunicam. Como é possível então que eles se comuniquem? De que meios de comunicação dispõem, principalmente o bebê?

Para responder a essas perguntas nós acompanhamos durante aproximadamente um ano uma mãe primípara e um bebê a partir do segundo mês de vida da criança. Filmamos a diade em situações de alimentação, banho do bebê e brincadeiras entre mãe e bebê. Além das filmagens, periodicamente fizemos entrevistas com a mãe da criança, quando eram coletadas informações a respeito do desenvolvimento do bebê.

Em seguida, transcrevemos todas as sessões filmadas e analisamos os dados colhidos. Na transcrição desses dados, consideramos como comportamento verbal do bebê as manifestações do tipo choro, choramingo, riso, grito, tosse e vocalizações, tanto os primeiros vagidos da criança como as vocalizações propriamente ditas. Consideramos como comportamento não verbal do bebê os gestos, os movimentos, as posturas, etc.

As manifestações não-verbais e pré-lingüísticas em nossa pesquisa têm um papel muito importante, uma vez que se trata de examinar o comportamento observável de uma mãe e de seu bebê em interação, ele com a idade inicial inferior a dois meses.

O que medeia a relação inicial que se desenvolve entre os participantes dessa diade não é ainda a linguagem enquanto domínio comum a ambos, mas o corpo da criança enquanto fonte dos sinais endereçados à mãe, que os interpreta como elementos comunicativos. No lugar da palavra, o que aparece da parte do bebê é o choro, os gritos, os movimentos, a mímica, o sorriso, os primeiros vagidos, etc., todos comportamentos pré-lingüísticos.

Tendo em vista que, de modo geral, essas manifestações iniciais recebem da mãe um sentido, que a fazem agir ou reagir de determinada forma, tal que o seu comportamento muitas vezes constitui uma resposta à ação infantil, poderíamos aduzir que mãe e bebê interrelacionam-se preliminarmente dentro de um sistema que é próprio e exclusivo da diade. A singularidade e regularidade desse sistema é tal que, se submetido o bebê à presença de outro adulto, as suas manifestações dificilmente conseguirão um adequado nível de resposta por parte daquele que habitualmente não cuida da criança, o qual, por sua vez, se sentirá tomado da angústia de não saber o que fazer com essa criança "incompreensível".

Na análise dos dados transcritos, utilizamos um modelo de conversação inspirado em conversas espontâneas e informais desenvolvidas entre adultos (L.A. Marcuschi, 1986). Dessa forma, podemos destacar o que desse modelo pode ser aplicado à interação mãe-bebê, o que permite supor que, nessa diade, não obstante as diferentes características de cada parceiro, verdadeiras "conversações" podem se organizar, embora bastante peculiares.

De fato, de acordo com esse modelo, os participantes da diade mãe-bebê são considerados "falantes" e "interlocutores".

### GONÇALVES, Carlos Alexandre V. (UFRJ). *Aspectos lingüísticos e neurológicos da dislalia.*

Traçando um contexto histórico sobre a dislalia e suas repercussões no terreno das literaturas clínica e lingüística, busco, nesta comunicação, discutir três questões fundamentalmente. Em primeiro lugar, observo a relação entre a Desabilidade Fonológica (atual denominação da dislalia - Gruenwell, 1977) e outras patologias de natureza articulatória, a fim de mostrar as implicações neuropsicolingüísticas subjacentes a esta aquisição fonológica desviada do padrão normal. Para tanto, procuro analisar as etiologias e as generalidades desta anomalia, mostrando suas conseqüências nas etapas de aquisição da linguagem, com a intenção de verificar a idade crítica em que se pode falar em dislalia.

Através de uma abordagem qualitativa, pretendo, em segundo lugar, chegar às alterações de natureza sonora mais atuantes nas dislalias, com o objetivo de atribuir-lhes explicações fonético-fonológicas, a fim de que se possa

enquadrar o distúrbio no quadro geral dos tipos mais comuns de dislalia. Para tanto, utilizo como *corpus* os dados de duas crianças disláticas, ambas com oito anos de idade e residentes na cidade do Rio de Janeiro. Com base nesses dados, intento propor uma nova tipologia para os casos de Desabilidade Fonológica, que intenta conjugar a análise dos comportamentos fonológicos, à luz da Lingüística, a achados clínicos da Neurologia, procurando inserir as características das dislalias dentro dos domínios da interdisciplinariedade.

Por fim, pretendo verificar se a Desabilidade Fonológica pode ser explicada através de teorias fonológicas processuais, como a Fonologia Natural (cf., entre outros, Stampe, 1980 e Donegam, 1979) ou deve ser encarada como uma desordem idiossincrática. Neste sentido, busco chegar se há ou não padrões fonêmicos regulares que obedeçam a princípios fonológicos universais nas dislalias.

### ISSLER, Denise S. (PUC-RS). *A aquisição dos pronomes eu e tu*

A aquisição dos pronomes pessoais eu/tu é uma área de interesse tanto para a lingüística quanto para a psicologia.

Para a lingüística, a aquisição dos pronomes pessoais envolve aspectos pragmáticos, semânticos, sintáticos e morfológicos da linguagem. Para a psicologia, a aquisição desses pronomes possibilita investigar aspectos do desenvolvimento cognitivo e, principalmente, a questão da estruturação do self e o uso de "eu". É nessa direção que volta-se Issler (tese de doutorado em elaboração): tratar um aspecto da aquisição da linguagem à luz da lingüística e da psicologia.

Dando continuidade a sua pesquisa na área de aquisição pronominal (Issler, 1993), a autora, atualmente, considera os pronomes eu/tu como parte dos sistemas de auto-referência e de referência ao destinatário, respectivamente. Desse modo, formas nominais e formas pronominais não-convencionais não são consideradas apenas como erros na aquisição de eu/tu, mas sim como ocorrências possíveis nesses sistemas. Esse enfoque nos sistemas permite abordar tanto a fala da criança quanto o input materno - no qual há grande diversidade no emprego de formas referenciais.

Issler (tese de elaboração), a partir de um estudo longitudinal com diades mãe-filho, tem como objetivos principais: (1) investigar o desenvolvimento dos sistemas de auto-referência e de referência ao destinatário na fala da criança de 1;6 a 3;6 (2) investigar as alterações desses sistemas no input materno; e (3) procurar estabelecer relações entre a estruturação do self pela criança e possíveis alterações nos sistemas da diade mãe-filho.

### LEAL, Maria Virgínia (UFAL). *Gênese do texto infantil: uma análise dos "borrões" no processo de elaboração textual.*

Esta pesquisa partiu de um estudo psicolingüístico exploratório que visou fazer um levantamento das marcas de (re)escrita do texto infantil, a partir da análise das rasuras que as primeiras versões do texto apresentavam. Em sua fase atual, pretende compreender os processos enunciativo-discursivos implicados na constituição dos "borrões". A base teórica está radicada nos trabalhos de Claudine Fabre, Jean-Michel Jafré, Emile Gombert, entre outros, além de representantes da escola francesa de Análise do Discurso, de Psicanálise e da Crítica Genética. Do ponto de vista metodológico, a coleta de dados foi realizada em dois níveis: 1º) o do recolhimento de textos espontâneos produzidos pela criança, em situação escolar (tipo A); 2º) o da aplicação de protocolos de retrospectiva a partir da vivência de processos de "refacção" de textos (tipo B). Ao todo já foram recolhidas, com a colaboração dos alunos de Psicologia do Curso de Mestrado em Letras da UFAL, 350 produções do tipo A e 60 do tipo B, tomando como

sujeitos alunos de 1ª à 4ª séries do 1º grau de seis escolas da rede pública de educação do município de Maceió. Esta comunicação irá apresentar para discussão os resultados da análise de 10 textos do tipo A e 02 do tipo B.

### **MELO, Lélia Erbolato (USP). A pesquisa em aquisição da linguagem: aspectos teóricos e metodológicos.**

Aos estudos sobre aquisição da linguagem cabe o privilégio de ocupar um lugar central no domínio da psicolinguística. Pode-se ainda dizer que, se por um lado, a pesquisa sobre aquisição da linguagem busca solução para problemas particulares ao desenvolvimento linguístico em relação a uma dada língua, por outro lado, contribui para o avanço de sua compreensão teórica.

Neste sentido, é minha intenção nesta comunicação relatar dois trabalhos concluídos, em 1993, por duas orientandas, em nível de mestrado, no Curso de Pós-Graduação em Linguística (FFLCH/USP) na área em questão. (1) "Utilização de expressões de relação temporais em uma criança, no período de 5 a 6 anos". (2) "Mobilidade de registro na interação verbal de uma criança, abrangendo o período de 4;3 e 5;3 anos". Em (1), a autora procedeu à análise das situações interacionais do sujeito com o interlocutor adulto, em ambiente familiar, com o objetivo de observar o percurso da emergência das relações temporais e identificar as estratégias utilizadas pela criança. Em (2), a autora, com base na interação do sujeito com cinco tipos de interlocutores (a mãe; um adulto não-familiar; uma criança da mesma idade; uma criança mais velha; e uma criança mais nova), e na investigação da coesão e da coerência nos textos conversacionais, pôde descrever a progressão discursiva em cada uma das situações interacionais.

Espero com esta apresentação fornecer subsídios para explicar o mistério, ainda não plenamente desvendado até nossos dias, da aquisição da linguagem pela criança. E também: com estas duas pesquisas fica, mais uma vez, muito claro que, nos dias atuais, poucos estudos podem se contentar com enfoques voltados apenas para a análise da produção da criança abstraída do contexto da interação.

### **MOLINA, Teresa (Universidad Nacional Abierta- Venezuela). Patrones entonativos de adquisición temprana.**

Este estudio se inscribe dentro de un proyecto más amplio que tiene por finalidad aportar datos que sustentan la hipótesis de que el balbuceo debe ser considerado como una etapa lingüística dentro del proceso de adquisición del lenguaje.

El corpus para la investigación se obtuvo de un niño de clase media; cuya evolución lingüística ha sido seguida desde los 2 meses hasta cumplir 14 meses de vida.

Las emisiones objeto de análisis se procesaron en el CSL (Computerized Speech Lab).

Apoyándonos en la teoría de M.A.X Halliday (1982), hemos partido de la premisa teórica según la cual la adquisición del lenguaje empieza antes de que el niño manifieste su primer habla léxico-gramatical y enfatizaremos la importancia de la adquisición y comprensión temprana de los patrones entonativos de la lengua.

Conclusiones.

a) Quienes afirman que el balbuceo no debe ser considerado como etapa lingüística parten del error de concebir lenguaje y palabra como equivalentes.

b) El primer rasgo de lenguaje natural discernible en el balbuceo es el contorno de la entonación.

c) Durante el primer año de vida el niño adquiere las dos terminaciones fundamentales y universales de la entonación: descendente con el significado de terminación del enunciado y la ascendente con el significado de pregunta o de algo que no está completo.

d) En la etapa del balbuceo encontramos secuencias cortas de sonidos que se emiten con una entonación reconocible: preguntas, exclamaciones o afirmaciones.

### **MOTA, Helena Bolli (UFMS). Análise do processo de assimilação em um caso de desvio fonológico.**

Nesse trabalho, procuramos abordar um caso de desvio fonológico sob o enfoque da teoria fonológica. Alguns estudos já vêm sendo realizados usando a análise fonológica na descrição dos desvios de fala em crianças. O enfoque mais utilizado nestes estudos tem sido a Fonologia Natural (Stampe, 1969) que descreve os erros de fala das crianças em termos de processos fonológicos. No entanto, a teoria fonológica vem se desenvolvendo bastante e novas propostas surgiram, especialmente no que diz respeito às teorias fonológicas não-lineares. Nosso objetivo, neste trabalho foi o de analisar um aspecto da fala de uma criança com desvios fonológicos sob a perspectiva de um enfoque fonológico mais atual. O modelo teórico utilizado foi a Fonologia Autossegmental, mais especificamente a Geometria de Traços apresentada por Clements (1985, 1989, 1991, 1993) e Wetzell (1994) que tem como base o conceito de que os traços fonológicos organizam-se hierarquicamente. Analisamos o processo de assimilação na fala de um menino de 4;9 que apresentava vários outros processos em sua fala. Pela Fonologia Natural, a assimilação é definida como a cópia de traços, na qual um segmento copia as especificações de traços de um segmento vizinho. Procuramos mostrar que, pela Fonologia Autossegmental, este mesmo processo é visto como o espraiamento de traços de um segmento para outro. Essa abordagem mostrou ser mais adequada para demonstrar este processo que ocorre tanto na aquisição normal como nos desvios fonológicos. Além disso, a tentativa de utilizar um modelo autossegmental na análise de desvios fonológicos pode trazer contribuições e evidências para a teoria fonológica.

### **NAGAMINE, Regina (PUC-SP). Produção de textos narrativos: a intervenção da clínica fonoaudiológica.**

Nos últimos anos temos observado o aparecimento de inúmeros trabalhos voltados para a compreensão do desenvolvimento da linguagem escrita. Entretanto, apesar da existência de uma grande diversidade de linhas de pesquisa sobre o tema, ainda são poucos os trabalhos centrados na investigação do processo de produção de textos escritos.

Pretendendo contribuir para a reflexão desta questão, discutiremos alguns dados de produção de textos narrativos, produzidos por uma criança em situação de clínica fonoaudiológica, referida como um caso desviante pela escola. Nesse trabalho, serão analisadas as intervenções da terapeuta e suas decorrentes mudanças e interferências no processo da criança.

Esta criança (11 anos), no período da coleta, frequentava a quarta série de uma escola particular de São Paulo. Os dados foram colhidos durante nove meses, duas vezes por semana, durante as sessões de atendimento. A pesquisadora foi quem realizou o trabalho fonoaudiológico com a criança.

Nossa análise será norteada principalmente pela discussão de alguns conceitos e noções importantes propostas por Bakhtin (1929), como a noção de "vozes", "polifonia" e "relação entre autor e personagem". Utilizaremos



também como referência para nossa reflexão as discussões realizadas por Lemos (1988) e Rojo (1992) e (1993), a respeito das relações entre oralidade e escrita e a noção de fala letrada.

**OGLIARI, Marlene Maria (UNICENTRO-PA).** *A relação entre desvios fonológicos e produção escrita.*

Considerando-se que, por volta dos quatro anos de idade, a criança já deve ter adquirido todos os fonemas e estruturas silábicas de sua L<sub>1</sub>, qualquer anormalidade fonológica identificada a partir dessa faixa etária pode ser indicativo de que a criança é portadora de desvios fonológicos. Esse perfil é efetivado após análise de processos fonológicos constantes na produção oral. Uma vez que a fala se constitui para a criança, na fase inicial da aprendizagem da escrita, no referencial básico para a criação de hipóteses sobre o sistema ortográfico, conseqüentemente o perfil clínico fonológico interferirá na aprendizagem do código escrito, principalmente na elaboração de hipóteses sobre a relação fala e escrita. A partir de um estudo realizado com vinte sujeitos alfabetizados não repetentes, portadores de desvios fonológicos, estudantes de escolas públicas localizadas na região metropolitana de Porto Alegre, constatou-se a interferência direta ou indireta dos perfis clínicos na produção escrita desses sujeitos. Esta interferência correlacionou-se com o nível de gravidade do perfil clínico e com a concepção que o sujeito revelou ter sobre a escrita. Os resultados aferidos apontaram implicações para a alfabetização, recuperação terapêutica da fala e teoria da fonologia natural.

**PARLATO, Erika Maria (USP).** *Enunciação ecológica em crianças com alteração psiquiátrica - uma abordagem pragmática.*

O objetivo deste estudo é analisar as enunciações genericamente classificadas de ecológicas em crianças com alterações psiquiátricas e diagnosticadas por especialistas.

A hipótese geral que norteia o trabalho é que esta enunciação possuiria funções diferentes nos processos de tentativa de interação comunicativa.

A realização deste trabalho foi motivada pela constatação de que, na literatura, a chamada ecolalia é vista como sintoma sem que seja questionada sua eventual funcionalidade no uso da linguagem.

Os dados coletados neste estudo foram obtidos a partir da gravação de duas sessões de terapia de linguagem de três crianças com alterações psiquiátricas distintas. Coletaram-se assim, 360 "blocos interativos" que foram então analisados a partir da teoria de Grice.

As análises realizadas sugerem a possibilidade de diferentes funcionalidades para a enunciação ecológica e, portanto, a necessidade de uma análise mais apurada por parte dos terapeutas de linguagem visando um diagnóstico mais preciso que preceda a proposta terapêutica.

**PASTORELLO, Lucilla Maria (USP).** *Contribuições da abordagem funcionalista do desenvolvimento da linguagem para a fonoaudiologia: análise de dois casos clínicos.*

Trabalhando a linguagem do outro, a fonoaudiologia busca contribuições de diversas áreas do saber, entre as quais se destaca a lingüística, especialmente nos estudos de aquisição da linguagem.

Tratamos aqui de relevar as contribuições que a abordagem funcionalista, segundo M.C. Halliday (1975), pode trazer ao fonoaudiólogo, tanto na esfera diagnóstica quanto na elaboração de propostas terapêuticas.

A abordagem funcionalista para o estudo do desenvolvimento da linguagem proposta por Halliday (1975) procura investigar como a criança aprende a significar, relevando o potencial funcional progressivo da criança, além de identificar as estruturas da língua.

Serão analisados dois casos de crianças com importante retardo de aquisição da linguagem, que freqüentam sessões de terapia fonoaudiológica no Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Os sujeitos em questão receberam diagnósticos psiquiátricos distintos segundo o Código Internacional de Doenças (Organização Mundial de Saúde, 1987). Através da análise das funções de linguagem é possível observar que o sujeito com diagnóstico de **autismo**, apesar de apresentar padrões fonológicos mais próximos à normalidade, utiliza, em seu sistema de significações, funções de linguagem mais "primitiva" dentro de uma hierarquia no desenvolvimento da linguagem. Por outro lado, o sujeito com diagnóstico de **distúrbio de conduta** apresenta maior comprometimento a nível fonológico, porém utiliza funções de linguagem mais elaboradas.

Estas observações podem ser especialmente interessantes à medida que permitem ao fonoaudiólogo lançar um olhar diverso sobre a linguagem dos sujeitos com os quais trabalha, permitindo ao mesmo tempo ao lingüista refletir a aplicação de modelos teóricos a outras áreas de estudo, como por exemplo a de distúrbios da linguagem.

**PETRONI, Maria Rosa (UFMT/CUR).** *A organização do texto escrito por alunos de 1º grau.*

Nesse trabalho, levanta-se a hipótese de que o título sugerido pelo professor para a produção de um texto escrito pode determinar o gênero textual resultante da atividade escrita. A partir da análise dos resultados de uma pesquisa com base em dados colhidos junto a 52 (cinquenta e dois) alunos de uma escola pública da rede estadual na cidade de Rondonópolis, Estado de Mato Grosso, busca-se identificar os mecanismos coesivos específicos de cada modalidade textual escrita. Além disso, busca-se justificar alguns resultados inesperados identificados no *corpus*, composto por 156 (cento e cinquenta e seis) redações, divididas entre narrações, descrições e dissertações.

Na identificação dos recursos de construção textual pelos alunos utilizou-se de categorias derivadas da Lingüística Textual, bem como das descobertas de pesquisas recentes dentro da Psicolingüística, com relação ao processo de aquisição da escrita.

**PILLON, Marie Noëlle & SOBRAL, Maria Luizete Sampaio (UFPA).** *Proposta para a pré-alfabetização de crianças: Projeto Despertar.*

A escrita é, para a criança, uma descoberta e para que a mesma sinta prazer no mundo das letras, é necessário que esteja segura. Preparar a criança gradualmente para a escrita é a meta principal desta proposta de trabalho.

O que a criança faz na fase de pré-alfabetização? De que forma se pode ajudar a criança a superar as dificuldades próprias de sua faixa etária, observando o seu grau de maturidade e a seqüência natural de seu desenvolvimento? Nesta fase pré-escolar, é preciso se estar atento aos interesses e necessidades da criança, respeitando suas limitações. Dessa forma, torna-se prejudicial antecipar etapas do processo de ensino-aprendizagem, para evitar que a criança se sinta incapaz de desempenhar atividades para as quais não está ainda preparada, o que poderia



dificultar, mais tarde, suas primeiras experiências com a escrita.

Este trabalho trata justamente de etapas que precedem a escrita, as quais foram divididas em três fases distintas, tendo em vista o desenvolvimento psicomotor da criança.

Considerando a faixa etária, de três a cinco anos de idade, as atividades propostas abrangem desde a coordenação motora, através de exercícios lúdicos, ao uso do papel e lápis.

Na primeira fase, "Etapa de Coordenação" (assimilação do equilíbrio), a criança se encontrará diante de obstáculos elementares que poderão ser gradualmente transpostos a partir do domínio dos movimentos de seu próprio corpo. É a fase do chão e da areia.

Na "Etapa de Percepção", a fase do papel e da tinta, a criança utilizará seus dedos para a execução das atividades propostas. Além da percepção da cor, há também a percepção da consistência do material utilizado e dos efeitos produzidos pelo mesmo.

A "Etapa do "Grafismo" corresponde, basicamente, à fase das linhas. Nesta última fase, dentre as estratégias didático-pedagógicas, há, inicialmente, exercícios de "espaço delimitado", como, por exemplo, o preenchimento de determinados espaços contornados por linha; em seguida, atividades de "linhas incompletas", que exigem maior raciocínio e coordenação motora; e, finalmente, tarefas que envolvem o uso do lápis, utilizando o *savoir-faire* da criança.

**RAMOS, Ana Paula Fadanelli (PUC-RS).** *Uma abordagem da fonologia atual na análise da fala de crianças com desvios.*

Com os desenvolvimentos atuais na teoria fonológica, abrem-se novas possibilidades na análise da fala de crianças com aquisição normal e com desvios da linguagem.

Nesse contexto, insere-se o presente trabalho que teve por objetivo realizar uma aplicação da teoria da sílaba atual (Itô, 1986) na análise da fala de crianças portadoras de desvios articulatórios. Buscamos analisar o poder explanatório da teoria e discutir a hipótese de o template silábico inicial das crianças com desvios fonológicos evolutivos não ser igual ao do adulto. Supusemos que a representação subjacente inicial, ao menos a nível de produção, é mais distante, nestas crianças, da do adulto, havendo uma evolução do template durante o processo de desenvolvimento fonológico.

Para tanto, comparamos os dados de produção de duas crianças com diagnóstico de desvios fonológicos evolutivos com os de duas portadoras de fissuras do lábio e do palato reparadas, todas com processos fonológicos naturais abrangendo estrutura silábica. Dois casos marcadamente fonológicos e dois fonéticos.

Aplicando a teoria de Itô (op.cit) observamos a distinção entre os dois grupos com maior nitidez do que permitira a análise por processos fonológicos naturais (Stampe, 1973).

**ROCHA, Iúta Lerche Vieira (UFCE).** *O que as crianças sabem sobre a pontuação que usam.*

O trabalho mostra como a pontuação é percebida por crianças das séries iniciais do 1º Grau, durante tarefas de revisão de textos narrativos. Identifica critérios infantis para pontuar e discute as duas concepções mais produtivas na amostra analisada - a concepção gráfico-espacial e a concepção prosódica.

A primeira delas, revelada na sensibilidade para a organização e formatação do texto, orientaria a pontuação externa (limites finais do texto, de frases ou de parágrafos). A segunda concepção, expressa na percepção de mudanças discursivas, guiaria a pontuação interna, sobretudo nos espaços de fala dentro da narrativa.

Para conferir maior autenticidade ao ponto de vista do aprendiz, serão apresentadas respostas e comentários originais das crianças entrevistadas.

**TOMÉ, Maria Evanilda (UNICAMP).** *O processo de interação na construção da linguagem escrita.*

Minha comunicação pretende focalizar-se na aquisição da linguagem escrita, em sua fase inicial. Pretendo discutir a importância do papel do "outro" no processo de aquisição da linguagem escrita a partir da análise das trocas recíprocas, estabelecidas nas situações interativas ocorridas entre três sujeitos - investigadora e gêmeas idênticas no processo de constituição da produção escrita. Em outras palavras, pretendo discutir como acontece o processo de interação do outro, adulto letrado (investigadora) e as gêmeas (J.-outro que já domina a base alfabética da escrita e G.- outro que ainda não alcançara a base alfabética na época da pesquisa).

Interessa-me pensar o estatuto teórico estabelecido para esse "outro" a que estou me referindo, levantando questões tais como:

- Como cada uma das gêmeas se constitui num outro-interlocutor, no que diz respeito à escrita, para sua irmã?
- Como a investigadora se constitui num outro-interlocutor em relação à escrita para cada uma das gêmeas (uma vez que se encontram, em momentos diferentes no processo de constituição da linguagem escrita)?
- Como cada uma das gêmeas se constitui num outro-interlocutor para com a investigadora?

Assim sendo, com a referida comunicação pretendo abordar estes questionamentos a partir de uma concepção de linguagem que resulta do movimento das atividades lingüísticas realizadas entre os sujeitos através da interação.

## SEÇÃO 07 - LEXICOLOGIA

**ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos (UNESP-Araraquara).** *Empréstimo: apenas um problema lingüístico ou um sinal de dependência cultural?*

Sabemos que todo o léxico de uma língua, por tratar-se de um inventário aberto, está sujeito aos neologismos, sejam eles fonológicos, sintagmáticos, semânticos ou os formados por empréstimos (classificação de Louis Guilbert, *La créativité lexicale*, 1975). Mas, dentre os neologismos citados, os que mais nos têm causado preocupações são os neologismos formados por empréstimos. Isto porque temos trabalhado com o vocabulário técnico-científico/especializado da informática em que o emprego de termos anglo-americanos tem-se mostrado com um alto índice de ocorrência.

É fato que a terminologia técnico-científica é muito mais permeável aos empréstimos lingüísticos do que o léxico geral, pois a grande parte de empréstimos que entram numa determinada língua o fazem através dos vocabulários especializados. Todavia, na linguagem da informática, tal fato tem acontecido de uma forma um tanto exagerada e desordenada.

Assim, pretendemos discutir, em nossa comunicação, em que medida um número excessivo de empréstimos - muitos deles desnecessários - pode denotar, não apenas um enriquecimento do léxico, mas sobretudo uma dependência (ou subserviência?) cultural do país gerador de tecnologia.

**ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago.** *Comparação do sentido de substantivos semanticamente relacionados em inglês, um de origem latina e outro de origem anglo-saxônica.*

O vocabulário da língua inglesa é constituído de palavras de diversas origens. Apesar de ser formado basicamente de itens lexicais de origem germânica, muitos itens originados do latim fazem parte do seu léxico. Esses itens vieram para o inglês diretamente, já que as tribos germânicas, cuja língua deu origem ao inglês, tiveram contato com os romanos no período do inglês antigo (Old English - de 450 a 1150), ou indiretamente, através do francês no período do inglês medieval (Middle English - de 1150 a 1500) e tanto direta quanto indiretamente no inglês moderno (Modern English - de 1500 até hoje), visto que a contribuição francesa continuou no período moderno e a língua inglesa usou termos do latim e do grego para denominar sua produção científica.

Por esse motivo, existem, em inglês, vários lexemas semanticamente relacionados (por sinonímia ou hipoínia) que correspondem a único item lexical em português. É o caso de *anniversary* e *birthday* que correspondem a aniversário. A pesquisa tentou mostrar as diferenças de sentido entre substantivos como os acima mencionados através de exemplos autênticos e da análise componencial. O uso desses substantivos pode trazer grande dificuldade para o falante de língua portuguesa, pois este tenderá a usar os itens lexicais de origem latina na língua inglesa com o mesmo sentido da língua materna.

Os grupos de substantivos estudados foram os seguintes: 1 - Adolescent x teenager (adolescente); 2 - anniversary x birthday (aniversário); 3 - arms x weapons (armas); 4 - assassination x killing x murder (assassinato); 5 - beverage x drink (bebida); 6 - cemetery x graveyard x churchyard (cemitério); 7 - city x town (cidade); 8 - edifice x building (edifício); 9 - error x mistake (erro); 10 - inferno x hell (inferno); 11 - interment x burial (enterro); 12 - language x tongue (língua); 13 - liberty x freedom (liberdade); 14 - marriage x wedding (casamento); 15 - merchant x dealer x trader (comerciante); 16 - motorist x chauffeur x driver (motorista); 17 - phantom x ghost x spook (fantasma); 18 - port x harbor (porto); 19 - present x gift (presente); 20 - professor x teacher (professor); 21 - proprietor x owner (proprietário); 22 - prostitute x whore x booker x streetwalker (prostituta); 23 - recompense x reward (recompensa); 24 - robber x thief x burglar (ladrão); 25 - talent x gift (talento); 26 - vapor x steam (vapor); 27 - vendor x seller (vendedor).

**CANO, Waldenice Moreira (UFU/UNESP).** *O adolescente frente a estrangeirismos veiculados em jornal: graus de assimilação.*

Esse trabalho faz parte de uma pesquisa em que se pretende investigar qual o nível de assimilação dos estrangeirismos por adolescentes.

Foram escolhidas vinte e cinco palavras estrangeiras retiradas do caderno *Folhateen*, do jornal Folha de São Paulo, e foram montados testes para aplicação em adolescentes, de idade entre dezesseis e dezessete anos, cursando o segundo colegial em escola particular.

Os resultados, embora ainda parciais, mostram que o adolescente do interior de Minas não entende a linguagem veiculada pelo referido caderno, embora seja seu leitor. Os estrangeirismos não fazem parte do acervo

lexical do aluno: ele não os usa em seu cotidiano e não foi capaz de dar o significado da maioria das palavras, mesmo contextualizadas, do que se pode concluir, de maneira ainda não definitiva, que a linguagem da *Folhateen* não representa a linguagem dos adolescentes de Uberlândia (MG). As razões ainda estão sendo pesquisadas. A próxima etapa do trabalho será uma comparação com adolescentes de São Paulo (Capital), através da aplicação dos mesmos testes.

**CARVALHO, Nelly (UFPE).** *Fórmulas fixas na mensagem publicitária.*

As fórmulas fixas da língua como citações, clichês e frases feitas são elementos considerados abomináveis na literatura, condenados pelos teóricos da estilística. Michael Riffaterre (1973), contudo, afirma que os mesmos podem se tornar elementos de valorização de um texto, despertando a adesão do leitor através de algo já conhecido, que estimula a memória. A alusão ou citação ultrapassa estes limites. Reserva ao leitor a satisfação de um conhecimento partilhado de algo que se torna comum entre este e o autor. Cria uma espécie de cumplicidade entre ambos.

Nem sempre o seu uso é literal: a introdução de um elemento novo cria um jogo de palavras, tornando a frase contrafeita ou a citação modificada, um modo de desmontar estereótipos.

Na íntegra ou modificados, estes jogos de palavras facilitam a comunicação, estabelecendo uma certa familiaridade com o leitor e por isto têm seu uso difundido na linguagem dos "mass media", sobretudo no jornalismo e na publicidade.

A variação a que se os submete, incorpora o elemento surpresa e a exploração sistemática destes elementos de estilo na mensagem publicitária recorre a filmes, livros, programas, frases do efeito, frases célebres e até ditos populares.

**DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira (UFC).** *A confusa noção de prefixóide.*

Nos atuais estudos lexicológicos, tem-se falado da existência dos prefixóides, mas os critérios utilizados para defini-los não são unívocos. Jordan e Manoliu (1980:44-49) caracterizam-nos com base em critérios de cronologia e de produtividade: os prefixóides são de introdução recente na língua e se prestam a formar novas palavras relacionadas com a ciência e a tecnologia e destacam-se por não exibirem grande rendimento, o que contraria conclusões de Li Ching (1973), que também tratou dos prefixóides. Carvalho (1973:547-54) alude igualmente aos prefixóides, porém em termos mais operacionais: eles, por seu caráter acentual, justapõem-se à base, sendo alguns relacionados às preposições, no plano dos significantes. Por fim, mencionemos Sandmann (1989:105-114), que também se refere aos prefixóides, mas com fundamentação um tanto diversa. Eles têm correspondentes livres, como *sobre*, *bem* e *pró*, contudo não são funcionalmente equivalentes às formas lexicais com que se relacionam.

Como vemos, é vário o conceito de prefixóide. Nosso objetivo é analisar as diversas propostas, a fim de verificar o que há de consistente nelas.

**FINATTO, Maria José Bocorny (UFRGS).** *Da teoria do texto lexicográfico: um diálogo entre lingüística e lexicografia.*

Este trabalho tem a finalidade de apresentar alguns aspectos da Teoria do Texto Lexicográfico, desenvolvida por H.E. Wiegand (1989). Analisa possibilidades da aplicação deste modelo, centralizado na descrição formal de



enunciados lexicográficos, e sintetiza alguns resultados da dissertação de mestrado "Da lexicografia brasileira (1813-1991): tipologia microestrutural de verbetes substantivos" (Finatto, UFRGS, 1993).

**GAMARSKI, Léa (PUC-RJ). *Produtividade e produção de participios passivos.***

A análise da estrutura lexical de participios passivos verbais e adjetivais conduz a generalizações que a morfologia deve levar em conta no estudo das condições de produtividade e produção dessas formações. Em termos de produtividade lexical, tais processos podem ser traduzidos em termos de configurações de estrutura argumental, envolvendo a interação de propriedades temático-lexicais de verbos e adjetivos e princípios gerais da gramática. Por sua vez, no que diz respeito à sua produção em textos de língua falada, evidencia-se a maneira como o fator morfológico está relacionado à estruturação sintática dos enunciados, mostrando-se relevante para a distinção entre os diferentes tipos de inquérito, e a relação entre o uso de participios passivos e fatores como explicitação de cópula, agente e argumento indireto vinculado.

**MACHADO, Marina Helena Kaiser (UNICAMP). *Análise de palavras do Projeto NURC.***

Este trabalho pretendeu a princípio elaborar e analisar uma lista de frequência de palavras oriundas do Projeto NURC e que apresenta diferentes situações específicas, como marcadores conversacionais, neologismos, assim como também tomar decisões quanto a entradas lexicais, como o caso de *foi/fora/fôssemos* onde fica difícil decidir quando se trata de verbo *ser* ou *ir*. Para a ocorrência de *fora* a decisão torna-se ainda mais difícil, pois, nesse caso, a polissemia, além de verbal, é também nominal, isto é, *fora* pode ser também um advérbio de lugar - o que não é dentro.

Em casos como esse é imprescindível a consideração do contexto, sem o qual torna-se impossível uma análise semântica, ficando apenas uma lista de palavras quantificadas. E, tentando solucionar a questão do contexto, vamos trabalhar com um analisador sintático, que proporciona novas possibilidades de análise, diferentes da "lista" obtida.

**MAGELA, Ana Flávia Lopes (UFF). *Pela inclusão do não entre os prefixos do português.***

No português brasileiro contemporâneo, nota-se o fenômeno da utilização do item lexical *não*, originalmente advérbio de negação e substantivo, como forma que se antepõe a determinados vocábulos com a finalidade de conferir-lhes um significado negativo. Alguns desses vocábulos já estão documentados no *Dicionário Aurélio*: o substantivo *não-metal*, o adjetivo *não-participante* e o verbo *não-ser*, por exemplo; na escrita jornalística, atestam-se também várias ocorrências, como *não-repasse* (O Globo, 31/05/91, p.06), *não-comercial* (ibid., 24/06/91), *não-vegetal* (ibid., 28/09/91), sinal de que a regra de adição deste elemento às suas bases está atualmente acessível aos falantes/redatores, e a estrutura das palavras em *não* parece ser perfeitamente recuperável pelos ouvintes/leitores. Contudo, a existência de *não* nesta acepção permanece ignorada pelos autores das gramáticas do português, que reiteram a atitude de, no que toca à formação de palavras, citar somente os prefixos e radicais de origem grega ou latina, ao lado da inalterável lista de sufixos.

Diante de tal fato, este estudo procurará apresentar argumentos que validem a inclusão de *não* no rol dos prefixos do português. Uma investigação baseada na Teoria Lexicalista é capaz de dar conta da tarefa proposta, uma vez que esta linha de pensamento permite analisar a competência do falante em lidar com os itens do sistema lexical de sua língua, da mesma forma que favorece a identificação dos princípios que orientam a criação de novas palavras.

A argumentação em prol do estatuto prefixal do *não* fundamenta-se em uma análise dos seus traços formais, semânticos e sintáticos.

**MARCOMINI, Adriani Aparecida (UNESP-CAR). *Paráfrases infantis X definições do dicionário.***

O presente trabalho tem por objetivo realizar um estudo comparativo entre quinze substantivos, da língua corrente, definidos por crianças não alfabetizadas na faixa etária de 5 a 5 anos e 11 meses e quinze verbetes do *Dicionário Aurélio Infantil da Língua Portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

As definições das crianças foram obtidas através de entrevistas individuais, onde era dada uma explicação à criança do que se desejava e, após esta explicação, era feita a pergunta: "O que é (substantivo) para você?", utilizando-se de outras perguntas, tais como "Como é (substantivo)?", somente quando a criança não respondesse à primeira pergunta.

Os substantivos escolhidos foram: pai, mãe, casa, carro, cachorro, escola, bicicleta, boneca, bola, sol, cadeira, livro, circo, árvore, comida.

Partindo-se do pressuposto de que as crianças, nesta faixa etária, já têm introjetadas definições dos substantivos acima citados, montou-se o *corpus*, através do qual procurou-se verificar se existem semelhanças e/ou diferenças entre as paráfrases infantis e as definições apresentadas nos verbetes do Dicionário.

**MARQUES, Maria Helena Duarte (UFRJ). *O português no Brasil e em Portugal: aspectos léxico-vocabulares.***

Comparação entre os dados léxico-vocabulares da fala carioca, resultantes do processamento de 152 entrevistas, registradas para o Projeto NURC na cidade do Rio de Janeiro, e os dados léxico-vocabulares resultantes dos inquéritos de frequência, realizados em Portugal, para o *Português Fundamental*.

Perfil numérico geral dos itens léxico-vocabulares comparados: alguns dados quantitativos, referentes à incidência de substantivos, verbos, adjetivos e instrumentos gramaticais, na fala culta da cidade do Rio de Janeiro e nos inquéritos de frequência do *Português Fundamental*.

Informe preliminar do léxico de mais alta frequência da variante brasileira da língua portuguesa, pela primeira vez obtido num *corpus* oral relativamente homogêneo, constituído de 510 mil unidades vocabulares textuais, empregadas por 152 locutores, distribuídos nos dois sexos e em três faixas etárias, em entrevistas sobre 20 temas, que correspondem, em linhas gerais, aos centros de interesse definidos para o *Português Fundamental*.

Considerações gerais sobre semelhanças e diferenças encontradas no léxico de mais alta frequência das variantes da língua portuguesa falada no Brasil (Rio de Janeiro) e em Portugal. Semelhanças e diferenças encontradas entre os dados léxicos da fala carioca e dados do português escrito em jornais e revistas do eixo Rio-São Paulo.

dichas estrategias discursivas en una muestra de hablantes nativos del español de Venezuela y comparé los resultados con los obtenidos por Tannen 1980.

Chafe en la introducción de su libro *The pear stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production* plantea que la organización de todo discurso está fuertemente condicionado no sólo por las reglas lingüísticas convencionales que maneja el hablante, sino también por sus motivaciones pragmáticas y cognitivas. Basándome en este planteamiento me propongo demostrar que los hablantes venezolanos, a la hora de narrar un mismo hecho, emplean estrategias discursivas de acuerdo con su cultura y su entorno. El artículo de Deborah Tannen 1980 constituye el antecedente directo y la motivación para emprender la presente investigación.

El corpus de estudio está constituido por veinte grabaciones, de seis minutos aproximadamente, realizadas a partir de la narración de la película *La historia de las peras* (Chafe 1980) por parte de veinte hablantes venezolanos, diez (10) hombres y diez (10) mujeres, de edad comprendida entre los 30 y los 45 años y de nivel socioeconómico medio o medio alto.

Para el estudio de las narrativas tomé en cuenta dos variables: i) los elementos evaluativos presentes en la narración y ii) lexicalización interpretativa. La primera variable consiste en analizar las evaluaciones de los narradores acerca de lo que vieron en la película, como se muestra en (1) y (2):

- (1) La sensación que queda es que pareciera que él cree que fueron ellos los que se llevaron la cesta.
- (2) ... la impresión que uno recibe es que el señor se dio cuenta de que le faltaba una cesta.

La segunda variable consiste en la nominalización que los hablantes escogieron para referirse a los personajes y a los objetos que aparecen en la película, como se aprecia en (3) y (4):

- (3) Sale un agricultor ¿verdad? con su chaqueta, su pañuelo y un delantal recogiendo peras...
- (4) ... entonces hay un señor que está recogiendo (...) cosechando peras ¿no?

El análisis realizado permite validar la hipótesis de Chafe en cuanto a que la narración de un mismo hecho está muy influenciada por la cultura del hablante y particularmente, por sus conocimientos y experiencias personales. En efecto, el estudio muestra que las estrategias discursivas manejadas por los narradores venezolanos: i) están condicionadas por los intereses, objetivos y sentimientos propios de cada hablante; y ii) son similares a las empleadas por los hablantes griegos y diferentes de las utilizadas por los hablantes norteamericanos estudiados por Tannen 1980.

### ALCOFORADO, Doralice F. Xavier (UFBA). *A onomatopéia na literatura oral.*

A análise do discurso narrativo de um texto oral implica a observação de determinados traços específicos da sua natureza e função. Como forma de entretenimento e de aprendizado, a narrativa oral explora a função expressiva da linguagem que potencializa o fruir prazeroso que retém a atenção da plateia. Não se limitando o seu contexto enunciativo ao aspecto estritamente verbal, incorpora aspectos translingüísticos que vão imprimir mais força persuasiva à voz e introduzir na poética procedimentos específicos da oralidade. Semelhantes a estes, destacam-se procedimentos sonoros imitativos que imprimem maior carga emotiva à expressão verbal, ampliando, dessa forma, o poder de sugestão.

O estudo das correspondências sonoras que constituem as onomatopéias, muito exploradas pela narrativa oral, será o assunto desta comunicação.

O exame está delimitado aos vocábulos: *branco, negro, preto e mestiço*. As análises foram realizadas procurando: 1º um mapeamento das predicções; 2º o delineamento ideológico reproduzido pelas predicções; 3º os pontos de contato e hierarquização dos substantivos predicados, a partir de uma predicção mais abrangente.

A amostra analisada foi retirada de expressões populares empregadas pelo senso comum, e dos dicionários: *Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa - Aulete, C.*, e *Novo Dicionário de Língua Portuguesa - Ferreira, A.B. de Il.*, e os resultados obtidos são: a. os vocábulos analisados estão cristalizados em dicionários por diferentes normas de uso, e, mesmo em estado de dicionário, refletem a ideologia do grupo dominante; b. essas palavras, enquanto lexia ocorrência, estão marcadas ideologicamente, carregadas de discriminação racial e social, principalmente no que se refere ao uso dos vocábulos *preto e negro*; c. os grupos, ao utilizarem esses vocábulos, deixam implícita a ideologia. Assim sendo, mostra-se que não há neutralidade nos vocábulos em estado de dicionário, pois é este saber que é partilhado pelo grupo de uma dada comunidade sociolingüística.

Conclui-se que a institucionalização de lexias em dicionário é uma forma de reprodução do racismo.

### SOUZA, Maria Helena G. M. de (UNESP-Bauru). *A inferência lexical de palavras-chaves e as pistas contextuais em textos técnicos, em inglês.*

A estratégia de inferência lexical está intimamente relacionada com o contexto lingüístico, ou seja, com as pistas oferecidas pelo autor de textos técnicos, com o objetivo de familiarizar o leitor com palavras recém introduzidas no texto e que são importantes para o entendimento da mensagem.

Em nossa pesquisa, observamos a utilização da estratégia de inferência de palavras-chave, em dois textos de Eletrônica, um de assunto conhecido e outro de assunto desconhecido.

A análise das pistas contextuais se baseou na estratégia de familiarização lexical, proposta por Bramki & Williams (1984), que engloba as seguintes categorias: explicação, definição, exemplificação, ilustração, estipulação e sinonímia.

### SIMON, Maria Lucia M. (FISS, Vassouras-RJ). *Uma pesquisa no campo lexical mulher.*

Análise funcional do campo lexical *mulher*, considerando aspecto físico, idade, atividade, estado civil, etc. Pesquisa realizada, partindo do arquilexema *mulher*, no município de Vassouras, RJ, em agosto de 1990. Levantamento realizado tendo em vista a possibilidade e mesmo a necessidade de descrição e de estruturação do léxico, ainda que tomado em porções mínimas.

## SEÇÃO 08 - ANÁLISE DO DISCURSO

### ALARIO, Antonietta (Universidad Central de Venezuela). *Estratégias discursivas en la narrativa oral: un estudio sobre el español hablado en Venezuela.*

El propósito del siguiente trabajo es estudiar las estrategias discursivas presentes en la narrativa oral y qué influencias ejercen sobre éstas la cultura y/o el conocimiento del mundo de cada hablante. Con esta finalidad estudié



exotéricas, em número de 36 (trinta e seis), gravadas em fita de vídeo e transpostas para fita de áudio. Além desse material, enriqueceu-se o *corpus* com levantamento, realizado em textos específicos de cada subcampo léxico-semântico considerado, tanto em textos que tratam de religião, quanto em textos que tratam das crenças populares, em suas múltiplas variedades. Do exame dos discursos gravados, detectaram-se os subcampos léxico-semânticos acima referidos. A abrangência do recorte dado neste trabalho deve-se ao fato de ter-se constatado que a linguagem utilizada no exoterismo reflete uma concepção religiosa que envolve o sincretismo, em toda a sua extensão, dado tanto pela identificação de santos católicos com os orixás, por exemplo, quanto pela miscigenação de princípios dogmáticos católicos com orientações de crenças de diferentes procedências. A análise do material leva em conta, portanto, os diferentes subcampos já detectados, subcampos estes recobertos por conjuntos específicos de itens lexicais, aos quais aplica-se o modelo de análise sêmica, segundo Potier (1978), para fins de definição de semas genéricos e de semas específicos, visando à elaboração do vocabulário do exoterismo.

SANTOS, Márcia C.S (UFRJ). *O vocabulário do português escrito: a língua literária de Graciliano Ramos.*

Tratamento computacional do vocabulário no romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos para exame das unidades léxicas, tendo em vista a estrutura ficcional do romance. Diretrizes adotadas para o estudo da obra do autor, tomando os lexemas de incidência mais alta no texto como "indicadores de leituras" no plano literário. Determinação das características léxicas da variante escrita literária da língua portuguesa no Brasil.

SCHEINOWITZ, Celina de Araújo (CNPq). *O francês além de suas fronteiras: contribuição para o estudo dos empréstimos em português.*

Com base em um *corpus* de 57 unidades lexicais do francês, usadas no português como empréstimos, investiga-se sua integração semântica no novo sistema lexical.

Tenta-se primeiramente medir os graus dessa integração, a partir de dados fornecidos pela descrição lexicográfica, a nível macro e microestrutural. No primeiro caso, através de uma leitura vertical do instrumento/dicionário, consideram-se a inclusão ou exclusão do termo da sua nomenclatura e o tratamento ortográfico recebido: o aporuguesamento denotando maior integração e a utilização de grafia estrangeira apontando a condição de xenismo para o empréstimo, ou seja, a permanência do sentimento de estrangeirismo para o termo, avaliando-se ainda a duplicidade ortográfica, em que uma forma aporuguesada coexiste com um xenismo ou em que duas formas aporuguesadas aparecem em níveis diferentes de adaptação fonológica. No segundo caso, procedendo-se a uma leitura lexicográfica horizontal, leva-se em conta o pressuposto de que o signo estrangeiro, no período inicial de sua chegada à nova língua é, na maioria das vezes, monossêmico e referencial, e considera-se indicio de maior integração no novo sistema a ampliação da significação do empréstimo na língua de acolhida.

Analisa-se, a seguir, a redução de significação implicada no processo de empréstimo, bem como os casos em que, por se constituírem em vocábulos teoricamente monossêmicos ou de fraca polissemia na língua fonte, os empréstimos conservam equivalência semântica com as formas originais. Quando se verifica a redução, ao lado de um simples afunilamento na significação, são inventariados casos de deformação no sentido, de adaptação semântica em sentido melhorativo ou pejorativo e de especialização decorrente de redução sintagmática.

Para concluir, põem-se em destaque as tendências avistadas na permanência dos vocábulos do *corpus* em português, detectando-se os casos de envelhecimento lexical, de mudanças semânticas em andamento e de previsão de permanência duradoura no sistema, pelo menos até que novos fatos venham perturbar a ordem estabelecida.

SILVA, Elen Lucy Tavares da (UFRJ). *Levantamento do vocabulário geral e específico da cidade do Rio de Janeiro: Transportes e viagens.*

Análise de inquéritos do tipo DID (diálogo entre informante e documentador), visando o levantamento geral e específico do vocabulário da fala culta carioca no tema **Transportes e viagens**.

Apresentação dos resultados gerais obtidos na classificação vocabular dos itens gramaticais **verbo, substantivo, adjetivo e advérbio em -mente** de acordo com o número de ocorrências.

Comparação entre os itens lexicais e as faixas de ocorrências que tendem a caracterizar mais nitidamente o tema.

SILVA, Maria Emília Barcellos da (UFRJ). *Procedimentos quantitativos em estudo de vocabulários específicos.*

Tendo por base de reflexão um *corpus* de **língua oral**, eliciado do acervo magnetofônico do Projeto Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro - APERJ -, divulgam-se os resultados a que se chegou pela aplicação de métodos estatísticos e lexicais ao falar de comunidades pesqueiras artesanais do Norte fluminense, observadas as faixas etárias dos informantes - definidas consoante sua inserção no mercado de trabalho - e as ambiências (fluvial, lacustre e marítima) onde os profissionais-alvo desta pesquisa exercem a sua atividade de sobrevivência.

Para a consecução dos propósitos desta comunicação, explicitam-se os critérios pelos quais se procedeu ao levantamento dos itens discursivos dos inquéritos, cuja unidade elementar é a palavra - lexema ou vocábulo -, sem considerar o estatuto fonológico ou sintático em que a mesma se insira; apresentam-se, além do mais, os conceitos norteadores deste estudo e discutem-se aqueles que melhor se adaptaram às especificidades da pesquisa e pelos quais se estabeleceram os **índices de vocábulos e de frequência**.

Pela elaboração dos índices de frequência, propõe-se uma discussão sobre a importância que se pode creditar aos **hápax** no estudo de línguas de especialidades, mormente nas que decorrem de atividades periféricas, como é o caso da pesca artesanal - exercida por indivíduos analfabetos e semialfabetizados, representantes de camadas desfavorecidas da população brasileira, cujo falar não tem respaldo em documentos escritos, uma vez que seu exercício profissional se funda no aprendizado herdado *ex-oris* de gerações passadas também dedicadas à mesma atividade.

A par dessas considerações, apresentar-se-ão cartas léxicas concebidas a partir da aplicação de primados estatísticos conjugados a pressupostos lexicológicos, léxico-semântico e lexográficos.

SOUZA, Maria da Graça de (PUC-Osasco/SP). *O dicionário como instrumento ideológico.*

Esta comunicação examinará as construções vocabulares registradas em dicionários de língua portuguesa, e tem por objetivo tratar da reprodução da ideologia da classe dominante branca, a partir das predicções institucionalizadas.

**BARZOTTO, Valdir Heitor (UNIOESTE).** *Um estudo discursivo da produção da morte a partir de textos publicitários.*

Após perceber que os elementos vida e morte figuram, enquanto representação, como um permanente conflito em textos de propagandas de agrotóxicos e concorrem para a construção da necessidade de uso desses produtos, realizei neste trabalho um exercício teórico a partir do aparato que nos fornece a Análise do Discurso para se tentar explicar a relação que se estabelece, a partir de textos publicitários entre esses produtos e seus usuários.

Recorrendo também a autores como Beaudrillard, Ginzburg, Hinkelammert, Lacan, Marx e Pêcheux, para rever os conceitos de alienação e de ausência (falta) na relação de sujeitos com os objetos, percebi que, se concordarmos com a análise feita por Marx sobre o fetichismo da mercadoria, temos que admitir que o trabalho da Análise do Discurso, que na acepção de Pêcheux é "O estudo dos mecanismos deste duplo entendimento ideológico sobre uma base lingüística tendencialmente unificada.", fica ainda mais complexo quando estudamos uma propaganda, pois esta veicula um discurso sobre si mesma, construído uma ausência, uma mercadoria que, todavia, não se faz presente, constituindo-se também em uma ausência, ou numa possibilidade apenas imaginária de preenchimento dessa ausência pelo objeto/mercadoria apresentado.

A leitura das propagandas de agrotóxico, à luz dos autores estudados, revelou pistas para se verificar como se dá a produção (e a busca) da morte, física ou social, individual ou coletiva, dos leitores. Neste trabalho ilustro também como outros autores chegaram a conclusões muito parecidas, embora por outras vias, nas áreas de educação, história e em outro tipo de propagandas.

**BASTOS, Lílíana Cabral (PUC-RJ).** *As funções do adjetivo no português falado.*

Neste trabalho, o adjetivo é analisado em manifestações da conversação face a face do português. A partir de uma análise desenvolvida sob uma perspectiva interacional do discurso, que compreende a produção de enunciados como uma atividade conjunta de falantes e ouvintes, são identificadas correlações entre propriedades gramaticais do adjetivo e seu funcionamento no discurso.

O adjetivo funciona veiculando informação e expressividade, ou como adjunto adnominal em SNs ou em expressões predicadoras. Nos SNs em que ocorre, o adjetivo participa sobretudo da construção de referências discursivas: a informatividade do adjetivo consiste em ser co-função do substantivo na identificação, continuação ou elaboração de entidades sobre as quais se fala. Em expressões predicadoras, o adjetivo atua individualizado, introduzindo propriedades a entidades, ou comentários modais sobre o que está sendo dito. Nessas expressões, o adjetivo funciona sobretudo na veiculação da expressividade, manifestando a subjetividade do "eu" falante.

**BIDARRA, Clemara (MACKENZIE-SP).** *Os dêiticos e a modalização do discurso no texto *Apelo* de Dalton Trevisan.*

Objetiva-se, com este trabalho, expor os revestimentos discursivos que dão concretude ao nível narrativo-abstrato.

Para tanto, foram selecionadas as debragens enunciativas e o modo como estas são manifestadas, a fim de que, através de um exame dos dêiticos e da modalização do discurso, torne-se possível ler com mais eficácia o texto, ou seja, não observando somente o que foi enunciado em seu conteúdo, mas como o conteúdo é veiculado, de modo

a captar nos dados de sua expressão lingüística uma formação ideológica, visto que o sujeito é marcado sócio-historicamente, o que leva a incorporar o extra-lingüístico como integrante da própria linguagem.

Assim sendo, os fundamentos deste trabalho percorrerão os princípios da linha francesa da análise de discurso, para interpretação do texto *Apelo*, de Dalton Trevisan.

O procedimento metodológico é o teórico-prático, uma vez que serão feitas considerações teóricas para a instauração do processo de análise.

**BOLÍVAR, Adriana (Universidad Central de Venezuela).** *El diálogo electoral a través de la prensa: cambios socio-económicos y cambios en el discurso.*

En este trabajo se presentan los resultados de un análisis del diálogo electoral a través de avisos pagados en la prensa por los partidos políticos y sus candidatos, durante dos campañas electorales para elegir presidente en Venezuela, en 1988 y en 1993. El objetivo es demostrar que los cambios sociales y económicos se reflejan en el diálogo que sostienen los partidos políticos. Al mismo tiempo, se persigue obtener datos sobre el lenguaje característico de este diálogo.

Se utiliza un corpus compuesto por un total de 1359 textos, tomados del periódico *El Nacional*, que comprenden anuncios, invitaciones, remitidos, slogans y otros, de los cuales 906 corresponden al año 1988 y 453 al año 1993. En cada período se estudian 3 subperíodos para observar los cambios cronológicos en el discurso.

El análisis se lleva a cabo de acuerdo con las categorías siguientes, propuestas en Bolívar 1992: a) los participantes o las voces con acceso a la prensa, b) la interacción entre los participantes en cuanto a i) los tópicos preferidos, ii) los actos que habla, iii) cómo se ven a sí mismos y a sus interlocutores, y c) las estrategias de persuasión utilizadas por los candidatos para convencer al electorado. Se da especial atención a la diferencia entre contenidos y secuencias de actos y a las estrategias de descalificación.

Los resultados indican que los cambios sociales sufridos por Venezuela en los últimos años se reflejan en el diálogo de los partidos políticos, especialmente en la disminución notable de avisos publicados, en la reorganización de los participantes y de las voces, en la selección de los tópicos, y en las estrategias de persuasión.

**BONINI, Adair (UFSC).** *O papel da emoção/motivação na formação da macroestrutura textual.*

Em termos de ciências cognitivas, muito pouco se tem feito com relação ao estudo de fatores subjetivos tais como ideologia, crenças, emoção, motivação, afetividade. O grande desenvolvimento dessas ciências, contudo, tem suscitado, principalmente em áreas relacionadas à linguagem, a preocupação com essa lacuna.

Dado o fato dessa constatação, a pesquisa que estamos realizando, inserida no quadro do processamento do discurso, tenta envolver os elementos emoção e motivação na intrincada rede de conceitos cognitivos, os quais se mostram exageradamente simétricos e idealizados. Os dois elementos estão sendo vistos, contudo, de uma forma integrada, dado o fato de estarmos adotando a teoria dos "primes" de Buck (1985).

Tendo como base psicolingüística a teoria de tratamento de discurso desenvolvida por Kintsch e Van Dijk (1978), nossa proposta é observar a influência da emoção/motivação na formação da macroestrutura textual.

Os experimentos têm sido realizados durante o processo de leitura, e perseguem como objetivo principal a descrição dos fenômenos decorrentes da correlação esquemas cognitivos/carga emotiva/motivacional.



ALMEIDA, Evanilda Marins (UFRJ). *O uso do artigo no discurso.*

Nesta comunicação, apresentam-se considerações sobre o uso do artigo no discurso oral num "corpus" selecionado do Censo da Variação Linguística e segundo o modelo de status informacional, proposto por Helen Prince.

No estudo analisam-se todos os SNs precedidos ou não por artigo e apontam-se as dificuldades advindas da aplicação do referido modelo.

Propõe-se ainda uma análise sobre o que determina, no discurso, o uso dos diferentes artigos.

ANGELIM, Regina Célia Cabral (UFRJ). *Presença e/ou ausência do pronome pessoal de primeira pessoa do singular, sujeito, na fala oral culta carioca.*

Analisa-se o papel do pronome pessoal reto, especificamente o de primeira pessoa, considerando-se seu papel de "criador" ou "regulador" da significação de um enunciado (Mateus et alii, 1983:162).

Pretende-se estudar os condicionamentos de uso que justificam a ausência do pronome-sujeito, de primeira pessoa do singular, em quatro entrevistas do tipo DID (diálogo entre informante e documentador), gravações pertencentes ao projeto NURC do Rio de Janeiro. Analisam-se as situações que possam condicionar a presença ou a ausência do pronome sujeito de primeira pessoa do singular, na fala dos informantes. Essas situações são observadas aqui sob três critérios:

2.1) um critério lingüístico, compreendendo a natureza semântica do verbo e situações de ordem morfosintática,

2.2) um critério textual, analisando a tipologia do discurso,

2.3) um critério extralingüístico, no caso, o sexo do informante, uma variável externa, portanto.

Conclui-se que, independentemente do tipo de discurso que marca a resposta do entrevistado, quando se usa a primeira pessoa, a predominância é de explicitação. E a diferença numérica entre a explicitação e a implicação é maior quando o tema ou o tratamento dado a ele é subjetivo. A distinção do sexo foi também um fator de destaque, no que se refere ao emprego mais freqüente da primeira pessoa.

ANTUNES, Maria Irlandê (UFPE). *Um aspecto da coesão lexical para além da reiteração.*

Além da reiteração, Halliday e Hasan (1976) afirmam a existência de um outro tipo de coesão lexical: a co-ocorrência de unidades lexicais, ao qual denominam de "colocação".

Estabelecem que esse tipo de coesão lexical funda-se nas associações semânticas que, por muitas razões, as palavras de um determinado texto guardam entre si. Tais associações, segundo eles, manifestam-se no plano sintagmático - enquanto refletem os padrões de co-ocorrência - e remetem para o plano paradigmático - enquanto derivam de uma relação sistematicamente reconhecível.

Como em toda manifestação lingüística, conjugam-se aqui o sintagmático e o paradigmático, embora, no caso da categoria coesiva em apreço, as associações ganhem relevância desde o plano sintagmático, pois o que determina a presença de unidades em "colocação" é a propriedade de elas tenderem a co-ocorrer em contextos similares. Ou seja, a relevância desta categoria coesiva deriva da previsibilidade de que unidades vinculadas

paradigmaticamente venham a vincular-se, de forma recorrente, no eixo sintagmático de contextos similares, fixando, assim, conjuntos lexicais co-ocorrentes.

As explicações e análises apresentadas por aqueles autores não são suficientes para dar conta de uma duplicidade de aspecto que o fenômeno da colocação, enquanto procedimento coesivo, parece abranger. Há fortes indícios de que a co-ocorrência que caracteriza a colocação realiza-se em duas dimensões distintas: a microestrutura e a macroestrutura do texto. Na primeira, situo, propriamente, aquelas co-ocorrências de caráter local, responsáveis, em última análise, pela instauração das lexias complexas ou compostas. Tais co-ocorrências, em princípio, sobressaem como coesivas apenas na dimensão mais limitada da combinação sintagmática imediata. Na dimensão da macroestrutura do texto, cabem as co-ocorrências de unidades semanticamente associadas, espalhadas ao longo do texto, fora, no entanto, da condição de formas co-ocorrentes fixas, o que parece extrapolar o núcleo de que derivou a atribuição do termo "colocação".

Proporho por este estudo uma reconsideração da categoria coesiva que Halliday e Hasan (1976) apresentam sob o nome (já emprestado) de "colocação".

ARAÚJO, Gilda Maria Lins de (UFPE). *A repetição no discurso político indígena.*

Marcas comuns e recorrentes no discurso político indígena manifestam-se espontaneamente. Entre os recursos mais utilizados, a repetição será tratada nesta comunicação. Ela (a repetição) flui naturalmente nesses textos interculturais e reflete a oposição de duas representações (a do mundo do índio e a do mundo do não-índio). Essa ênfase deixa transparente uma forma de auto-convencimento e de convencimento do interlocutor. Nesse sentido, os dados evidenciam que a repetição não é necessariamente uma pobreza vocabular. Funcionalmente eficaz, vale, no contexto de enunciação, como um elemento de coesão. Pela análise e interpretação dos contextos, observa-se que as repetições não são gratuitas; elas marcam, também e sobretudo no discurso do índio mais aculturado, a convicção e a confiança "até prepotente" dos representantes de uma população ofendida, ou seja, a população indígena. No corpo do trabalho, chama-se atenção especialmente para diversos tipos de construção. Em umas, a repetição estrutural como marca de coesão externa, assim nomeada por ligar um percurso a outro; em outras, a repetição no mesmo percurso, razão de se nomeá-la coesão interna; e, como menos freqüência, a repetição retórica, entendida como aquela de natureza eminentemente enfática.

BÁRBARA, Leila (PUC-SP). *A interação em textos científicos.*

A partir de escrutínio de um conjunto de artigos de pesquisa, são levantadas as marcas de interação entre autor(a) e leitor(a). É analisada a freqüência de cada uma dessas marcas e sua função, bem como possíveis fatores internos ou externos determinantes de seu uso.

As principais marcas previstas são:

- o uso de pronome pessoal;
- o uso de passivas analíticas ou sintáticas;
- o uso de perguntas e imperativos.

Em segundo lugar, tencionamos mostrar como a intenção do autor pode assumir uma dimensão diferente da do "biografismo", na medida em que as condições de produção do discurso, do ponto de vista sócio-histórico, são levadas em consideração. Além disso, defendemos que o processo de leitura se dá quando ocorre uma interseção entre a intenção do leitor e a da obra. Isso significa dizer que uma leitura só pode se construir na medida em que identifica os procedimentos intradiscursivos e interdiscursivos inerentes à constituição do texto que pretende interpretar.

CUNHA, Cláudia de Souza (UFRJ). *Estratégias argumentativas no oral*.

Pode a palavra, por si só, produzir significado? Pode um texto *estar* no mundo sem uma situação que o cerque, uma intenção que o provoque? Pode um texto apenas *ser*? Nada que se diz é à toa e o significado do que se diz só emerge em meio a um conjunto de circunstâncias situacionais: quem fala; por que fala; que alvo pretende atingir. O "como", o que é dito, o que é literalmente verbalizado, "a palavra", por assim dizer, cumpre uma função mediadora, estabelecendo um elo entre o ponto de chegada e o traçado que o emissor define como ideal para alcançá-lo. O texto é o longo caminho que se estende entre o sonho do arquiteto e a casa erguida.

Propositadamente, o texto que aqui se apresenta como *corpus* (a transcrição de uma Elocução Formal, pertencente ao arquivo do projeto NURC-RJ) provém de uma situação altamente ritualizada, onde o papel desempenhado pelos locutores é muito bem marcado: observamos um professor em seu "espaço cênico" - a sala de aula - e o ato de linguagem que ali se instaura a partir dos conceitos e reflexões que o mestre (aquele que conduz) pretende despertar em seus alunos.

Mas a descrição desta cena não é o cerne deste trabalho. O objeto principal de análise é a identificação dos procedimentos lingüísticos empregados na urdidura do texto. Sendo o seu modo de organização predominantemente argumentativo (característica relativamente visível num primeiro contato), é nosso intento explicitar os traços que compõem a argumentação bem como o uso de outros modos de organização textual para efetivar a tarefa maior de convencer o outro. Tomamos por base, fundamentalmente, os princípios de organização do discurso definidos por Charaudeau em sua *Grammaire* (1992).

CUNHA, Dóris de Arruda C. da (UFPE). *Discurso reportado e criatividade em narrativas infantis*.

Nas gramáticas e livros didáticos, a enunciação reportada é descrita em forma de dicotomia - discurso direto/discurso indireto. O discurso direto "reproduz textualmente" a fala das personagens ou dos interlocutores, em oposição ao discurso indireto, que transmite o conteúdo semântico da fala do outro. Essas definições são seguidas pela indicação dos procedimentos gramaticais necessários à transposição de fragmentos em estilo direto para o estilo indireto, sem a observação das modificações estilísticas correspondentes. Assim, a prática pedagógica em língua materna e estrangeira transforma o estudo da transmissão do discurso num exercício gramatical escolar, que reduz o fenômeno a formas.

Entretanto, os autores que examinaram o discurso reportado dentro do quadro da Teoria da Enunciação e da Análise do Discurso mostraram que essa redução decorre do fato de ele ter sido estudado ao nível de sintaxe da frase. Bakhtin propõe que não há formas fixas, mas esquemas (discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre) que se realizam sob a forma de variantes, situadas na fronteira da gramática e da estilística.

Para ilustrar a proposta bakhtiniana, apresentamos rapidamente a análise de narrativas produzidas na seguinte

situação: lemos uma história, cujas personagens eram crianças, para vinte e dois alunos da primeira série do primeiro grau, individualmente, mostrando-lhes as imagens do livro. Eles sabiam que, num segundo momento, deveriam contar a mesma história a um colega.

Verificamos que, nesse tipo de narrativa, a criança não se limita a relatar uma sucessão de ações ou de atos de fala. Encontramos não apenas reorganizações individuais do conteúdo narrado, mas também recriação de falas, tanto em discurso direto, como em discurso indireto, decorrente da interação desse conteúdo e das significações sugeridas pelas ilustrações com a experiência de mundo, o imaginário e os sentimentos de cada criança.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento (UFMG). *O papel funcional-discursivo da cláusula adverbial em português*.

Assumindo o princípio postulado por Matthiessen & Thompson (1988) de que a gramática da articulação de cláusulas reflete a organização do discurso; e entendendo-se, por um lado, a hipotaxe como um tipo de articulação de cláusulas, refletindo tal organização, e, por outro, a cláusula hipotática como uma opção organizacional ou de planejamento, pretende-se, neste trabalho, mostrar as funções discursivas a que se presta a cláusula hipotática adverbial em português ao se articular com uma porção de discurso, quer dentro de um enunciado, quer relacionando enunciados entre si, num papel preponderante de coesão discursiva, tendo em vista a perspectiva que o falante quer dar ao discurso. A análise fundamenta-se na hipótese de que as relações hipotáticas realizadas num discurso, bem como as funções de cláusula adverbial, são determinadas pela ação produtiva do fator gênero, aliado à modalidade (oral/escrita) e à variação individual. Trabalha-se, aqui, com a língua em uso, em situações reais de comunicação, através do estudo das funções discursivas da cláusula adverbial em discursos orais e escritos de gêneros narrativo e dissertativo. Desse exame evidencia-se, por exemplo, que a posição da cláusula adverbial *satélite* em relação a um núcleo não é arbitrária nem livre, mas uma representação icônica das funções discursivo-textuais anafórica e catafórica a que a cláusula se presta no discurso de um determinado gênero.

DUARTE, Elizabeth Bastos (UFRGS). *Procuram-se... cont(r)atos de primeiro grau*.

O presente trabalho constitui-se numa interpretação dos resultados obtidos em pesquisa realizada sobre o universo de discurso de anúncios para relações interpessoais. A análise textual e discursiva realizada visou a estabelecer as normas dos textos em pauta, a oferecer um quadro dos valores e tipos de relações propostas, bem como dos contratos interpessoais a tais relações subjacentes.

FARIA, Antônio Augusto Moreira de (UFMG). *Política educacional em dois discursos partidários*.

Os discursos sobre política educacional, nos programas de governo apresentados pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) quando das eleições presidenciais brasileiras de 1989, são analisados com referência à relação entre duas estratégias persuasivas (seleção temática e seleção lexical) e a dois efeitos de sentidos decorrentes dessa relação.

Quanto à primeira estratégia persuasiva, os discursos em análise compartilham alguns temas: socialismo; associação entre política educacional e política de desenvolvimento econômico e social; prioridade à escola pública; qualidade de ensino; condições de trabalho e qualificação dos educadores; medidas emergenciais. Mas há também



CALICCHIO, Francisco (PUC-SP). *Uma porta de ligação entre as construções do conhecimento.*

Trata-se de um breve recorte, de um trabalho de pesquisa de maior amplitude, na ilustração da configuração do conhecimento e leitura prévia das obras do cientista e filósofo anglo-saxônico, Sir Francis Bacon, pelo autor da gramática portuguesa *Porta de Línguas*, Pe. Amaro do Robredo.

Para a presente comunicação tratou-se de elencar um número pequeno, porém significativo, de inferências que demonstram a produção textual de Amaro do Robredo convergir para preceitos metodológicos e filosóficos aventados pelo lorde chanceler inglês.

Em última instância analisam-se os discursos científico e ideológico do monge teatino português, contido em sua obra maior, *Porta de Línguas*, a partir de correlações análogas e similaridades para com o discurso científico e ideológico de Bacon, contidos em sua obra mais curta, porém a mais popular, *Ensaio*.

O que se pretende é demonstrar, a partir de uma análise de discursos distintos, a possibilidade, bem como uma forte probabilidade de que, a produção científica do religioso português tenha, como fio condutor e inspirador, a obra do calvinista e nobre inglês, lorde Bacon; muito embora não se configure de maneira explícita, porém inserida em função da forte similaridade discursiva que se apresenta na gramática do clérigo Robredo.

CAMPOS, Elizabete Quireza (UFRJ). *As categorias da argumentação: cadeia argumentativa.*

Este trabalho é subproduto do projeto "Aplicação Pedagógica da Gramática Textual", coordenado pelo docente Helênio F. de Oliveira.

Para realizá-lo, utilizou-se um editorial do *Jornal do Brasil* de 24.01.1994 intitulado "A Voz das Urnas", que faz parte do *corpus* de textos jornalísticos argumentativos do já citado projeto.

Segundo Charadcau (1992:786), para que haja argumentação é preciso que se tenha asserção sobre o mundo e uma explicação dessa asserção.

Para ilustrar essa afirmativa, baseia-se o trabalho em um texto adaptado do mesmo estudioso, no qual ele imagina o que uma mãe diria ao tentar convencer o filho, que caminha pela rua, a andar na calçada: "Andando na rua, você corre o risco de ser atropelado. Por isso é melhor vir para a calçada."

A segunda frase deste exemplo é a "asserção sobre o mundo" (ou conclusão) e a primeira é a "explicação dessa asserção" (ou argumento). Essa estrutura básica da argumentação pode materializar-se no texto de várias formas: CONCLUSÃO + CONJ. EXPLICATIVA + ARGUMENTO; ARGUMENTO + CONJ. CONCLUSIVA + CONCLUSÃO; etc. Em "É melhor vir para a calçada, porque andando na rua você corre o risco de ser atropelado." temos um exemplo de primeira opção.

Com base na afirmativa acima, procura-se mostrar que o editorial analisado possui uma estrutura argumentativa do tipo "A, pois B, portanto C", onde B é a "asserção sobre o mundo" (ou conclusão) em relação a A e é "explicação dessa asserção" (ou argumento) em relação a C. Logo, esse esquema equivale, do ponto de vista lógico, à cadeia argumentativa "B, portanto A, portanto C", em que A é a conclusão de B e argumento para C, sendo desnecessário lembrar que o número de "elos" dessa cadeia pode ser maior que três.

CASAGRANDE, Nancy dos Santos (PUC-SP). *A constituição do sujeito no discurso político sindical.*

Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa de mestrado e tem por objetivo fazer uma análise do sujeito e de sua constituição no discurso político sindical da categoria dos professores.

Para isso, utilizar-nos-emos de um editorial publicado no *Jornal dos Professores* datado de outubro de 1993.

Nossa análise terá por base a teoria da Análise do Discurso de linha francesa que tem por objeto de estudo o discurso e suas condições de produção, inseridos num determinado contexto histórico-social, permeados pela ideologia.

Buscamos, então, através de nossas análises compreender a constituição do sujeito representante da categoria dos professores e seu papel político no discurso em questão.

CASTRO, Maria Lilia Dias de (UFRGS). *As máximas no Barão de Itararé.*

O estudo de provérbios/máximas traz importante contribuição à análise do discurso.

Situando a questão, preliminarmente, nos planos de expressão/contéudo, o estudo aponta regularidades lingüísticas, de caráter formal, responsáveis pelas especificidades presentes no plano do contéudo.

Além desses planos, o entendimento do texto proverbial envolve articulações de natureza discursiva e, conseqüentemente, pressupõe o estudo dos interlocutores e da situação de emprego.

Nessa perspectiva, o provérbio é um texto breve, de caráter predominantemente sentencial ou definicional, que visa à determinação das qualidades de algo, com a finalidade de impor uma nova verdade e de garantir o seu papel de autoridade.

Com o Barão de Itararé, o texto sofre alterações, rupturas (desvio) que acarretam enunciados com as marcas da enunciação proverbial mas que não pertencem ao estoque dos provérbios conhecidos.

A ruptura ocorrida é de duas ordens: uma, de natureza externa (relação intertextual), tem como ponto de partida a relação entre este e os outros textos do mesmo gênero, examinando diferenças e semelhanças; e outra, de natureza interna (relação intratextual) centra-se nas ocorrências verificadas dentro do provérbio propriamente dito.

Com o Barão de Itararé, o provérbio visa a arruinar a autoridade instituída, instaurando-se uma nova verdade. Mais do que mera cristalização de verdades, a finalidade do seu texto é o questionamento da realidade, a subversão de valores instituídos. O resultado é uma construção semelhante a um provérbio que se propõe a romper padrões, a desatar coisas, a desfazer nós.

CORTINA, Arnaldo (IBILCE/UNESP-SJRP). *Três perspectivas de leitura.*

Partindo da oposição que Umberto Eco estabelece entre a *intention auctoris*, a *intention operis* e a *intention lectoris*, em sua obra *Les limites de l'interpretation* (Traduit par Myriem Bouzaber. Paris: Bernard Grasset, 1992), pretendemos discutir, em nosso trabalho, duas questões sobre o processo de interpretação dos textos escritos.

Em primeiro lugar, procuraremos mostrar como, ao longo dos tempos e mesmo concomitantemente à nossa época, existem três perspectivas de leitura dos textos escritos. A primeira, aquela que está centrada no autor, isto é, que procura ver nos textos aquilo que julga ser a "verdadeira" intenção do autor. A segunda, que privilegia a estrutura do texto, negando qualquer elemento de exterioridade. A última, que reconhece apenas a perspectiva do leitor, chegando a afirmar que um texto terá tantas leituras quantos forem seus leitores. Evidentemente, em determinadas épocas, sempre uma dessas visões da interpretação parece dominar as outras duas, com maior ou menor intensidade.

**GUIMARÃES, Maria Ignez de Oliveira (PUC-PR/UFPR).** *Recursos expressivos de um discurso da bravata: uma introdução à estilística da oralidade.*

Esta pesquisa tem por objetivo a investigação dos recursos expressivos da língua portuguesa num evento discursivo oral.

Constitui seu *corpus* uma entrevista gravada em Pato Branco, cidade paranaense que foi sede do movimento reivindicatório dos colonos pela posse das terras, ocorrido em 1957.

Verifica-se que o informante faz, no tempo presente da enunciação, uma eloqüente reconstrução verbal daquele episódio, de que fora protagonista ainda nos tempos da juventude. Nessa criação de linguagem se evidencia a mobilização de recursos expressivos de diversos níveis para a produção de um efeito sentido enaltecido da própria atuação do personagem narrador, apresentado como responsável pela pacificação dos ânimos e pela consecução dos objetivos do movimento.

Estudados tais recursos, procura-se demonstrar que os chamados processos estilísticos ou retóricos são naturais no procedimento discursivo. Eles são garantidos pela extrema flexibilidade e pela quantidade de escolhas oferecidas pelo sistema lingüístico, mas implicam uma operação intensa e atenta dos interlocutores para produzir efetivas trocas verbais em determinada situação.

O fato de explorar os recursos da oralidade, na imprevisibilidade da situação face a face, ainda que se apresente como dificuldade, visto a incipiência dos trabalhos nesta área, abre um campo novo e fértil para pesquisa estilística.

**GURGEL, Maria Cristina Lírio (UERJ/PUC-RJ) & VEREZA, Solange Coelho (UFF).** *O dragão contra o santo guerreiro: chame o ladrão. Evidências discursivas da metáfora conceitual.*

Este estudo tem como objetivo buscar evidências lingüísticas para a hipótese de que a metáfora não seria apenas uma figura de linguagem (Lakoff, 1980) mas, principalmente, um processo que em seu desenvolvimento espelha e, ao mesmo tempo, constrói conceitualmente a realidade histórico-social e cultural de um determinado contexto.

Neste sentido, pretende-se estender até os dias de hoje a análise da metáfora "inflação = inimigo", elaborada na década de 80 (Kneipp, 1990), tendo o Plano Cruzado como fundo.

Acredita-se que a permanência dessa metáfora, gerada naquele contexto histórico, continue a ocupar o imaginário, tendo atravessado vários planos econômicos - percebidos como "instrumentos de combate".

Pretende-se ainda elaborar, teórica e empiricamente, a hipótese do surgimento de outros inimigos (oligopólios, corrupção), alvos de combate por novos instrumentos (aliquotas, CPIs), reiterando a estrutura conceitual/metafórica existente.

A oposição "inimigo público x combatente", mais claramente identificável nos casos acima, problematiza-se com referência à dicotomia "política x ladrão", diluindo os papéis sociais.

**HONÓRIO, Maria Aparecida (USP).** *A subjetividade no discurso oral de pré-escolares.*

A partir da análise de textos orais de duas crianças em fase pré-escolar, este trabalho pretende abordar a questão da subjetividade no discurso.

Tomaremos como ponto de referência a teoria da significação de Benveniste, que define subjetividade como "la capacité du locuteur à se poser comme sujet" (II, p.259).

Ao trabalharmos com as marcas lingüísticas que determinam a instância da enunciação (pessoa - espaço - tempo), através da identificação de formas pronominais, verbais e dêiticos, objetivamos demonstrar como o "eu" da enunciação se instaura no discurso, a partir da apropriação da língua.

**LONGARZO, Antônio José (PUC-SP).** *Anchietana: a gramática que não preserva um brasileirismo.*

O resgate dos estudos históricos tem sido fortalecido pelas bases das teorias de ponta de nossos tempos, sobretudo sob o ângulo da Análise do Discurso de linha francesa.

Nesse momento, estaremos recorrendo um tópico de nossa pesquisa de mestrado, enfocando as condições de produção da Gramática Anchietana (século XVI), estabelecendo-se relações entre o contexto sócio-político do Brasil colônia e as reais intenções da vinda do jesuíta-autor da obra em questão.

Dessa forma, fundamentaremos as principais características de uma gramática que, diferente do seu objetivo real, unificava um grupo a fim de conquistá-lo e eliminá-lo: os índios da costa brasileira.

Encontraremos, na Anchietana, os elos de ligação entre os dois grupos (portugueses e índios) a fim de uma dominação plena no território explorado por parte dos colonizadores, desprezando qualquer resquício cultural ainda presente na terra.

**MACHADO, Júnia Focas Vieira. (CEFET-MG).** *Inconfidência Mineira: do discurso interdito à fala da liberdade.*

Nesta apresentação, objetiva-se analisar os discursos da Inconfidência Mineira, fracassado movimento por independência, ocorrido em Vila Rica, Minas Gerais, no final do século XVIII. Tomaremos como *corpus* os processos das devassas judiciais, compilados nos Autos de Devassa da Inconfidência Mineira (ADIM), publicados pela Imprensa Oficial de Minas Gerais.

Adotaremos como perspectiva de análise a instância interdisciplinar, na qual a História é focalizada por intermédio da análise discursiva. Trata-se, neste contexto, de determinar configurações lingüísticas que demarquem posições históricas ideologicamente marcadas no contexto das inquirições judiciais acerca da conjuração. Tem-se, assim, formações discursivas que demarcam duas unidades discursivas: a paráfrase (que institui o sentido literal) e a polissemia (sentidos ambíguos).

Na Inconfidência Mineira, o discurso da colonização foi a matriz dos sentidos da dominação e da conspiração, havendo um deslocamento lingüístico através do qual os portugueses parafrazeiam os enunciados da conspiração para construir a acusação, ao passo que os mineiros multiplicam os sentidos possíveis da fala da dominação, contrapondo-lhe significados subversivos. No cerne deste embate discursivo, marcado pela paráfrase e pela polissemia, há ainda a tentativa do poder metropolitano de deslocar o discurso revolucionário da esfera política para a criminal.

Os depoimentos de Tiradentes frustram essa tentativa, pois reiteram os ideais revolucionários negados pelos demais inconfidentes. Assim sendo, a reiteração de outras falas institui a polifonia que marca a fala de Tiradentes, já que este retoma a paráfrase (efetuada pelos dominadores) dos sentidos polissêmicos dos dominados e, assim,



temas que diferenciam os discursos. Dois estão presentes só no discurso petista: o enfrentamento do sistema de ensino privado e a ligação entre as políticas de educação e de saúde. E cinco outros temas são específicos do discurso comunista: concepção geral de educação e de sociedade; marxismo; democracia política; revolução científica e tecnológica; financiamento da educação.

Já quanto à seleção lexical, o discurso do PT adota expressões que caracterizam uma proximidade entre as políticas de saúde e de educação, produzindo como efeito de sentido, na abordagem da ligação entre essas políticas, uma coerência discursiva maior que a do PCB, cujo discurso todavia emprega uma seleção lexical bastante produtiva para exprimir seus temas. Isso cria um efeito de sentido, associando marxismo e modernidade à candidatura de Roberto Freire, inexistente no discurso do PT.

### FRANZKE, Lutz. *O informal no seio do formal - análise de textos orais brasileiros.*

Na base de publicações recentes sobre a linguagem falada culta no Brasil hem como aproveitando próprios textos transcritos, averiguar-se-ão provas de trocas de registro inconscientes (code-switching) no campo de sintaxe e léxico divergindo dos marcadores normativos da oralidade formal.

Mais significativas, porém, serão no nosso entender deficiências no âmbito de coerência textual, intertextualidade e informatividade de respectivos segmentos discursivos, p.ex. em consequência de "turn-taking" espontâneo dos interlocutores, que por um lado podem levar a insuficiências comunicativas decisivas e por outro lado serão atípicas no seio de discursos propriamente formais.

### FREIRE, Regina Maria (PUC-SP). *O discurso médico enquanto (des)orientação.*

A escola francesa de análise de discurso - instrumental teórico que se posiciona criticamente em relação à lingüística e às ciências das formações sociais - afirma que o sujeito e a linguagem não são nem transparentes do ponto de vista lingüístico nem neutros do ponto de vista ideológico. Redefine discurso como efeito de sentidos entre locutores. Postula ainda que a linguagem só poderá ser analisada se procurarmos entender sua relação com as condições de produção, ou seja, seu contexto sócio-histórico-cultural. Essas condições de produção são constitutivas do dizer e portanto fazem parte da própria análise. Assim o objetivo da AD é conhecer o funcionamento discursivo, ou seja, a atividade estruturante de um discurso determinado, por um falante determinado, para um interlocutor determinado com finalidades específicas.

É do confronto entre práticas discursivas que se estabelecem as diferenças ou as formações discursivas que caracterizam o discurso de quem orienta e o discurso de quem quer ser orientado. Tomando como instrumental teórico de análise a perspectiva anteriormente delineada, ou seja, partindo da afirmação de que o discurso de um só se dá no discurso do outro, será analisando a relação inter-discursiva que se tentará mostrar o funcionamento discursivo de nossos sujeitos (Orlandi, 1987, 1989, 1990).

O corpus utilizado consta de nove encontros realizados entre profissionais da saúde - médicos, residentes, enfermeiro, assistente social e psicólogo -, de um berçário de alto risco, e os pais desses bebês com os seguintes objetivos:

- informar sobre o estado de saúde do bebê internado,
- orientar quanto à alimentação e cuidados,
- esclarecer quanto às doenças e sua relação com a concepção e a gestação.

Através da análise das formações discursivo-ideológicas que tipificam os dois discursos pretende-se discutir as contradições enquanto diferenças que, desconhecidas da equipe de saúde, acabam configurando seu trabalho como des-orientação. Por outro lado, defenderemos a posição de que, se essas mesmas contradições e suas consequências forem conhecidas e discutidas pela equipe de saúde, será possível uma maior aproximação entre essas duas posições de forma que, compreendendo a posição dos pais dos bebês e suas preocupações, a equipe médica possa atingir seu objetivo.

### GOMES, Mônica Alvarez (UFRJ). *Os conectores contrastivos e a ponderação.*

Este trabalho, filiado ao projeto Aplicação pedagógica da Gramática Textual: Coesão Referencial e Sequencial no discurso Jornalístico Opinativo (Faculdade de Letras - UFRJ), tem o objetivo de estudar o importante papel desempenhado pelos conectores contrastivos quando estão a serviço do fenômeno da ponderação.

Como o corpus deste trabalho é constituído de matéria jornalística de natureza opinativa, este estudo também se propõe a, dentro do fenômeno da ponderação, relacionar o mito da imparcialidade da imprensa com as marcas lingüísticas da tomada de posição do autor, à luz da teoria da análise do discurso.

### GUMARÃES, Adriana Ramos; FERREIRA, Alessandra C; CAMPOS, Cristiane L.F.M. e outros (UFRJ). *Do literário ao televisivo: um percurso por quatro textos do Memorial de Maria Moura.*

Análise preliminar do texto *Memorial de Maria Moura* de Rachel de Queiroz numa tentativa de identificar diferenças/semelhanças quanto às modalidades de língua falada e língua escrita no português do Brasil, com base em quatro tipos de texto: o literário (livro), o roteiro para TV (adaptação), a transcrição das falas dos atores e a imagem em vídeo.

### GUMARÃES, Doroti Maroldi (PUC-SP). *As manchetes de notícias e de editoriais na organização textual da opinião jornalística.*

Pretendemos, neste trabalho, examinar a "Manchete" na organização textual da opinião jornalística, buscando contribuir com a Lingüística Textual no que se refere à formalização textual da opinião no discurso jornalístico.

Das análises das manchetes de notícias e de editoriais publicadas nos jornais "Folha de S.Paulo" e "O Estado de S.Paulo", apontam-se as categorias "Fato Noticioso" e "Comentário", manifestando informação de dimensões avaliativas.

Assim, a "Manchete" é estrategicamente construída pelo jornalista, a fim de formular opinião a respeito de eventos reais da notícia. Nesse sentido, a notícia e o editorial são gêneros jornalísticos do tipo opinativo.

MUBARAK, Jorge Cesar (PUC-SP). *Dever e querer: modos de existência em Quincas Berro d'Água de Jorge Amado.*

Esta comunicação tem por objetivo fazer um estudo dos modos de existência da personagem Joaquim Soares da Cunha e Quincas Berro d'Água, no livro *A morte e a morte de Quincas Berro d'Água*. Nossa pesquisa embasa-se na teoria greimasiana da modalidade, recortada em seus aspectos deonticos e volitivos. Através de um procedimento teórico-prático, analisaremos as predicções que revelam na expansão textual o bidirecionamento actancial do sujeito.

NASCIMENTO, Karina Chrysóstomo de Souza (UFRJ). *Construções hipotéticas, concessão e pluralidade de universos.*

Este trabalho, vinculado ao Projeto Aplicação Pedagógica da Gramática Textual, desenvolvida na Universidade do Rio de Janeiro, visa a proceder a uma análise da relação argumentativa existente entre as construções hipotéticas e o recurso argumentativo da concessão.

A concessão realiza dois movimentos argumentativos básicos:

- Reconhecimento da verdade de X;
- Invalidação do valor de X, direcionando para Y.

Estabelece, portanto, um argumento mais forte para uma conclusão inversa a X.

Charaudeau, em seu livro *Grammaire du sens et de l'expression*, classifica da seguinte forma as asserções contidas nessa construção:

- X - asserção de base
- Y - restrição ou asserção restritiva

Por exemplo, na frase: João estudou, mas não passou.

- X = João estudou
- Y = (João) não passou

Em relação às construções hipotéticas, podemos dizer que X seria verdadeiro dentro deste universo hipotético, MAS é falso num universo factual. (Adam-1987:41). Esta transição, do universo hipotético para o factual, é feita através do recurso argumentativo da concessão.

O corpus deste trabalho é composto de textos jornalísticos opinativos, destacando-se o texto *Paraíso Perdido* (Jornal do Brasil - p.8 - 17/04/1993).

OLIVEIRA, Angélica de (USP). *Intertextualidade na obra O menino quadradinho de Ziraldo.*

O mais interessante aspecto que podemos observar durante leitura da obra *O menino quadradinho*, de Ziraldo, foi, sem dúvida, a presença do fenômeno da intertextualidade, visível a cada seqüência, ajudando a construir, como mosaico, o sentido global do texto.

Modernas concepções teóricas consideram a intertextualidade elemento de peso no processo de criação textual. A exemplo, Koch (1989:95) acredita que "questões ligadas à intertextualidade influenciam tanto o processo de produção como o de compreensão e apresentam conseqüências no trabalho pedagógico com o texto".

Partindo deste ponto de vista, e com base nestas teorias, procedemos à análise da referida obra. Procuramos, sobretudo, sintonizar o texto de Ziraldo com seu duplo, selecionando trechos que julgamos os mais pertinentes à percepção das manifestações intertextuais ali presentes.

Constatamos, por meio desta análise, habilidade com que o autor se apropria de múltiplas técnicas e recursos (gráfico/visual, sonoro e lingüístico) de outros autores e os incorpora à sua própria produção artística.

Em relação ao processo de compreensão de textos, apostamos na vantagem de se trabalhar o fenômeno da intertextualidade como fator de relevância na construção da coerência textual, o que contribuirá para uma maior legibilidade da obra literária.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de (UFRN). *Concepções filosóficas subjacentes ao conceito de sujeito.*

O conceito de sujeito vem se constituindo em objeto de estudo privilegiado nos estudos lingüísticos contemporâneos. Interessa-nos particularmente discutir os pressupostos filosóficos e epistemológicos que caracterizam estes conceitos de sujeito, e que oscilam desde a compreensão de um sujeito coletivo, representante dos valores de grupos, classes ou frações de classe em uma dada sociedade, passando pelo sujeito "assujeitado", estendendo-se até aquela compreensão do sujeito como o indivíduo que se apropria da língua para nela manifestar sua subjetividade. Nossa hipótese é que estas formas de conceber o sujeito e os procedimentos metodológicos utilizados para análise refletem *démarches* filosóficas que se fundamentam nas diversas vertentes sejam do pensamento marxista e/ou idealista. Isto significa dizer que as diversas abordagens do conceito de sujeito não se constituem em mera utilização diferenciada ou mesmo complementar de categorias de análise. Por se tratar de uma pesquisa de natureza monográfica, o objeto empírico de nosso estudo serão os textos produzidos, sobre o tema, pelas diversas correntes lingüísticas, privilegiando-se a teoria da enunciação, a pragmática, a escola francesa de análise do discurso, e o modelo de Bakhtin. Em um segundo momento, tentamos diferenciar o(s) conceito(s) de sujeito daquele de subjetividade.

PARANHOS, Maria da Conceição (UFBA). *O gozo da prancha: um estudo sobre o discurso do surfista.*

A multiplicidade dos usos lingüísticos corresponde, sem dúvida, a um desejo subliminar de superar o interdito e instalar a fala característica de grupos de falantes ou de um dado falante. Este, meio à desossificação ou fossilização da linguagem instrumental e à construção político-cultural, tentará dominar ou domar lexias e grupos de lexias em função do seu contexto ideológico e de seu psiquismo.

O discurso do *surf*, dos surfistas, ao tempo em que exprime uma perda e se constrói por fragmentação, colagem, montagem, superposição, denegação, etc. do uso padrão em mais de um código lingüístico, denuncia uma catástrofe e busca um espaço do dizer, mesmo que maximamente condensado - às vezes em uma única lexia. Entretanto, o discurso adere ao ato e instala o gozo, este, antecedido pelo desejo ameaçado. Tal gozo surgirá de modo velado, até negativo, sempre contundente. A prancha substitui o falo e dele é simulacro. A prancha voa, penetra, "vaca" (não entra na onda). Sustentando-a, dois arquétipos básicos: o "rei" e o "véio" no desafio das incertezas. O arremesso da prancha - "na maior onda, pô!" - contracta o discurso, em um nível. O "pico", o "surf point", a "trip" falam de êxtase e de castração. Impossível e crítica mestiçagem do desejo e sua "pista".



cristaliza a natureza eminentemente política da conjuração, sedimentado, na História, o discurso proibido da liberdade e da nacionalidade.

**MARCHEZAN, Renata M. F. Coelho (UNESP-Araraquara). *O fazer aspectual: identificando os responsáveis.***

Na esteira de JAKOBSON, que afirma: "aspect characterizes the narrated event itself without involving participants and without reference to the speech event (...)", o aspecto é considerado não dêitico em oposição à categoria do tempo verbal que relaciona o enunciado com o eu - aqui - agora da fala.

Por outro lado, emprega-se também a noção de ponto de vista do "falante - ouvinte" / "locutor" / "enunciador" na definição do aspecto e na explicação de diferenças aspectuais, remetendo-se, assim, a um sujeito responsável pelo fazer aspectual. Como identificar esse sujeito?

Respondendo a esta questão, o presente trabalho procura demonstrar que o estudo do aspecto não se alheia do da enunciação; mais do que isso, conclui-se que o aspecto pode ser respensado nos quadros de uma teoria da enunciação, na qual o próprio aspecto, o tempo, o sujeito da enunciação, etc., sejam definidos coerentemente.

Se, como de fato parece ser, o aspecto não ancora temporalmente o enunciado em relação ao tempo da enunciação, é também correto afirmar que seu sentido só se define plenamente em sua relação com o tempo - o da enunciação e do enunciado.

Nesse contexto, o fazer aspectual define-se por meio de um procedimento sintático - o da localização de seu sujeito, aqui chamado observador - e por meio de um investimento semântico.

**MARTÍNEZ-PADRÓN, María Eugenia (Universidad Central de Venezuela). *Continuidad y referentes nuevos en el español hablado en Venezuela.***

La "continuidad del tópico" planteada por Givón 1983 ha recibido en los últimos años mucha atención; sin embargo, los parámetros de continuidad, al menos en español, raramente han sido empleados en los análisis de introducción de referentes en el discurso (cf. Bentivoglio 1992, 1993; Martínez-Padrón 1993; Ocampo 1990, 1993). Es posible que al estudiar conjuntamente la continuidad y la introducción de referentes se encuentre alguna relación entre los factores sintácticos y pragmáticos en el discurso del español hablado.

La hipótesis de la presente investigación es que debe existir un patrón gramatical preferido para la introducción de un nuevo referente (Prince 1981, Chafe 1987) y, de existir ese patrón, el mismo debe estar determinado por: i) el grado de importancia de cada referente en el discurso y ii) las propiedades semánticas del referente.

Con el fin de validar esta hipótesis analicé un corpus de 10 horas de español hablado. Todos los referentes nuevos fueron clasificados en cuatro grupos de acuerdo con el número de menciones en el discurso: irrelevantes (I): de una a dos menciones; semi-relevantes (S): de tres a cinco menciones; relevantes (R): de seis a ocho menciones; muy relevante (V): de nueve menciones en adelante. Los referentes irrelevantes fueron luego descartados del análisis. Los referentes de los otros tres grupos fueron codificados de acuerdo con las siguientes variables: i) el rol gramatical que desempeñan; ii) la forma (definido/definido) de la frase nominal (FNL); y iii) los rasgos semánticos (humano) y (+humano). La metodología empleada impuso que sólo las FNL fueran consideradas como punto de partida, mientras que todas las formas (0, pronombres y sustantivos) fueron tomadas en cuenta para determinar el número de

menciones de los referentes analizados. Tomando en cuenta las críticas de Fox 1987 a Givón 1983, conté todas las menciones continuas y discontinuas de un referente determinado a través de todo el texto de cada hablante. Una FNL que codifica un referente (V), definido y (+humano) se presenta en (1):

(1) ... mi mamá<sub>1</sub> me enseno una casa donde se casaron, (...) O<sub>2</sub> me contaba que ella<sub>3</sub> vivía con una de sus hermanas mayores (...) ella<sub>4</sub> era la menor de una familia numerosa también. Y O<sub>5</sub> vivía con su hermana. Entonces allí fue el matrimonio de ella<sub>6</sub> (...) una vez, O<sub>7</sub> contándole a sus amigas cómo había sido el matrimonio, (...) ... mi mamá<sub>8</sub> era una mujer sumamente trabajadora (...) Entonces mi madre<sub>9</sub> se convirtió en la mujer más trabajadora que había.

Los resultados obtenidos muestran que de 1.100 referentes analizados, los referentes relevantes y muy relevantes tienden a ser introducidos con el rol gramatical de sujeto (S) de un verbo de un solo argumento, con la forma definida y poseen el rasgo semántico (+humano). Así, es posible concluir que los referentes de un discurso que comparten las propiedades pragmáticas de nuevo y relevante o muy relevante se caracteriza por las mismas propiedades sintácticas y semánticas.

**MAUÉS, Júlia (UFPA). *Análise semiótica de uma crônica brasileira moderna.***

A análise incide sobre as relações entre o sistema de valores exposto-enunciado e o sistema de valores de quem narra - enunciativo - num discurso literário moderno, a saber, a crônica "A Tragédia Brasileira", de Manuel Bandeira. Na narrativa, o processo de construção dos sentidos ocorre mais no plano da enunciação do que no plano do enunciado porque envolve uma série de expressões ambíguas, evidenciando uma axiologia própria do narrador. A análise semântica dos enunciados do texto explicita-se também através das noções de isotopia, a partir das postulações de Greimas (1966), desenvolvidas posteriormente por J. Courtés (1990, 1992).

**MORELLO, Rosângela (UNICAMP). *Explicitação e indistinção das falas no discurso - considerações em torno da enunciação no discurso oral.***

Os mecanismos enunciativos que marcam, em um discurso, a presença de discursos outros produzidos em outro lugar e/ou por outrem, comumente focalizadas pelo modo como se realizam nas formas da língua - expressões introdutoras do tipo *falar/fazer*, rupturas sintáticas, etc. - remetem a uma complexidade enunciativa, já que eles manifestam uma relação necessária e constitutiva do discurso com a alteridade (Authier 1978, 1982, 1984, 1992). Nesta perspectiva, eles representam os pontos onde se estabelecem as fronteiras entre o que é do domínio de um sujeito e um (seu) discurso e o que pertence aos discursos outros e sua descrição deve levar em conta essa dimensão.

Tomando por base essas considerações e analisando o modo como se dá, recorrentemente, a explicitação dos discursos outros - marcada especialmente pela presença de *falar*, em suas diversas variações de tempo e pessoa do tipo *eu falo/falei/vou falar (x)* ou *ele/ela fala/falou/vai falar (x)*, e rupturas sintáticas - no discurso cotidianamente produzido no meio rural (referimo-nos à região centro-norte do município de Colatina, ES), constatamos a ocorrência de situações discursivas em que há um imbricamento de falas e situações de enunciação. Menos do que uma delimitação, projeta-se, nesses casos, uma indistinção entre elas. Neste trabalho, propomos explicitar os modos de ocorrência dessa indistinção e indicar, como uma forma possível para sua compreensão, a articulação a determinados aspectos das condições de produção do discurso. Orientando-nos por uma perspectiva discursiva, pretendemos interagir com outras posições que compõem o debate em torno dos modos de enunciação do discurso outro.

aspectos mais cruciais da significação: a saber, que ela ao mesmo tempo depende dos discursos e os constitui, isto é, que a relação sem-sentido é historicamente explicável. O movimento em defesa de um uso politicamente correto da linguagem fornece evidências vivas em favor da afirmação de Bakhtin que está na epígrafe. Suas implicações para as teorias do sentido são óbvias, já que o movimento consiste numa disputa pelo sentido de palavras e na denúncia dos efeitos de sentido que seu uso implica. Assim assiste-se ao vivo a várias micro-histórias semânticas de alto valor epistemológico, já que exibem claramente o processo de criação dos efeitos de sentido.

A tese central será que o movimento PC tem méritos, mas comete equívocos: a) considera que a troca de palavras marcadas por palavras não-marcadas ideologicamente pode produzir a diminuição dos preconceitos (tese simplista, já que é mais provavelmente a existência dos preconceitos que produz aqueles efeitos de sentidos, não o inverso; além do mais, a hipótese das palavras "puras" é certamente ingênua); b) em certos casos, adota um "etimologismo" insustentável, como quando considera que palavras como *history* se relacionam ao ponto de vista masculino, com base na identificação da primeira sílaba dessa palavra com a forma pronominal *his*.

Além disso, esses dados suportam de forma interessante a tese de que os sentidos estão ligados aos discursos, independentemente, em geral, das intenções dos falantes, que, por exemplo, podem produzir discursos mais preconceituosos do que imaginam.

### **RIOLFI, Cláudia Rosa (UNICAMP).** *A naturalização da mulher como objeto de consumo: o encontro ideológico da santa e da prostituta.*

O objetivo do trabalho é mostrar, através de uma leitura crítica de propagandas, como a imagem da mulher é utilizada para naturalizar três elementos específicos: a) a ideologia (tomada como agente determinante de sentido que norteia a seleção dos modos de enunciação e sentidos daí decorrentes) de que uma mulher de valor social deve corresponder a estereótipos rigidamente estruturados; b) certos valores, crenças e noções de certo ou errado que objetivam balizar o comportamento feminino; e, como consequência dos demais itens apresentados, c) a idéia de que para ter valor é necessário servir aos interesses do capitalismo.

Os estereótipos mencionados podem parecer, em primeiro momento, antagônicos e incompatíveis, pois trata-se da seguinte dicotomia: a mulher-santa (casta e virtuosa) e a mulher prostituta (sexual e pouco recatada). No corpus analisado, através de uma abordagem discursiva, percebeu-se, entretanto, que os dois modelos mencionados prestam-se à realização da mesma função: objetificar a mulher, tornando-a simultaneamente objeto de consumo e para consumo de outros objetos.

### **ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia (UFRJ).** *O mito nosso de cada dia. Ser mulher e ser homem nos anúncios de revistas femininas.*

A fim de termos uma idéia mais clara de como o discurso social vem lidando com as novas conquistas da mulher no mundo público, resolvemos examinar um tipo especial de discurso - a propaganda veiculada por revistas femininas. Para tanto, empreendemos uma análise das imagens de mulher presentes nos anúncios de tais revistas, seguida de uma breve análise dos anúncios que falam de homens e crianças. Isto porque acreditamos que a maior participação da mulher na esfera pública deve afetar não apenas a participação do homem no domínio privado como também a visão que se tem das crianças de ambos os sexos e suas futuras posições como homens e mulheres na sociedade.

Estamos fazendo uso em nossa análise de todos os números publicados, durante os anos de 89 e 90, das revistas *Cláudia*, *Desfile*, *Criativa*, *Máxima* e *Nova*, destinadas especialmente a leitoras acima dos 20 anos, mulheres que, nas palavras da editora de *Nova* (junho de 1990), "têm que conciliar carreira, marido, filhos pequenos, suas ansiedades e necessidades". Foram omitidas propositadamente de nossa análise revistas como *Capricho* e *Carícia*, destinadas a um público adolescente, distante ainda da vivência de conciliação destes diferentes papéis. Foram omitidas também revistas masculinas como *Playboy* e *Quatro Rodas*, entre outras. Isto se deve ao fato de que, uma vez que acreditamos que o surgimento de um "novo" homem é, em grande parte, pressionado pelas mudanças na identidade feminina desencadeadas pelos movimentos feministas e a conseqüente entrada no mercado de trabalho, sua imagem vai começar a aparecer exatamente em revistas endereçadas a um público feminino.

### **SAMPAIO, Maria Cristina Hennes (UFPB) & FERREIRA, Rosilda Arruda (UFPE).** *Governo Arraes em Pernambuco: discurso e gestão governamental.*

O presente estudo aborda o discurso contido no Planejamento Educacional do Governo Arraes, em Pernambuco, no período de 1977-1990, correlacionando-o ao contexto sócio-político em que o mesmo foi produzido, ou seja, suas condições de produção. Esse discurso coincide com um momento histórico na vida brasileira: o advento da Nova República. É nesse cenário político nacional que se instala em Pernambuco o Governo Arraes, que chega ao poder graças a uma composição de alianças entre segmentos progressistas e conservadores do Estado. Foram identificadas três formações discursivas - que revelam alguns aspectos no mínimo intrigantes, com a inserção de um *discurso tecnocrático*, de um *discurso científico* e um *discurso político* - e sub-campos semânticos que remetem a categorias analíticas comumente utilizadas na sociologia, tais como *relações sociais de produção*, *lutas de classes*, *ideologias* e *utopias*. Procedeu-se, ainda, a uma análise quantitativa dos dados. Os resultados observados, contrastados às ações governamentais frente ao sindicato dos Educadores de Pernambuco, revelaram os caminhos e descaminhos de um governo que se proclamava popular, trilhado desde a campanha eleitoral de Arraes ao governo do Estado (CNPq).

### **SELLAN, Aparecida Regina Borges (PUC-SP/UBC).** *Um exame da textualidade: critérios da situacionalidade.*

Esta comunicação trata da produção de sentidos no discurso literário, privilegiando o texto em função da situação comunicativa.

Embora haja diferentes critérios para se estabelecer a textualidade, delimita-se o estudo realizado ao critério da situacionalidade, entendendo-o como uma forma de categorização de outros critérios propostos para a textualidade.

Tem-se por pressuposto que a situacionalidade hierarquiza em relação aos outros critérios de textualidade. (c.f. Schmidt, (1973); Beaugrand-Dresler, (1981); Koch-Travaglia, (1993)).

Para a análise foi selecionado um texto de Machado de Assis, o conto *A Carteira*.

As análises foram realizadas considerando-se: 1) o contexto histórico do século XIX em que se produziu tal discurso; 2) as relações estabelecidas entre o escritor, Machado, e seus leitores de fins do século XIX (1870) em confronto com o contexto de um possível leitor de nosso tempo; 3) estabeleceu-se o tema do texto a partir da hierarquização de sentidos produzidos pelo cálculo de significação durante a leitura dos enunciados do texto; 4) o tema foi examinado a partir de valores míticos sociais.



**PARLATO, Erika & OLIVEIRA, Sérgio Lopes de (USP). *Palavras que não se deixam dizer.***

Este trabalho tem por objetivo apresentar um questionamento acerca da afasia no que diz respeito às suas manifestações e implicações lingüísticas.

A afasia (enquanto perturbação de linguagem) expressa no seu "não dito" a interdição de uma linguagem; não como se esse "não dito" fosse a negação da própria linguagem, mas sim como um novo discurso a ser interpretado.

Tal estudo propõe-se de maneira teórico-prática a analisar o que geralmente é lido como "sem sentido" no discurso do afásico.

As questões relativas ao significante e significado interditos/barrados na afasia são investigados à luz da Teoria dos Performativos de Austin e da Psicanálise.

A justificativa para o uso da Psicanálise consiste no fato de que o "equivoco" produzido pelo afásico, para esta Ciência, está impregnado de sentido e exerce uma função discursiva.

**PARLATO, Erika & OLIVEIRA, Sérgio Lopes de (USP). *Ser afirmação ou verbo - "To be or not to be".***

Este trabalho tem por objetivo fazer uma reflexão do nível da Análise do Discurso sobre o uso do verbo "ser". Para tanto parte-se de uma investigação filosófica em que se compara as línguas: francês, inglês, português e italiano. Já que nas duas primeiras o verbo "ser" encontra-se intimamente associado ao verbo "estar" por possuírem os mesmos componentes fonológicos o que não ocorre nas duas subseqüentes.

Em seguida faz-se uma análise semântica do verbo "ser", ressaltando a teoria da dêixis, onde investiga-se a função do verbo enquanto marcador lingüístico. Tal investigação possibilita revelar a questão da arbitrariedade do signo, proposta por Saussure, não somente associada ao aspecto descritivo da fala, enquanto denominador de coisas - que já há muito tem-se dado como sabido - mas também enquanto discurso narrativo, onde o sujeito está implicado.

A análise será então direcionada para o questionamento do verbo "ser" enquanto marcador lingüístico ou enquanto posicionamento do sujeito perante si mesmo e o mundo.

**PEZATTI, Erotilde Goreti (UNESP-São José do Rio Preto). *A função discursiva das frases-comentário.***

As estruturas denominadas frases-comentário caracterizam-se, informacionalmente, por não apresentar o ponto de partida e o ponto de vista do fluxo de atenção (o tópico) mas somente o comentário, ou seja, a informação que deve ser partilhada com o interlocutor. Elas descrevem uma situação sem especificar qualquer elemento como aquilo de que trata a oração. Além disso, trazem sempre o verbo iniciando a sentença.

São frases-comentário as construções existenciais de ordem VS (verbo-sujeito), comentários de ambiente, construções de anteposição do verbo (*V-fronting*), sujeito indeterminado (contruído com o verbo na terceira pessoa do plural ou na terceira pessoa do singular mais *se*), passiva pronominal e passiva analítica com sujeito paciente postposto.

Por apresentar apenas o ponto de chegada da informação, propiciam a quebra da continuidade tópica. Além do mais, por representar somente o objetivo do discurso, expressa a informação de modo global, como um todo

unificado. Devido a essas características, tais orações constituem geralmente a porção de fundo, uma vez que não contribuem imediata e crucialmente para a progressão discursiva, mas apenas sustentam, ampliam ou comentam a linha principal do discurso. Como porção de fundo, enriquecem a estrutura básica, "colocam carne no esqueleto", mas não levam o discurso para a frente. Essa responsabilidade fica a cargo das orações de figura. Observa-se, no entanto, que, algumas vezes essas estruturas podem fazer parte da porção de figura. Nesses casos, são introduzidas por um elemento que previne o interlocutor de que a oração está sendo usada na sua função não natural. Expressões como *primeiro passo*, então, são recursos usados no português falado para se indicar o relevo discursivo.

**PICARDI, Fernanda C. (UNICAMP). *O processo da referência: uma abordagem funcional.***

É sabido que, quando se usa a linguagem em situações de interação, estabelece-se entre os interlocutores complexo processo intersubjetivo de negociação dos referentes discursivos.

Aspecto peculiar à comunicação verbal é que tais informações referenciais evocadas não sejam construídas no mesmo plano, ou seja, não possuam o mesmo STATUS informacional. A fim de não comprometer a eficiência do processo comunicativo, os interlocutores buscam alcançar um equilíbrio "ideal" entre informações novas (supostamente desconhecidas pelo ouvinte) e as velhas (supostamente conhecidas pelo ouvinte).

Ora, a escolha de estruturas formais específicas para construir o discurso não é aleatória, mas constitui, juntamente com as informações extralingüísticas, pistas sobre como o falante pretende que seu 'texto' seja interpretado.

Neste trabalho demonstramos, a partir da análise de *corpus* do Projeto NURC, que as diferentes possibilidades de embalagem (codificação morfosintática) dos referentes discursivos decorrem de seu STATUS informacional, de modo que o falante possa contribuir efetivamente com o processo interpretativo de seu interlocutor.

A análise do *corpus* revelou a existência de estruturas formais preferenciais para a embalagem dos referentes segundo seu STATUS informacional. A informação nova foi, preferencialmente, codificada por SN indefinido, apresentando-se estruturalmente mais complexa e discursivamente mais condicionada. A informação velha, ao contrário, recebeu codificação definida; estruturalmente mais simples e, portanto, menos discursivamente condicionada.

**POSSENTI, Sírío (UNICAMP). *A questão da linguagem politicamente correta.***

A forma mais óbvia de discriminação feita através da língua é a que estigmatiza o usuário dos dialetos não-padrões. Mas existem outras, especialmente as que consistem de enunciados que reproduzem uma ideologia que segregava em termos de classe, sexo, raça e outras características físicas (velhos, anões, aleijados etc). Há, pois, formas lingüísticas que veiculam sentidos que discriminam (preto, gata, bicha), outros que talvez discriminem (*anchorman*, *history* etc). A análise de uma linguagem que, ao contrário, seria *politicamente correta* permite discutir o que pode significar, em especial para teorias do sentido, esta atividade de "epilingüística" que classifica expressões em politicamente corretas e incorretas.

A comunicação pretende analisar formas lingüísticas cujo sentido conota desvalorização de indivíduos ou grupos, incluindo dados do português do Brasil, "sérios" (disputa por palavras e sentidos em jornais (caipira, aidético, por exemplo)) ou humorísticos. Trata-se, em mais de um sentido, de análise do funcionamento ideológico da linguagem. O interesse em discutir tais casos é evidente para discursos e enunciadores progressistas. Mas não só. Do ponto de vista mais estrito da explicação da relação som-sentido, trata-se de um fenômeno que exhibe à luz do dia um dos

Segundo Hopper e Thompson, a transitividade está associada ao conceito de Figura/Fundo, já que as cláusulas-Figura irão apresentar sempre alta transitividade.

Analisando narrativas, a partir do conceito de transitividade, verifiquei a fragilidade do conceito. Considerando que, no discurso, evidências sugerem fortemente que as dimensões subjacentes aos processos lingüísticos são com mais frequência enérgicas, e não binárias, redefini cada um dos parâmetros da transitividade, estabelecendo escalas com variação de 0 a 5. Este procedimento permitiu que fossem computadas, com mais precisão, diferentes facetas semântico-pragmáticas das cláusulas em língua portuguesa.

#### SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da (PUC-SP). *O dissertativo científico e a oposição ao paradigma vigente.*

Esta comunicação trata do discurso científico opositivo, formalizado pelo texto dissertativo. Os resultados apresentados são parciais e fazem parte de uma pesquisa mais ampla sobre a tipologia textual dos discursos científicos, no Brasil. Tem-se por hipótese que tais discursos são típicos, sendo formalizados por tipos específicos de texto, visto haver critérios estabelecidos para a publicação de trabalhos científicos.

Objetiva-se apresentar a formalização textual do dissertativo opositivo, considerando a produção discursiva do sujeito epistêmico, tanto na dimensão cognitiva, quanto na dimensão comunicativa.

Os resultados obtidos das análises de textos, publicados em periódicos científicos nacionais, indicam que: 1. o discurso científico opositivo pode ser caracterizado pela situação discursiva como uma variação do tipo conflitante; 2. a oposição é produzida, na dimensão cognitiva, como uma forma de julgamento dos dados obtidos pelo sujeito epistêmico, construindo o "saber novo"; o enunciado textual subjacente seria "não x, só y"; 3. a oposição manifesta-se, na dimensão comunicativa científica, quando o sujeito epistêmico transfere à comunidade científica, o "saber novo", objetivando a rejeição do "saber pré-construído" e a substituição deste por um outro; o dissertativo científico está formalizado por tese 1, justificativa - argumentos x contra-argumentos e tese 2.

Conclui-se que o dissertativo opositivo é uma das formalizações textuais dos discursos científicos que podem, também, ser produzidos pela adesão ou pela consideração do sujeito epistêmico ao paradigma vigente.

#### SIQUEIRA, João Hilton Sayeg de (PUC-SP). *A cognição e a avaliação como fatores preponderantes na construção referencial de um texto.*

Este trabalho tem por objetivo apresentar um estudo a respeito de critérios adotados para a construção referencial de um texto, enfocando aspectos cognitivos e avaliativos. A construção referencial de um texto se dá pela passagem do referente empírico pelo Universo de Conhecimento, pelo Universo de Crença, pelos Mundos Possíveis e pela Visão de Mundo do sujeito enunciativo, percurso que o transforma em decorrência da intencionalidade com que é enfocado. A metodologia adotada é a teórico-prática, uma vez que se tem por ponto de partida a Teoria da Enunciação, a Lingüística Textual e a Análise do Discurso para a construção do modelo de análise ao qual serão submetidos os textos a serem analisados.

#### SOUZA, Ester Maria de Figueiredo (UFBA). *A produção coletiva na/da linguagem.*

A linguagem tornou-se objeto de reflexão da ciência já há muito tempo. Em um primeiro momento, a linguagem era cravada de uma visão caracteristicamente teológica, cósmica. Em contrapartida, concebe-se a linguagem não apenas como elemento formal, mas também como aquele que desvela e revela a ordem social, contextualizando os homens na história. Pela linguagem, estabelecemos *laços contratuais*, interagimos e agimos com o outro, produzindo discursos. O homem, sujeito histórico, é uma criatura de linguagem e tem, por natureza, a capacidade de refletir sobre as condições de produção e elaboração desta. A linguagem é um fenômeno que nos é acessível. Por ela, a linguagem, perpassa-se o momento presente, infiltra-se no futuro, volta-se ao passado expressando a subjetividade e os vínculos históricos do homem com a sociedade. A concepção de linguagem que remete a nossa fundamentação teórica é aquela que a concebe como um trabalho historicamente determinado (Hakhtin, 1988), uma vez que é uma atividade constitutiva de sujeitos (Franchú, 1977). Enquanto trabalho histórico, a linguagem faz-se no coletivo. Nela incidem-se determinações e suas representações ideológicas se materializam. Assim, a perspectiva de nossa comunicação insere-se no âmbito dos estudos lingüísticos, especificamente, no campo da Análise do Discurso, na tentativa de explicar o paradoxo sobre concepção de linguagem e produção de discurso. Com isto, espera-se que este estudo ganhe novas dimensões com questionamentos que possam suscitar.

#### STEINBERGER-ELIAS, Margarethe (PUC-SP). *Parâmetros interpretativos na leitura de jornais estrangeiros.*

Este trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla sobre comunicação intercultural nos meios de comunicação de massa. Aqui são apresentadas análises de dados colhidos junto a leitores alemães com domínio limitado do português (estudantes da Universidade de Berlim) durante o ano de 1992. Esse material é confrontado com dados similares colhidos junto a estudantes brasileiros no processo de leitura de amostras da imprensa estrangeira. Os resultados colocam em xeque a linguagem das agências internacionais de notícias, que são, cada vez mais, responsáveis pela seleção e distribuição de informação no mundo. A interpretação dessas mensagens revela o peso comparativo de parâmetros de ordem lingüística *stricto sensu* com relação a parâmetros de ordem sócio-cultural.

#### TEIXEIRA, Lúcia (UFF). *As cores do discurso.*

Pretende-se, nesta comunicação, analisar semanticamente o discurso da crítica de arte contemporânea brasileira, representada num *corpus* de 45 textos críticos, publicados em 1990 e 1991, nas revistas *Veja*, *Isto é*, *Galeria* e *Guia das Artes*. A análise utiliza a fundamentação da teoria semiótica do texto, tratando a semântica discursiva como lugar de convergência de todos os níveis de produção e interpretação dos textos. O discurso crítico descreve o objeto plástico do ponto de vista de seu valor estético e de seu valor de mercado, desenvolvendo uma organização textual que tem por suporte as categorias semânticas fundamentais da interioridade e da exterioridade. No nível narrativo, a ação de um sujeito opera a transformação dessas categorias nas seqüências narrativas da produção e da recepção da pintura. A sintaxe do discurso, por meio das projeções de actantes, espaço e tempo, organiza as relações entre enunciado e enunciação e elabora os mecanismos de argumentação, que têm por base a autoridade do enunciativo. O nível semântico do discurso localiza nos espaços figurativizados do ateliê e da galeria a criação e a exposição.



Os resultados obtidos indicam que: 1) diálogo entre grupos sociais em confronto propiciando o conflito entre os valores eclesiais e os valores de uma sociedade burguesa em ascensão; 2) o conflito entre os valores do século XIX e os valores de um possível e atual leitor; 3) o tema honestidade está hierarquizado em conflito com os valores materiais da burguesia (=riqueza); 4) a situação de controle e de direcionamento formalizada no texto indicam o suspense como forma de ocultamento da subjetividade do autor.

Conclui-se que a produção de sentidos exige a contextualização de diferentes situações de produção discursiva.

**SILVA, Anna Christina Bentes da (UFPA).** *Mecanismos discursivos de construção dos editoriais de jornal.*

A presente comunicação tem por objetivo postular que os editoriais de jornal se constituem discursivamente através de dois mecanismos básicos, a saber, a crítica genérica e a crítica específica/desautorização da fala do outro, sendo estas as principais formas de estabelecimento de relações entre o discurso jornalístico e as outras formações discursivas. Para tanto decidi trabalhar com quatro grandes jornais brasileiros: O Globo, O Jornal do Brasil, O Estado de São Paulo e a Folha de São Paulo. Neste trabalho, assume-se a concepção de que a forma de constituição de um discurso ocorre basicamente a partir de um "trabalho sobre outros discursos" (Maingueneau, 1989:120).

O mecanismo da crítica genérica não se refere ao fato de a imprensa não apresentar críticas mais pontuais com relação aos temas por ela abordados, mas ao fato de que, ao fazer uma determinada crítica, o faz produzindo um efeito de indiferenciação para a direção dessa crítica: ela sempre pode servir a todos indiscriminadamente. Este mecanismo pode ocorrer de duas maneiras: através da presença das "noções difusas", de que já a Retórica Clássica apontou os efeitos discursivos. A crítica específica é um mecanismo que se funda sobre a necessidade de o jornal impor a sua formação ideológica através do distanciamento que estabelece com relação ao discurso do outro que se inscreva em uma formação ideológica antagônica à daquele que enuncia. Isto ocorre basicamente através da seleção dos temas de que tratam os editoriais.

**SILVA, Emanuel Messias Cardoso da (PUC-SP).** *Intertextualidade e leitura.*

Objetivamos, com este trabalho, apresentar um estudo sobre as formas explícitas e implícitas de presentificação da intertextualidade em textos escritos em língua portuguesa. As marcas intertextuais redimensionam o processo de leitura, por tornar o entendimento de um texto dependente do conhecimento de um ou mais textos previamente existentes. A tentativa de verificar a maneira como a intertextualidade é manifestada justifica-se na medida em que o texto enunciado apresenta diferentes possibilidades de leitura e de interpretação, respectivamente associados ao procedimento adotado e aos sentidos construídos. A partir de um procedimento teórico-prático, serão apresentadas leituras de textos que evidenciam marcas intertextuais, explícita e implicitamente, analisadas à luz de pressupostos teóricos da Teoria da Enunciação, da Linguística Textual e da Análise do Discurso.

**SILVA, Telma Domingues da (UNICAMP).** *Preservação e desenvolvimento: um novo sentido para ecologia.*

A partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso francesa - para a qual existe uma relação orgânica constitutiva entre linguagem e exterioridade -, pretende pensar os deslocamentos de sentido que se fazem pela inclusão da questão ecológica nas relações econômicas e políticas dominantes. Este deslocamento produz (e é produzido por) novas relações de sentido entre os enunciados e as posições de sujeito que constituem as designações *ecologia*, *desenvolvimento/desenvolvimento sustentável* e *preservação, exploração/exploração racional*.

**SILVA, Vera Lúcia Pardees P. (UFRJ).** *Problemas na categorização de tipos de discurso.*

Análises lingüísticas recentes sobre variados fenômenos têm apontado a necessidade de levar em conta os diferentes tipos de texto. Por exemplo, na área da sociolingüística variacionista diversos autores têm procurado trabalhar com essa variável. Assim também os que se dedicam ao estudo das relações entre fala e escrita, para quem estabelecer diferenças entre gêneros de discurso ou tipos de textos é indispensável.

No entanto, até o momento não se dispõe de uma caracterização tipológica satisfatória. Excetuando-se a narrativa, esta suficientemente caracterizada no âmbito da lingüística, ou ainda a argumentação, também já objeto de revisões recentes, que dizer da organização interna dos textos expositivos, descritivos, exortativos, por exemplo? E até que ponto se pode dizer que se encontrem tipos "puros"?

Este trabalho pretende trazer subsídios a essa discussão, com base na análise de um *corpus* de cartas pessoais de escritores da literatura brasileira contemporânea. O exame desse material permitiu rever classificações tradicionais, colocando em questão o próprio conceito de gênero "epistolar" e mostrando a necessidade de criar categorias novas.

Além disso, algumas questões de ordem metodológica merecem ser consideradas, a saber: como delimitar a unidade de análise, uma vez que não se está lidando nem com orações isoladas nem com o texto como um todo? Como resolver situações de imbricamento e possíveis superposições de tipos de texto?

A análise realizada justifica a proposta de trabalhar-se com dois critérios, um de base formal e outro de natureza funcional, na tentativa de estabelecer uma tipologia de cartas pessoais.

**SILVEIRA, Elisabeth (UERJ).** *Relevância discursiva: figura/fundo & transitividade, novos caminhos.*

Hopper (1970) caracterizou, inicialmente, a relevância como uma forma de organização do discurso, definida pelo estabelecimento de planos distintos de sua estruturação, na qual um dos planos será salientado em relação aos demais. Chamou de *Foreground - Figura* as cláusulas que reproduzem o eixo dêitico-temporal em que os fatos se deram. Denominou *Background - Fundo* as cláusulas que dão suporte e comentam o que está sendo relatado pelas cláusulas-Figura. Segundo Hopper, cada um destes planos é determinado, lingüisticamente, por marcas semântico-pragmáticas que vão caracterizar os planos da Figura e do Fundo.

Dando continuidade a estes estudos, Hopper & Thompson (1980) postularam a transitividade como uma propriedade lingüística, constituída por um complexo de 10 parâmetros que referenciam diferentes facetas da transferência da ação de um agente para um objeto e que vão determinar o grau de relevância de uma cláusula.

**ALBÁN, Maria del Rosário Suárez (UFBA).** *Os travalinguas no ensino de línguas.*

Esta comunicação apresenta diferentes tipos de travalinguas e discute como esses jogos, formados de elementos lingüísticos, podem representar um importante recurso didático na fase de aquisição da língua materna e no exercício da aprendizagem de uma segunda língua, levando em conta as diversas formas estruturais que assumem. Os travalinguas, embora na sua maioria explorem o nível fonético-fonológico, podem estar articulados com ênfase no nível morfosintático e alcançar até mesmo o nível da estrutura textual.

**ALBUQUERQUE, Maria do Socorro Paz e (UFBA).** *As produções-resumos escolares: a presença de regras semânticas e de elementos desfavoráveis.*

Tem-se como objetivo, neste trabalho, verificar como alunos, de 3ª série do 2º grau, de uma escola particular tipo A, produzem resumos escolares. Para tanto, pediu-se aos alunos que produzissem um texto consultando o texto original. Em seguida, fez-se um levantamento estatístico da presença de regras de redução semântica presentes nestas redações, segundo a classificação que as autoras Brown e Day (1983) estabelecem com base nos pressupostos teóricos de Kintsche e Van Dik (1978), sobre sumarização. Regras estas que são: cópia / apagamento, supra-ordenação, seleção, invenção e combinação. Assim, verificou-se que algumas redações podem ser consideradas de macroestruturas, uma vez que trazem a significação global de um texto original. Por outro lado, verificou-se também que, em sua grande maioria, as redações resumos apresentam problemas (informações deturpadas, comentários pessoais, não abordagem do tema entre outros) que interferem na construção da macroestrutura. Negando a hipótese de que os alunos dominam a regra de cópia/apagamento, mesmo produzindo o resumo com consulta, podemos concluir também que, apesar de se utilizarem de algumas regras semânticas, os alunos, em geral, não constroem a macroestrutura do texto original.

**ALMEIDA, Cirlene Magalhães (Fundação Educacional do Distrito Federal).** *Fundamentação lingüística para professores de séries iniciais.*

Trata-se de relato de experiência com professores da rede de ensino público do Distrito Federal em cursos de aperfeiçoamento de 180 horas/aula nos quais são estudados os fundamentos lingüísticos relacionados aos processos de aquisição da leitura e da escrita.

No estudo das estruturas lingüísticas, a fonética e a fonologia ganham destaque devido a dois fatores: em primeiro lugar, há necessidade de se descrever a variedade não-padrão e de se categorizar os "erros" do alunos já que essa variedade de fala faz parte da realidade lingüística de significativo percentual de alunos nas escolas públicas; em segundo lugar, no início do processo de letramento, há interferência da modalidade oral sobre a escrita, seja devido ao desconhecimento das normas da escrita, seja em razão de ordem dialetal.

Além do estudo da fonética e da fonologia, enfatizam-se a Morfosintaxe, os estudos lexicais e textuais, contextualizando-se as ocorrências discursivas dos alunos nos níveis lingüístico, situacional e histórico-social.

A abordagem teórico-metodológica adotada - sociolingüística, psicolingüística e análise do discurso - justifica-se tanto por razões teóricas quanto por políticas. Relativamente à capacitação teórica, torna-se necessária a

instrumentalização do professor alfabetizador para que ele conheça a estrutura da língua, o seu funcionamento, bem como os fatores envolvidos na recepção e produção do texto escrito. No que tange ao aspecto político, pretende-se desenvolver nos alfabetizadores visão crítica de sua prática pedagógica, tornando-os conscientes dos mecanismos de estratificação e de segregação sociais instaurados na/pela própria escola por meio da linguagem.

À luz desses fundamentos teóricos, os professores elaboram projetos de pesquisa e/ou atividades didático-pedagógicas, visando a sanar dificuldades detectadas durante a capacitação em serviço. Esses trabalhos realizados pelos professores das escolas públicas do Distrito Federal serão oportunamente divulgados para os demais colegas e apresentados por amostragem nesta comunicação.

**AVOLIO, Jelssa Ciardi (PUC-SP).** *Prefácios de livros didáticos para ensino do FLE (francês como língua estrangeira).*

Partindo de um esquema prévio que normalmente as pessoas têm sobre a função de prefácios em livros didáticos, isto é, a de simplesmente transmitir informações ao professor, pretendo através desta comunicação, apontar que o discurso desse tipo de texto vai mais além, apresentando-se como um verdadeiro discurso normativo, da ordem do *manular-fazer*, que dita princípios de comportamento a professores e alunos. A título de exemplo para esta comunicação utilizarei o prefácio do livro *La France en Direct* (Capelle et alii, 1967).

Para efetuar a análise utilizei o modelo proposto pela Lingüística do Discurso, tal como é definida por Moirand (1988c, 1988d, 1992 e 1993). Esse modelo tem sugerido três tipos de entradas complementares (formal, funcional e argumental), e sugere que se relacionem, de forma integrativa, os fenômenos sintáticos, semânticos e pragmáticos, através do levantamento de marcas discursivas na superfície do texto, que revelam determinadas operações subjacentes (como o posicionamento da pessoa e a modalização). O mesmo modelo utiliza conceitos como os de heterogeneidade (Authier-Revuz, 1982 e 1984), esquematizações e representações (Grize, 1990).

**BOHN, Hilário I. (UFSC).** *Dificuldades em elaborar textos em segunda língua: problema lingüístico e/ou de transferência.*

A elaboração de textos escritos na língua materna é por si só uma tarefa árdua para a maioria dos escritores. Quando se elaboraram textos numa língua estrangeira (L2) as dificuldades de elaboração do discurso multiplicam-se. A literatura que discute esta problemática tem tradicionalmente enfatizado a relação existente entre as dificuldades experimentadas pelos escritores na L2 com as limitações e dificuldades encontradas na elaboração de textos na língua materna (L1). Ainda que pesquisas recentes permitam estabelecer uma relação entre estas duas dificuldades, estudos que analisam os aspectos de desenvolvimento da habilidade de escrever em L2 mostram que vários problemas encontrados no processo de escrita em L2, podem e devem ser interpretados a luz do processo aquisicional da segunda língua (Bohn 1993a, 1993b) em oposição às dificuldades relacionadas com a habilidade de escrever em L1. Neste trabalho examinamos alguns dos problemas lingüísticos e de estruturação do texto que aprendizes de L2 enfrentam na elaboração do discurso escrito. Para colocar alguns destes problemas mais em evidência aspectos de estruturação (coesão e coerência) e aspectos lingüísticos (estrutura da frase nominal e sinalização) de textos escritos por aprendizes iniciantes são comparados com textos de alunos adiantados na aprendizagem da segunda língua. Após examinar os aspectos comparativos os resultados são discutidos à luz das últimas teorias de aprendizagem.



O discurso que instala os espaços do ateliê e da galeria constrói os percursos temáticos e figurativos de seu componente semântico em torno da isotopia do rompimento. Da ruptura na criação estética à novidade na qualificação da mercadoria, do prazer vivenciado no trabalho à aventura de buscar novas formas de expressão, a semântica discursiva encadeia circulante temas e figuras que apontam para um discurso em acordo com a ideologia das sociedades de consumo, discurso que reduz a análise estética à busca da invocação, valorizando a obra de arte como mercadoria.

**TELES, Maria Clara (UNIFAP).** *Análise do discurso das narrativas orais populares que formam o imaginário da Amazônia Paraense.*

O corpus objeto de minhas reflexões e análises é composto de narrativas e relatos de fatos acontecidos com habitantes das micro-regiões do Estado do Pará, registrados em gravações, tendo sido coletado por estudantes do Curso de Letras, em Belém e nos nove (9) campi que fazem parte do Projeto de Interiorização da Universidade Federal do Pará. Sendo muito grande o número de narrativas já arquivadas, selecionei apenas dez (10) fitas-cassete de 60 minutos, cada uma representativa de uma região do Estado do Pará, para a análise desse discurso (tal como é tomada pela Escola Francesa de Análise de Discurso-AD - proposta por Michel Pêcheux) que forma o "imaginário" da Amazônia Paraense.

Tratamos as narrativas (histórias de Boto, Cobra-grande, Matinta-perceira, Saci, Lobisomem) como acontecimento de língua e história, afastando-nos, assim, da possibilidade de considerá-las como lendas, mitos, mentira ou "puro folclore", sem fazer "análise de conteúdo" e considerando o funcionamento do discurso na produção dos sentidos. Constitutivas da memória cultural de uma região, são, então, "discurso fundador". Trabalhamos o des-limite desses acontecimentos (narrativas) como o encontro de uma atualidade e uma memória sem fronteira, onde o "valor de verdade", o "real", o "verossímil" não interessam nem interferem. Situamo-nos no que chamei de "fenda do real", na realidade subjetivada, para "entrar" na "encantação", no "assombramento", nas "vis-agens" pelas condições de produção do discurso (CPD) e no processo discursivo, compreender o modo como as imagens se constituem, como agem as formações imaginárias e qual a sua significação nos indivíduos e na coletividade.

Pelos procedimentos da AD, pontos no lingüístico foram detectados, como "a gente", "a senhora sabe, né?", "é acontece". Como discurso fundador não possui - já um interlocutor: é processo narrativo que vai surgindo, junto e à medida que surge o homem amazônico - da efusão dos sentidos.

A déixis discursiva fundadora e outros conceitos operatórios nos permitem algumas hipóteses para o que chamamos em AD de "novos gestos de leitura".

Interpretação, acontecimento (de linguagem e discursivo) e imaginário são também parâmetros de trabalho que não se ausentam dos conteúdos teóricos e metodológicos traçados pela AD.

**TFOUNI, Leda Verdiani & ALVARES, Ana Maria (USP-Ribeirão Preto).** *A questão da autoria em narrativas de ficção oral produzidas por uma mulher analfabeta.*

Neste trabalho, pretendemos investigar a questão da autoria em narrativas orais produzidas por uma analfabeta, negra e "contadora de histórias", residente em Ribeirão Preto (SP). As histórias contadas por esta mulher não são relatos autobiográficos, mas, sim, histórias de ficção, sendo que algumas delas são facilmente identificáveis a títulos ou temas conhecidos e outras, segundo ela, são de sua própria autoria. Na literatura em geral, o "contador de histórias" é tratado como um mero reproduzidor da tradição e, desta forma, não há possibilidade de criação pessoal

por parte dele. No entanto, podemos perceber pela análise das narrativas citadas (já gravadas e transcritas) que essa mulher age sobre a estrutura destas narrativas, atualizando-as. Em vários momentos, ela introduz elementos de sua experiência pessoal que passam, assim, a fazer parte do narrado e criam, para o leitor, um efeito de verossimilhança. Optando por uma metodologia baseada na teoria francesa de Análise do Discurso, parece-nos que podemos tomar esses momentos como indícios de re-significações operadas por ela, enquanto autora, sobre as narrativas. Vinculada ao texto escrito, a autoria é entendida como o princípio organizador do texto: o que lhe garante coesão, coerência e a produção de efeitos de sentido intencionados como a criação da verossimilhança. Assim, parece-nos que podemos entender a autoria nas narrativas estudadas a partir da sua relação com a construção do verossímil. Finalmente, a possibilidade de falarmos da existência do autor no discurso oral será remetida ao conceito de tetramento, segundo o qual não haveria uma separação rígida entre linguagem oral e escrita, mas, sim, uma interpretação. (CNPq)

**ZAMBONIM, Devino João (UNESP-CAR).** *A presença do social e do cultural na produção do significado.*

Ao analisarmos a história da constituição da Lingüística como ciência em suas sucessivas reflexões epistemológicas, percebemos, sem minimizar a importância de todos os outros dados presentes, que o significado sempre ocupou, no pensamento dos pesquisadores envolvidos, um lugar de destaque. Esse destaque deve ser entendido mais no sentido de como bani-lo das fronteiras dos estudos lingüístico do que como incorporá-lo.

Partindo do princípio de que o significado nunca é uma evidência, mas sempre resultado de uma interpretação que se estabelece entre indivíduos e a realidade circundante, pretendemos nessa comunicação refletir sobre o significado sob o ângulo da presença do social e do cultural em uma língua natural.

Semelhante abordagem implica, necessariamente, trazer à discussão a problemática da produção do significado tal qual como foi exposta pelos lingüistas genericamente denominados formalistas.

Acreditamos, pois, que, ao se investigar o processo da produção de significado, a contemplação do sistema interno deve ser considerado apenas como uma etapa que, embora necessária, só será completo se se fizerem intervir fatores de ordem não necessariamente lingüística.

É o que se pode denominar de "saber sócio-cultural do falante", ou o "saber idiomático extralingüístico". Tal competência não deve ser simplesmente justaposta àquela competência idiomática interna do falante, mas deve ser vista e estudada como parte integrante da mesma.

**ZEN, Tânia Maria Campos (PUC-SP).** *A constituição discursiva da crônica no século XVI.*

Nosso trabalho tem como objetivo identificar os elementos que interferem na constituição do discurso pertinente ao capítulo IV da obra *Tratado da Terra do Brasil* escrita por Pero de Magalhães Gandavo no século XVI.

Com base na análise do discurso de linha francesa, procuramos recuperar, através do sujeito, os discursos envolvidos e constituídos em determinado espaço (Portugal) e tempo (1576).

Para tanto, buscamos o modo de produção do autor citado na linguagem, entendendo que esta é o lugar privilegiado de manifestação da ideologia e buscamos, ainda, a explicitação dos processos de significação para atingir os mecanismos de produção de discurso em que o sujeito assume papéis diferentes.

Objetiva demonstrar através de dois movimentos dialógicos sobrepostos - diálogo face a face (aluno x professor) diálogo à distância (leitor x texto) que, a despeito da força institucional, determinadora dos papéis e da trajetória dos actantes, professor e aluno tentam romper o determinado, o estabelecido, o posto, e lançam-se, de forma incipiente ainda, na tarefa de construir coletivamente o conhecimento na sala de aula, fato que didaticamente propõe a (re)construção da identidade do professor e do aluno.

**CINTRA, Anna Maria Marques (PUC-SP).** *Aspectos do contexto de produção e da organização textual num enfoque comunicativo: a monografia de conclusão de curso.*

Este trabalho faz parte da pesquisa "Português para fins específicos: Área de Ciências Econômicas" e tem por objetivo apresentar resultados de investigação feita sobre a elaboração de monografia de conclusão de curso. Com base nos pressupostos da abordagem comunicativa (Widdowson, 1978 e 1990) e em consonância com princípios do ensino da língua materna para fins específicos, trabalhamos, numa primeira etapa, com a Análise de Necessidades, tendo em vista detectar problemas mais salientes, para os alunos, em início de processo. Numa segunda etapa foi feito estudo de caso com três sujeitos, tendo em vista obter dados sobre o processo de elaboração da monografia. Complementando o estudo foi feita uma análise de uma monografia concluída e de outra em processo. Os resultados de cada etapa estão sendo articulados e sistematizados, levando em conta estudos sobre leitura, redação e lingüística textual. Embora a pesquisa ainda não tenha sido concluída, é possível dizer que há indícios de significativa falta de consciência de linguagem em termos de procedimentos de leitura, estruturação e montagem de texto. Os alunos estudados se julgam capazes na leitura e seleção de informações, porém admitem dificuldades para estruturar o trabalho e limitações do esquema "Introdução", Desenvolvimento e Conclusão". Também manifestam dificuldades na redação de sínteses, tomadas como passagem obrigatória para a montagem da monografia. Aspecto relevante, já discutido anteriormente (Cintra, 1982) foi o "nascimento" do tema. Numa primeira aproximação dizemos que alguns dos problemas com os quais o aluno se defronta durante o processo nascem da geração do tema. Percebe-se também uma forte tendência para responsabilizar o professor pelas dificuldades, reforçando o comportamento escolar brasileiro que Paulo Freire chamou, adequadamente, de educação bancária. Ao que tudo indica, a monografia de conclusão de curso, por si só, não altera o comportamento passivo do aluno que não se percebe como sujeito da construção do próprio conhecimento.

**COSTA, Catarina de Sena Sirqueira Mendes da (UFPI).** *A lealdade às relações culturais contra o fracasso escolar.*

O fracasso escolar tem sido um tema muito debatido pela lingüística atualmente. Várias explicações têm sido dadas para este fenômeno. A maioria delas se atém apenas a uma das categorias envolvidas, no caso, os alunos. Nesta comunicação, vamos mostrar duas situações de escolas cujo resultado consiste na integração entre a escola e a realidade sociocultural na qual se insere e atua.

No primeiro caso, o sucesso só veio após reorientação de alguns aspectos de prática da escola, tendo como base dados da própria organização e da estrutura social da comunidade em que a escola está inserida obtidos através da pesquisa sociolingüística, metodologicamente orientada conforme a etnografia da fala, segundo Deli Hymes (Hymes, 1949). Embora a pesquisa não visasse a aplicação dos seus resultados em atividades educacionais, a possibilidade e o sucesso dessa aplicação levantaram alguns pontos importantes relativamente à questão do fracasso escolar. Dentre os quais destacamos: 1. o fracasso (ou o sucesso) escolar deve ser encarado como resultado de uma

ação empreendida por professores e alunos, os quais, (voluntariamente ou não) são membros da instituição escolar; 2. professores e alunos representam a mesma ou distintas instâncias socioculturais relativamente às quais mantêm ou não relações de lealdade; 3. essas relações de lealdade cultural é que caracterizarão a escola como oposta ou integrada à comunidade e de que dependerá, em última instância, o sucesso escolar; 4. na base da lealdade cultural está o mesmo processo que está na base da relação pedagógica: a interação lingüística.

No segundo caso, a lealdade de professores e alunos a uma mesma realidade sociocultural e lingüística promove a integração da escola à comunidade e, conseqüentemente, o sucesso escolar sem que, para tanto, tenha necessidade de informações cientificamente orientadas.

**CRUZ, Edna Aparccida Cavalcante (DRE-Marília).** *O construtivismo no ensino de língua portuguesa.*

O construtivo valoriza o agir de quem aprende como elemento central para se compreender algo. Esse agir que produz conhecimento não é qualquer agir, mas a ação de resolver problemas. Desta forma, para aprender, é necessário possibilitar que a inteligência do aluno aja sobre o que se quer explicar.

Nestas ações, a língua constitui o objeto de conhecimento, enquanto atividade social, que veicula informações, expressa sentimentos, age sobre o outro, possui uma história. Além disso, envolve interlocutores situados num espaço, interagindo sobre um tópico negociado previamente, por meio de um sistema de signos.

Neste trabalho, apresentaremos exemplos de atividades com os conteúdos sugeridos pela Proposta Curricular do Estado de São Paulo, para o ensino de língua materna, fundamentadas na teoria construtivista e na concepção sócio-interacionista de linguagem.

**CUNHA, José Carlos Chaves da (UFPA).** *Transferências lingüístico-pragmáticas e metodológicas num ensino-aprendizagem integrado de línguas.*

No Brasil muitos são os colegas que além de sua Licenciatura em Português têm também uma habilitação em Língua Estrangeira (geralmente Inglês ou Francês).

Na pesquisa-ação que iniciamos em 1993 na UFPA contamos "explorar" este fato para propor - a partir de princípios da Pragmática Lingüística - um ensino-aprendizagem integrado em línguas no Primeiro Grau do sistema escolar.

Nossa hipótese é que transferências lingüístico-pragmáticas e metodológicas - da língua estrangeira para a língua materna e vice-versa - são, não apenas possíveis, mas úteis, talvez até necessárias no contexto educacional do país hoje.

Procuraremos ilustrar a viabilidade da hipótese propondo (e analisando), no âmbito de uma abordagem comunicativo-interativa da língua, um tipo de transferência metodológica do ensino-aprendizagem da língua estrangeira para o da língua materna que implica numa concepção pragmática do funcionamento destas: o uso sistemático da técnica de simulação.

Trata-se de atividades muito comuns nas salas de aula de língua estrangeira que visam a treinar os alunos para o emprego adequado da língua em situações reais de uso enriquecendo assim suas potencialidades de produção e compreensão em língua materna. Tais atividades permitem que os alunos levem sistematicamente em consideração parâmetros contextuais (interlocutor, momento, lugar, canal...) na produção de discursos eficazes, isto é, adaptados ao mesmo tempo às suas intenções comunicativo-interacionais e à situação de comunicação.



**BRANDÃO, A.C. & SPINILLO, A.G. (UFPE).** *Relações entre produção e compreensão de histórias em crianças de 4 a 8 anos.*

Existe na literatura um grande número de trabalhos ora tratando da produção, ora da compreensão de histórias. O presente estudo, entretanto, pretende investigar conjuntamente a produção e compreensão de história, explorando as relações entre essas duas habilidades, em uma perspectiva de desenvolvimento.

Foram avaliadas 60 crianças com idades de 4,6 e 8 anos, freqüentando o pré-escolar, alfabetização, 1ª, 2ª e 3ª séries do 1º grau.

Todos os sujeitos foram individualmente submetidos a duas tarefas:

(1) Produção de uma história a partir de um tema determinado pelo examinador.

(2) Compreensão de uma história ouvida que versava sobre o mesmo tema da tarefa de produção. Esta tarefa envolvia três itens: reproduzir a história ouvida; fornecer um título para a história e responder a perguntas sobre a história.

Os dados foram predominantemente analisados de forma qualitativa, sendo elaboradas categorias para a avaliação das duas tarefas. A análise quantitativa examinou as diferenças em função da idade, explorando ainda as correlações entre produção e reprodução de história.

Os resultados indicam um progresso significativo com a idade em relação ao desempenho nas duas tarefas. O padrão de desenvolvimento observado demonstra que aos 4 anos a produção de uma história original a partir de um tema, representa uma tarefa mais fácil do que a compreensão de uma história ouvida. Para as crianças de 6 a 8 anos, observou-se o contrário: a compreensão da história constitui a tarefa mais fácil. A produção e compreensão de história mostram-se, portanto, habilidades dissociadas, pelo menos nos três grupos de idade investigados.

O estudo traz informações sobre a natureza e o desenvolvimento das habilidades de produção e compreensão de história em crianças, bem como tece considerações acerca da metodologia de pesquisa na área, sugerindo formas de análise dessas habilidades. Ressalta-se ainda a importância de pesquisas futuras que examinem em mais detalhes os aspectos apontados neste trabalho.

**CESAR, América Lúcia (UFBA).** *Projeto de formação de guias e guardiães do Parque São Bartolomeu.*

Apresenta-se uma experiência transdisciplinar de construção do currículo do Projeto de Formação de Guias e Guardiães do Parque São Bartolomeu, a partir do trabalho realizado no grupo de linguagem. O Parque São Bartolomeu/Pirajá localiza-se no Subúrbio Ferroviário de Salvador, num cinturão de pobreza que atinge cerca de 400 mil habitantes. Reúne múltiplos significados-ecológico, antropológico, histórico e social -, mas encontra-se degradado. O Projeto de Formação de Guias e Guardiães, como parte do Movimento de Defesa do Parque, envolveu adolescentes do Subúrbio Ferroviário, entidades da Sociedade Civil e a Universidade Federal da Bahia, na implantação de uma proposta de educação ambiental e formação de jovens trabalhadores para a defesa do Parque, cujo núcleo está na experimentação de diversas formas de expressão para a construção e integração dos diversos saberes, destacando-se a diversidade lingüística e cultural do grupo, formado majoritariamente por jovens negros e negras, alunos de escolas públicas.

**CHAMADOIRA, João Batista Neto (UNESP).** *Redação técnica - uma lacuna no ensino de redação.*

Apesar de muito empregada nas empresas, a redação técnica não tem tido de parte dos professores de Língua Portuguesa nem dos manuais especializados no ensino de redação a importância que merece. De forma geral o ensino do texto técnico tem-se limitado à redação comercial e oficial (carta comercial, ofício, requerimento, ata, etc), dificilmente ocorrendo orientações no sentido da descrição de peças, funcionamento de mecanismos, manuais de instrução.

Quanto às pesquisas, em nível de terceiro grau, podemos citar o trabalho desenvolvido pelo LAEL - Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas - da PUC-SP, que, mesmo assim, com raras exceções, limita-se ao Inglês Instrumental.

Pretendo apresentar comunicação sobre relato de experiência do ensino de Redação Técnica, trabalho este que desenvolvo na Escola Técnica Federal de São Paulo.

**CHIAVEGATTO, Valéria Coelho (UERJ/Universidade Gama Filho).** *Propostas funcionalistas aplicáveis à pedagogia da língua materna.*

Após apresentar a 50 professores de língua portuguesa de diferentes partes do Brasil os pressupostos teóricos que norteiam as pesquisas funcionalistas nos moldes givonianos e alguns dos resultados de pesquisas desenvolvidas nesta perspectiva teórica pelo grupo de pesquisa Discurso & Gramática, analisei as opiniões desses profissionais sobre estes trabalhos e suas expectativas a respeito das possibilidades de integração dos resultados destes estudos às gramáticas pedagógicas a que têm acesso.

De um modo geral, os professores se mostraram inicialmente muito motivados a conhecerem tais trabalhos. Contudo, quando estes lhes foram apresentados sob a forma escrita, mostraram-se incapazes de sozinhos poderem entender a metalinguagem lingüística com que são apresentados; declararam que sem a integração das descobertas da lingüística às gramáticas pedagógicas tradicionais, tais informações não podem ser usadas na prática pedagógica da língua materna; não foram capazes de apresentar sugestões sobre como as descobertas apresentadas podem ser aplicadas em sala de aula; mas consideram as informações que apresentam sobre o uso da língua essenciais à formação pedagógica dos profissionais que atuam na área de línguas.

Sugere-se que sejam organizados cursos de atualização lingüística dos profissionais que atuam na área e que sejam produzidos textos onde a metalinguagem da lingüística possa ser entendida pelos profissionais que atuam em sala de aula, providências que consideram indispensáveis para a "popularização" pedagógica de descobertas funcionalistas à pedagogia da língua materna, pois as informações que veiculam, sobre questões de uso da língua enquanto estrutura maleável que se adapta continuamente às condições de uso na comunicação, se tornam conhecimentos fundamentais para a renovação dos métodos de se trabalhar no ensino de língua materna.

**BALDWIN, Elizabeth (UFBA) & BEZERRA, José Ribamar Mendes (UFAL).** *Interação na sala de aula: movimento dialógico de (re)construção da identidade do professor e do aluno?*

O trabalho terá como temática central a interação do professor e do aluno na sala de aula.

Que posição adota em relação à língua padrão? Como oferecer ao aluno conhecimentos mais sólidos que lhe permita opção/criação de estratégias de dizer adequadas a seus propósitos? Este trabalho reflete sobre essas questões, enfocando possibilidades que as recentes abordagens da ciência da língua oferecem para a construção de um ensino de língua portuguesa mais consequente e produtivo, resgatando o lugar da gramática sob um novo enfoque.

**FERNANDES, Eliane Marques da Fonseca; MENDONÇA, Mary Fátima de Lacerda & BARROS, Regina Celeste Rocha de (UFGO).** *Portas de passagem: uma experiência com a escrita para estudantes do curso de Letras.*

Esta comunicação trata do processo ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa. Nossos estudantes de Letras têm tentado passar através de portas que na maioria das vezes lhes são fechadas, vedando-lhes a possibilidade de olhar a nossa língua de outra forma e de torná-los professores eficientes. Temos observado que a maioria dos estudantes que chegam ao curso de Letras apresenta: 1) pouca interação com a linguagem escrita no que diz respeito aos seus usos e funções; 2) uma visão centrada na parte formal da linguagem na crença de que descrevendo, rotulando ou identificando os constituintes frasais tornam-se capazes de usar competentemente a linguagem escrita; 3) uma visão desfocada da verdadeira natureza, estrutura e função da linguagem, concebendo como correto apenas o que se encaixa nos princípios da gramática normativa; 4) uma expectativa de que no Curso de Letras completarão (?) o percurso iniciado, com o propósito de repassá-los aos seus futuros alunos caso queiram ser professores de Língua Portuguesa. Realmente a universidade tem reforçado a continuidade dessa concepção de linguagem e de seu ensino, repetindo e fechando o ciclo, quando apresenta, nas próprias ementas curriculares e nos programas de vestibular, um enfoque centrado apenas no sistema formal que constitui a língua, fechando *as portas de passagem* para um professor competente e comprometido. A nossa experiência tenta uma ruptura nesse ciclo que se auto-alimenta, através de teorias que concebem a linguagem e seu ensino como a integração entre *forma e função*, entre *língua e discurso* (Gerald, Jakobson, Halliday, Bakhtin, Moirand, etc.), que não se limita à frase e à identificação de seus constituintes, mas ultrapassa o enunciado, atingindo a *enunciação*. Para tanto, formamos uma equipe de cinco professores que se dispuseram a desenvolver um projeto de pesquisa que enfoque a linguagem nessa perspectiva. Dessa forma temos trabalhado as funções da linguagem a partir do modelo de Jakobson. Todavia, dinamizamos esse modelo, inserindo-o dentro do contexto de interação, em que se processa o discurso, o que nos permitiu trabalhar a linguagem, principalmente a escrita, nas diversas situações em que ela aparece na comunidade de onde advêm esses alunos. Nosso objetivo é possibilitar-lhes a abertura de novas portas que descortinem uma visão de linguagem como uma atividade sócio-histórica, portanto, concreta, dinâmica, heterogênea, porém sistematicamente organizada. O texto tem sido elemento organizador dessa experiência, e o que se tem priorizado é a compreensão e o uso dos processos envolvidos na textualização dos "fatos da realidade, dos dizeres dos outros e seus próprios dizeres" (Moirand, 1990).

**FURLANETTO, Maria Marta (UFSC).** *Estratégias de expressividade.*

Este estudo, baseado em dados preliminares (25 redações de alunos da 1ª fase do curso de Letras) de um projeto maior do LABORE, busca efeitos de expressividade a partir da seleção de algumas categorias. A partir delas, pensando-se nas formas de criação de sentido e nas opções que geram um estilo, é possível perceber um imaginário, no qual se lê em qual *verdade discursiva* o estudante está "engajado". Trata-se, em geral, de uma *lição repetida*. O tema "agressões na atualidade" remete majoritariamente a meio ambiente (poluição), criação, sistema governamental,

fome, mulher, controle social. Apareentemente o tema se desenvolve num esquema dissertativo, o qual, no entanto, não prima pela argumentação. Tendo uma forma antes expositiva, infere-se que não há como argumentar um material informativo supostamente verdadeiro, a ser simplesmente transmitido. A quem? As modalidades enunciativas mostram que não se ousa opinar, assertar-se - a alguém indefinido. A indeterminação lexical e sintática é tributária da necessidade de dizer sem "enunciar-se" (ou: fazer eco a outras vozes).

Relativizando, contudo, a noção de expressividade e limitando-a ao próprio universo do material coletado, é possível estabelecer algumas operações como criativas (tentativas estratégicas). Este aspecto é considerado relevante. Observa-se também que o visual gráfico e gramatical dos textos tem a propriedade de atingir mais diretamente o avaliador, criando nele predisposições de caráter negativo.

As observações levantadas ao longo da análise apontam para uma revisão profunda, tanto do processo que sedimentou as experiências do estudante, quanto da ideia de perfil e de avaliação. A experiência global do projeto piloto instrumentará a coleta de dados, análise e propostas do projeto LABORE no âmbito universitário.

**GARCIA, Angela; PINILLA, M. da Aparecida M. de; COSTA, Maria Cristina Rigoni; OLIVEIRA, Maria Thereza Indiani de & D'ÁVILA, Suzana (UFRJ).** *Ensino de português por multimeios.*

A comunicação apresenta o desenvolvimento do Projeto Ensino de português por multimeios, resultado de convênio firmado entre a UFRJ e a Fundação Roquete Pinto. A seleção dos conteúdos, a delimitação dos objetivos e a preparação do material bruto que serve de base para rádio e TV vêm sendo nossa tarefa no Projeto. A partir do público que se pretende atingir, delimitam-se as finalidades de um ensino de língua portuguesa que pretende preparar o cidadão para ler, entender e participar do mundo à sua volta.

Destaca-se, na proposta, o valor que assume a língua materna na construção de uma cidadania consciente e democrática. A ênfase do programa é no aspecto produtivo do português, criando-se situações de uso que levem o público a uma conscientização das variações de uso da língua, demonstrando-se o prestígio relativo de tais variantes.

Nessa comunicação, serão apresentados os objetivos que norteiam este projeto de ensino à distância, as unidades que compõem os módulos e as justificativas teóricas que nos conduziram a tal proposta.

**GONÇALVES, Alberto (UFSC).** *O texto e a meta-regra de repetição.*

Este trabalho é o produto final da análise de um *corpus* composto por 25 redações de alunos da 1ª fase do curso de graduação em Letras/UFSC. A meta-regra de repetição (Charolles, 1988) foi aqui considerada relevante na verificação da textualidade das produções analisadas. Neste sentido, os elementos de coesão referencial (Koch, 1991) foram levantados qualitativamente.

Observou-se que os textos dos alunos apresentaram problemas no tocante aos elementos aqui considerados. O referente constituiu-se um elemento importante para o produtor do texto; em outros termos, no uso da anáfora, a concordância não foi, por vezes, respeitada, gerando, em certos casos, até mesmo ambigüidades.

Este tipo de análise poderá, talvez, servir como ferramenta num diagnóstico da situação ligística do aluno ingressante na universidade, objetivando melhorar sua competência na escrita.



Esta proposta se insere numa linha de pesquisa mais ampla - Pragmática Linguística e Ensino-Aprendizagem do Português - cujo objetivo é o de transformar as práticas de sala de aula através de um enfoque mais funcional da língua que, em vez de saberes gramaticais privilegie um *savoir-faire* com a língua.

**CUNHA, Myriam Cristian Chaves da (UFPA).** *Avaliação e ensino-aprendizagem do português.*

A avaliação constitui um objeto de estudo legítimo e privilegiado para os especialistas em ensino/aprendizagem do português.

- Legítimo, pois não diz respeito às Ciências da Educação a análise das concepções de língua que integram o quadro referencial das práticas avaliativas e fundamentam, em parte, não só a delimitação dos objetivos e conteúdos de ensino e de aprendizagem, como também dos objetivos e conteúdos de avaliação.

- Privilegiado, porque a estreita vinculação existente entre opções metodológicas e práticas avaliativas faz destas últimas um espaço onde se cristalizam as concepções subjacentes de língua e de ensino/aprendizagem de língua. Deste modo, torna-se mais fácil o reconhecimento crítico dessas concepções e de sua influência nos mecanismos que levam a avaliação em português à ausência de validade e impedem uma real transformação do ensino/aprendizagem da língua materna.

A nosso ver, esta transformação passa por novas concepções, tanto de ensino/aprendizagem (que integrem as contribuições da Pragmática Linguística), quanto de avaliação (que não se limitem à sua função de validação mas sejam essencialmente facilitadoras da aprendizagem). A abordagem comunicativa (já utilizada no ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras) e a avaliação formada (= de formativa) parecem ter as características requeridas. Os pressupostos teóricos de ambas podem ser articulados de modo a constituir as bases para uma metodologia, onde se privilegie o aspecto funcional e interativo do ensino/aprendizagem do português, onde o aprendiz tenha as condições de ser sujeito da aprendizagem e onde a avaliação seja essencialmente um instrumento de ensino, de aprendizagem e um meio para reduzir a distância entre a escola e a vida real.

**ELIAS, Regina M. Pessoa & ELIAS, Zêqui. (UNESP).** *Sistema UNESP de treinamento em língua portuguesa - revisão gramatical: lingüística aplicada ao ensino de língua materna.*

Em 1989 foi constituída uma equipe técnica formada por docentes dos campi de Araraquara, Assis e São José do Rio Preto, visando a elaboração de um curso de revisão e atualização em Língua Portuguesa para os servidores da UNESP, que há muito solicitavam um curso deste tipo.

Realizou-se, inicialmente, uma consulta a todas as unidades desta Universidade, solicitando aos servidores que declarassem o tipo de curso de Língua Portuguesa que desejavam realizar. Constatou-se que a demanda era por revisão gramatical. Os conteúdos solicitados, entretanto, abrangiam todas as áreas de estudo, desde fonética e fonologia, até morfologia, sintaxe e semântica, havendo, ainda, solicitações que não diziam respeito a um curso desta natureza. A equipe técnica viu-se diante dos seguintes problemas: até que ponto os conteúdos solicitados pelos servidores corresponderiam àquels que eles realmente precisavam rever? A revisão destes conteúdos poderia levar os servidores a atingir o objetivo proposto: o emprego mais adequado da Língua Portuguesa na modalidade escrita?

Foi, então, enviada uma nova ficha-consulta na qual se pedia que o servidor confirmasse seu interesse, arrolando os pontos que desejava ver contemplados no curso e, além disso, redigisse um texto, contando como era um dia normal

de seu trabalho. A finalidade deste último pedido foi a de cruzar as informações prestadas pelo servidor com os resultados da análise dos textos produzidos. Esta análise evidenciou que as solicitações dos servidores, em sua maioria, não correspondiam à natureza dos erros cometidos. Os servidores demonstravam uma concepção de gramática como conjunto de regras a serem seguidas e, quanto ao conteúdo, privilegiavam aqueles considerados "importantes" na escola (análise sintática, por exemplo), revelando não ter consciência de suas próprias dificuldades. A equipe técnica elaborou, então, o conteúdo programático do treinamento, considerando, dentro do possível, tanto os erros dos servidores, quanto os conteúdos por eles apontados como importantes para serem estudados. Em seguida, a equipe dedicou-se a pesquisar a forma mais adequada de desenvolver este treinamento, que, dada sua amplitude, envolveria necessariamente a atuação de monitores especialmente treinados para tal. Sabia-se que o tratamento seria desenvolvido de forma simultânea em campi distintos, como, por exemplo, São José dos Campos e Ilha Solteira. Dentro destas condições, considerou-se como mais adequado o modelo proposto por V. Gagné (*Learning conditions*, 1972). Para cada item do conteúdo foi elaborada uma planilha composta de nove eventos. Os itens foram divididos entre os docentes, cabendo à equipe de São José do Rio Preto a elaboração dos módulos de *Ortografia, Acentuação Gráfica, Pronomes e Verbos*; à equipe de Assis, *Concordância, Regência e Crase*. A equipe de Araraquara dedicou-se à parte operacional da execução do treinamento, bem como à avaliação dos resultados de cada etapa. Cada equipe responsável pelos Módulos Instrucionais passou, então, a pesquisar qual a melhor forma de trabalhar os itens do conteúdo, tendo em vista tanto a finalidade do treinamento, quanto o heterogêneo grau de escolaridade dos grupos de servidores.

O material completo utilizado no treinamento compõe-se de *Manual de Treinado*, com 07 Módulos Instrucionais e *Manual do Monitor*, com as instruções para a execução de cada evento das 37 planilhas, pré-teste, pós-teste e exercícios de verificação.

O treinamento iniciou-se em outubro de 1989 e atingiu, até o 2º semestre de 1993, aproximadamente 3000 servidores, tendo sido aplicado nos campi de São José do Rio Preto, Rio Claro, Assis, Marília, Presidente Prudente, Jaboticabal, Ilha Solteira, Aracatuba, Franca, Guaratinguetá, São José dos Campos, Botucatu, São Paulo, Araraquara e Bauru. Os resultados indicam índices de acertos nos pós-testes nunca abaixo de 70%, aproximando-se com frequência dos 90%.

**FÁVERO, Teresinha Oliveira (UFRGS).** *Gramática: objeto descartável?*

Pode um professor de música ensinar sua disciplina, se quiser que seus alunos sejam criativos e criadores, sem levar a eles noções precisas sobre pauta, notas musicais, as possibilidades de compasso e suas relações com o ritmo? Pode um mestre de Artes Plásticas, se desejar que os discípulos produzam obras de valor, negar a eles conhecimentos sobre linhas, perspectivas, cores e os efeitos visuais das diferentes combinações de nuances e texturas? Nessa perspectiva, coloca-se o questionamento central que deu origem ao título deste trabalho. A crítica feroz feita ao ensino tradicional de Língua Portuguesa, em função dos progressos da Ciência Linguística, trouxe conseqüências nem sempre positivas em termos de atitude professor x estrutura da matéria x escolha de conteúdos. Se, por um lado, tal crítica possibilitou um deslocamento do eixo leitura/produção/gramática, com nítido avanço pelo favorecimento às duas primeiras; ao mesmo tempo, condenou o ensino da gramática de forma radical, levando à produção do efeito negação/esquecimento. Assim, os conteúdos gramaticais foram abolidos de sala de aula pelos professores ditos "modernos". Nas aulas de língua materna, passou-se a brincar de ler/escrever textos, contando-se apenas com a intuição professor/aluno e ignorando-se o manejo da língua como prática social. Obviamente, ao ingressar na escola, os alunos já dominam a gramática da variante linguística que utilizam. Essa lhes permite falar/entender os enunciados orais de sua língua. Porém outras questões permanecem: como a escola encara a diferença língua oral/língua escrita?

**KAUER, Maria Alice (UFRGS).** *Em discussão as práticas pedagógicas de língua portuguesa.*

Os avanços da Linguística possibilitaram a releitura do ensino tradicional. Na perspectiva da linguagem como espaço de interação e constituição do sujeito, o ensino antes centrado na gramática, a partir da década de 80, vem sendo substituído por uma "metodologia centrada no texto". Sob o primado do texto, já que o processo de relações e associações linguísticas, semânticas e pragmáticas a partir dali se realiza, o ensino de Língua Portuguesa prioriza a "leitura crítica" e a "produção textual". Apesar desse progresso, as estratégias linguísticas presentes no texto em função da enunciação, ou não se constitui em objeto de estudo, ou são focalizadas inadequadamente pelo professor. O objetivo deste trabalho é o de discutir: (1) como tal metodologia vem sendo implementada; (2) que resultados confere à melhoria da qualidade do ensino de língua materna e ao perfil de aluno que se pretende formar; (3) o grau de coerência entre a prática pedagógica e o suporte teórico anunciado. Para tanto, são analisados dados e materiais do universo escolar referentes ao ensino de Língua Portuguesa no 1º grau (de 5ª a 8ª série).

**LAGE, Maria Helena Lott (UFMG).** *Metacognition in native and foreign language reading: a multiple-case study of Brazilian adult readers.*

This paper is a summary of my doctoral dissertation, which is a comparative multiple-case study of metacognition in native and foreign language reading (NL: Portuguese, FL: English), given the purposes of reading for comprehension and reading for main points recall. The subjects were six Brazilian adult readers from the area of Library Science, classified according to level of expertise and native language reading ability.

The subjects' think-aloud protocols were audio- and video-taped, transcribed verbatim, and analyzed. Seven metacognitive reading strategies were identified as follows, in decreasing order of frequency of use: self-monitoring, self-management, self-evaluation, selective attention, knowledge utilization, organizational planning, and predicting and/or previewing. Knowledge utilization is an innovation metacognitive strategy, found to be more closely related to comprehension than recall.

The study provides evidence to the contention that the two reading purposes make different demands on the reader despite being intrinsically related in the academic context. There was a shift from a more interactive processing of the NL text to a more bottom-up processing of the FL text. NL reading ability was found to be more a factor influencing FL reading than FL proficiency. Level of expertise was a factor in relation to the use of knowledge utilization and variety of strategies used.

The study gives some evidence for an interactive-compensatory model of reading comprehension. There is indication that, if one is a good NL reader and transfers effective reading strategies to FL reading, it is possible to compensate for poor knowledge of the FL. It was also found that think-alouds can be appropriate to use in FL reading if the protocols are given in the NL. Applications to English for Specific Purposes courses are suggested.

**LIMA, Joscildes Maria Batista de (UFPI).** *Processo de interação social na formação linguística do professor de 1ª à 4ª série do 1º grau: uma abordagem etnográfica.*

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender o processo de interação social subjacente à formação linguística do professor de 1ª à 4ª série do 1º grau. Para isso estão sendo investigados eventos de fala presentes no processo de interação social da vida escolar, nos diversos níveis de sua organização social, analisando-se os elementos

desses eventos que sejam mais significativos no processo. Uma das hipóteses desta pesquisa é que uma formação linguística do professor adequada às necessidades educacionais da população depende, fundamentalmente, da compreensão do processo das relações sociais no qual toma parte o próprio processo de ensino-aprendizagem. Assim, questiona-se entre outras coisas, se a formação linguística do professor pedagógico atende às necessidades de aprendizagem da língua, se se considera a diversidade sócio-econômica-cultural, especialmente linguística dos alunos.

**LIMA, Renira Lisboa de Moura (UFAL).** *A maturidade sintática em alunos do curso de Letras: um estudo avaliativo.*

Para verificar-se a adequação do nível de maturidade sintática (habilidade de combinar orações pela aplicação de regras de pós-relativização) dos alunos concluintes do Curso de Letras (Português-Literatura) ao exercício do magistério da Língua Portuguesa, selecionou-se um corpus constituído das respostas a dez problemas de combinação de orações, tomando-se três, como limite mínimo, e dez, como limite máximo.

Foram utilizadas as medidas propostas por Hunt - índice de coordenação, índice de subordinação, comprimento da oração, do período e da unidade terminal mínima -, e o índice de redução. Além do Teste das Ordens Assinaladas, aplicado a essas medidas e aos casos das regras de pós-relativização utilizadas na resolução dos problemas, calculou-se a média aritmética para situar os alunos numa escala de maturidade sintática. Uma análise quantitativa se impôs não só pela necessidade de identificação das carências linguístico-educacionais, mas também pela ocorrência de diferenças entre as respostas, não detectadas pela análise quantitativa.

O nível de maturidade sintática do grupo estudado revelou-se inadequado, pois a análise quantitativa revelou diferenças significativas entre as respostas produzidas e as esperadas, e a análise qualitativa, transferência de hábitos do registro oral distenso, desrespeito às regras de construção sintática e textual, além de alteração ou omissão de informações contidas nos problemas dados.

Apesar de essas conclusões não poderem ser consideradas definitivas, vão servir de base para uma reorganização do currículo do Curso de Letras e das experiências de aprendizagem aí propostas.

**LÓPEZ, Luisa Elena H. (Universidad de los Andes, Venezuela).** *Recuperación de información en textos científicos: aplicación de la léxico-gramática a problemas de indización.*

Las gramáticas formales son el producto teórico de un enfoque lingüístico que tiene como uno de sus principales objetivos predecir fenómenos que ocurren en los lenguajes naturales. Desde sus comienzos en la década del 50 con Noam Chomsky como uno de sus principales teóricos, las proposiciones de estas han servido como punto de partida a lo que se ha denominado *Lingüística Computacional*. Diferentes modelos han surgido posteriormente tanto desde el punto de vista teórico como metodológico.

Bajo la luz de la léxico-gramática, método desarrollado por Zellig Harris y Maurice Gross y con un pequeño corpus conformado por resúmenes de investigaciones científicas desarrolladas en INTEVEP (Centro de Desarrollo y Apoyo Técnico Filial de Petróleos de Venezuela), se procedió a identificar los elementos lingüísticos formales que permitieron la elaboración de órdenes para un programa de ayuda al indizador en el trabajo de escogencia de descriptores, índices y palabras claves lo cual va a permitir al usuario de los sistemas computadorizados de información, la recuperación más efectiva de todo el conocimiento que se maneja en tan importante Centro de Investigación.



**KAUER, Maria Alice (UFRGS).** *Em discussão as práticas pedagógicas de língua portuguesa.*

Os avanços da Linguística possibilitaram a releitura do ensino tradicional. Na perspectiva da linguagem como espaço de interação e constituição do sujeito, o ensino antes centrado na gramática, a partir da década de 80, vem sendo substituído por uma "metodologia centrada no texto". Sob o primado do texto, já que o processo de relações e associações linguísticas, semânticas e pragmáticas a partir dali se realiza, o ensino de Língua Portuguesa prioriza a "leitura crítica" e a "produção textual". Apesar desse progresso, as estratégias linguísticas presentes no texto em função da enunciação, ou não se constitui em objeto de estudo, ou são focalizadas inadequadamente pelo professor. O objetivo deste trabalho é de discutir: (1) como tal metodologia vem sendo implementada; (2) que resultados confere à melhoria da qualidade do ensino de língua materna e ao perfil de aluno que se pretende formar; (3) o grau de coerência entre a prática pedagógica e o suporte teórico anunciado. Para tanto, são analisados dados e materiais do universo escolar referentes ao ensino de Língua Portuguesa no 1º grau (de 5ª a 8ª série).

**LAGE, Maria Helena Lott (UFMG).** *Metacognition in native and foreign language reading: a multiple-case study of Brazilian adult readers.*

This paper is a summary of my doctoral dissertation, which is a comparative multiple-case study of metacognition in native and foreign language reading (NL: Portuguese, FL: English), given the purposes of reading for comprehension and reading for main points recall. The subjects were six Brazilian adult readers from the area of Library Science, classified according to level of expertise and native language reading ability.

The subjects' think-aloud protocols were audio- and video-taped, transcribed verbatim, and analyzed. Seven metacognitive reading strategies were identified as follows, in decreasing order of frequency of use: self-monitoring, self-management, self-evaluation, selective attention, knowledge utilization, organizational planning, and predicting and/or previewing. Knowledge utilization is an innovation metacognitive strategy, found to be more closely related to comprehension than recall.

The study provides evidence to the contention that the two reading purposes make different demands on the reader despite being intrinsically related in the academic context. There was a shift from a more interactive processing of the NL text to a more bottom-up processing of the FL text. NL reading ability was found to be more a factor influencing FL reading than FL proficiency. Level of expertise was a factor in relation to the use of knowledge utilization and variety of strategies used.

The study gives some evidence for an interactive-compensatory model of reading comprehension. There is indication that, if one is a good NL reader and transfers effective reading strategies to FL reading, it is possible to compensate for poor knowledge of the FL. It was also found that think-alouds can be appropriate to use in FL reading if the protocols are given in the NL. Applications to English for Specific Purposes courses are suggested.

**LIMA, Josenildes Marin Batista de (UFPI).** *Processo de interação social na formação linguística do professor de 1ª à 4ª série do 1º grau: uma abordagem etnográfica.*

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender o processo de interação social subjacente à formação linguística do professor de 1ª à 4ª série do 1º grau. Para isso estão sendo investigados eventos de fala presentes no processo de interação social da vida escolar, nos diversos níveis de sua organização social, analisando-se os elementos

esses eventos que sejam mais significativos no processo. Uma das hipóteses desta pesquisa é que uma formação linguística do professor adequada às necessidades educacionais da população depende, fundamentalmente, da compreensão do processo das relações sociais no qual toma parte o próprio processo de ensino-aprendizagem. Assim, questiona-se entre outras coisas, se a formação linguística do professor pedagógico atende às necessidades de aprendizagem da língua, se se considera a diversidade sócio-econômica-cultural, especialmente linguística dos alunos.

**LIMA, Renira Lisboa de Moura (UFAL).** *A maturidade sintática em alunos do curso de Letras: um estudo avaliativo.*

Para verificar-se a adequação do nível de maturidade sintática (habilidade de combinar orações pela aplicação de regras de pós-relativização) dos alunos concluintes do Curso de Letras (Português-Literatura) ao exercício do magistério da Língua Portuguesa, selecionou-se um corpus constituído das respostas a dez problemas de combinação de orações, tomando-se três, como limite mínimo, e dez, como limite máximo.

Foram utilizadas as medidas propostas por Hunt - índice de coordenação, índice de subordinação, comprimento da oração, do período e da unidade terminal mínima -, e o índice de redução. Além do Teste das Ordens Assinaladas, aplicado a essas medidas e aos casos das regras de pós-relativização utilizadas na resolução dos problemas, calculou-se a média aritmética para situar os alunos numa escala de maturidade sintática. Uma análise quantitativa se impôs não só pela necessidade de identificação das carências linguístico-educacionais, mas também pela ocorrência de diferenças entre as respostas, não detectadas pela análise quantitativa.

O nível de maturidade sintática do grupo estudado revelou-se inadequado, pois a análise quantitativa revelou diferenças significativas entre as respostas produzidas e as esperadas, e a análise qualitativa, transferência de hábitos do registro oral distenso, desrespeito às regras de construção sintática e textual, além de alteração ou omissão de informações contidas nos problemas dados.

Apesar de essas conclusões não poderem ser consideradas definitivas, vão servir de base para uma reorganização do currículo do Curso de Letras e das experiências de aprendizagem aí propostas.

**LÓPEZ, Luisa Elena H. (Universidad de los Andes, Venezuela).** *Recuperación de información en textos científicos: aplicación de la léxico-gramática a problemas de indización.*

Las gramáticas formales son el producto teórico de un enfoque lingüístico que tiene como uno de sus principales objetivos predecir fenómenos que ocurren en los lenguajes naturales. Desde sus comienzos en la década del 50 con Neam Chomsky como uno de sus principales teóricos, las proposiciones de estas han servido como punto de partida a lo que se ha denominado **Lingüística Computacional**. Diferentes modelos han surgido posteriormente tanto desde el punto de vista teórico como metodológico.

Bajo la luz de la léxico-gramática, método desarrollado por Zellig Harris y Maurice Gross y con un pequeño corpus conformado por resúmenes de investigaciones científicas desarrolladas en INTEVEP (Centro de Desarrollo y Apoyo Técnico Filial de Petróleos de Venezuela), se procedió a identificar los elementos lingüísticos formales que permitieron la elaboración de órdenes para un programa de ayuda al indizador en el trabajo de escogencia de descriptores, índices y palabras claves lo cual va a permitir al usuario de los sistemas computadorizados de información, la recuperación más efectiva de todo el conocimiento que se maneja en tan importante Centro de Investigación.

passíveis de observação no processo das crianças de um modo geral; outras, entretanto, pareceram-me ser soluções típicas da criança observada.

**PAIVA, Vera Lúcia M. de Oliveira (UFMG). Estratégias de auto-aprendizagem de línguas estrangeiras nos cursos de licenciatura em Letras da UFMG.**

A primeira parte do trabalho apresenta o resultado de uma pesquisa realizada com 57 alunos bem sucedidos do Curso de Licenciatura em Inglês para verificar as principais estratégias de aprendizagem utilizadas pelo grupo. Verificou-se que apenas 33,33% dos informantes apontaram "assistir aulas" como uma boa estratégia. Diversas formas de exposição à língua, tais como leitura, cinema, canções, e situações reais ou artificiais de interação foram apontadas como sendo estratégias eficientes. Os resultados reforçam a importância dos modelos de aquisição de Krashen que têm o *input* (exposição intensiva à língua estrangeira) como fator primordial e o de Hatch que enfatiza o papel da interação na aprendizagem de uma língua.

A segunda parte apresenta resultados parciais de uma investigação sobre as estratégias de aprendizagem utilizadas pelos alunos dos diversos cursos de línguas estrangeiras do Curso de Letras da UFMG. Tendo como hipóteses que a sala de aula não é o principal fator na aprendizagem e que aprendizes bem sucedidos se utilizam de outras estratégias, foram aplicados questionários para detectar quais são essas estratégias e se elas diferem entre os aprendizes de línguas diferentes.

As duas pesquisas levam à conclusão de que o perfil ideal do aluno de línguas estrangeiras é o de aprendiz autônomo que segundo Dickinson (1987) se define como alguém totalmente responsável pela tomada e implementação de todas as decisões que dizem respeito à sua própria aprendizagem. Isto terá como consequência a implantação de uma pedagogia que associe ao ensino formal estratégias de auto-instrução que permitem ao aprendiz, progressivamente, tornar-se responsável pela própria aprendizagem.

**PASSADOR, Maria Helena Costa (PUC/SP). A construção do conhecimento em língua portuguesa: o binômio *pensar e agir*.**

O ensino de gramática constitui-se um verdadeiro desafio aos educadores que visam a uma aprendizagem significativa. Muitas são as questões: é preciso aprender gramática?; como ensinar gramática de uma forma não tradicional?; qual deve ser o objetivo da aula de Português?; qual a importância da Gramática para a vida?

Este trabalho pretende repensar a prática do ensino de gramática numa perspectiva construtivista, ou seja, a maneira pela qual a análise da língua, pela língua, é construída pelo sujeito na ação assimiladora, onde ação e abstração, fazer e compreender, teoria e prática compõem a construção do conhecimento.

Parte integrante de um projeto de pesquisa de mestrado, estas reflexões são norteadas pelos estudos de Jean Piaget, considerando a teoria da equilíbrio no processo de desenvolvimento cognitivo associada à fundamentação filosófica da gramática tradicional.

**PAULIUKONIS, Maria A.L. (UFRJ). Alternativas para a solução da crise da leitura.**

O texto tem sido tratado como pretexto para aplicação das regras da Gramática da Frase, e até mesmo os exercícios de interpretação, de textos literários ou não, que poderiam enfatizar a decodificação da estrutura textual, abordam questões periféricas sobre o tema geral, a divisão em parágrafos, o papel dos personagens etc. Paradoxalmente, nas aulas de redação, exige-se de alunos, pouco familiarizados com o estudo da textualidade e de sua estruturação, textos coesos e coerentes. Não causa surpresa a nenhum professor o medo que provoca em muitos uma página em branco e a exigência da redação.

Se construir um texto é fazer uma operação argumentativa, pode-se acrescentar que interpretá-lo é desmontar essa operação e produzir outra. Tanto de um processo quanto de outro resulta sempre uma unidade textual diferente. Assim decodificar uma mensagem é captar-lhe um dos sentidos, através de seu escopo argumentativo, para o qual o operador linguístico aponta.

Torna-se oportuno relembrar a etimologia de ler - (latim *legere*) que traz entre os seus sentidos o de "roubar". Se ler é roubar sentido, já que é determinar-lhe um entre muitos possíveis, trata-se então de uma operação de ordem subjetiva e de um delicado jogo que a Escola deve dar sistematicamente a seus alunos, preparando-se para a aquisição da "arte" da leitura, da interpretação e da produção de textos.

Através de um *corpus* de textos analisados, apresentar-se-ão propostas de operacionalização didática do ensino da leitura, segundo os princípios da Linguística Textual.

**PILLON, Marie Noëlle & SOBRAL, Maria Luíza Sampaio (UFPA). O ensino-aprendizagem da língua estrangeira no segundo grau.**

A presente comunicação trata da questão da língua estrangeira no segundo grau, dentro de uma perspectiva que atenda tanto aos interesses da instituição quanto às necessidades do público alvo. O trabalho privilegia o ensino instrumental da língua, à luz de uma abordagem em que professor e aluno se tornam responsáveis pelo processo, participando conjunta e ativamente de decisões que vão desde a seleção de textos até a de estratégias de ensino-aprendizagem.

**PROSPERO, Heloísa Ribeiro de & CANCELIER, Natália Lobor (UFSC). Criatividade, textualidade e recorrência.**

A redação, enquanto instrumento de seleção em concursos vestibulares, tem feito inúmeras vítimas. Graduandos e pós-graduandos na elaboração de textos adequados às necessidades, muitas vezes, frustram-se.

Buscando verificar como o futuro profissional das Letras verbaliza, o presente trabalho procurou esquematizar os mecanismos de recorrência observáveis em vinte e cinco redações de graduandos (pós-vestibulandos) da 1ª fase, 93.2, do curso de Bacharelado Português-Alemão da UFSC.

Cabe esclarecer que esta foi uma das diversas óticas utilizadas pelo projeto piloto em direção ao perfil da verbalização do aluno de Letras.

Embora a intenção inicial fosse não provocar constrangimento, a situação avaliatória, por si só, ainda que informal, produziu este efeito.



**MAGALHÃES, Gladys de S. & COSTA, Ceriz G. Bicalho C. (UFMG). *Entonação e stress do inglês no livro didático: uma avaliação prática e teórica.***

O trabalho visa mostrar como o stress e a entonação do inglês (elementos supra-segmentais da fonologia) podem ser utilizados como facilitadores da comunicação - torna-se mais fácil para o ouvinte compreender o que o falante quer dizer, se ambos estão cientes deste aspecto sociolinguístico.

A comparação entre os sistemas fonêmicos do inglês e do português do Brasil é um meio de prever e descrever os problemas dos falantes de português ao aprenderem a língua inglesa.

Serão analisados alguns livros didáticos para verificar e avaliar as abordagens pedagógicas e os critérios gráficos utilizados com a finalidade de conscientizar o aluno da importância do estresse e da entonação no inglês. Serão também levantadas questões sobre métodos de como ensinar e despertar o aluno para estes aspectos supra-segmentais da fonologia.

**MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo (PUC-SP). *A colaboração professor-pesquisador na construção do conhecimento: uma possibilidade de transformação?***

O distanciamento entre a pesquisa em ensino/aprendizagem e os contextos escolares tem sido, ultimamente, foco de grande discussão (e.g., Gitlin, Siegel e Boru, 1988; Kemmis, 1987; Magalhães, 1992). Gitlin e seus seguidores e Comstock (1982), por exemplo, salientam que pesquisadores que tenham como objetivo propiciar ao professor a possibilidade de tornar-se profissional reflexivo (Schon, 1987) e sujeito de suas ações (Kemmis, 1987; Gouldner, 1982) necessitam escolher um método de pesquisa que lhes permita conduzir, na escola, investigações em que a teoria e ação estejam dialeticamente relacionadas.

O propósito desta comunicação é discutir como a pesquisa de sala de aula pode tornar-se uma possibilidade para reflexão crítica e transformação para os envolvidos na investigação. Isto é, como a interação professor/pesquisador pode desencadear um processo de reflexão e conscientização crítica quanto aos valores/crenças sobre ensino/aprendizagem da linguagem escrita veiculados pelo discurso e ação da sala de aula, bem como quanto ao relacionamento da ação e do discurso aos objetivos propostos.

Esta investigação é parte de projeto de formação de professores em ação (com apoio financeiro do CNPq), conduzido em uma escola da rede oficial de ensino cuja população é, majoritariamente, de nível sócio-econômico baixo, em bairro da periferia de São Paulo. Os resultados mostram dificuldades mas também a importância deste processo através do qual professores e pesquisadores colaboram para entender e transformar conceitos (Vygotsky, 1930) quanto a aprender e ensinar na sala de aula.

**MARINELLI, Vera Lúcia (PUC-SP). *O papel do laboratório de línguas no ensino de francês como língua estrangeira.***

Ao revistarmos a didática do francês como língua estrangeira (FLE), observamos que o laboratório de línguas desempenhou, ao longo dos anos, diferentes funções. Instrumento indispensável para os adeptos dos primeiros métodos audiovisuais, em segundo plano com o advento da abordagem comunicativa. Modismos à parte, resta-nos saber qual a sua importância no ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira nos dias de hoje.

Procuraremos responder a essa questão relatando, nesta comunicação, um pouco de nossa experiência enquanto responsável pela seleção/preparação de material para as sessões de laboratório do curso de Letras (Francês) da PUC/SP.

Num primeiro momento, apresentaremos um breve histórico sobre o espaço ocupado pelo laboratório, no ensino do FLE em geral e no curso de Francês da PUC/SP em particular. Num segundo momento, faremos uma reflexão sobre os objetivos pedagógicos que podem ser atingidos através de sua utilização. Num terceiro momento, indicaremos alguns parâmetros empregados na seleção de material. Apontaremos também algumas vantagens e desvantagens encontradas no uso de materiais didáticos existentes no mercado. Por último, apresentaremos alguns exemplos de atividades selecionadas ou elaboradas para o curso de Letras.

**MARQUESI, Sueli Cristina (PUC-SP). *Aspectos do contexto de produção e da organização textual num enfoque comunicativo: uma proposta para o ensino de língua materna.***

Este trabalho faz parte da pesquisa "Português para fins específicos: Área de Ciências Econômicas", no quarto semestre de seu desenvolvimento, e tem por objetivo discutir resultados de sua última etapa, que corresponde a uma proposta de ensino de redação e leitura para alunos do curso de graduação em Economia.

A pesquisa, ao focar o ensino de Língua Portuguesa dentro de uma visão comunicativa (Cf. Widdowson, 1978), associa pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa e da Semântica Argumentativa e tem por corpus textos da área em questão, levantados em revistas especializadas e em obras que fazem parte da bibliografia básica adotada no segundo ano do curso de Economia da PUC/SP.

Diante da delimitação que estabelecemos para esta comunicação, deter-nos-emos, sobretudo, em um dos resultados desta etapa final da investigação, que prioriza o ensino da leitura, na produção textual, uma vez que se coloca como forma de ampliação de universo para compreensão e elaboração de determinado tipo de texto.

A título de exemplificação da proposta, apresentaremos a discussão de um texto retirado do corpus.

**MATTOS, José Miguel de (PUC-SP). *O ensino de redação no curso noturno: um problema metodológico?***

Objetivamos com este trabalho refletir sobre as condições de ensino de redação em cursos noturnos de 2º grau da Rede Pública de Ensino do Estado de São Paulo.

Analisaremos a metodologia empregada para o ensino do texto dissertativo, uma vez que este é o tipo de texto privilegiado nos cursos de 2º grau.

Consideraremos, para tal análise, os resultados encontrados nas produções escritas dos alunos da 3ª série do 2º grau e nos questionários aplicados nos mesmos alunos e professores de Português de uma escola pública da Zona Leste do Estado de São Paulo. Os resultados obtidos foram tomados como possível instrumento de avaliação da metodologia de ensino de redação frente a observação de seu desempenho.

esse movimento precisa ser marcado por vírgula?

**RODRIGUES, Rosângela Ha Nunes (UFSC). Tópico e desenvolvimento discursivo - aspectos do fluxo de informação.**

Como parte integrante do subprojeto piloto "Perfil do aluno de letras", realizado pelo projeto LABORE - UFSC e tendo como corpus de análise produções textuais de alunos do curso de Letras (1ª fase), este trabalho analisa a organização textual, preocupando-se em verificar como se processa o fluxo de informação no texto, tomando como ponto de referência a estruturação e desenvolvimento dos tópicos discursivos.

Tendo os textos sido realizados a partir de um mesmo tema, "Agressões nos dias atuais", num primeiro momento procurou-se observar os diferentes recortes feitos pelos produtores, isto é, que tipo de conhecimentos foram selecionados para preencher o tema solicitado. De um modo geral, as escolhas se enquadram num campo discursivo já previsível pelo leitor, abordando assuntos veiculados pela mídia.

Analisando o tópico discursivo como aquilo de que se está falando, buscou-se fazer uma descrição da estruturação tópica, observando que informações são abordadas pelos textos e como os tópicos se organizam e se relacionam, construindo o sentido do texto. Embora o tema sugerisse um trabalho em que se devia manifestar um posicionamento, propondo alternativas, soluções para as questões levantadas, houve tendência à generalização, a um certo esquema textual. Os textos iniciam com a constatação de uma situação que passa a ser desenvolvida através de especificações, exemplificações, indicação dos causadores desta situação, por exemplo. Não há um compromisso, como se a escritura fosse um objeto distante e não um meio de interação. Os textos são desprovidos de uma relação argumentativa mais efetiva. Quanto à estruturação, as articulações que se estabelecem entre os tópicos discursivos não se dão apenas num plano linear, elas se estabelecem hierarquicamente, atestando a complexidade da organização textual - embora muitas vezes careçam de adequação local.

**ROMAN, Elódia Constantino (UEPG). Aplicação dos princípios da Gestalt em textos narrativos: uma experiência.**

Relato de pesquisa sobre a qualidade de apreensão de leitura de textos narrativos feita por leitores de diferentes graus de instrução. Utilizamos a proposta de Reinhart (1984), segundo a qual critérios lingüísticos e critérios de conteúdo podem determinar na leitura a escolha de primeiro plano e segundo plano, entendidos estes planos como a contraparte lingüística da distinção perceptual entre figura e fundo, proposta pela teoria da Gestalt.

**SERBINO, Raquel Volpato; ELIAS, Regina M. Pessoa & CARVALHO, Luiz Marcelo de (UNESP). Quem forma o professor para atuar no 1º e 2º graus?**

Em julho de 1993, a Pró-Reitoria de Graduação da UNESP realizou, no Instituto de Artes, em São Paulo o *Simpósio de Licenciatura: Prática de Ensino em Questão*. O objetivo foi o de reunir os professores que ministram esta disciplina na UNESP para a troca de experiências e a realização de uma reflexão sobre sua prática pedagógica. As discussões foram realizadas inicialmente em grupos, por áreas de conhecimento, e, em seguida, em plenária. Neste trabalho apresentar-se-á uma síntese dos resultados deste simpósio, que apontou os seguintes pontos relevantes para discussão:

1. A necessidade da elaboração de um projeto pedagógico para a licenciatura.

Em síntese, para a maioria dos grupos de trabalho, pensar em Prática de Ensino pressupõe, necessariamente, ter claros os objetivos mais gerais de um curso de Licenciatura. Acredita-se que a definição desses objetivos só se

possível através de um projeto pedagógico mais amplo, que deverá envolver as disciplinas de conteúdo específico e as disciplinas pedagógicas, procurando, desde o primeiro momento de curso, evidenciar sua especificidade como curso de formação de professores. A Licenciatura não deve aparecer no final do curso como mera complementação de um bacharelado.

2. A concepção da Prática de Ensino:

Os trabalhos realizados na disciplina Prática de Ensino devem ter como principal diretriz e referência a formação para a atividade docente. No entanto, enquanto *prática intencionalizada*, esta disciplina traz necessariamente consigo a *reflexão teórica* como elemento básico para a construção do conhecimento. Ressaltou-se também que, ao trabalhar a prática docente, a Prática de Ensino transforma-se em um ponto de referência para a articulação dos conteúdos específicos com os conteúdos pedagógicos, constituindo um momento privilegiado para a evidência de *práticas interdisciplinares* nos cursos de Licenciatura.

3. O perfil do professor da disciplina.

Considera-se necessário que este profissional atenda às seguintes condições: a. formação na área de conteúdo específico; b. formação na área de educação; c. experiência profissional docente em nível de 1º e 2º graus; d. experiência de pesquisa na área educacional. Os participantes do Simpósio consideram indispensável que o professor de Prática de Ensino seja um *profissional* da área de conteúdo, para que possa orientar, de forma adequada, dentro das especificidades próprias de cada disciplina, o futuro professor. Para realizar a contento a complexa integração teoria/prática, não basta que o professor de Prática de Ensino conheça a fundo métodos, técnicas e procedimentos pedagógicos, se não for capaz de fazer uma seleção em função dos conteúdos do ensino de 1º e 2º graus. Além disso, considera-se fundamental que este professor esteja permanentemente atualizado com o desenvolvimento científico em sua área, sendo capaz de operacionalizá-lo em termos de *aplicação em sala de aula*. Quanto às atividades de pesquisa, ressaltou-se a importância de que, desde o início do curso de licenciatura, o aluno seja incentivado a desenvolver pesquisas sobre conteúdos, tendo como ponto de partida situações problemáticas oriundas do ensino de 1º e 2º graus. Ressaltou-se a importância da implantação de cursos de pós-graduação em "Ensino de...", citando-se como exemplos, cursos de pós-graduação em Lingüística Aplicada e em Educação Matemática.

Foi também discutido o lugar da Prática de Ensino na grade curricular, tendo a maioria dos participantes considerado mais adequada sua colocação no último ano dos cursos, por ser uma disciplina que depende de que o aluno apresente um consistente conhecimento de sua área de conteúdo. Também nesse sentido ressaltou-se a importância de o professor de Prática de Ensino ter formação na área de conteúdo, uma vez que, ao se deparar com a realidade da prática pedagógica nas escolas, o licenciando se resente, muitas vezes, de defasagens de conteúdo, que precisam, então, ser recuperadas.

4. Os estágios supervisionados.

Foram muito questionadas as formas tradicionais de estágio. Considera-se que o aspecto mais importante para seu desenvolvimento é que eles constituem uma possibilidade concreta de problematização da prática pedagógica. Uma das formas propostas para atingir este objetivo foi a de realizar os estágios como projetos de iniciação científica. Geriu-se, também, que fossem estabelecidos convênios entre a Universidade e a Secretaria da Educação, nos quais professores de Prática de Ensino e os alunos desta disciplina atuariam como monitores.

**ILVA, Célia Esteves da. Leitura em língua estrangeira: uma visão psicolingüística.**

Se até alguns anos atrás entendia-se que a compreensão em língua estrangeira deveria proceder qualquer atividade ligada à produção em sala de aula; hoje, a compreensão é a base para a aprendizagem desta língua. Segundo esta postura, que a psicolingüística tem se dedicado à observação do comportamento do leitor, numa



As línguas consideradas no Projeto são o Português, o Espanhol, o Italiano e o Francês. Do levantamento sistemático das dificuldades de compreensão observadas, durante as experiências, pelos falantes de cada uma das línguas e da comparação dessas dificuldades, resultam, fundamentalmente, dois perfis, face à 'língua-alvo': i) os falantes de todas as restantes línguas evidenciam o mesmo tipo de dificuldades e ii) os falantes de apenas uma ou duas dessas línguas coincidem nas dificuldades sentidas. Analisados os dados resultantes desta primeira pesquisa, é possível porem-se hipóteses quanto aos domínios mais problemáticos de cada uma das gramáticas particulares, em absoluto e em relação com cada uma das outras; dentro de cada um desses domínios, é possível hierarquizar a incidência da dificuldade consoante as classes, as categorias, os tipos de construção sintáctica, etc. Esta fase de observação quadrilíngue, para além de poder ser explorada do ponto de vista pedagógico, constitui uma preciosa radiografia das relações entre os sistemas/micro-sistemas destas línguas que estes falantes românicos manipulam mais ou menos à vontade, que resolvem intuitivamente ou não, dependendo da distância entre eles. Sugere, assim, pistas de pesquisa sobre determinadas questões pouco exploradas, motivadas pela observação e interessantes numa perspectiva românica, algumas das quais me proponho comentar.

**MOUTINHO, Lurdes de Castro** (Universidade de Aveiro-Portugal). *O contributo da sociolinguística para as práticas pedagógicas no contexto da disciplina de língua portuguesa.*

Não é pouco frequente ouvirmos os professores de Português queixarem-se de que os seus alunos "redigem mal", "têm um vocabulário pobre", não têm "idéias nenhuma".

Explica-se, muitas vezes, este tipo de problemas, referindo os alunos oriundos de certos estratos sociais, sem sequer pôr em causa a norma linguística que a Escola veicula.

A minha intervenção pretende mostrar que não é concebível o ensino/aprendizagem de uma língua - neste caso, a língua portuguesa - sem a adopção de uma prática didáctica plurinormativa, adaptada às necessidades dos alunos.

É neste sentido que o contributo da Sociolinguística, enquanto linguística social, se revela importante.

Ter em conta a dimensão social da linguagem, como instrumento de análise das práticas linguísticas dos alunos - e do próprio professor - é instalar o conceito de variação no centro das aprendizagens e das interações, permitindo avaliar, diferentemente, as produções linguísticas, nestes contextos.

**OLIVEIRA, Hélénio Fonseca de** (UFRJ). *Conjunção e disjunção no discurso: contribuição ao ensino da argumentação escrita.*

Este trabalho pretende ser uma contribuição ao ensino da argumentação escrita, descrevendo o comportamento discursivo dos conectores da conjunção e dos da disjunção, ou sejam, aditivos e alternativos. Embora esses conectores - se comparados aos da concessão e aos da causalidade por exemplo - sejam de importância secundária na argumentação, seu estudo tem aspectos pedagogicamente interessantes, podendo ser útil ao professor no ensino da redação.

Os aditivos, especialmente o "e", sendo excessivamente polissêmicos, se tornam semanticamente vagos. Por isso é preciso conscientizar os alunos dessa vaguidade e capacitá-los a identificar os diferentes valores semânticos do "e", levando-os a substituí-lo por seus hipónimos. Por outro lado, é necessário sensibilizá-los para o fato de que esse conector está sempre associado à progressão textual, sendo, pois, um erro seu emprego sem que o texto progrida,

muito frequente, aliás, em redações escolares e até em trabalhos de estudantes universitários. Para se perceber que o emprego de "e" só se justifica quando o segundo dos conteúdos articulados contém, em relação ao primeiro, alguma informação nova, basta comparar estes exemplos: (1) \* Ele está sempre ingerindo grande quantidade de bebidas alcoólicas E é alcoólatra. (2) Ele está sempre ingerindo grande quantidade de bebidas alcoólicas E fuma uma média de três cigarros por hora.

Quanto às alternativas, embora não tenham relevância macroestrutural máxima, seu uso pode contribuir significativamente para a expressividade do texto. É pedagogicamente útil, portanto, levar o aluno a explorar-lhes as possibilidades. Como já dissemos em outro trabalho, a fórmula "ou...ou" contém duas proposições disjuntivamente relacionadas, mas argumentativamente convergentes. "Ou p ou q" significa: se p, então não-q" e vice-versa, mas ambas, p e q, implicam r, que é a conclusão a que o autor pretende chegar, com a qual, pois, não resta ao "adversário" outra alternativa, senão concordar, daí a força expressiva dessa fórmula.

**OLIVEIRA, Josane Morcira de** (UFBA/UEFS/FACS) & **PEPE, Vera Pedreira dos Santos** (UEFS). *A revolução dos sons: uma proposta metodológica para o ensino da fonética/fonologia do português.*

O trabalho apresenta uma proposta metodológica para o ensino da fonética/fonologia do português contemporâneo nos cursos de Letras, com enfoque nos traços articulatórios dos fonemas segmentais, através de uma estória cujos personagens são as vogais, as consoantes e os órgãos do aparelho fonador.

**PACHECO, Cecília Maria Goulart** (PUC-RJ). *A produção de textos escritos - um estudo longitudinal na perspectiva da relação fonológico-ortográfica.*

O objetivo do estudo é investigar longitudinalmente o processo de produção de textos escritos na escola por uma menina durante a Classe de Alfabetização (6 anos) e a 1ª série (7 anos). São analisados 16 textos produzidos em sala de aula a partir de uma proposta de trabalho pedagógico que se diferencia do que é tradicionalmente realizado em classes de alfabetização. Busco evidenciar como a criança "responde", em nível discursivo, a duas questões apontadas por Ferreiro e Teberosky (1985): (i) o que a escrita representa; e (ii) como representa. Observo (a) os conhecimentos que a criança possui ao ingressar na Classe de Alfabetização, (b) como aos poucos a criança começa a estabelecer a relação entre as linguagens oral e escrita; e (c) como esta relação vai sendo aprofundada evolutivamente. A relação fonológico-ortográfica, conseqüentemente, é objeto da minha atenção.

Algumas questões teóricas se colocam na perspectiva de fundamentar uma análise da relação fonológico-ortográfica encontrada em textos escritos iniciais de uma criança: (i) como um sistema alfabético de escrita representa os sons da fala; (ii) que unidades linguísticas as crianças inicialmente recortam da camada sonora de um texto oral para representar significativamente em um texto escrito; e (iii) que soluções a criança apresenta à necessidade de objetificação do texto escrito, ao relacionar uma realidade temporal linear - a cadeia de sons da fala, a uma realidade espacial linear - a escrita no espaço do papel. Aliada a estas questões, revela-se a necessidade de observar como a criança lida com as características prosódicas da fala ao ter que fixá-la por escrito.

Pode observar que problemas de naturezas diversas se explicitam para a criança no processo de produção textual escrita. Estes se constituem em nível de fonema, letra, sílaba, vocábulo e grupos de vocábulos, envolvendo também a relação entre estas unidades linguísticas. Pareceu-me que estas relações se dão em nível segmental e supra-segmental pelo reflexo de aspectos prosódicos da fala. Algumas soluções que a criança apresenta parecem ser

de inferir qualquer outro significado, senão o literal. Parece-nos, neste caso, que a simples observância ao princípio da cooperação não é suficiente para que a comunicação se realize com sucesso, porquanto o(s) sentido(s) veiculado(s) pelo(s) interlocutor(es) de uma transação verbal transcende(m), muitas vezes, a equação "vocábulo(s) + estruturas = sentido(s) pretendido(s)" e depende(m), sobremaneira, de todos os elementos presentes no evento comunicativo. Acreditamos, contudo, poder esse gap ser preenchido por meio de práticas que munam os alunos com as ferramentas necessárias ao desenvolvimento de uma competência que lhes permita reagir adequadamente às exigências comunicativas do seu(s) interlocutor(es), em função do posto, do conhecimento partilhado e do contexto lingüístico e situacional de comunicação.

**YUSTE, Angela Nieto (Escola Oficial de Idiomas-Barcelona, Espanha). Discurso e interação oral na aula de português LE.**

Esta comunicação parte, por um lado, da minha experiência como professora de português língua estrangeira na Catalunha, assim como no Departamento de Português da Escola Oficial de Idiomas de Barcelona-Drassanes ao qual pertence. Por outra parte move-nos a preocupação pela falta de materiais sob um enfoque comunicativo na área do ensino do português LE.

Só a partir de uma abordagem comunicativa e pragmática do ensino da língua é que conseguiremos estabelecer as diferentes pautas para desenvolver uma competência lingüística adequada. Esta competência lingüística visará às quatro habilidades: compreensão e expressão escrita (CE/EE) e compreensão e expressão oral (CO/EO). No entanto, nesta comunicação deixaremos de parte a CE e a EE para centrarmo-nos na CO e a EO. Não porque as consideremos menos importantes mas sim, por problemas de extensão e por serem estas duas últimas aquelas com as quais os nossos alunos (cujas línguas maternas são o espanhol e o catalão majoritariamente) têm mais dificuldades por não se encontrarem em situação de imersão da língua alvo e por terem todo um leque de problemas fonéticos, léxicos, morfo-sintáticos e de interferência entre as diferentes línguas românicas.

A análise do discurso e da interação oral na aula de português LE será feita segundo os critérios que regem a análise do discurso e da comunicação (pragmalingüística). Pretendemos também apresentar atividades didáticas na área da EO e CO pensadas para desenvolverem a competência comunicativa na sala de aula e sempre da perspectiva da análise do uso real da língua, contemplando as diferentes variantes e registros.

Para tal efeito daremos algumas amostras de intercâmbios comunicativos autênticos, contrastando-os com algumas amostras de língua que se oferece na sala de aula de Português LE. Incidiremos outra vez na necessidade de criação e elaboração de materiais didáticos dentro de um marco funcional e comunicativo.

Pretendemos, finalmente, unificar propostas de investigação lingüística atual com a prática docente do Português LE numa área até agora com escassas referências bibliográficas.

**(\*\*\*\*). O fracasso na aprendizagem de língua portuguesa através da percepção do professor.**

Meu trabalho de pesquisa, desenvolvido no Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, tem por base o fracasso na aprendizagem da língua portuguesa na forma de dialeto-padrão por parte dos alunos do 1º segmento do 1º grau da rede pública municipal do Rio de Janeiro.

Tendo em vista que estes alunos são, em sua maioria, pertencentes à classe popular e conseqüentemente não dominam o dialeto padrão das classes dominantes, que é cobrado e veiculado pela escola, parto do pressuposto que a aprendizagem do dialeto padrão para estes alunos equivale à aquisição de uma segunda língua.

Sendo assim, através da visão dos professores desta problemática, procuro identificar quais as maiores dificuldades na aprendizagem da língua portuguesa, bem como suas possíveis causas. Além disto, também objetivo verificar como tal visão interfere no processo de aprendizagem e as incoerências presentes nas percepções do professor em relação à referida problemática.

Completando o estudo, procuro identificar quais as experiências positivas e bem sucedidas realizadas pelos professores junto a estes alunos, comparando-as com as estratégias e/ou metodologias empregadas com sucesso no ensino de línguas estrangeiras (Inglês).

**(\*\*\*\*). Facilidades articulatórias para o ensino/aprendizagem de língua portuguesa para estrangeiros.**

Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa mais ampla, que objetiva o ensino de língua portuguesa para estrangeiros/norte-americanos, na tentativa de minimizar as dificuldades encontradas nesse ensino.

Trata-se de apresentar as bases articulatórias do português falado no Brasil, especificamente na cidade de São Paulo (Silveira, 1993), confrontando com as articulações de falantes norte-americanos, aprendizes de língua portuguesa como língua estrangeira, vivendo no Brasil há três meses. Tem-se por objetivo, fazer um diagnóstico das substituições fonético/fonológicas realizadas por esses aprendizes que não apresentam problemas no ato discursivo, ou seja, bases articulatórias da língua portuguesa fáceis de serem assimiladas por esses falantes. A amostra foi coletada com sete informantes vivendo em São Paulo e estudando na universidade.

Os resultados obtidos indicam que:

- a) a maioria desses informantes já tinha tido contato com a língua espanhola, o que facilitou o aprendizado da língua portuguesa;
- b) as bases articulatórias desses informantes apresentam facilidades para realizar: o arquifonema /l/ e /U/, a vogal reduzida, propagar a semivogal, propagar a sonora e a vibrante, consoantes fricativas, as vibrantes e as africadas;
- c) encontram, também, facilidades quanto à adaptação sócio-cultural.

Conclui-se que, para se obter um real aprendizado, devem-se observar as facilidades fonético/fonológicas que os alunos de língua portuguesa como língua estrangeira apresentam ao aprenderem essa língua, de acordo como suas bases articulatórias, a fim de se programar melhor o ensino dessa disciplina.

## SEÇÃO 10 - LÍNGUAS INDÍGENAS

**AGUIAR, Maria Sueli de (UNICAMP). A estrutura silábica do Katukina.**

A língua Katukina-Pano é falada por um grupo de 300 pessoas que estão distribuídas em duas aldeias. A primeira - a do Campinas - está no mun. do Cruzeiro do Sul e a outra - do Gregório - está no mun. de Tarauacá, ambas no Estado do Acre.



O resultado parcial obtido demonstrou pouca criatividade na organização do conhecimento declarado através dos mecanismos de recorrência utilizados.

Se o sistema de concurso vestibular é questionável por selecionar o aluno a partir de um texto em sua versão preliminar, o mesmo poder-se-ia afirmar da análise aqui presente e das demais que compõem o projeto piloto.

Sendo assim, em sua versão não preliminar, mas nem por isso definitiva, o projeto passará a considerar três diferentes momentos da vida acadêmica do aluno de Letras para a coleta dos dados (desempenho na oralidade e na escrita), tendo por meta um dos possíveis perfis que este mesmo aluno poderá ter ao longo da sua vida acadêmica.

### **RAFAEL, Edmilson Luiz (UFPB). *A paráfrase em redações escolares: influência da oralidade.***

Pretende-se com este trabalho, numa 1ª etapa, descrever a existência de paráfrases comprometendo a progressão textual em redações de vestibulandos (Vestibular-1990-UFPB) e de pré-vestibulandos (Escola Cenequista C. Pedro Serrão - 3º ano, 2º grau, 1992-Campina Grande-PB), e, numa 2ª etapa, apresentar uma proposta de caráter metodológico que forneça subsídios teóricos e práticos para o tratamento dessa questão em sala de aula. Para tal, baseia-se fundamentalmente nos estudos de análise da conversação (Marcuschi, 1992; Illigert, 1989 etc) e de lingüística aplicada ao ensino (Marcuschi, 1985; Ilari, 1985 etc). Na análise foram observados dois pontos básicos: (a) os alunos, ao escreverem, preferencialmente, reafirmam, concretizam e restringem idéias já postas, enquanto raramente definem, esclarecem e modalizam; e (b) um tratamento textual do ensino de redação em sala de aula, considerando a relação fala/escrita, minimiza esse problema.

### **REY, Maria José Teodora Carreira (PUCCAMP-SP). *Lingüística, ensino e universidade: uma tríade libertadora da linguagem.***

Este texto apresenta sumariamente algumas considerações sobre um projeto de Língua Portuguesa iniciado com a implantação do Programa de Reforma do Ensino do Estado de São Paulo, em 1992. Este Programa, entre propósitos que enfatizavam a autonomia gerencial e pedagógica de cada Unidade Escolar (Escola-Padrão), incluiu, para todas as disciplinas/atividades do currículo, Propostas Curriculares de apoio, as quais apresentavam, na sua forma, o processo de oito anos de escolarização articulado pela não seriação mas pela construção espiralada e aberta da educação lingüística, amarrada pelos nós dos Objetivos Educacionais, os da Escola, os da Disciplina, os da Série, os da Classe, os do Aluno.

O que possibilitou a mudança de um sistema rígido, discriminatório, autoritário do programa lingüístico vigente há décadas foi o fato da equipe de coordenação da área de Comunicação/Expressão ser constituída por professores que dominavam conceitos lingüísticos adquiridos na Universidade e em contínua pesquisa e reciclagem através de cursos de especialização, pós-graduação, leituras pessoais que, aliados a uma prática de ensino e inquietante dinamismo, facilitou o envolvimento de todos os professores de todas as outras áreas, também, em projetos e ações significativas, em crescente aprofundamento teórico-prático. Para a equipe, a tríade lingüística, ensino e Universidade foi o fator responsável para a compreensão da base teórica lingüística (interacionista) que, ao reconhecer as modalidades culta e informal da língua como valorativamente iguais e diferenciadas pelos diversos fins, funções e contextos do uso, possibilitou o conhecimento organizado da funcionalidade da cultura, quando esta, assim percebida, vincula a formação do caráter frente ao mundo à evolução gradual de cada criança. A teoria, centrada na linguagem, que humaniza o homem, e não a língua, não discrimina o texto não verbal, as gramáticas familiares, descreve,

normatiza para, depois, estruturar a regra, vai contra a formação de professores na Universidade que, hoje, oprime os futuros profissionais por não distinguir tradicionalismo de espontaneísmo lingüístico. Tais profissionais, não formados para a pesquisa e para a prática pedagógica de sua função, reforçam a ideologia política, social e econômica que nunca prioriza a educação. Daí os aviltantes salários do professorado e a crise que assola as Licenciaturas nas Universidades brasileiras. Competência pela Universidade e produtividade na escola podem oportunizar a luta pelo reconhecimento social e conseqüente reconhecimento salarial do magistério, aquele segmento do mundo que acredita que todos podem aprender, desde que todos ensinem bem.

### **RODRIGUES, Aurora de Jesus (Faculdade Tibiriçá). *Domínio lexical de pré-escolares de duas classes sociais em situação de teste.***

Esta pesquisa teve por objetivo o estudo do desempenho verbal relativo à conceituação de profissões e de logradouros.

O teste, Técnica de Avaliação de Desempenho Verbal Infantil (TADVI), foi aplicado individualmente a quarenta pré-escolares, com idade média de seis anos, sendo vinte da classe baixa e vinte da classe alta, na mesma proporção de meninos e de meninas. Procedeu-se ao levantamento do vocabulário referente à conceituação de profissões e de logradouros.

Em ambas as classes sociais, o desempenho obtido foi fraco, girando em torno de 55% de acertos, sendo que os meninos pertencentes à classe A apresentaram a melhor fluência. Na classe C, todos os informantes obtiveram uma pontuação semelhante.

No total geral e no global, não houve diferença significativa de desempenho entre todas as crianças, ou seja, a porcentagem em torno de 55% de acertos comprova a dificuldade que os informantes detêm para conceituar profissões e logradouros.

### **RODRIGUES, Bernadete Biasi & ZANDOMENEGO, Diva (UFSC). *Presença/ausência da vírgula na alteração e ruptura da ordem canônica da frase.***

Nossa proposta é verificar a presença/ausência da vírgula para marcar alteração e ruptura da ordem canônica da frase nas redações que compõem o corpus "Perfil do aluno de Letras" do Projeto LABORE da UFSC.

A teoria da pontuação veiculada pela Gramática Normativa, baseada fundamentalmente em critérios acústico-perceptuais e sintáticos, parece não dar conta de todas as possibilidades de uso da vírgula e, muito menos, do seu valor discursivo-pragmático.

Em vista disso, consideramos que há necessidade de uma sistematização do emprego da vírgula para determinar a alteração e a ruptura da ordem canônica da frase, levando em conta, além da estrutura sintática, a determinação do sentido.

Consideramos também que a pontuação, especialmente a pontuação interna, precisa ganhar destaque no campo da Lingüística Textual por se constituir num fator determinante da construção/produção do texto e da compreensão na leitura.

Com base nesta proposta, levantamos algumas questões:

- Quando as alterações e rupturas da estrutura canônica da frase devem ser marcadas por vírgula?
- Quais os fatores determinantes do movimento das expressões/orações adverbiais na estrutura da frase e se

**COSTA, Januacele Francisca da (UFAL). Dados para uma reflexão teórica sobre bilingüismo.**

Quando Fishman propõe uma perspectiva amplamente sociolinguística para a condução de pesquisas sobre bilingüismo, tal proposição se justifica pelo fato do fenômeno em questão apresentar uma grande variedade de problemas e propósitos. A abordagem sociolinguística, então, se adequaria melhor ao estudo por não ser nem teórica nem metodologicamente uniforme.

Sabemos, entretanto, que há um quadro teórico bem delimitado, mesmo sociolinguisticamente falando, para a pesquisa no campo do bilingüismo. A aplicação desse aparato teórico, porém, numa situação experimental, revela-se, por vezes, inadequada. Nosso postulado é o de que os conceitos já cunhados, tanto bilingüismo como os demais a ele subordinados, são bastante difusos e não podem ser utilizados com clareza e segurança em qualquer situação. Em vista disso, pregamos a necessidade de uma revisão teórica destes conceitos com base em mais dados empíricos.

Para mostrar como tal indefinição pode ser prejudicial para os resultados de uma pesquisa sobre bilingüismo, apresentamos exemplos de um estudo efetuado com o objetivo de delinear o perfil do bilingüismo Fulni-ô. Da montagem do quadro teórico, constavam os conceitos de língua materna e tipos de aquisição de bilingüismo. De acordo com a proposta teórica aplicada, esperávamos que a configuração do segundo conceito fosse condição suficiente para a definição do primeiro. Os resultados demonstraram a fluidez das situações bilingües e a inadequação do quadro teórico (e metodológico) a uma definição exata.

As crianças Fulni-ô adquirem, de uma certa forma, primeiro o Português e passam por um processo de aquisição do Ya:thê que vai da fase passiva ao uso ativo desta língua. Poder-se-ia, então, dizer que a língua materna dos Fulni-ô é o Português. No entanto, observação participante e outros métodos etnográficos apontam para a existência de regras internas de uso do Ya:thê, de acordo com os princípios de faixa etária e grupos de pares. O Ya:thê, logo, não pode ser considerado segunda língua, embora, aparentemente, sua aquisição seja sucessiva à aquisição do Português.

**CRUZ, Maria Odileiz Sousa (UFPE). Palavras cognatas em línguas da família Karib.**

A presente comunicação é uma pequena amostra da pesquisa que venho desenvolvendo com línguas indígenas, da Família Karib, faladas no Estado de Roraima. As línguas envolvidas são: Makuxi/MX, Taurepang/TG, Ingaricó/IG, Mayongong/MG, Wai-Wai/WW e Waimiri-Atroari/WA. O objetivo aqui é destacar alguns itens lexicais, pelas suas recorrências fonético-semânticas, como palavras cognatas capazes de mostrarem certas peculiaridades das línguas, quando cotejadas entre si.

Nos enunciados abaixo, as realizações fonético-semânticas permitem estabelecer um quadro hierárquico de parentesco entre as línguas, a partir da língua Makuxi, por ser a única do grupo devidamente sistematizada:

1. "beija-flor" MX [tu'kuy]
2. "cobra" [i'kiy]
 

TR [tu'kuy]	[i'kiy]
IG [tu'kuy]	[i'kiy]
MG [tu'kuy]	[ 'k yu]
WW [tuku'su]	[ 'k y]
WA [tuku'S'i]	[ki' rwi]

Os enunciados "pele", "pêlo" e "pena" nos sugerem um possível entendimento dos falantes na compreensão de mundo para **tudo aquilo que cobre o corpo** - entendido como bens inalienáveis - quer seja do homem ou do animal. A disposição dos itens lexicais abaixo, na perspectiva hierárquica revela diferentes tipos de parentesco.

3. "pele" MX [pi'bá]
4. "pêlo" [si'b ]
 

TR [ipi'pi]	[ci'po]
IG [pi'pi]	[i'po]
MG [e'i'ka]	[s'de'h te]
WW [yaf 'ri]	[if :e'i]
WA [kibi's'i]	[s.'h-]
5. "pena" [la'piz'a]
 

[ci'p ]
[i'p ]
[i'h te]
[tr 'h e'i]
[a'p-r-r-]

A distribuição dos itens indica que as línguas TR e IG estão mais próximas uma da outra na medida em que seus dados co-ocorrem com apenas algumas alterações fonéticas; as demais se diferenciam em graus múltiplos. É num plano paradigmático, que observamos uma maior aproximação entre as línguas MX, TR e IG. Um possível morfema na língua MG, itens 4 e 5, [-h te] e na língua WW [-i e'i] e [-h e'i] pode confirmar o parentesco entre essas línguas, já que seus falantes estão geograficamente distantes: os primeiros, localizados ao extremo norte daquele Estado, enquanto que os segundos, ao sul e pelo que indicam as descrições históricas, possivelmente, nunca estabeleceram relações entre si.

**DOURADO, Luciana (UnB). A voz gramatical na língua Panará.**

A língua Panará, da família linguística Jé, é falada por cerca de 150 índios, na sua maioria monolíngues, que vivem atualmente a oeste do Parque Indígena do Xingu. Os dados que serviram de base para esse trabalho foram coletados em cinco viagens ao campo entre 1988 e 1994.

A morfossintaxe do sintagma verbal na língua Panará mostra-se bastante complexa. O verbo concorda com o sujeito, com o objeto direto, com o objeto indireto. Apresenta também morfemas marcadores de transitividade, de intransitividade, de tempo e de voz. Admite ainda marcas de aspecto e a incorporação de nomes. A voz em Panará manifesta-se pela presença no sintagma verbal de partículas antepostas ao tema do verbo. Essas partículas expressam as noções de voz reflexiva, recíproca, comitativa, de procedência, de direção. A ocorrência da categoria de voz concorre para a mudança da valência do verbo sem que, no entanto, se altere a atribuição de caso ergativo e absoluto aos argumentos básicos.

**FRANCA, Maria Cristina Victorino de & ANGENOT, Jean-Pierre (UNIR). Tonologia lexical e auto-segmental do Baniwa-Siusi.**

O Baniwa-Siusi é uma língua da família Maipure-Arawák, falada na região do Alto Rio Negro, Estado do Amazonas.



KA

tentativa de descobrir o que se passa em sua mente enquanto ele lê e procura compreender um texto. Enquanto Gough (1972) referia-se à leitura como um processamento de informações do particular para o geral: "bottom-up"; a psicolinguística (Goodman, 1969; Smith, 1981) descreve a leitura como um processamento de informações do tipo "top-down", ou seja, do geral para o particular. A compreensão depende e só existe em função do conhecimento prévio do leitor bem como de seu conhecimento lingüístico e do mundo em geral.

Com base nisto, o leitor faz hipóteses a respeito do significado das palavras, das sentenças e do texto. Estas hipóteses vão sendo confirmadas, rejeitadas e refeitas à medida que ele prossegue na leitura do texto.

**SILVA, Dulcine A. de Andrade (UFBA).** *O desenvolvimento da produção ortográfica na escrita infantil: estudo de caso de duas classes de uma escola da rede municipal de Salvador.*

A partir de um teste diagnóstico da produção escrita aplicado em duas classes das séries iniciais do 1º grau de uma escola da rede municipal de Salvador, pretendeu-se fazer um levantamento da frequência dos acertos ortográficos e sua caracterização, na tentativa de poder compreender melhor o processo que estas crianças desenvolvem até chegar à etapa de domínio ortográfico das palavras. Paralelamente, este estudo discute os fatores que contribuem ou dificultam o referido domínio ortográfico e ainda apresenta uma proposta efetiva para o ensino da ortografia. Trata-se de procedimentos pedagógicos alternativos que visam a fornecer oportunidade de interação aluno-língua escrita a fim de que se processe a construção da relação fonema-grafema de forma natural e espontânea, assegurando, assim, a fixação do sistema ortográfico do português de modo mais produtivo.

**SILVA, Shirley Cabante (PUC-SP).** *A aprendizagem significativa e sua contribuição para o ensino de leitura de textos acadêmicos segundo uma abordagem comunicativa.*

Propomos nesta pesquisa tratar de questões relacionadas ao Ensino de leitura de texto acadêmico apoiados na teoria da Aprendizagem Significativa proposta por Ausubel (apud Faria, 1989) articulada com a abordagem Comunicativa do ensino de língua para fins específicos, de acordo com Scott (1984) e Widdowson (1991).

Destacaremos dentro da Aprendizagem Significativa a Aprendizagem por Descoberta e a Receptiva e, dentro das categorias propostas por Ausubel para a Aprendizagem Significativa, nos deteremos apenas naquela denominada representacional que trata da Assimilação de conceitos.

Especificamente trataremos, com apoio da teoria ausubeliana, da questão do ensino de leitura em situação acadêmica levando em conta o aprendiz que tem de ser assumido como Sujeito-Agente do processo de ensino-aprendizagem, como responsável pelo seu próprio desenvolvimento e como indivíduo capaz de solucionar problemas.

Tal procedimento está de acordo com a abordagem Comunicativa que permeia este trabalho, uma vez que o ensino de língua portuguesa para fins específicos defende um ensino centrado no aluno, um ensino que parte do que ele já sabe, (Scott, 1984) e privilegia a linguagem enquanto uso em situações reais de Comunicação (Widdowson, 1991).

Os resultados que vêm sendo obtidos nesta pesquisa nos permitem afirmar, embora ainda não suficientemente sistematizados, que de fato ocorre uma melhora substancial no desempenho do aluno enquanto leitor, pois ele consegue

interagir com o texto, ou seja, ele passa a ler a partir do que foi dito ou que ficou subentendido (Ducrot, 1987).

Além disso, o aluno se envolve no processo, pois o assunto tratado nos textos selecionados pertence à sua área de formação.

**SOTU, Eva Ucy Miranda Sá (UFAL).** *Três concepções de leitura no Brasil na década de 80: Kato, Orlandi e Silva.*

A pergunta que norteou nosso trabalho sobre concepções de leitura foi formulada da seguinte maneira: "Como o objeto de estudo "leitura" foi pensado por Mary Kato (lingüista), Eni Orlandi (analista do discurso) e Ezequiel Silva (pedagogo) na década de 80?". Propondo esta questão, nos recusamos a procurar o que seria a essência da leitura, e apresentamos uma reflexão sobre o que o tema leitura suscitou para os autores e a representação elaborada por eles. Pela complexidade e diversidade de problemas que se levantam, a leitura se apresenta como objeto de investigação de diversas áreas do saber. Em nosso recorte, examinamos três representantes (de áreas distintas, expostas anteriormente) que partiram de uma preocupação comum: as implicações pedagógicas decorrentes de seus estudos. Utilizando a definição de conceito proposta por Vergnaud (1985), explicitamos os conceitos propostos pelos autores e discutimos os diferentes significados atribuídos a termos comuns a pelo menos duas das diferentes concepções. Termos como: significação, compreensão, interpretação, interação, legibilidade, são utilizados pelos autores porém com significados - e implicações, inclusive pedagógicas - diferentes.

**TOSCANO, Maria Eulália Sobral & MACÊDO, Célia Maria Macêdo de (UFPA).** *As interações verbais no ensino-aprendizagem da língua estrangeira.*

Queremos, nesta comunicação, levantar algumas questões a respeito do ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, à luz das observações feitas por Paul Grice acerca das interações verbais, em seu artigo *Lógica e conversação*, e demonstrar as implicações dessas observações para o referido processo. Deixaremos de lado quaisquer problematizações concernentes à propriedade ou imprecisão das máximas, principalmente aquelas que dizem respeito à máxima da relação, haja vista não ser este o objetivo primeiro do nosso trabalho. Deter-nos-emos em um aspecto que nos parece primordial no trabalho de Grice para o ensino de línguas estrangeiras, qual seja, a associação das conversações às relações cooperativas.

Segundo Grice, os interlocutores de uma transação verbal, a exemplo dos participantes das transações cooperativas, obedecem a determinadas regras lácilas de comportamento que são fundamentais para o sucesso dessas transações. A violação desses regras ocasiona o aparecimento de *implicaturas conversacionais*, isto é, a comunicação se dá a nível do não-dito - aquilo que, devido a circunstâncias várias, não foi enunciado e sim implicado. Este parece ser um ponto-chave nos intercâmbios verbais, posto que a interpretação de uma enunciação transcende, freqüentemente, às camadas semânticas dos itens lexicais, dependendo, dentre outros fatores, da não observância às máximas postuladas por Grice. O sucesso de um intercâmbio lingüístico reside, neste caso, na determinação, por parte do ouvinte, da(s) intenção(ões) comunicativa(s) veiculada(s) *propositadamente* pelo falante.

Considerando-se as interações favorecidas pelo ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, observa-se que esses intercâmbios são usualmente artificiais e desprovidos dos *bastidores textuais*, próprios de interações verbais autênticas. As conversações, usualmente produzidas em salas de aula e encontradas nos livros texto são, na sua grande maioria, *assépticas* e bem acabadas, o que contribui para a formação de falantes-ouvintes *ingênuos*, incapazes

justapostas, reiteraões, etc.), têm funções próprias e especiais que correspondem aos processos morfosintáticos gerais da língua.

### LIMA, Stella Telles Pereira (UFPE). *Intensificadores na língua Umutina: primeira abordagem.*

Os índios Umutina estão localizados nas margens do alto Paraguai - Mato Grosso. A língua, também Umutina, como integrante e veiculadora do imaginário do grupo, foi cedendo espaço à língua nacional, através dos anos de contato. Hoje apenas um homem é depositário do complexo cultural de seu povo. Complexo este que subjaz e emerge quando Julaparé (mais de 60 anos) - único informante - aviva a memória e simula um uso comunicativo da sua língua materna. Com mais de 30 anos sem exercer sua função primeira entre os homens - a comunicação, a língua Umutina resiste a uma morte anunciada na própria pessoa de Julaparé. Marca, pois, seu tempo de vida na existência de seu último falante.

Os dados sobre a língua Umutina - família Bororo - foram coletados *in loco* em janeiro/94. A pesquisa tem como propósito a descrição da língua em seus componentes fonológico e morfosintático. Nesta comunicação pretende-se demonstrar a realização dos intensificadores da língua alvo.

Na língua Umutina verificou-se a existência de três morfemas livres exercendo a função de intensificador: [pitu'ka], [kutip'r], [makew'a]; e um preso: [ku'ku]. Os três primeiros apresentam uma ocorrência regular, ocupando a posição posterior ao que se propõe enfatizar, quer seja a palavra verbal ou seu objeto. Podem, também, co-ocorrer entre si oferecendo maior força à intensão do falante no enunciado. Ex:

[i-Ja'ket makew'a humati'ka pitu'ka]  
eu alegrar muito milho grande/muito  
'eu me alegre muito com tanto milho  
'eu estou muito alegre com o milho crescendo'  
[i-ma'taru makew'a kultip'r]  
eu conversar muito muito  
'eu converso muito mesmo'  
'eu estou conversando demais'

O morfema [ku'ku], por sua vez, apresenta flexão (não obrigatória) de pessoa - prefixal na língua, e se justapõe a outros morfemas (livres e presos), inclusive a verbos, para expressar noções semânticas específicas. Dessa forma, observa-se:

[ta-ku'ku] [ku'ku-kew'a] [ku'ku'sipa'kew'a]  
ele muito muito não muito ? não  
'ele esta muito' 'não parou de...' 'muito mesmo'  
'ele tem muito' 'continua a...' 'demais'

É interessante verificar que este último intensificador quando acompanhado do morfema livre [kew'a] aponta a possibilidade de se tratar de uma partícula aspectual, com a idéia de continuidade. Entretanto, sua recorrência nos dados, e sua realização condicionada a noções intensificadoras e a ambientes restritos com esta mesma função, foram razões, até o momento, suficientes à sua interpretação como intensificadores da língua Umutina.

### MACHADO, Miriam (UFRJ). *Morfologia nominal do Wapichana (Arawak): resultados preliminares de uma análise.*

Nesta comunicação focaliza-se a classe dos nomes, a sub-categorização dos substantivos e os processos morfológicos de flexão de gênero e número no Wapichana, língua que pertence ao sub-grupo norte da família lingüística Arawak, conhecida como a família mais extensa (Payne, 1991) do tronco Arawak. É falado por 4.000 índios na Guayana Inglesa e por apenas 900, no Brasil, numa população de 2.500 índios que habitam 10 aldeias no norte do Estado de Roraima-Brasil.

Os poucos estudos existentes sobre o Wapichana referem-se ao díalcto da Guayana (Farabe, 1918; Tracy, 1972/74), restringindo-se a alguns aspectos da fonologia e da morfologia verbal. No Brasil, os estudos sistemáticos iniciaram-se em 1987 com Franchetto. O corpus desta análise foi coletado por Machado em quatro viagens (1991/93) feitas às malocas Malakaxeta e Canoanin (RR).

Os nomes - substantivos e adjetivos -, constituem uma classe aberta e produtiva nessa língua. Os substantivos se sub-categorizam em alienáveis e inalienáveis, de acordo com o critério de posse, que tem contraparte formal na gramática. (Ex.: Alienável: daku-i 'boca'; un-daku 'minha boca'; suamara 'arco'; sumara-n 'arco de alguém'; y-sumara-n 'arco dele'. Inalienável: kamuu 'sol'; kabayn 'casa, aldeia').

Os adjetivos podem ser palavras primitivas ou derivadas de outras classes, através da sufixação de -'u. (Ex.: pudidi-'u 'preto'; kaimeen 'bem'; kaimeea-'u 'bom').

A flexão de número é feita através do morfema livre nau-inhau. (Ex.: pixan 'gato'; pixan nau 'gatos'; danii 'ovo'; danii inhau 'ovos').

A análise integra a dissertação de mestrado (em andamento) da autora, que objetiva não só estudar a morfologia nominal do Wapichana, mas, sobretudo, explicar porque a flexão de gênero e número no adjetivo *está* se perdendo em algumas malocas, fato já observado por Wise (1986) em Amuesha (Arawak-Peru), para a flexão de gênero nos adjetivos.

### MARTINS, Silvana Andrade (UNIR). *Classificadores nominais locacionais da língua Dãw (Makú-kamã).*

A língua Dãw é uma língua indígena brasileira, falada por 83 pessoas, no norte do Amazonas, as margens do alto rio Negro. Esta língua pertence à família lingüística Makú, a qual é pouco conhecida e, ultimamente, tem sido alvo do interesse da comunidade lingüística internacional.

Durante a elaboração da dissertação de mestrado "Análise da Morfosintaxe Dãw (Makú-Kamã) e sua Classificação Tipológica" apresentada a UFSC, em janeiro do corrente ano, constatou-se a presença de "Classificadores Nominais Locacionais" em Dãw.

A presença de "Classificadores Nominais" tem sido observada em línguas não relacionadas e geograficamente separadas, como línguas da África, da Ásia, das Américas e da Oceania. Segundo K.Allan (1977) línguas como Thai (Ásia Oriental) e Kiriwina (Oceania) também são exemplos de línguas com "Classificadores Nominais Locacionais".

Os chamados "Classificadores Locacionais" são lexemas que se ligam a nomes que designam uma locação, classificando-os de acordo com a sua essência. Em Dãw há um número de "Classificadores Locacionais" que se unem a nomes inerentemente de locação, como por exemplo, "na roça", "no rio", "no fogo", "no caminho" e esses classificadores são selecionados de conformidade com as características semânticas do nome com o qual se associam. O interessante é que essas características semânticas apresentam uma relação mútua entre aspectos lingüísticos e a



Nossa análise tratará da estrutura silábica no Katukina na qual utilizaremos a linha teórica gerativista-não-linear. O modelo que será usado é o da Fonologia Métrica segundo Hayes (1991).

O padrão silábico do Katukina é (C)V(C), mas estamos postulando que a sílaba base da língua era originalmente CV. Para provar esse fato utilizaremos a noção de sílaba degenerada e perda de tempo fonológico.

**ANGENOT, Jean-Pierre (UNIR/UFSC). *Fonologia moraic da Baniwa-Kuripáko: o papel do glide aspirado no algoritmo de silabificação.***

A interpretação dos aspectos mais salientes da morfonologia do Baniwa-Kuripáko, no que diz respeito à estrutura fonotática da sílaba e aos processos de ressilabação atestados nesta língua, nos levou a comparar o poder explicativo de três modelos teóricos recentes oriundos da fonologia não-linear auto-segmental:

- a Teoria do CV-Tier (McCarthy, 1979; Goldsmith 1991, etc.), que serviu de embasamento à dissertação recentemente defendida na UFSC por França (1993) sobre o Baniwa-Siusi;

- a Teoria do X-Tier (Levin, 1985; Lowenstamm & Kaye, 1986, etc), que inspirou uma descrição dos processos fonológicos do Baniwa-Kuripáko, por Angenot & França, no prelo;

- a Teoria Moraica (Hyman, 1985; Hayes, 1989; Everett, 1989).

Neste "paper", apresentamos uma amostra do valor explanatório superior da Teoria Moraica, que, notadamente, explica os seguintes fatos importantes da fonologia do Baniwa-Kuripáko:

(1) Por que a seqüência /pá-hí/ (que se torna /pháí/) se realiza [p<sup>h</sup>é] e não \*[p<sup>h</sup>áj], enquanto que a seqüência /pá-í/ (que se torna /páí/) se realiza [p<sup>h</sup>j] e não \*[p<sup>h</sup>é]? Por que /páí/dá/ [p<sup>h</sup>é], e /páíí/ dá [p<sup>h</sup>áj]?

(2) Por que a seqüência /p<sup>h</sup>-h<sup>h</sup>/ (que se torna /p<sup>h</sup>í à/) se realiza [p<sup>h</sup>íá] e não \*[phjá:], enquanto que /p<sup>h</sup>.á/ (que se torna /p<sup>h</sup>á/) se realiza [p<sup>h</sup>á:] e não \*[p<sup>h</sup>íá]?

(3) Por que, após a metátese de /h/, /páhi/ se realiza [p<sup>h</sup>é] e não \*[hpé], ao passo que /máhi/ será necessariamente [m<sup>h</sup>é] e jamais [m<sup>h</sup>é]?

Serão considerados a SYLLABLE WRIGHT CONSTRAINT das 2 moras, o comportamento vocálico do /h/ intervocálico, o qual, no decorrer da derivação, beneficiar-se-á do WEIGHT-BY-POSITION, o tempo suficiente para bloquear um Rhyme-Branching, permitindo somente um Mora-Branching, a hierarquia de sonoridade (Selkirk, 1984), o compensatory lengthening após onsetização de vogal alta submetida à sonority sequencing generalization.

**BALTAZAR, Marco Antônio Rocha (UFSC). *Problemas de classificação nominal em Babiwa do Içana.***

O trabalho que se pretende apresentar aqui é um esboço de minha dissertação de mestrado no programa de pós-graduação em lingüística da UFSC. Trata-se de um estudo sincrônico de uma língua Aruak do Alto Rio Negro-Baniwa do Içana. Algumas considerações introdutórias sobre a língua foram feitas em Taylor, 91. Entretanto, a respeito da morfologia nominal nenhum trabalho de mais fôlego foi realizado. Ora, este aspecto da língua apresenta características tipológicas de extrema relevância para o estudo da tipologia lingüística atual. Após minha ida a campo em janeiro/94 constatei a existência de cerca de 40 classificadores e classes nominais de concordância, distribuídos segundo parâmetros semânticos/formais: animado/não-animado, oco, fino, curvilíneo etc. A partir deste levantamento está se trabalhando no intuito de estabelecer o sistema de classificação nominal que há no Baniwa. Em princípio, a língua possui um sistema fechado de classificadores que aparecem como marca superficial no adjetivo

qualitativo. Contudo está ocorrendo grande liberdade no uso destes classificadores pelos falantes da língua, segundo o enfoque ou ponto de vista que se leva em consideração. Este fato é interessante, pois destoa da maioria das línguas do mundo, como por exemplo o Bantu, que também possui classificação nominal, porém o sistema sendo fechado, onde cada nome recebe um classificador específico, não aceitando outro em seu lugar. Em Baniwa, ao contrário, obtêm-se casos de até três possibilidades diferentes de classificação nominal, conforme mostrarei expondo este trabalho.

**BORGES, Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira (UnB). *Aspectos morfossintáticos em relações genitivas na língua Kaiapó.***

Este trabalho enfoca a morfossintaxe das relações genitivas na língua Kayapó, da família Kayapó, tronco lingüístico Macro-Jê, falada no sul do estado do Pará e norte do Mato Grosso, no Parque Indígena do Xingu. Dentre as relações entre palavras existentes na língua Kayapó, percebeu-se que as relações genitivas talvez sejam uma das que apresentem características mais interessantes do ponto de vista morfossintático. Uma relação genitiva de posse (Matisoff, 1973) entre nomes independentes (Hockett, 1958) apresentará como característica a presença obrigatória do prefixo relacional {y-} mais do morfema indicador de genitivização {õ}, que constituem-se em uma marca morfológica explícita, que se intercala entre dois nomes independentes ou entre um prefixo indicador de pessoa e um nome independente. Ex.:

(1) bɛp y-õ-kikrE 'casa do Bep'

(2) i-y-õ-kikre 'minha casa'.

Entre os nomes dependentes (Hockett, op. cit.) verificou-se a ocorrência apenas de prefixos relacionais. O morfema indicador de genitivização não ocorre nestes casos. Por esta razão, está-se tratando tal relação como relação genitiva de dependência. Os nomes dependentes foram divididos em classes conforme a ocorrência dos prefixos, que se dá de acordo com a presença ou ausência do possuidor (contigüidade ou não contigüidade para Rodrigues, 1990). Os prefixos relacionais são condicionados morfológicamente e ocorrem da seguinte forma:

CLASSE DE NOMES	A	B1	B2
Possuidor presente	0	y	u
Possuidor ausente	0	0	0

Verificamos, portanto, que quando os possuidores não estão contíguos aos seus respectivos elementos dependentes o relacional não ocorre. Daí dizermos que a condição para o aparecimento dos prefixos é a presença do possuidor. Ex. (3a) i-0-kra 'minha cabeça'. (3b) kra ne mara ket 'o filho não chora' (4a) a-y-aikwa 'minha boca' (4b) ua ne aikwa kam ja 'o dente está na boca' (5a) i-n-ikra 'minha mão' (5b) ikra ne kamro 'a mão sangrou'.

**BRAGA, Alzerinda de Oliveira (UFPA). *As partes do discurso na língua Makurap (tupi).***

Partindo dos critérios gramaticais de distribuição das palavras, seu leque de funções sintáticas e categorias morfológicas e sintáticas para as quais elas são especificadas, descreveremos, neste trabalho, o sistema de partes do discurso na língua Makurap, verificando a relação que há entre esse sistema e outras características tipológicas da língua. A língua Makurap pertence à família lingüística Tupari do tronco Tupi e é falada por cerca de quarenta pessoas no Posto Indígena Guaporé, em Rondônia.

Apresentaremos uma proposta de análise das estruturas das orações principais da língua Jeoromitxi a partir de uma descrição sumária das categorias sintagmáticas e de alguns processos sintáticos que serviram como suporte a análise dessas orações.

A língua Jeoromitxi apresenta três tipos básicos de estruturas oracionais, os quais foram classificados a partir da composição sintagmática e do sentido.

Quanto aos componentes sintagmáticos, as orações em Jeoromitxi podem ser constituídas tanto de predicado verbal quanto de predicado nominal. Os constituintes possíveis são: Sintagma Nominal sujeito - N", Sintagma Verbal - V" (verbo transitivo, intransitivo e/ou descritivo), Sintagma Nominal Predicativo - N"pred, Sintagma Adverbial - Adv" e partículas oracionais. Os sintagmas Adjetivos - A" ocorrem sob o domínio dos N"s e os sintagmas Posposicionais são dominados pelos Adv"s.

Quanto às espécies, as orações podem ser declarativas, imperativas, negativas e interrogativas. Estes dois últimos tipos sintáticos são marcados por partículas, e os primeiros são caracterizados pelas mudanças ocorridas na ordem dos componentes das orações.

A descrição destas estruturas está baseada na análise proposta por Haegman (1990) a determinadas línguas cuja ordem básica dos componentes é sujeito - verbo - objeto.

#### QUEIXALOS, Francis M. Andress (Museu Emílio Goeldi). *Predicados aplicativos em Sikuani.*

A língua Sikuani possui uma classe de prefixos — os "preverbos" — que permite, de maneira produtiva aumentar de unidade a valência da palavra predicativa sobre a qual ela se fixa. No plano semântico, a integração dum novo participante como complemento directo — o "incremento" — tem como resultado, combinada a uma nova hierarquia dos participantes, uma representação mais compacta da cena descrita. A comparação dessas construções aplicativos com os predicados lexicalmente trivalentes - que na língua seleccionam como "objecto directo" o participante destinatário e como "objecto indirecto" o participante transferido — sugere que, na maioria dos casos, a motivação para a existência da classe dos preverbos reside na consideração das propriedades semânticas do incremento.

#### SILVA, Eurisandra Bezerra da & ANGENOT, Jean-Pierre (UNIR/UFSC). *Subsídios para a reconstrução do Proto-Chapakúra.*

O presente "paper" apresenta os primeiros resultados sistematizados de uma tentativa de reconstrução do Proto-Chapakúra, a língua ancestral dos 14 idiomas que constituem a família do mesmo nome (Projeto Integrado de Pesquisas do CNPq/UNIR/UFSC, coordenado pelo segundo co-autor).

Foram reunidos e compilados dados de 06 línguas extintas (Chapakúra, Kitemoka, Napeka, Sansimoniano, Okoroná, Jarú), 05 línguas agonizantes (Torá, Kuyubi, Oro Win Kabishi, Miguélinho) e 03 línguas vivas (Pakáas Novos, Moré e Urupá).

Foram selecionados 324 conjuntos de cognatos superpostos conforme a amostra abaixo, no qual constam sucessivamente o nome da língua e a fonte de cada dado:

"água"

CHAPAKURA ORBIGNY a k u m  
KITEMOKA RIVET a k o  
MORÉ informante k o m

NAPEKA CARDUS a k h o m  
PAWUMWA HASEMAN k u m  
TORÁ NIMUENDAJU k o "chover"  
OROWARI NOVAS TRIBUS k o m  
URUPÁ MINUENDAJÚ k o m

Com base nesses cognatos foram estabelecidas as regras de correspondências fonéticas e propostas reconstruções prévias da língua-mãe Proto-Chapakúra.

Enfim, tecem-se alguns comentários a respeito do hipotético tronco Arawák, e das possíveis conexões genéticas distantes entre as famílias Chapakúra e Arawák-Maipure.

#### VASCONCELOS, Ione Pereira (UnB). *Expressão de causatividade em Aikana.*

O Aikana, uma língua ainda não classificada, falada no sudeste de Rondônia, caracteriza-se por uma morfologia verbal bastante rica. Vários tipos de morfemas (indicadores de pessoa, tempo, aspecto, modo, classificadores de argumento, modificadores da valência do verbo) podem ser inseridos numa construção verbal. Na realidade, é na forma verbal onde as coisas realmente acontecem. Não é de se surpreender, portanto, que uma das formas de se expressar causatividade nessa língua seja através de um morfema preso a raiz verbal. O objetivo deste trabalho é mostrar como esse fato ocorre, de que maneira a valência do verbo é alterada após a inclusão do morfema e como isso se reflete na construção da sentença.

(\*\*\*\*). *Uma análise do pronome clítico "lo" no espanhol do Mapuche.*

O povo mapuche é constituído por umas 500 a 600 mil pessoas localizadas nas oitava, nona e décima regiões do Chile. A maior parte da população é rural. Uma porcentagem alta fala a língua Mapuche no lar e o espanhol com os chilenos. Observamos que na sistematicidade do espanhol falado por mapuches existe uma tendência de uso facultativo do pronome clítico "lo" +verbo+complemento/objeto direto, como um bloco fixo: sem gênero nem número gramatical. Numa pesquisa da escrita dos alunos mapuches do segundo grau observamos um fenômeno semelhante. Neste trabalho apresentamos uma análise das características específicas da língua Mapuche que poderiam estar influenciando na produção desse uso facultativo do "lo" no espanhol do Mapuche, na difícil tarefa de falar duas línguas.

### SEÇÃO II - SOCIOLINGÜÍSTICA

#### ABREU, Maria Teresa Tedesco Vilardo (UERJ). *Elementos conjuntivos em narrativas orais e escritas em textos produzidos por alunos da rede pública do município do Rio de Janeiro.*

Este trabalho de pesquisa se constitui em um desdobramento de minha dissertação de mestrado, defendida em setembro de 1992, UFRJ. Foram analisadas narrativas orais e escritas de alunos de 2ª a 8ª séries do 1º grau do Colégio de Aplicação - UERJ.



O sistema fonético, que compreende 93 sons, deriva de um sistema fonológico composto por 19 fonemas, em resultado da aplicação ordenada de 11 regras lexicais cíclicas (contidas em 2 "strata", onde interagem com as regras morfológicas) e de 18 regras pós-lexicais não-cíclicas (em interação com as regras sintáticas, fonológicas, "sandhi", alofônicas e fonostilísticas).

O Baniwa-Siusi destaca-se pela complexidade de seu sub-sistema prosódico, apresentando esta característica tipológica incomum de atuar como uma língua verdadeiramente tonal a nível subjacente, no componente lexical, e como uma língua 'pitch-accent' na entrada do componente pós-lexical (McCawley, 1979).

Este "paper" propõe-se interpretar o componente lexical dentro de uma abordagem formal auto-segmental segundo o modelo do "X-tier" (Levia, 1985), baseada numa revisão de uma interpretação anterior segundo o modelo do "CV-tier" (Franca, 1993). A análise proposta destaca a inter-relação das regras de deslocamento tonal e de ressilabação motivada pelo peso silábico.

**GUEDES, Marymarcia (UNESP-São Carlos).** *Aspectos morfossintáticos da língua Suyá.*

As línguas pertencentes à família Jé, o constituinte maior do tronco Macro-Jé, são as seguintes: Timbira, que compreende as línguas dos índios Canela; Krenjé; Parakáteye ou Gavião do Pará; Krahô; Kayapó, que compreende, entre outras, as línguas dos Gorotiro e Xikrin, além da dos Txukahamãe, no Parque Indígena do Xingu; o Akwén, que inclui o Xavante, Xerente, Xakriabá, Kaingáng e o Xoklóng (Rodrigues, 1986).

As línguas dos Suyá, Kren-akarore e provavelmente também dos Tapayuna (Beijo de Pau) no Alto Xingu, estão aparentadas mais estreitamente com o grupo Kayapó. O mesmo se dá com a língua dos Apinayé, apesar de seus falantes se considerarem descendentes dos Timbira, hoje seus vizinhos mais próximos. Segundo o autor, a diferença entre Timbira e Kayapó não é muito grande, em contraste com o grupo Akwén e, sobretudo, com o Kaingáng. Este é, realmente, o grupo mais diferenciado dentro da família Jé.

Os aspectos estruturais da língua Suyá, aqui tratados, visam fornecer uma breve descrição da morfologia verbal, abordando-se: forma curta ou reduzida e forma longa dos verbos e, ainda, das formas imperativas afirmativa e negativa.

Os aspectos gramaticais considerados são aqueles concernentes às relações entre as palavras e às funções que estas exercem dentro de um enunciado descrevendo-se, genericamente, os sintagmas verbais.

Por último, faz-se uma apreciação da estrutura oracional da língua.

**JULIÃO, Maria Risolêta Silva (UFPA).** *As classes de palavras em Anambé.*

O objetivo do trabalho é descrever as classes de palavras do Anambé, língua da família Tupi-Guarani ainda usada, em determinadas situações, por um pequeno número de falantes - 6 mulheres e 1 homem - entre os mais velhos. Partindo do princípio básico para a descrição das línguas da família que é a divisão das raízes flexionáveis em duas classes arbitrárias de palavras, havendo uma terceira que compreende as raízes não-flexionáveis, dará especial atenção a raízes verbais e nominais.

**LACERDA, Rosely de Souza (UnB).** *Modo de interrogar: semelhanças e diferenças entre seis línguas indígenas.*

Este trabalho é produto de uma análise contrastiva do sistema interrogativo de seis línguas indígenas do Brasil:

Kaiwá, Munduruku (Tupi); Guató, Yatê (Macro-jê); Makuxi (Karib); Terena (Aruak).

As línguas Guató, Makuxi e Terena exigem apenas uma entonação específica para transformar um enunciado qualquer em interrogativo. Kaiwá, Munduruku e Yatê recorrem a um marcador interrogativo cuja função é marcar uma frase, tornando-a uma pergunta. Exemplo em Yatê:

Setso ma makhai tetise? O índio fez o arco?

Índio int arco fazer-pas

Ao analisar as palavras interrogativas, verificou-se que alguns afixos se unem a elas, formando, assim, derivadas que desempenharão funções diferentes da primitiva. Exemplo em Makuxi:

- que I - pená (que - tempo) quando.

O Guató, por ter traços ergativos e absolutivos, apresenta reflexos dessa característica na pluralidade de palavras interrogativas, por exemplo, *di* para sujeito ergativo e *dêhega* para absoluto.

A curva melódica de uma pergunta é sempre ascendente. Em Guató, o cume da curva coincide com o tom mais alto do enunciado; em Yatê, fica um tom abaixo; em Makuxi, localiza-se na penúltima sílaba.

Síntese de semelhanças e diferenças encontradas.

A - Conj. de línguas com o traço [+ entonação interrogativa] {Kaiwá, Munduruku, Guató, Yatê, Makuxi, Terena}.

B - Conj. de línguas com o traço [+ palavras interrogativas]

{Kaiwá, Munduruku, Guató, Yatê, Makuxi, Terena}.

C - Conj. de línguas com traço [+marcador] {Kaiwá, Munduruku, Yatê}

D - Conj. de línguas com traço [-marcador] {Guató, Makuxi, Terena}.

E - Conj. de línguas com maior número de traços interrogativos dessemelhantes {Guató}

**LILLO, Mário Bernales (UNICAMP).** *Discussões sobre a formação morfológica dos topônimos mapuches.*

O interesse principal desta pesquisa toponomástica na área do território da língua mapuche compreende um duplo aspecto: (1) fazer uma contribuição ao estudo do repertório toponímico da Região da Araucania (paralelos 37º ao 40º de latitude Sul), área onde vive um dos grupos étnicos mais numerosos da América Latina e (2) discutir a formação morfológica dos topônimos mapuches ou araucanos, recolhidos *in situ* através da aplicação do método geográfico-lingüístico.

Do ponto de vista da morfologia, ou seja, da estrutura interna das palavras (especialmente das formas verbais) o mapuche tem sido caracterizado por diferentes autores como língua aglutinante polissintética, de acordo com os modelos da tipologia morfológica. É importante também nesta classificação tipológica uma outra característica, chamada "incorporação", na qual palavras inteiras podem aparecer aglutinadas e ligadas entre si, sem perder sua própria identidade, especialmente nas formas verbais, onde se apresenta em forma complexa e produtiva, mas nas outras classes de palavras (substantivos e adjetivos) aparece limitada e restrita.

A formação dos topônimos mapuches oferece algumas variedades interessantes e os resultados da análise dos dados demonstram que os elementos constitutivos dos nomes de lugares (elementos lexicais, morfemas, palavras

**BORTONE, Márcia Elizabeth (UFGO).** *Comunicação interdialeto: um retrato de diversidades culturais.*

Estudos no âmbito da sociolinguística interacional vêm demonstrando que a comunicação interdialeto é um processo bastante conflituoso, não apenas pela heterogeneidade cultural com que o falante depara como também e, principalmente, pelas falhas que ocorrem no processo comunicativo.

O argumento central da pesquisa residiu no fato de a identidade étnica e social ser, em grande parte, estabelecida e mantida pela língua, no seu aspecto discursivo. Isto se deve não só às características históricas e ideológicas através das quais os grupos são estruturados, como também pelos símbolos de identidade criados que modelam e direcionam as formas discursivas que foram analisadas.

A pesquisa procurou, assim, aplicar uma metodologia qualitativa, no sentido de encontrar exemplos típicos de situações-chaves dos eventos discursivos, onde as divergências interpretativas que surgissem pudessem ser avaliadas com base em análises etnográficas, sócio-cognitivas e discursivas.

O trabalho inseriu-se, portanto, na proposta de revelar a diversidade cultural no Brasil, refletida nas formações discursivas e nas dificuldades comunicativas entre falantes de variedades diferentes do português; bem como a de ressaltar a urgente necessidade de se ampliar as reflexões e discussões em torno desta questão.

**BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (UFRJ).** *Presença/ausência de marca de número em constituintes do sintagma nominal.*

Neste trabalho, apresentam-se resultados parciais de uma pesquisa em desenvolvimento no âmbito do Projeto APERJ e que visa ao estudo do /S/, enquanto elemento de valor mórfico, na fala de indivíduos naturais de treze comunidades pesqueiras do Norte do Estado do Rio de Janeiro.

Para a análise dessa variável, estabeleceu-se um "corpus" constituído de 3900 sintagmas nominais e levaram-se em conta onze grupos de fatores, dois de natureza extralinguística (área geográfica e faixa etária) e onze de natureza linguística. Com o auxílio do pacote de programa VARBRUL, busca-se identificar os condicionadores da ausência de marca nos constituintes do sintagma nominal. A análise deteve-se, sobretudo, nos constituintes do SN que funcionam como determinantes.

**CAMPOS, Odette G.L. Altmann de Souza (UNESP-Araraquara).** *Reanálise de duas formas verbais da língua portuguesa: o pretérito perfeito e imperfeito.*

Analisando o emprego das formas de pretérito perfeito e imperfeito na língua portuguesa, tentamos estabelecer parâmetros que as definem, além dos já tradicionais encontrados na tradição gramatical, que os caracterizam como formas que indicam aspecto perfectivo ou imperfectivo.

Para tanto, utilizamos o conceito de transitividade de Hopper e Thompson (1980), para verificar se é possível definir uma dessas formas como [+transitiva] e outra como [-transitiva]. Além disso, acrescentamos outros parâmetros para definir o uso desses dois tempos verbais, a saber, o tipo de oração (dependente ou independente) e os valores semânticos que pode adquirir (*realis* vs. *irrealis*).

Para caracterizar os parâmetros que definem cada uma dessas formas verbais, fizemos uso de recursos estatísticos, calculando os percentuais de ocorrências do pretérito perfeito e imperfeito em relação com cada um dos traços através do programa VARBRUL. Para definir as relações entre os vários parâmetros, efetuamos o cruzamento

de dados através do programa CROSSTAB. Após esses cálculos procedemos à análise dos dados, verificando quais são os parâmetros mais fortes, que definem o uso de uma ou de outra forma do pretérito.

O levantamento de ocorrências para análise baseou-se em um *corpus* do Projeto NURC, formado por 180 minutos de gravação, das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, compreendendo os três tipos de inquérito, DIDs, D2s e EFs.

**CARNEIRO, Maria da Conceição Almeida & RODRIGUES, Sandra Helena Arouca (UFRJ).** *Aspectos da concordância nominal em dialetos populares do norte fluminense.*

Apresentam-se nesta comunicação os primeiros resultados referentes à análise de aspectos da concordância nominal na fala de 13 comunidades pesqueiras. Tais comunidades situam-se às margens dos rios Paraíba do Sul e Muriaé, das lagoas Feia e de Cima e ao longo do litoral.

Utilizou-se, para a formação do "corpus", o Arquivo Sonoro do Projeto APERJ (Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro), desenvolvido na Faculdade de Letras da UFRJ e ao qual esta pesquisa está vinculada.

Para a realização da pesquisa, os 3900 sintagmas nominais não-predicativos selecionados foram analisados com base na Teoria da Variação, de William Labov, usando-se o pacote de programas para microcomputadores VARBRUL como auxílio para a quantificação dos dados.

Dentre os grupos de fatores controlados, além das variáveis extralinguísticas, encontram-se constituintes morfofonêmicos e morfosintáticos. Pretende-se, assim, indicar os fatores condicionadores da aplicação/cancelamento da pluralidade entre os informantes da amostra, todos do sexo masculino e analfabetos.

**DUTRA, Cristiane (UFBA).** *Ter/haver na norma urbana culta de Salvador.*

Atualmente, no português do Brasil, percebe-se que os falantes cultos da língua estão empregando o verbo *ter* ao invés de *haver* em orações existenciais.

Partindo-se do pressuposto de que essa variação *ter/haver* não é aleatória, mas está sujeita a condicionamentos sistemáticos (que podem ser estruturais ou sociais), o estudo se propõe a levantar e analisar os possíveis fatores condicionantes que influenciam essa alternância na cidade de Salvador.

**FERRARI, Lillian Vieira.** *Variação linguística e redes sociais no Morro dos Caboclos, RJ.*

Este trabalho aborda a relação entre variabilidade linguística e redes sociais na comunidade do Morro dos Caboclos, situada na Zona Oeste do Município do Rio de Janeiro. A comunidade, que pode ser considerada relativamente isolada, é composta por cerca de 80 famílias, cujos membros diferem quanto ao tipo de relação que estabelecem com o Morro e com a cidade: alguns exercem trabalhos assalariados diários na cidade do Rio de Janeiro, outros descem esporadicamente para a venda de produtos agrícolas e outros ainda quase não descem o Morro. A nível linguístico, esse contexto constituiu um excelente ambiente natural para a verificação dos reflexos que tanto o contato com a cidade como o isolamento no Morro podem ter na fala dos indivíduos.



percepção que um nativo tem do mundo. Um estrangeiro só poderá empregar corretamente os "Classificadores Locacionais" se tiver uma compreensão da percepção referencial dos falantes da língua Dãw.

**MARTINS, Walteir (UNIR).** *A entrada da língua Dãw num sistema tonal pela sonoridade da coda.*

Dentro da tipologia tonal, Dãw figura como uma língua tonal, do tipo periférico, pois faz uso do tom para contraste entre palavras. No entanto, o tom está restrito a um tipo de sílaba ou a um lugar determinado na sílaba. Esta pesquisa objetiva-se a demonstrar como Dãw entrou num sistema tonal.

A tonogênese estuda os fatores pelos quais uma língua torna-se tonal. Humbert (1978) em seu artigo "Consonant Types, Vowel Quality and tone" relacionou uma série de fatos que motivam uma língua a ser tonal. A frequência fundamental ( $F_0$ ) intrínseca de cada vogal é a principal porta de entrada para o sistema tonal. Os tipos de consoantes pré-vocálicas que influenciam o surgimento do tom numa determinada língua são: as oclusivas surdas/sonoras, oclusivas aspirada/não aspirada, oclusiva e fricativa glotal, oclusiva pré-nasalizada, implosiva, etc. Quanto às consoantes que ocorrem na posição pós-vocálica pode-se provar que somente a oclusiva e a fricativa glotal, podem motivar o surgimento do tom. Maran (1971) tentou provar que em Jingpho (língua falada na China) a sonoridade das consoantes nesta posição também pode proporcionar o surgimento de um sistema tonal, porém foram apresentados estudos alternativos, como por Matisoff (1971) que derrubou esta proposta.

Com o auxílio de programas computacionais conseguiu-se provar que Dãw entrou no sistema tonal através da sonoridade das consoantes da coda. Portanto, o estudo da Tonogênese em Dãw vem a ampliar o conhecimento das possibilidades naturais de transição de um sistema não-tonal para um sistema tonal.

**MELLO, Antônio Augusto Souza (UnB).** *Novas evidências para classificação interna da família lingüística Tupi-Guarani.*

Com o aprofundamento da pesquisa do léxico das línguas da família lingüística Tupi-Guarani, pode-se ampliar o número de reconstruções lexicais da proto-língua. Com os dados de trinta e duas línguas da família e do proto-Tupi-Guarani inseridos no banco de dados do programa de computador Wordsurv, e a aplicação do módulo Compass (Comparativist's Assistant), podemos obter o desenvolvimento fonológico para cada língua, com relativa rapidez e assim observar características comuns que dividem as línguas Tupi-Guarani em subconjuntos. A aplicação do programa permite também quantificar o grau de diferenciação fonológica entre diversas línguas (Fonostatística), fornecendo subsídios para refinar o estudo de cognatos lexicais e o traçado de isoglossas.

Com os resultados do estudo qualitativo e quantitativo das diferenciações fonológicas e o estabelecimento de alguns feixes de isoglossas lexicais, podemos propor uma árvore de classificação genealógica para as trinta e duas línguas Tupi-Guarani, contribuindo assim para um melhor conhecimento da história destes povos indígenas.

**MOORE, Denny (Museu Emílio Goeldi).** *Sistemas tonais na família lingüística Mondé (tronco Tupi).*

As duas línguas já estudadas da família lingüística Mondé (de Rondônia) apresentam sistemas fonológicos ricos em tom e prolongamento vocálico. Há regras que levantam ou abaixam o tom de sílabas e morfemas, como também regras que encurtam ou prolongam sílabas. A variação entre os dialetos dos Gavião, dos Zoró, dos Cinta Larga e dos Aruá é considerável, e as diferenças entre esta língua (que contém quatro dialetos) e a língua Surui são

ainda bem maiores. Esta variação será descrita e analisada em termos autosegmentais, postulando só dois tons no inventário subjacente. Hipóteses sobre a origem diacrônica da variação serão oferecidas.

**MORI, Angel Corbera (UNICAMP).** *A relativização no Aguaruna (Jívaro).*

O Aguaruna, língua da família lingüística Jívaro, é falado por 45 mil pessoas na Amazônia, norte do Peru e na fronteira regional com o Equador.

Segundo a ordem de seus constituintes maiores na oração, o Aguaruna é uma língua de núcleo final (SOV). Em termos de marcação de caso morfológico, ela é nominativo-acusativa. Embora a estrutura SOV seja a ordem básica (i.é. não marcada), outras estruturas são factíveis de ocorrerem, tais como SVO, OSV e OVS.

A partir dessas características da língua, proponho-me, neste trabalho, apresentar uma descrição das construções relativas restritivas. À diferença do Espanhol, Português ou Inglês, que possuem pronomes relativos, a língua Aguaruna carece deles. Pelo contrário, o Aguaruna recorre a duas estratégias para expressar relativização: a) mediante o uso do dêitico *nu* "esse", que ocorre posposto ao SN relativizado, b) mediante um sufixo nominalizador, que aparece ligado ao verbo.

Como a Aguaruna possui marcação de caso morfológico (Corbera (1994)), o dêitico *nu*, que opera como relativizador, herda os diferentes casos morfológicos do SN, dependendo da função do SN modificado pela cláusula relativa: sujeito, objeto (direto e indireto), instrumental, comitativo, locativo, etc. Esse caminho parece ser seguido igualmente pelo verbo nominalizado.

**MÜLLER, Diocelma Maria (UNIR/UFSC).** *Aspectos prosódicos do Moré, língua Chapakúra.*

A língua Moré filia-se à quase desconhecida família Chapakúra, a respeito da qual, de acordo com Aryon D. Rodrigues (1986:76), "ainda não existe até hoje nenhum estudo científico". É falada na confluência dos rios Guaporé e Mamoré, na região fronteiriça Brasil-Bolívia.

Nesse trabalho serão apresentados os resultados de uma análise fonética acústica, ainda em andamento, do sistema prosódico dessa língua Moré, pela realização da qual está sendo utilizado o sistema informatizado CECIL/SPECTRUM 2.0. Uma parte dos dados foi registrada num gravador de precisão, na ocasião de uma pesquisa de campo na aldeia boliviana de Monte Azul, e outra parte foi diretamente digitalizada em computador através de um "speech box", graças à colaboração de um informante octogenário selecionado em função de seu perfeito domínio da língua Moré e trazido para o campus da UNIR em Guajará-Mirim.

Propõe-se uma interpretação das correlações identificadas entre os parâmetros constitutivos do sistema acentual da língua, ou seja o "pitch", o "stress" (ou "loudness") e a duração, que serão examinados quantitativamente, respectivamente em decibéis, semi-tons e milisegundos.

**PIRES, Nadia N. (Museu Emílio Goeldi).** *Estruturas das orações em Jeoromitxi.*

Neste trabalho procuramos descrever alguns aspectos sintáticos relevantes ao conhecimento de uma das muitas línguas indígenas brasileiras; esta língua pouco conhecida é falada no sul de Rondônia pelos índios Jeoromitxi, também chamados de Jabuti.

LOPES, Célia Regina dos Santos & CUNHA, Cláudia de Souza (UFRJ). *Pronomes pessoais: a pesquisa sociolinguística e a atualização da gramática.*

Partindo dos resultados de duas pesquisas sobre variação linguística - "Nós e a gente no português falado culto" (Lopes, 1993) e "Indeterminação pronominal do sujeito" (Cunha, 1993) -, pretendemos esboçar generalizações descritivas sobre o sistema de pronomes pessoais, revendo posições das gramáticas normativas, numa tentativa de identificar regras prescritivas ainda operantes e oferecer subsídios para que se possa ajustar o ensino a uma realidade linguística concreta.

LOPES, Márcia Targino (UFRJ). *Verbos de significação genérica em entrevistas do Projeto NURC/RJ.*

Análise preliminar do emprego de alguns verbos de significado genérico (*botar, fazer, tomar, usar*), levando em conta seu papel predicador em estruturas sintáticas da língua.

Estes verbos foram contextualizados através do programa computacional TACT, que permite uma seleção automática dos itens lexicais e a obtenção das listas de ocorrências dessas unidades.

Nesse exame preliminar, foram investigados quatro inquéritos do Projeto NURC tomados aleatoriamente. Tal investigação deverá considerar os diversos temas, tendo em vista que o emprego desses verbos pode estar vinculado a temáticas específicas: *tomar/café, banho, fazer/compras, negócio, remendo, terno, botar/paletó, pijama, chapéu, usar/transporte, avião, lava*.

A seleção desses verbos decorre dos altos índices de frequência registrados no léxico e a semelhança de distribuição destes por sexo e faixa etária.

MACHADO, Márcia dos Santos & VIEIRA, Sílvia Rodrigues (UFRJ). *Estudos de fenômenos variáveis de caráter morfossintático: representação cartográfica.*

Tendo em vista a contribuição dos estudos geolinguísticos e sociolinguísticos para o conhecimento da realidade da língua portuguesa, pretende-se, neste trabalho, traçar considerações acerca da possibilidade de representação cartográfica de fenômenos morfossintáticos em variação - alternância de *nós* e *gente* e concordância verbal.

Utilizou-se o *corpus* do Projeto APERJ (Atlas Etimológico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro), que se compõe de entrevistas dos tipos QUE (questionário etimológico) e DID (diálogo entre informante e documentador) com informantes analfabetos ou pouco escolarizados, do sexo masculino, distribuído por três faixas etárias (A - de 18 a 35 anos, B - de 36 a 55 anos e C - de 56 anos em diante).

Os dados que subsidiaram a pesquisa receberam tratamento estatístico do pacote de programas VARBRUL de David Sankoff, desenvolvido para análise de fenômenos linguísticos segundo a Teoria da Variação Laboviana.

Por fim, objetiva-se apresentar a distribuição espacial das variantes observadas, considerando os fatores linguísticos e extralinguísticos delas condicionantes. Ressalte-se que este trabalho tem um caráter preliminar, visto que, até onde se sabe, a representação de fatos morfossintáticos de uma língua de especialidade - de uma atividade artesanal periférica - constitui uma primeira experiência do assunto em âmbito nacional.

MACIEL, Vânia Luiza Avalos (PUC-SP). *Política do idioma: ideologia e história - reflexões passadas a limpo.*

Na perspectiva histórica da institucionalização da Língua Portuguesa como marca de prestígio e independência política, encontra-se um mosaico que compõe as relações entre poder político e educação. Um dos mestres deste mosaico é o gramático que, através da imposição do uso padrão como medida de controle das variações linguísticas, garante o controle social da classe dominante. Na dimensão das relações sociais, o ocultamento da realidade social através do controle ideológico e consequente utilização dos aparelhos ideológicos disponíveis - como a escola - é imprescindível para a manutenção da hegemonia do grupo que está no poder. Esta dinâmica linguística e social mantém-se em constante movimento. Para que o enfrentamento entre a variação escolhida como instância de controle e as demais variantes orais e escritas seja pacífico, é necessário que se permita certa penetração no padrão escolhido e que certas variantes se tornem aceitas em determinados momentos históricos. A utilização dos aparelhos ideológicos permite que esta dinâmica se estabeleça mantendo a hegemonia do grupo que está no poder.

MALAYER, Irania (Universidad Central de Venezuela). *Estudio diacrónico de la cópula estar en expresiones de edad en el español de Venezuela.*

El empleo del verbo copulativo *estar* en expresiones de edad, atributo que prefiere el empleo de la cópula *ser* en este tipo de contextos, como en (1), parece ser característico de algunos dialectos americanos, entre los que se encuentra el español venezolano. De Jonge 1993 plantea que el uso de la cópula *estar* por *ser* en este tipo de expresiones, como se ejemplifica en (2), registrado en el español de México y Venezuela, es consecuencia de un cambio lingüístico pues en el español peninsular, específicamente en la variante dialectal andaluza, este uso no se registra. En Malavé y Malaver 1992 profundicé el estudio de De Jonge mediante el análisis sociolingüístico de un corpus de 64 hablantes caraqueños. Los resultados me permitieron concluir que el uso de *estar* por *ser* en expresiones de edad no parece reflejar un cambio lingüístico. Esta investigación, de carácter cualitativo, constituye un segundo paso en la aproximación de la historia y análisis de este fenómeno en el español venezolano: el uso de *estar* por *ser* en expresiones de edad refleja un proceso de cambio lingüístico y, en consecuencia, es reciente? o, por el contrario es característico del español venezolano y su presencia puede registrarse en textos antiguos? En este trabajo presentaré un análisis sociolingüístico de carácter histórico (Cf. Gimeno Menéndez 1990) de la variación de los verbos copulativos *ser* y *estar* cuando aparecen en expresiones de edad, como en (1) y (2):

(1) No hijo: usted es muy joven todavía. (Díaz Sánchez 1977:154).

(2) Mi madre no quería; protestó que *estaba* todavía pequeño. (Pocaterra 1990:57)

El estudio se llevó a cabo en un *corpus* documental de nueve textos literarios -cuentos y novelas- pertenecientes a escritores venezolanos y cuya edición original apareció hace cincuenta años o más, es decir, cuya edición ocurriera antes de 1943. Esto con el fin de que: a) el *corpus* reflejara un período de tiempo mayor al analizado en el *corpus* oral y b) poder considerar la muestra como textos históricos del español venezolano. Del *corpus* extraje todas las expresiones de edad construidas con *ser* y *estar* como en (1) y (2).

El análisis arrojó un 28% de expresiones de edad con *estar* y un 72% con *ser*. Aun cuando la frecuencia de *estar* en este contexto es bastante menos a la de *ser*, la aparición de *estar* en expresiones de edad en textos literarios refleja que este uso no puede considerarse reciente en el español venezolano por lo que no se trataría de un proceso de cambio lingüístico.



A fim de traçar um quadro comparativo do perfil lingüístico de estudantes da rede pública carioca quanto ao uso das conjunções como elemento que dá coesão ao texto, propus-me a analisar a produção oral e escrita de narrativas de alunos da rede municipal/RJ do 1º e 2º segmentos do 1º grau.

A análise quantitativa dos dados é baseada na teoria da variação proposta pelo sociolinguísta William Labov. Foram determinadas as variantes de conexão - orações iniciadas pelo elemento conjuntivo *ã*, *por e* e pelas orações consideradas não-marcadas.

Determinei, também, os fatores internos e externos que condicionam o uso dessas variantes, através de testes computacionais, confirmando uma correlação entre o uso dessas formas e fatores como, por exemplo, nível de escolarização, modalidade oral e escrita da língua, divisão por episódios, entre outros.

**ALKMIN, Tânia Maria (UNICAMP).** *Fala de escravo: estudo de um caso de representação.*

A presente comunicação pretende discutir brevemente a questão do português falado por escravos no Brasil a partir do exame do texto de uma peça produzida no final do século XIX. (*Os pupilos do escravo*, J.P. da Costa Lima, Tip. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Cia, Rio de Janeiro, 1870).

É fato que um conjunto diversificado de fontes apresenta informações a respeito da linguagem utilizada por escravos no Brasil. Mas, uma peça teatral, mesmo posta em sua dimensão particular de produção artística, pode-se revelar como uma fonte de grande interesse por ter a linguagem como material primário. No caso da peça *Os pupilos do escravo*, embora não sendo a única, dentro da produção teatral brasileira, a focalizar a escravidão e a ter escravo como personagem, há um fato relevante: apresenta um velho escravo (Caetano) como elemento central da trama, cuja fala é saturada de traços lingüísticos que contrastam fortemente com o português da época (representado, por exemplo, na fala de outras personagens da peça).

Há um rico elenco de informações que podem servir de base para uma reflexão de natureza lingüística. É assim que observamos, por exemplo:

- uso de 3ª pessoa refere-se a si mesmo. Por exemplo:

General: - Não! que queres então?

Caetano: Que continuará a vendê vassouras, meu sinhô.

- marcas de pronúncia do tipo: blanco (por branco), sicravo (por escravo), brianti (por brilhante).

- marcas gramaticais do tipo: tua filho, eu entendeu.

A partir do tipo de dados apresentados acima, a comunicação procurará examinar a natureza dos fatos lingüísticos apresentados de um lado, enquanto testemunhos de uma realidade lingüística (fala de escravo) e de outro, enquanto representação social dessa mesma realidade.

**AZEVEDO, Elizabeth Macedo de; PAULINI, Marco Antônio; SOUZA, Maria Isabel de; SOUZA, Maria Jucirema da Silva & OLIVEIRA, Rochane de (UFRJ).** *Variáveis lingüísticas do processo de inserção.*

Neste estudo, faremos uma análise dos processos de inserção na fala culta e popular do Rio de Janeiro, valendo-nos ainda de algumas cartas pertencentes ao Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) para comparação.

Os objetivos deste trabalho são:

a) apresentar as variáveis lingüísticas que são pertinentes para sistematização da variação dos processos de inserção;

b) explicar, com argumentos fonéticos e fonológicos, o porquê dessas variáveis lingüísticas.

Evidenciaremos os principais processos de inserção que ocorrem no português, incluindo um breve histórico destes nas línguas latina e portuguesa.

A delimitação do *corpus* analisado, o levantamento dos dados e a apresentação das variáveis lingüísticas foram estabelecidas a partir do trabalho realizado por Helena de Souza Britto, intitulado **Formação de Ditongo em Sílabas Travadas por Fricativa na Fala Urbana**.

**BATISTA, Eliete Figueira (UFRJ).** *O uso do artigo diante de pronomes possessivos.*

Este trabalho objetiva analisar o Uso do Artigo Diante de Possessivos com base no pressuposto de que se trata de um fenômeno em variação.

Assim procuramos observar quais fatores condicionariam ou não o uso do artigo diante de pronomes possessivos, fundamentando nossa investigação no corpus do Projeto do Atlas Lingüístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro - APERJ. Para a análise, utilizamo-nos do pacote de programas de regras variáveis VARBRUL, que torna possível uma análise estatística dos dados.

Entre os fatores condicionadores levados em consideração neste estudo, estão faixa etária, status informacional, função sintática, previsão e presença de pausa, tipo de possuidor especificação formal.

Os resultados desta pesquisa, com dados de corpus de áreas rurais, são comparados aos resultados de pesquisas tanto no âmbito da fala culta - Norma Urbana Culta do Rio de Janeiro - NURC-RJ, e quanto no da fala popular de áreas urbanas - Programa de Estudos do Uso da Língua - PEUL.

**BORBA, Lilian do Rocio (UNICAMP).** *Alguns aspectos sobre o uso de nós e a gente no português do Brasil.*

Este estudo tem como finalidade analisar alguns aspectos do uso da forma pronominal *a gente* com relação à sua variável padrão *nós* em alguns segmentos do português falado no Brasil.

Temos notado que o sistema de pronomes e formas pronominais da língua oral do português do Brasil vem sendo incrementado diversamente do que prevêem as gramáticas. O pronome *voce* há muito foi incorporado à escrita. Há algumas formas nominais que já são adotadas pelos falantes como formas pronominais. É o caso de *a gente*, *o cara*, *o pessoal*.

Fundamentamos nossa pesquisa nas obras já publicadas sobre a classe de pronomes no português do Brasil e, como objeto de análise, utilizamos as ocorrências das formas variáveis nas entrevistas coletadas pelos membros dos projetos NURC e VARSUL. Os dados serão analisados segundo a metodologia e os princípios da Teoria da Variação. Interessa-nos investigar em que medida a escolha da forma *a gente* em detrimento de *nós* correlaciona-se a fatores lingüísticos, tais como função sintática e coesão - e a fatores extra-lingüísticos tais como sexo e grau de escolaridade do falante.

NICOLAU, Eunice M. D. (UFMG). *Sobre o uso do sujeito nulo no português culto falado no Brasil.*

Tarallo (1993:89) afirma que, com base nos resultados encontrados por Tarallo (1983, 1985), segundo os quais, no português do Brasil (PB), a hierarquia para a retenção pronominal encontrada nos dados diacrônicos (SPs > oh. diretos > sujeitos) é substituída por outra, bastante diferenciada, nos dados de 1981 (sujeitos > SPs > obj. diretos), um argumento forte pode ser feito em relação à modalidade brasileira como um sistema em fase de transição de língua 'pro-drop' para 'não-pro-drop'. Essa posição é corroborada por Duarte (1993:124), para quem, no PB atual, os casos de sujeito nulo, à semelhança dos registrados no francês medieval, são meros resíduos de um paradigma que acabou por perder sua riqueza funcional.

Partindo dessas análises, o estudo aqui apresentado teve como objetivo principal responder às seguintes questões em relação ao uso do sujeito nulo no português culto falado no Brasil: (i) Qual a relação proporcional encontrada entre a ocorrência de sujeito pronominal nulo e a ocorrência de sujeito pronominal lexical na ordem SV? (ii) Que fatores (estruturais e não-estruturais) apresentam peso relativo favorável à ocorrência dos casos "residuais" de sujeito pronominal nulo?

Em função dessas questões, examinou-se, quantitativamente, um corpus constituído de 511 dados extraídos de três inquéritos do Projeto NURC/SP: 234, 360 e 405. De acordo com os resultados obtidos, o uso do sujeito pronominal nulo é registrado em 44% dos 198 casos de sujeito pronominal singular encontrados no corpus e mostra-se favorecido por sete dos quatorze fatores incluídos nos grupos apontados como significativos em relação à opção entre sujeito nulo e sujeito lexical. Com base nesses resultados, o uso do sujeito nulo não pode, portanto, ser caracterizado como um fenômeno residual e, conseqüentemente, não se confirma a hipótese de que o PB está deixando de ser uma língua "pro-drop".

OLIVEIRA, Fátima Helena Azevedo de (UFRJ). *A língua portuguesa de Moçambique - emprego de tu e você e a concordância verbal nas cartas dos informantes moçambicanos.*

O presente trabalho tem por objetivo descrever os fatores lingüísticos que condicionam o uso de *tu* ou *você* na escrita dos informantes moçambicanos de duas regiões-alvo: Maputo, capital do país, e Beira, segunda maior cidade. E, ao mesmo tempo, tentar detectar o que determina a concordância verbal com esses pronomes.

Dois hipóteses foram lançadas:

- Há uma mescla entre *tu* e *você* nas cartas dos informantes moçambicanos.
- Há uma predominância da terceira pessoa nas cartas dos informantes do Maputo, que motiva uma maior concordância verbal.

O corpus se constitui de 50 cartas de moçambicanos residentes em Maputo e Beira.

Para a seleção dos informantes e análise dos dados, consideraram-se as seguintes variáveis sociais:

- Nível de escolaridade - todos os informantes com a 9ª classe ou nível médio completo ou por completar (10ª, 11ª).
- Sexo: em cada região estudada 25% serão do sexo feminino e 25% dos informantes do sexo masculino.
- Regiões: Maputo e Beira

O estudo da utilização do *tu* ou *você* com os seus respectivos verbos é relevante a medida em que permite avaliar as diferenças étnicas da linguagem de país africano lusófono.

OLIVEIRA, Maria Thereza Indiani de (UFRJ). *Discursos masculino e feminino: a presença de marcadores conversacionais.*

Serão objeto desta comunicação os primeiros resultados obtidos na análise da língua falada de homens e mulheres no que diz respeito ao uso de marcadores conversacionais.

Fazemos primeiramente um estudo dos marcadores, mostrando de que forma são definidos por diferentes autores; em seguida, estabelecemos para eles uma tipologia de acordo com a função que desempenham no discurso falado.

O corpus analisado é constituído de oito inquéritos do tipo diálogo entre informante e documentador (Projeto NURC/RJ), quatro homens e quatro mulheres, a partir do qual efetuamos uma comparação entre a fala masculina e a feminina, com o objetivo de apontar as diferenças entre elas no emprego deste recurso conversacional.

PAIVA, Maria da Conceição de & EMMERICH, Charlotte (UFRJ). *Influências do substrato na variação e mudança lingüísticas.*

O português de contato falado na região do Alto Xingu apresenta características que o circunscrevem como uma variedade lingüística particular. Queremos mostrar, nesta comunicação, que, embora compartilhe com outras variedades do português diversos processos fonético/fonológicos variáveis, o português de contato apresenta índices estatísticos mais elevados desses processos. Assim, fenômenos de variação e mudança comuns no português como um todo parecem ser impulsionados na variedade xinguana. A explicação desse aumento estatístico requer referência não só a fatores extra-lingüísticos próprios da comunidade falante como também à estrutura fonético/fonológica das línguas nativas.

Pretendemos nos deter na importância do substrato no desempenho do falante do português como segunda língua. Passam por um aumento estatístico na variedade xinguana os fenômenos variáveis que encontram "ressonância" na estrutura da língua materna. Fenômenos variáveis que resultam em combinações sintagmáticas muito afastadas das cadeias possíveis na língua materna têm pouca chance de ocorrência na modalidade em questão.

RIZZARDI, Nelson Mário (UFPR). *Uso da gramática tradicional em análise da modalidade oral do português.*

Utilizou-se para este trabalho parte do acervo do Projeto Variação Lingüística Urbana do Sul (VARSUL), o projeto VARSUL objetiva criação de um banco de dados lingüísticos da Região Sul do País com a realização de censo lingüístico baseado na teoria da Variação Lingüística. Desta forma, efetua a documentação de dados representativos dos grupos demográficos básicos que constituem a população dos três estados formadores desta região.

Este trabalho tem por objetivo analisar o tópico *uso inadequado ou estranho de item lexical* que constava do manual de transcrições das entrevistas formadoras do banco de dados do Projeto VARSUL. A eliminação deste tópico do roteiro de transcrição em 1993 foi tomada como base de interesse para o presente estudo.

O corpus utilizado constituiu-se das doze primeiras entrevistas de cada uma das três capitais de cada estado, a saber, Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre, as quais ainda possuem em seu universo a marca identificadora do tópico supracitado.



O foco central da análise consistiu no estabelecimento de relações entre taxas de uso de 13 traços lingüísticos não-padrão que se mostraram produtivos na fala de 40 informantes nascidos e criados na região e características sociais desses mesmos indivíduos. Através de um programa estatístico que possibilitou o agrupamento de informantes com base em comportamentos lingüísticos, foi possível formar três grupos de informantes que apresentavam perfis lingüísticos semelhantes. Esses grupos puderam ser caracterizados em função dos graus de coesão das redes sociais dos indivíduos, estabelecidos a partir de uma escala construída com base em dois indicadores: a. relações sociais informais de trabalho e lazer; b. atitudes subjetivas de preferência pela vida no Morro ou na cidade.

**GALUÉ, DEXY (Universidad Central de Venezuela). *El queísmo en el habla de Caracas: un caso de variación lingüística.***

El objetivo de este trabajo es investigar el fenómeno lingüístico conocido como *queísmo*. Se entiende por tal la ausencia de la preposición *de* después de verbos pronominales o delante de frases nominales seguidas de una cláusula sustantiva encabezada por el subordinante *que*. Los ejemplos (1) y (2) ilustran dos construcciones verbales con *de* (1) y sin *de* (2):

(1) ... *me enteraba de que* alguien cantaba en alguna parte y volaba.

(2) ... y yo ni *me enteré que* me había llevado el cono ese.

Para la gramática normativa el uso apropiado sería el ilustrado en (1) y no el ilustrado en (2). La variación expresada en los ejemplos anteriores se denomina *queísmo*.

La hipótesis que me propongo demostrar es que el uso generalizado del *queísmo* en el español hace presuponer una tendencia hacia la desaparición progresiva de la preposición *de* con los verbos pronominales y con otras construcciones similares.

El trabajo parte de la premisa de que el *queísmo* es un fenómeno de variación en el habla motivado por factores lingüísticos y extralingüísticos. En consecuencia, tomo en cuenta para el análisis los siguientes factores lingüísticos: a) los contextos sintácticos y fonológicos en los que se presenta el fenómeno; y b) el principio de analogía postulado por Mollica 1989. Los factores extralingüísticos considerados son: el grado de educación formal, la edad, el sexo y el nivel socioeconómico de los hablantes.

El corpus de estudio para esta investigación está constituido por una muestra de 80 grabaciones de media hora cada una pertenecientes al proyecto *Estudio sociolingüístico del habla de Caracas, 1987* (cf. Bentivoglio y Sedano 1993). Los hablantes de la muestra son nativos de Caracas y están estratificados por edad, sexo y nivel socioeconómico. Los grupos generacionales seleccionados pertenecen a los niveles socioeconómicos alto, medio y bajo.

Metodología: después de haber extraído del corpus todos los contextos en los que puede darse el *queísmo*, los codifiqué y analicé estadísticamente por medio del programa Goldvarb 2.0 (Rand & Sankoff 1990).

Los resultados preliminares de esta investigación confirman la hipótesis de que el *queísmo* es un fenómeno lingüístico en aumento entre los hablantes de las generaciones más jóvenes. Las cifras obtenidas revelan que el mayor porcentaje (63%) de frecuencia del fenómeno se registra entre los hablantes de la primera generación (de 14 a 35 años), sexo femenino y nivel socioeconómico bajo.

**GARCIA JÚNIOR, Alfeu (UNESP-Assis). *Do sagrado ao profano: a convergência lexical entre o vocabulário do candomblé e a gíria dos michês.***

A gíria constitui-se como um vocabulário criptológico resultado da segmentação social e, conseqüentemente da tensão existente entre a cultura dos diferentes grupos.

Esse dialeto social reduzido ao léxico vem a ser uma marca caracterizadora do grupo que o emprega, cumprindo, dessarte, quer um papel criptológico, por representar um meio de segurança quanto ao ato comunicacional, quer um papel expressivo, na medida em que afirma a identidade grupal, promovendo sua coesão.

Nosso trabalho tem o objetivo de relatar fatos curiosos quanto à intersecção léxica entre o vocabulário do candomblé e a gíria dos michês no estado de São Paulo, tarefa sociolingüística que vimos realizando há dois anos.

**INDURSKY, Freda (UFRGS). *A reforma ortográfica e a cidadania.***

Esse trabalho analisa o discurso produzido no Brasil, através da imprensa, em torno do ante-projeto de unificação da grafia da Língua Portuguesa, contrastando-o com o discurso português, em torno da mesma questão. Inscreve-se, pois, no marco teórico da análise do discurso.

As posições-sujeito inscritas nestes dois discursos são contrastadas para examinar os efeitos de sentido que decorrem dessa diferença. Trata-se de posições-sujeito muito diferentes. Enquanto os portugueses estabeleceram uma relação de resistência contra a reforma, os brasileiros com ela se relacionam com indiferença.

Segundo Bourdieu, os símbolos são os instrumentos de integração social, tornando possível o consenso acerca do sentido do mundo social. E, em nosso entender, a língua é, dentre os diferentes objetos simbólicos, um dos mais poderosos, já que, ao identificar-se com ela, o sujeito estabelece sua identidade lingüística e, por seu viés, se constitui enquanto cidadão.

Pode-se, pois, estabelecer como hipótese que os portugueses identificam-se com sua língua, enquanto o mesmo não ocorre com os brasileiros. Sobre essa não-identificação dos brasileiros recai a análise e a reflexão nesse trabalho.

**LIMA, Maria da Glória S.B. (UFPI). *A escrita-usos, valores e implicações educacionais: uma abordagem etnográfica.***

Nesta comunicação, apresentam-se os resultados parciais de uma pesquisa sociolingüística que se desenvolve a partir da pressuposição de que as atividades de escrita, como desenvolvidas pela escola, não atendem às necessidades de sua clientela por não considerar aspectos sócio-culturais, inclusive lingüísticos, da comunidade em que está inserida.

Neste sentido, estão sendo investigados os usos e valores da escrita como usada pela população de um bairro da periferia de Teresina. Os resultados desta investigação serão, posteriormente, confrontados, analisados e discutidos frente aos efetivos usos da escrita, conforme desenvolvidos pela escola, a fim de se avaliar as prováveis implicações educacionais dessa prática escolar.

SILVA, Edila Vianna da; SANTOS, Adriana dos Santos c; PEREIRA, Vanessa Parisi Rodrigues (UFRJ). *O fenômeno de redução dos ditongos em dialetos do norte fluminense*.

Nossa pesquisa estuda a monotongação dos ditongos /ej/, /aj/ e /aw/ nas comunidades de fala popular do Norte fluminense e vincula-se ao subprojeto Aspectos Fonético-Fonológicos do Projeto APERJ (Atlas Etnolingüístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro). Este trabalho englobará três localidades da zona litorânea: Atafona, Gargaú e Guaxindiba.

Os dados utilizados foram recolhidos de entrevistas gravadas com pescadores nas localidades em questão. Os informantes foram organizados em três faixas etárias (A: de 18 a 35 anos; B: de 36 a 55 anos; C: de 56 anos em diante).

A pesquisa tem como base os pressupostos teórico-metodológicos da sociolingüística variacionista, e, para análise dos dados faz-se uso do programa computacional VARBRUL.

Nossa meta é verificar a ocorrência ou não-ocorrência da redução e delimitar os possíveis fatores lingüísticos e extralingüísticos que concorram para a realização do fenômeno.

SILVA, Rosiane Motta da (UFRJ). *Homonímia e polissemia na modalidade oral de línguas especiais*.

Esta comunicação tem por objetivo dar conta dos conceitos de homonímia e polissemia numa língua de especialidades - neste caso particular a dos pescadores artesanais da Região Norte-fluminense -, com base no *corpus* recolhido na localidade de Ponta Grossa dos Fidalgos - do acervo do Projeto APERJ (Atlas Etnolingüístico dos Pescadores de Estado do Rio de Janeiro).

Para a feitura deste trabalho foram realizadas etapas preliminares como transcrições grafemáticas dos inquéritos, obtidos por meio de gravações magnetofônicas e posterior digitação. Seguiu-se, a partir de então, a fase relevante para a concretização do que aqui se propõe, ou seja, a utilização do programa QEDIT, que permitirá a segmentação das lexias específicas do vocabulário do pescador artesanal em campos semânticos.

A classificação semântica das lexias deu-se a partir de um quadro semântico pré-estabelecido, que tem como objetivo sanar os problemas, até então existentes, de homonímia e polissemia na fala dos informantes, que de um modo geral, fazem uso de um mesmo vocábulo em diferentes contextos permitindo dessa forma, o emprego de diferentes acepções, como se comprova com o exemplo *pedra* - que pode significar tanto o que se encontra no fundo do rio, como o esconderijo do peixe ou ainda, fundeador do barco.

SILVEIRA, Elisabeth Santos da (UERJ). *Recuperação de informações: um banco de dados para pesquisas em lingüística*.

Este trabalho visa apresentar um banco de dados, modelado em *clipper*, cuja função é arquivar e recuperar, com maior precisão, textos de diferentes *corpora*.

Além do registro de informações sobre as variáveis sociolingüísticas que individualizam o informante, este banco de dados permite um levantamento inicial dos resultados da análise, através do cálculo de percentuais. Com a ativação do filtro, torna-se possível recortar o *corpus*, recuperando textos, a partir de diferentes variáveis, assim

como recuperar fragmentos textuais. A impressão pode ser direcionada para relatórios totais ou parciais, através da utilização do filtro.

SILVEIRA, Maria Eliza Luiz da (UFRJ). *Quantificação sufixal por campo semântico em corpus de fala oral*.

Esta comunicação tem por *corpus* o acervo de gravações magnetofônicas do Projeto Atlas Etnolingüístico dos Pescadores de Estado do Rio de Janeiro - APERJ -, na sua vertente lexicológica, léxico-semântica e lexicográfica, coordenada pela Professora Doutora Maria Emília Barcellos da Silva da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O interesse desta pesquisa foi gerado pela observação da produtividade dos processos formadores de palavras - especificamente o derivacional de caráter sufixal - quando da análise das entrevistas com pescadores artesanais do norte-fluminense.

Para a consecução dos resultados ora apresentados, avaliou-se a frequência de distribuição diferenciada de determinados elementos derivacionais nos campos semânticos em que se decompôs o universo da atividade em questão.

Os dados foram obtidos da perquirição de doze horas de gravação, com doze informantes, de duas localidades do norte-fluminense.

SILVEIRA, Nádia Mara da (UFAL). *A não-representação do /-r/ final no infinitivo na fala*.

Dentre as muitas variações encontradas no *corpus*, pretendemos nos deter, especificamente, na verificação da hipótese de que não há representação do /-r/ final no infinitivo, na fala, em crianças da primeira série do primeiro grau menor e sua respectiva professora, de uma escola da periferia de Maceió.

Faz-se necessário ressaltar, no entanto, que embora o tema já tenha sido referido anteriormente em diversas pesquisas, ele não perde sua importância, sobretudo numa pesquisa piloto, uma vez que nossa principal intenção é investigar se esta variação também ocorre na cidade de Maceió, pois, se assim for, há possibilidade de que esta não-representação na fala se reflita também na escrita, já que os estudos como os de Alvarenga, D. et alii (1989) e Lemle, M. (1982 e 1987), entre outros, reforçam que a forma sonora da fala, juntamente com a competência lingüística dos alunos são a base para aquisição da escrita e da leitura.

Em relação à amostra, pode-se inferir que está dentro dos parâmetros que uma pesquisa piloto em sociolingüística exigiria, ou seja, o controle das variáveis independentes de sexo, nível de escolarização e idade. No entanto, sobre o número de informantes, há que se considerar que não é o de melhor solução, de vez que se limita a apenas cinco. Também quanto à variável classe social: detivemo-nos na classe popular, não podendo esta pesquisa, por enquanto, fazer nenhuma afirmação genérica com os resultados obtidos, a não ser algumas inferências (cientificamente discutíveis).

Finalmente, é preciso enfatizar que a análise lingüística da pesquisa consistiu, unicamente, na observação da variação e mudança lingüística, ou seja, na não-representação do /-r/ final no infinitivo, na fala e suas implicações para o ensino da escrita, dentro da perspectiva da sociolingüística paramétrica.



**MEDEIROS, Luiz Cláudio Valente Walker de (UFRJ).** *Tempos verbais no discurso de informantes do Projeto NURC/RJ.*

O trabalho que pretendo apresentar diz respeito aos tempos verbais utilizados no discurso indireto e no discurso diretos produzidos na língua falada pelos informantes do Projeto NURC/RJ. (Norma Urbana Culta da cidade do Rio de Janeiro), sendo que a ênfase do meu trabalho está no discurso indireto. Para a análise possui um *corpus* de 90 ocorrências desses discursos, retiradas de três gravações feitas na década de setenta, que estão em fitas tipo cassete de inquéritos que eu transcrevi grafematicamente durante a primeira fase de trabalhos da minha bolsa de iniciação científica. Os inquéritos são do tipo Diálogo entre dois informantes (D2), são de números 36, 387 (ambos com informantes do sexo feminino, com idade entre 36 e 55 anos) e 307 (com informantes do sexo masculino, com idade de 56 anos para cima). São todos cidadãos da cidade do Rio de Janeiro, com formação universitária, para que possam ser considerados produtores de uma norma culta. Cada um desses inquéritos possui cerca de uma hora e meia. Cada ocorrência é formada tanto do próprio discurso, como do contexto no qual ele está inserido, para que o levantamento das hipóteses condicionantes da utilização dos tempos verbais seja completo.

Usando a sistemática da sociolinguística variacionista, procuro compreender a relação entre o tempo verbal que das orações que introduzem os discursos indiretos e o das orações a elas subordinadas. As diferenças na escolha do tempo verbal são encaradas como variação. Através de exame dos possíveis fatores condicionantes desta escolha, tento entender o processo de estruturação destes tipos de discursos.

**MELO, Zilda Zapparoli Castro (USP).** *Bases de dados do português falado de São Paulo.*

Objetivando o desenvolvimento de sistemas que permitam interação homem-máquina num ambiente de Banco de Dados, de modo a facilitar e otimizar a busca, organização e análise dos dados lingüísticos, temos trabalhado na informatização de *corpora* de língua portuguesa falada:

- *corpus* informatizado do português falado do Brasil (variante paulista): constitui-se de um Banco de Dados Lingüístico, ortográficos e fonéticos, a partir de uma pesquisa de campo desenvolvida no Estado de São Paulo, sendo estudada a Capital e duas regiões do interior do Estado - Campinas e Itu -, num total de 216 informantes e de 54 horas de gravação.

- *corpus* informatizado do Projeto NURC/SP - projeto de descrição da norma culta do português falado em São Paulo: constitui-se do conjunto de entrevistas contidas nos três volumes publicados pelo Projeto NURC/SP: Elocuções formais (Vol. I, 1986), Diálogos entre dois informantes (Vol. II, 1987) e Diálogos entre informante e documentador (Vol. III, 1988).

Para a constituição dos acervos informatizados, respeitaram-se as informações relevantes concernentes a variáveis extralingüísticas controladas na seleção dos informantes que forneceram material lingüístico para análise e a variáveis lingüísticas relativas ao contexto da enunciação e às especificidades da língua falada.

**MENON, Odete Pereira da Silva (UFPR).** *Português: língua de sujeito nulo?*

Tem-se afirmado, com muita frequência, que o português é uma língua cuja morfologia verbal marca suficientemente a pessoa do discurso, a ponto de ser desnecessária a presença do pronome sujeito na estrutura frasal. O uso do pronome sujeito teria, então, um caráter meramente enfático, estilístico. Conseqüentemente, formas verbais

extremamente marcadas, como as de 1ª pessoa do plural, sempre, e de 1ª pessoa do singular, na maioria dos tempos, não deveriam ser acompanhadas dos pronomes *nós* e *eu*, respectivamente, salvo nos casos de ênfase ou de marcação de contraste.

O presente trabalho visa à análise da ocorrência versus não-ocorrência dos pronomes de 1ª pessoa, no *corpus* constituído de 68 entrevistas do Projeto NURC de São Paulo, distribuídas em três tipos de gravação (estilo - EFs, DIDs, D2 - por três faixas etárias - 25-35 anos; 36-55 anos; 56 anos em diante - e por sexo.

A partir de um estudo sociolingüístico das ocorrências das duas variáveis, cujos resultados serão analisados pelo programa VARBRUL, pretende-se verificar se há condicionamentos lingüísticos relevantes na distribuição das formas. Também será verificado se, e em que medida, os fatores sociais - sexo e idade - e estilísticos - grau de formalidade das entrevistas - atuam na variação.

Com base nos resultados obtidos, será então possível demonstrar, tendo em vista o que uma análise informal apontou, que existe uma tendência ao uso crescente do pronome sujeito no português oral do Brasil, inclusive na modalidade culta, mais próxima, portanto, da língua padrão escrita. Assim, seria possível argumentar contra a afirmação de que o português é uma língua de sujeito nulo. A pesquisa sociolingüística estaria, dessa forma, trazendo subsídios para os estudos de sintaxe, além de se repensar sobre se ocorre realmente um processo de mudança no sistema, o que deveria ser corroborado por pesquisa de caráter diacrônico.

**MONTEIRO, José Lemos (UECE).** *A sínclise na fala urbana culta de Fortaleza.*

Do *corpus* que está sendo estabelecido para o Projeto "Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza" foi utilizada uma amostra de 24 (vinte e quatro) inquéritos distribuídos de acordo com o sexo, a faixa etária e modalidade de elocução, com informantes em sua totalidade nascidos em Fortaleza e filhos de pais fortalezenses.

Para a codificação e processamento dos dados, além dos grupos de fatores citados acima (sexo, faixa etária e modalidade de elocução) foram levados em conta fatores de ordem estrutural tais como a posição da sílaba tônica nas formas verbais, o tipo de clítico, a pessoa verbal, o número de sílabas do verbo, a estrutura da oração (s. afirmativa ou interrogativa), o tempo verbal, a pessoa gramatical, além de outros grupos de fatores que se mostraram irrelevantes.

Os dados foram analisados pelo programa VARNEWS para microcomputadores que acusou como tendência decisiva a aplicação da regra da próclise, confirmando nesse ponto o que algumas teses e dissertações já comprovaram e contradizendo o que em geral prescrevem as gramáticas publicadas no Brasil.

**MOURA, Maria Denilda (UFAL).** *A língua falada por crianças de 7 a 12 anos.*

Tomando como ponto de partida os verbos transitivos num padrão sentencial, este segundo Tarallo, Kato et alii, pretende-se verificar a incidência de categorias vazias em posição de sujeito e/ou em posição de objeto, a fim de observar na língua falada por crianças de 7 a 12 anos, em Maceió, qual a tendência de preenchimento dessas posições, tendo em vista o desaparecimento crescente do uso de clíticos no português falado no Brasil.

equivalência à forma em Calford; mais tarde, acrescentando-se a importância da situação novamente em Vinay & Darbelnet; até chegar ao ato tradutório como comunicação em Newmark e em Aubert.

**GAMA, Gustavo Ribeiro da (UFBA).** *Arthur de Salles e a tradução do Macbeth: a solução no tratamento dos SNs.*

Tentativa de mostrar como se comportou Arthur de Salles ao traduzir para o português as estruturas nominais do texto original. Na medida do possível, serão comparadas as suas soluções com aquelas encontradas em outras traduções do drama shakespeariano.

**LOPES, Maria Fabíola Vasconcelos (UECE).** *O papel coesivo da elipse verbal e oracional: um estudo contrastivo inglês - português.*

Em virtude de termos nos deparado com a elipse na cadeira de Análise Contrastiva no curso de Mestrado oferecido pela UECE (Universidade Estadual do Ceará) decidimos então, fazer uma pesquisa mais aprofundada acerca de tal assunto. E dada a complexidade do mesmo, nossa pesquisa passou a se restringir apenas à elipse verbal e oracional.

Tendo em vista a preocupação com a tradução de textos e tencionando dar uma contribuição nessa área, haja vista que nossa pesquisa tenta estabelecer os tipos de correspondência quanto ao uso da elipse verbal e oracional entre L.O. e L.C., duas indagações nos ocorrem: 1) Será que a elipse verbal e oracional ocorre com a mesma frequência nos textos de origem e chegada - inglês e português? 2) Caso não haja uma correspondência exata, que outros recursos são usados na LC no lugar da elipse verbal e oracional para manter a coesão do texto traduzido?

Para tais respostas, somente a comparação de texto nas duas línguas em questão, um original e outro em português. A escolha do texto - uma peça de teatro - deve-se ao fato de serem as elipses verbais e oracionais mais frequentes na linguagem oral. Baseamos, pois, nossos estudos em Halliday & Hasan para estudar a peça teatral "Glass Managerie" de Tennessee Williams e respectiva tradução "À Margem da Vida" de Léo Gilson Ribeiro.

**MENDES, Eliana Amarante de Mendonça (UFMG).** *Releituras da tradução e do colonialismo.*

É objetivo deste trabalho, primeiramente, fazer uma leitura crítica do 1º capítulo da tese de doutorado da Profª Else Ribeiro Pires Vieira, defendida na UFMG em 1992 e intitulada *Por uma Teoria Pós-Moderna da Tradução*, em que a mesma interpreta metaforicamente o conceito tradicional de tradução como a hierarquia de poder entre o colonizador e o colonizado, correlacionando traduzir/colonizar, tradutor/colonizado.

A partir dessa metáfora, Vieira faz sua leitura das traduções dos irmãos Haroldo e Augusto de Campos e de Silviano Santiago, como uma reação nacionalista ao jugo imperialista dos textos originais da literatura ocidental. Ela defende o trabalho tradutório dos autores citados, considerando que os mesmos "...descolonizam o espaço da tradução", fundindo duas culturas, valorizando a cultura receptora e limitando a universalidade de culturas centrais. Pretendo, no presente trabalho, fazer uma releitura da *praxis* tradutória dos autores referidos, onde adotarei uma postura linguística mais neutra, não patriótica, questionando alguns pressupostos que norteiam e tentam justificar tal *praxis*.

Pretendo também apresentar o reverso do trabalho de Vieira, apresentando o ponto de vista do imperialista quando traduz a obra da colônia. Faço a minha leitura de traduções de obras da literatura brasileira para o inglês, o francês e o alemão, baseando-me principalmente nas traduções de obras de Guimarães Rosa e Drummond.

## SEÇÃO 13 - DIALECTOLOGIA E CONTATO LINGÜÍSTICO

**AGUILERA, Vanderci de Andrade (UEL-PR).** *As polissílabas e as proparoxítonas no Atlas Lingüístico do Paraná.*

Este estudo tem como objetivo discutir as principais alterações fonéticas observadas nos itens lexicais polissilábicos e/ou proparoxítonos registrados na fala popular rural, constantes do *Atlas Lingüístico do Paraná - ALPR* - (Aguilera: 1990), ao lado de ocorrências semelhantes nos demais atlas estaduais publicados: Bahia (1963), Minas Gerais (1977), Paraíba (1984) e Sergipe (1987), já citados por Brian Head (1986).

O *corpus* constitui-se dos itens lexicais contidos em algumas das cartas analíticas e analítico-sintéticas de números 93 a 179 do *ALPR*, selecionados a partir das mudanças fonéticas que se traduziram em apagamento de um ou mais fonemas, produzindo, conseqüentemente, vocábulos de menor extensão e de tonicidade mais avançada na cadeia sonora.

**ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de (UFPB).** *A despalatalização e a iotização no falar paraibano.*

O princípio lingüístico da economia da linguagem atinge todos os níveis da linguagem. Porém é no nível fonético-fonológico que podemos perceber, de imediato, a aplicação desse princípio.

Esta percepção é ainda maior quando se trata do estudo do registro popular, coloquial e descuidado da fala. A tendência natural para a facilidade na articulação dos sons, neste registro, com junturas, assimilações, monotongações, apócpes, sínclipes, aféreses e contrações pode indicar marcas características da linguagem de pessoas de nível cultural mais baixo.

O fenômeno da despalatalização, seguido ou não de iotização é um caso típico de economia da linguagem, causado pela necessidade de facilidade de articulação e foi detectado no falar regional popular da Paraíba, a partir das pesquisas do *Atlas Lingüístico da Paraíba*.

**ARAÚJO, Joseph Ildelfonso de (Universidade Federal de Viçosa).** *Cartas lexicais e glossário popular rural: pesquisa dialectológica com nomes populares rurais de doenças de criações e culturas agrícolas.*

O presente trabalho é fruto de pesquisa desenvolvida nos 28 municípios de microrregião de Viçosa, Minas Gerais, abrangendo 210 propriedades rurais. A metodologia usada na busca dos dados foi por amostragem com um mínimo de 8 e o máximo de 16 propriedades observando, sempre que possível, uma equidistância entre elas.

A pesquisa dialectológica tradicional é feita, via de regra, apresentando ao informante a *coisa* para que ele forneça a *palavra*. Nesta foi adotada uma sistemática diferente porque procurava-se saber quais as culturas agrícolas



Não se levou em consideração nenhum parâmetro social para a seleção, pois a marcação de estranhamento está relacionada ao transcritor. A análise feita terá como elemento norteador a relação Gramática Tradicional *versus* língua oral, não importando, dessa forma, as marcas sociais do entrevistado.

**RODRIGUES, Ângela C. de Souza (USP).** *Concordância verbal no português do Brasil: o peso do fator idade.*

O estudo da aplicação da regra de Concordância Verbal (CV) no português falado na periferia paulistana mostrou-nos que: 1. a CV constitui área particular da gramática entrelaçada com os domínios social e cultural; 2. os usuários do português de São Paulo tendem a não aplicar sistematicamente a regra padrão de CV estabelecida pela gramática normativa, fato relacionado ao fenômeno mais amplo da redução de marcas de flexão. Neste caso, a regra de CV com o sujeito plural p4 (1ª pessoa do plural) e p6 (3ª pessoa do plural) constitui exemplo de regra variável (Labov, 1969, 1972), porque regra facultativa, que ora se aplica, ora não se aplica, em função de fatores internos e externos à língua.

Neste trabalho buscamos examinar o papel que o fator extralingüístico *idade* do falante desempenha no sentido de favorecer ou inibir a aplicação da regra de CV.

O material utilizado constituiu um total de 2049 orações com sujeito no plural, 693 de p4. e 1356 de p6, colhidas em entrevistas com favelados, isto é, 40 informantes adultos, 16 do sexo masculino e 24 do sexo feminino, analfabetos ou com até 4 anos de escolarização, não só da capital-paulistana, mas também de outras regiões do Brasil.

O recorte do contínuo que representa a idade dos informantes em três faixas etárias foi definido em função de sua inserção na força de trabalho: levamos em conta o vernáculo de falantes adultos com mais de 20 anos, pois, a partir dessa idade a população de baixa renda é vista como economicamente ativa. Foram considerados os estratos etários seguintes: 1. de 20 a 35 anos - adultos jovens; 2. de 36 a 50 anos - adultos de meia idade; 3. mais de 51 anos - adultos velhos.

Num primeiro momento, buscamos estabelecer correlações entre faixa etária dos falantes e aplicação da regra de CV; num segundo momento, observamos as características dos fatos de CV enquanto ou fenômenos estáveis ou fenômenos que apontam para uma mudança em progresso.

**RODRIGUES, Violeta Virgínia (UFRJ).** *Os vocábulos em -mente e suas funções.*

Análise da função dos vocábulos derivados em *-mente* na fala culta carioca, com base nos dados do Arquivo do Projeto da Norma Lingüística Urbana Oral Culta (NURC/BR).

O corpus estabelecido constitui-se de dezesseis inquéritos do tipo DID (diálogo entre informante e documentador), distribuídos pelas áreas semânticas "Casa" e "Família, ciclo da vida, saúde".

Este estudo integra, além do Projeto NURC, o Projeto Gramática do Português Falado, que visa à preparação de uma gramática referencial da modalidade oral da língua portuguesa.

Para o tratamento estatístico dos dados coletados serão utilizados os programas computacionais TACT e VARBRUL, objetivando-se questionar a hipótese de que os vocábulos derivados em *-mente* desempenham, preferencialmente, a função de modificador verbal - advérbio.

**SANTOS, Lúcia de Fátima & PEREIRA, Tânia Maria Augusto (UFAL).** *Um estudo preliminar sobre a vogal pretônica /e/ na escrita de crianças da 1ª série do 1º grau.*

Com o intuito de apresentar um conhecimento real e efetivo do Português falado no Brasil, vários pesquisadores têm procurado descrever os aspectos dialetais que evidenciam o caráter diversificado de nossa língua. Entre tais aspectos, a realização da vogal pretônica /e/ tem sido enfatizada por constituir um traço evidente das diferenças sociais e regionais.

Tendo como fundamentação teórica os diversos estudos que tratam da variação da vogal pretônica /e/, tanto do ponto de vista estruturalista, como o de Camara Jr. (1970), quanto do ponto de vista da sociolingüística, como os de Bisol (1988) e Bortoni et alii (1991), este trabalho constituiu uma tentativa de descrição da variação da vogal pretônica /e/ na escrita de crianças da 1ª série do 1º grau. Diante da conclusão de alguns estudos de que no dialeto falado pelos alagoanos a pretônica /e/ sofre tanto rebaixamento quanto levantamento, nosso propósito foi verificar se na situação de ditado, a fala de professora influencia a escrita das crianças.

A metodologia utilizada foi de cunho transversal, cuja coleta de dados transcorreu em duas etapas, ambas realizadas no contexto escolar. As crianças estavam distribuídas em três escolas de Maceió: 14 em escola de classe alta, 14 em escola de classe média e 14 em escola de classe baixa.

**SERRA, Maria Anecy Calland M. (UFPI).** *Oralidade/escrita: especificidades, inter-relações e interferências.*

A pretensão desta comunicação é focalizar aspectos de uma pesquisa sociolingüística que servirá de subsídio para nossa dissertação de Mestrado. O objetivo deste trabalho é refletir e levantar discussões sobre a importância da interação oralidade/escrita. Para tanto, pretende-se investigar aspectos da fala e da escrita tais como: especificidades, inter-relações, interferências, condições de produção e o processo de interlocução entre alunos de escola pública, no 1º grau, em Teresina (PI).

É nossa intenção clarear ou vislumbrar possíveis redirecionamentos do processo ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa no 1º grau.

**SILVA, Anne Kelly Santos da (UFRJ).** *O comportamento do verbo auxiliar e do verbo principal no vocabulário específico do pescador artesanal do município de Itaperuna-RJ.*

Pretende-se na apresentação da referida comunicação esboçar uma análise preliminar obtida a partir da classificação dos verbos - em auxiliar e principal - provindos do falar específico do pescador artesanal do Município de Itaperuna/RJ.

A partir de reuniões desenvolvidas pelo Subprojeto Léxico, decidiu-se que se levariam em conta na classificação vocabular, apenas os verbos *estar* seguido de gerúndio; *ter* e *haver* seguidos de participio; *ter* seguido de pronome relativo *que* ou preposição *de* e ainda, infinitivo; e finalmente, o verbo *ir* seguido de infinitivo, denotando a idéia de fato que se concretizará no futuro.

Seguindo-se a tal exposição, far-se-á uma comparação entre os informantes das três faixas etárias (A - de 18 a 35 anos, B - de 36 a 55 anos e C - de 56 em diante) pré-estabelecidas pelo Projeto APERJ (Atlas Etimológico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro) e cogitar-se-á o porquê de tal classificação.

3. Utensílios para tração animal: **cangalha**
4. Medidas de superfície: **salamim/salaminho**.
5. Diversos: **telha de aranha, primavera, coça vaca magra**.
6. **Pena d'água**.
7. Platínismo: **Muchacho**

A análise dos termos acima pode ser feita do ponto de vista da simples descrição dos objetos e da sua nomenclatura, mas também pode envolver os aspectos históricos, as etimologias, a origem étnica dos usuários, etc.

**LUCCHESI, Dante (UFBA); BAXTER Alan (La Trobe University-Austrália); ALMEIDA, Norma Lúcia & CARNEIRO, Zenaide (UEFS).** *O sistema de artigos no dialeto rural afro-brasileiro de Helvécia.*

O sistema de artigos é um dos itens que Bickerton (1980 e 1984) usa para definir a tipologia estrutural das línguas crioulas. Não obstante os questionamentos feitos à sua análise (cf. Janson, 1984, e Lucchesi, 1993), não resta dúvida de que os artigos são inexoravelmente atingidos no processo de criouliização.

Implantado no Brasil no final de 1992, o Projeto **Vestígios de Dialetos Crioulos em Comunidades Rurais Afro-brasileiras** busca reunir evidências da relevância dos processos de criouliização para a formação do português popular do Brasil, hipótese retomada dentro de uma perspectiva sociolinguística a partir da década de 1980 (cf. Guy, 1981 e 1989, e Holm, 1987 e 1992).

Esta análise, realizada no âmbito do Projeto **Vestígios**, concentra-se no sistema de artigos do dialeto afro-brasileiro de Helvécia (extremo sul do Estado da Bahia). Desde o primeiro estudo que se fez sobre esse dialeto (cf. Ferreira, 1969), foram destacados traços que apontam para um processo anterior de criouliização. Ao comparar os resultados obtidos com os de estudos de línguas crioulas de base portuguesa, esta análise busca encontrar no sistema de artigos do dialeto de Helvécia evidências empíricas de sua criouliização prévia. O corpus analisado é constituído por 24 inquéritos de fala vernácula, com 24 informantes, distribuídos por três faixas etárias e divididos equitativamente pelos dois sexos. O método de análise é definido no quadro teórico da Sociolinguística Variacionista (cf., p. ex., Labov, 1972 e 1982), utilizando-se o pacote de Programas VARBRUL (Rousseau e Sankoff, 1978). A variável dependente **presença/ausência do artigo definido/ indefinido** é correlacionada, no plano estrutural, ao nível de **referência do SN, à presença de outros determinantes no SN e à natureza do nome núcleo do SN**. A correlação com as variáveis sociolinguísticas visa a iluminar as tendências de mudança no dialeto, verificando-se a hipótese de sua descuiolização (cf. Baxter e Lucchesi, 1994).

**LUCCHESI, Dante (UFBA); BAXTER, Alan (La Trobe University-Austrália) & GUIMARÃES, Maximiliano (UFBA).** *A concordância de gênero como um traço descuiolizante do dialeto rural afro-brasileiro de Helvécia.*

A marcação variável de gênero no SN (ex: o **minha sobrinho**) é uma das características que distinguem o dialeto de Helvécia (extremo sul da Bahia), dentro do panorama dos dialetos rurais brasileiros, no qual normalmente não se observa tal variação, encontrando-se uma situação próxima à da norma padrão (cf. Veado, 1982).

Desde o primeiro estudo sobre esse dialeto (Ferreira, 1969) até as investigações mais recentes (Baxter, 1982; Baxter & Lucchesi, 1993; e Megency, 1993) foram identificados em Helvécia traços que apontam para uma transmissão linguística irregular, inerente às situações de criouliização. Assim, numa perspectiva que destaca os

processos de criouliização na formação do português popular do Brasil (cf. Guy, 1981 e 1989; Holm, 1987 e 1992; Baxter & Lucchesi, 1994), o dialeto de Helvécia representaria um estágio anterior no *continuum* descuiolizante que caracteriza os dialetos rurais brasileiros.

A análise sistemática da variação na concordância de gênero em Helvécia, dentro dos parâmetros da Sociolinguística Variacionista, busca evidências empíricas para o processo de mudança em direção ao padrão (i.e., descuiolizante) observável nesse dialeto. A análise é feita sobre um *corpus* de 24 inquéritos de fala vernácula, com informantes de três faixas etárias divididos equitativamente entre os dois sexos. Utilizando-se o suporte do pacote de programas VARBRUL, pretende-se definir como é feita a marcação base de gênero na variação. São avaliadas as seguintes variáveis estruturais: posição do constituinte no SN, seu estatuto sintático e a saliência fônica. As variáveis externas são avaliadas visando a se chegar a inferências sobre as tendências de mudança no comportamento linguístico da comunidade.

**NAVAS, Maria Victoria (Universidad Complutense-Madrid).** *Dos situaciones de contacto, dos realidades diferentes: el português y el español en Europa y América.*

En esta comunicación se pretende, partiendo de la bibliografía conocida sobre el dialecto fronterizo - entre otros Rona (1965), Hensey (1972) y Elizaincín (1979) - y de la bibliografía y el trabajo de campo sobre el dialecto barraqueño - Vasconcelos (1939) y Navas (1991) - hacer un estudio comparativo entre las situaciones de contacto entre el português y el español en América del Sur y en la Península Ibérica.

**OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de (UFMS/UNESP/Car).** *O léxico do homem pantaneiro: considerações no campo da alimentação.*

Partindo da concepção de língua como mecanismo produtor e veiculador da cultura, da ideologia e do comportamento de um povo, podemos entender que o contato entre culturas pode provocar, também, o contato entre línguas. Assim, estudar uma língua significa, também, considerar fatores ambientais tanto de natureza sociocultural quanto física que, por vezes, acabam influenciando o sistema de vida e o pensamento da comunidade. Entendendo-se, pois, a língua como reflexo da visão de mundo de um grupo, podemos considerar que os diferentes fatos linguísticos estão, em certa proporção, vinculados às próprias características desse grupo, cujas marcas podem ser observadas, sobremaneira, no nível lexical.

Tomando, pois, como parâmetro as relações **língua-cultura-sociedade** e a noção de **palavra testemunha** utilizada por Matoré (1953), este trabalho apresenta resultados de um estudo efetivado acerca de um recorte do **léxico do homem pantaneiro**. Aqui, focalizar-se-á apenas o campo lexical referente à **alimentação** - pratos típicos da região -, procurando demonstrar em que proporção os itens lexicais pertencentes a esse campo refletem marcas socioculturais dessa comunidade, ou seja, as possíveis relações existentes entre esses hábitos alimentares e as características étnicas desse grupo de falantes.

Enfim, o trabalho procurará verificar não só em que proporção fatores como a localização geográfica do Pantanal, as características físicas dessa região e os aspectos sócio-econômicos condicionam a opção por determinados tipos de alimentos em detrimento de outros, como também, identificar possíveis incidências de forças sociais sobre a estruturação do léxico.



TFOUNI, Leda Verdiani & CARREIRA, Alessandra Fernandes (USP). *A utilização de portadores de texto como índice de participação/exclusão nas/das práticas sociais.*

Os portadores de texto são objetos culturais, matrizes sociais que sintetizam o resultado de um processo sócio-histórico de elaboração dos usos e funções da escrita (como exemplo, podemos citar o livro, a bula, o folheto de instruções, etc.). Em uma sociedade letrada, conhecer e saber utilizar portadores de texto é fator fundamental para o processo de participação/exclusão nas/das práticas sociais. A hipótese deste trabalho é que não é a alfabetização que garante a maior ou menor participação nessas práticas, mas antes o grau de letramento dos indivíduos, podendo este ser avaliado pelo número de portadores de texto que são conhecidos e utilizados nas atividades diárias. Para investigar esta hipótese, foram estudados dois grupos de adultos de Ribeirão Preto, ambos alfabetizados e com grau de escolaridade praticamente idêntico, mas que se diferenciam com relação ao tipo de atividade exercida no trabalho: o primeiro grupo é composto por pessoas que residem e trabalham na zona urbana; enquanto que no segundo temos pessoas que residem na zona urbana e trabalham na zona rural ("bóias-frias"). Através da entrevista, levantou-se quais portadores de texto eram utilizados pelos dois grupos como mediadores tanto em suas atividades de leitura e escrita cotidianas (lazer, atividades domésticas, correspondência, etc.), quanto no trabalho. Os resultados mostram uma homogeneidade entre os dois grupos com relação aos portadores de textos utilizados nas atividades cotidianas de leitura e escrita, quer com relação à quantidade, quer com relação ao tipo (para ambos os grupos os portadores mais citados nas atividades de escrita são: carta e bilhete; nas atividades de leitura são: jornal, livro, revista e gibá). Por outro lado, existe uma diferença marcante entre os dois grupos quanto à utilização de portadores como mediadores das atividades de trabalho: enquanto que o grupo que trabalha na zona urbana declarou 21 portadores (sendo os mais citados: bilhete, relatório, carta e nota fiscal), os "bóias-frias" declararam apenas um: folha de pagamento, sendo que a atividade de leitura/escrita neste caso resume-se à assinatura do nome. Durante a apresentação deste trabalho, discutiremos estes dados relacionando-os com a hipótese inicial, e com o processo de exclusão gerado pela não-inserção nas práticas letradas, ou seja: pelo processo social (e ideológico) que interdita, mesmo para grupos alfabetizados, as práticas de leitura/escrita mediadas por portadores de texto específicos. (CNPq/USP).

## SEÇÃO 12 - TRADUÇÃO

BARROS, Maria Cândida Drumond Mendes (Museu Emílio Goeldi). *"Estratégia da tradução bíblica" como modelo de uma política missionária.*

A proposta do trabalho será delinear as características da política lingüística da missão Summer Institute of Linguistics (SIL), localizar seus antecedentes na tradição evangélica (o tradutor bíblico da Reforma Européia) e suas idiossincrasias, como por exemplo o uso da lingüística permeando sua prática de tradução.

O SIL, fundado em 1936, é um caso exemplar de missão que tem sua prática de conversão centrada na tradução do Novo Testamento para línguas vernáculas. Esse estilo evangélico de conversão - também chamado do SIL de "Bible Translation Strategy" (Dye 1979) - foi definido internamente como aquele em que formalmente as atividades religiosas do missionário se reduzem à tradução, sem exercer nenhuma atividade eclesiástica (não realiza cultos públicos, batismo ou casamentos) (Dye 1979). A preocupação central do missionário é pela construção de uma equivalência para o discurso bíblico numa língua ágrafa. Este processo é controlado pelo missionário, um falante estrangeiro, trabalhando conjuntamente com um falante nativo no papel de ajudante de tradução.

Para a missão, o papel da Lingüística é fornecer critérios institucionais para medir a equivalência semântica entre o texto original e a tradução, permitindo determinar se uma tradução foi fiel ou não.

BARROS, Maria Cândida Drumond Mendes (Museu Emílio Goeldi). *Sentido literal missionário na língua indígena.*

O uso missionário das línguas indígenas no processo de conversão religiosa representa um caso de criação de uma semântica cristã, como ocorre com o Summer Institute of Linguistics (SIL), uma missão evangélica especializada na tradução bíblica para línguas ágrafas. O interesse desta comunicação será, a partir da revisão da literatura sobre tradução bíblica produzida pelo SIL, apresentar este processo como um caso de aculturação semântica.

Uma característica religiosa do SIL é ser fundamentalista, ou seja, possuir uma posição "literalista" na forma de interpretar a Bíblia, em oposição à concepção "allegórica", identificada como sendo a da igreja católica e de alguns grupos protestantes. Manter a literalidade não significa traduzir palavra por palavra. Este seria o caso de "tradução literal", condenada pelas normas da missão. A literalidade desejada pelo missionário é ao nível da sentença-tipo, para a qual a tradução deve atribuir um significado fixo e não-ambíguo.

Ação missionária fundamentalista em torno da tradução bíblica para línguas ágrafas será delineada através do conceito de "sentido literal cristão", concebido como um jogo de linguagem estabelecido pelo missionário na conversão, delineado aqui através de três características: i) A tradução missionária estipula critérios de similaridade entre sentidos cristãos e não cristãos. ii) A tradução missionária introduz um aspecto da cultura do missionário - em especial do evangélico - que é a escrita. iii) Os critérios de similaridade estabelecidos pelo missionário pela tradução são formas de exclusão dos significados tradicionais daquelas expressões.

FREDERICO, Diva Camargo (USP). *A equivalência tradutória sob a ótica de Catford, Vinay & Darbelnet, Newmark e Aubert.*

Conforme o enfoque esteja centrado na forma, na mensagem ou no ato comunicativo, varia, entre os autores, a ênfase dada à noção de equivalência aplicada à tradução. Dos cinco especialistas na área, será examinada, inicialmente, a perspectiva de Catford (1965), para quem a equivalência constitui-se na essência da definição tradutória; também julga que, para a prática tradutória, o problema principal consiste em encontrar, após a análise do texto da Língua Fonte (LF), a equivalência formal da Língua Meta (LM). Já para Vinay e Darbelnet (1958, 1977), a equivalência não se encontra na forma, uma vez que a colocam na mensagem e na situação; outrossim, consideram a equivalência como uma das categorias técnicas da tradução. Por sua vez, a equivalência apresenta-se para Newmark (1981) relacionada às funções da linguagem; vincula-a ainda à frequência do uso das estruturas gramaticais e lexicais das LF e LM, ao valer-se do princípio do efeito equivalente a ser produzido nos leitores do texto traduzido. Mais recentemente, Aubert (1989) tem aprofundado a reflexão sobre a equivalência textual, ressaltando que a tradução terá de ser um compromisso entre: a) fidelidade - ao emissor do texto na LF e ao receptor do texto na LC; e b) diversidade - entre autor/tradutor, códigos, culturas, épocas, etc. De acordo com as considerações sobre a equivalência, tecidas pelos cinco teóricos, pode-se verificar que não só o conflito de lealdade ao autor ou leitor mas também a ênfase na LF ou LM constituirão sempre uma questão crucial para a teoria e prática tradutórias. Por outro lado, pode-se, através das diferentes conceituações por eles apresentadas, observar a evolução da Tradutologia, desde uma valorização quase total da mensagem em Vinay & Darbelnet; passando para um vínculo maior da

BECKER, Bertilo & POERSCH, José Marcelino (PUC-RS). *Polaridades psicolingüísticas*.

Conseitua-se polaridade psicolingüística em termos de alterações de estados de consciência, detectadas como alternâncias ou discontinuidades no comportamento verbal e não-verbal.

Usa-se uma analogia com o formalismo de operadores da Mecânica Quântica para formalizar o conceito de estado de consciência e suas transições.

Um sistema computacional foi usado para efetuar estudos de casos sobre textos, especialmente transcrições de diálogos e de narrativas orais, à procura de regularidades no comportamento verbal consistentes (ou também incongruentes) com o comportamento não-verbal concomitante, relacionadas a estados emocionais ou outras formas alteradas de consciência.

Desses estudos surgiram aquelas características que são aqui referidas como polaridades lingüísticas.

GAMARRA-DURÁN, Stalin (Universidad de los Andes-Venezuela). *La transformación de la isotopía visual en isotopía táctil*.

En el culto conocido como Chimbangle de san Benito, manifestación religiosa comunidades afro-venezolanas del Estado Zulia, pero principalmente y de forma más pura en la región Sur del Lago de Maracaibo, se han condensado sincréticamente y de manera jerárquica elementos componentes de la fe religiosa cristiana y la africana, en donde se sitúan las transformaciones generadoras de nuevas relaciones, producidas por el hombre, entre los sujetos y los objetos "fabricados" en los que se han vertido nuevos valores.

Dentro de la elaborada jerarquía del Chimbangle, el Primer Capitán, que es el encargado de vigilar que las ceremonias correspondientes al rito se cumplan a cabalidad, en un momento dentro de la amplia temporalidad de la celebración del rito, se aproxima al santo (san Benito está sincrétizado con Ajé, deidad africana) en el espacio externo y en una especie de éxtasis, rodeado de una multitud alborotada más no atenta a lo que ocurre, establece un "diálogo" visual silencioso con ese sujeto - el santo -, transformado en actor sintático y llevado a un encuentro - conjunción - con el sujeto observador en su afán de alcanzar lo divino; operación que se figurativiza en el acto proxémico de la exploración táctil. Quizá sea este deseo de conjunción con lo divino, con ese "desconocido" que baila en el espacio paratópico después de haberse transformado en deidad africana en el espacio tópico, uno de los momentos más conmovedores y sublimes, momento estético, de todo el rito y celebración del Chimbangle de san Benito.

MINARRIETA, Myriam (Uruguay) & ALISEDO, Graciela (Argentina). *¿Cómo aparece hoy la cultura "pós-electrónica"?*

A partir de los criterios que sustenta Walter J. Ong en ORALIDAD Y ESCRITURA - Tecnologías de la Palabra, Londres, 1982, pueden interferirse algunos de los rasgos que caracterizarían la cultura universal posterior a la electrónica. Si ésta última es el resultado de la evolución de la cultura escrita desde la etapa "caligráfica", pasando luego por la "tipográfica", en el caso de que la nueva cultura "electrónica" desplazara a la "tipográfica" del lugar que ha ocupado en la formación de las jóvenes generaciones ¿ que perspectivas comportaría esa sustitución? El análisis de la situación conduciría, aparentemente, a la consideración de nuevas formas posibles de estratificación cultural en las sociedades humanas: por un lado, los individuos que, partiendo de la cultura tipográfica, desarrollaran

las formas de pensamiento analítico que dieron origen a la electrónica; por otro, los que, partiendo de un contacto con el texto casi exclusivamente confinado en la pantalla, alcanzaran apenas el nivel de desarrollo intelectual necesario para funcionar como usuarios de una tecnología que no serían capaces de producir.

MOINO, Ruth Elisabeth Lopes (UFSC). *Lingüística teórica e lingüística computacional - o elo perdido*.

Por se tratar de um campo bastante novo e pouco pesquisado no Brasil, a lingüística computacional - e aqueles que trabalham com ela - causa uma certa curiosidade aos demais lingüistas. Esta comunicação caminha no sentido de explorar um pouco os objetivos dessa nova (inter)disciplina, suas aplicações e, também, sua relação com a lingüística teórica. Para tanto, tocaremos em outro campo de conhecimento - se assim podemos chamá-lo - o da Inteligência Artificial, tentando esclarecer sua relação com a Lingüística Computacional e estabelecendo uma distinção entre esta e o Processamento de Linguagem Natural.

Partiremos, assim, de um histórico da área - um *state of the art*, passando por seus objetivos gerais e examinando suas aplicações, encaminhando a comunicação uma discussão mais cuidadosa que delimite com mais clareza a relação entre a lingüística teórica e a computacional. Nesse sentido, procuraremos mostrar que os resultados alcançados em lingüística teórica são muitas vezes ignorados por aqueles que trabalham com lingüística computacional em função de dois problemas: dificuldade de formalização de algumas sub-áreas da lingüística e dificuldade de implementação de tais resultados em máquina por imposições de ordem computacional. Esses fatos certamente colocam questões interessantes para a lingüística teórica, questões com as quais ela não está acostumada a lidar.

OLIVEIRA, Josane Moreira de (UFBA/UEFS/FACS). *Lingüística e informática: uma dupla implicação*.

A comunicação objetiva mostrar onde a Informática e a Lingüística se encontram e em que medida uma contribui para a outra, destacando, por um lado, o uso do computador no ensino de língua e, por outro, o uso de conhecimentos da Lingüística na Ciência da Computação, sobretudo na área de Inteligência Artificial.

PANDJIARJIAN, Cristina; OLIVEIRA, Sérgio Lopes de & RABELLO, Silvana. *Psicanálise e linguagem: revisitando Saussure*.

A partir de delimitação do objeto e do campo da lingüística estabelecida por Saussure, através do método estrutural o encontrada no "Curso de Lingüística Geral", pretende-se verificar o lugar da psicanálise enquanto disciplina implicada no campo da linguagem, uma vez que as idéias de Saussure contribuem nesta direção.

Podemos verificar a preocupação com a linguagem, na psicanálise, desde os trabalhos inaugurais de Freud. Ao longo de toda a sua obra, revelou o papel preponderante da linguagem na teoria e *práxis* psicanalítica como possibilidade de conhecimento e de intervenção junto ao outro, mas sobretudo, por considerá-la fundamental como construção da subjetividade humana.

Nos encontramos, portanto, em meio a discussões que envolvem diferentes áreas de conhecimento, que apontam para uma transdisciplinariedade. Em função destas questões, temos pesquisado não só na psicanálise, como também, dentro da lingüística, um espaço para estas articulações.



e criações (*coisas*) existentes na propriedade e as respectivas doenças (*palavras*). Por isso um grande número de cartas lexicais onde aparece o nome da criação ou cultura agrícola com o(s) nome(s) da(s) doença(s) e de algumas pragas tidas, muitas vezes no meio rural, como doença.

Foram elaboradas 354 cartas lexicais com os nomes das doenças. Cada localidade (município) apresenta um número variado de cartas, dependendo da carga informativa obtida nas propriedades. O seu número varia de 12 a 39 por localidade.

**COUTO, Hildo Honório do (UnB).** *As consoantes pré-nasalizadas e a interpretação da nasalidade vocálica do português pelo crioulo.*

Como sabemos, já na época de formação do crioulo da Guiné-Bissau o português possuía vogais nasais. As línguas da costa oeste-africana de cujo contato com o português surgiu o crioulo não tinham vogais nasais mas sim consoantes pré-nasalizadas. Assim, o objetivo desta comunicação é: 1. mostrar que as vogais nasais portuguesas foram interpretadas como a sequência V+N no crioulo; 2. que as consoantes pré-nasalizadas do crioulo só são segmentos pré-nasalizados complexos a nível fonético, pois a nível fonológico subjacente elas constam de N+C; 3. que, quando é o caso, o N da sequência V+N de 1 coincide com o N da sequência N+C de 2; e que, portanto, isso é um argumento em prol da hibridologia lingüística do crioulo, contrariamente ao que defendem as teorias superestruturalistas, como a de Robert Chaudenson, e as teorias universalistas, como a de Derek Bickerton.

**CRUZ, Maria Luíza Segura da (Universidade de Lisboa, Portugal).** *Aspectos morfofonológicos privativos do Barlavento do Algarve.*

A comunicação tem por objectivo apresentar alguns aspectos morfo-fonológicos deste dialecto, que se inclui no grupo dos dialectos centro-meridionais portugueses.

Partindo da descrição fonética do dialecto, evidenciam-se as alterações que, relativamente ao português-padrão, se operaram a nível morfológico e das quais se apresentam como principais resultados os seguintes:

- criação de redundâncias nas oposições de número ou de género em certos paradigmas substantivais, pela existência de alternâncias vocálicas entre singular e plural ou masculino e feminino;
- neutralização da distinção de género em certos adjectivos;
- neutralização das distinções criadas pela metáfora, presentes no português-padrão, no presente do indicativo dos verbos da 2ª conjugação;
- presença de distinções não existentes no português-padrão entre os modos indicativo e conjuntivo dos verbos da 1ª conjugação, originadas por alternâncias vocálicas.

**HEAD, Brian F. (SUNY/Albany).** *O vocabulário de origem africana e indígena na linguagem popular.*

O presente estudo examina a ocorrência, na linguagem popular, de palavras de duas origens distintas: as indígenas e as africanas. A descrição fundamenta-se nos dados do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* e outras fontes de documentação. Para fins de análise, adotam-se as seguintes perspectivas: a extensão dos termos das respectivas

origens no domínio do léxico popular, suas ocorrências segundo o campo semântico, a distribuição geográfica e a relação entre o uso e diversos fatores sociais.

Como conclusão, o estudo comenta as diferenças entre os dois setores do léxico enfocados, segundo as fontes de origem aqui discriminadas, e apresenta algumas hipóteses para explicá-las.

**ISQUERDO, Aparecida Negri (UFMS/UNESP-CAr).** *O nome do seringal: aspectos de uma microtoponímia.*

A toponímia brasileira apresenta configurações muito distintas dadas as próprias características étnicas, históricas, sociais, físicas e geográficas do País. Assim, os designativos geográficos de uma região, na especificidade de suas nomenclaturas, oferecem diferentes possibilidades de análise. O presente trabalho apresenta resultados parciais de um estudo que está sendo efetivado a respeito da toponímia utilizada pelos seringueiros do Estado do Acre na nomeação dos seringais. Focalizaremos, pois, aspectos de uma microtoponímia uma vez que se está analisando tão somente um recorte da toponímia do Estado - os nomes dos seringais.

Nesta análise, estamos tomando como hipótese o princípio de que o léxico, por registrar as diferentes fases da vida de uma comunidade, acaba, também, por espelhar a visão de mundo, as expectativas de vida e a realidade histórica e cultural do grupo. Assim sendo, o estudo do signo toponímico - cuja função precípua reside na especificação e na identificação de lugares - pode fornecer elementos para esclarecer muitos aspectos referentes à história política, econômica e social de uma região.

Além da análise de prováveis fatores histórico-sociais e ambientais condicionantes da escolha dos nomes, o trabalho apresenta, também, um estudo tanto da estrutura lingüística dos topônimos como da respectiva classificação dessas designações a partir do modelo taxionômico apresentado por Dick (1992).

Enfim, procurou-se considerar nesse estudo, além das possíveis motivações semânticas do denominador - tanto do ponto de vista individual quanto coletivo -, os condicionantes tempo-espaciais e os aspectos antropológicos presentes na denominação.

**KLASSMANN, Mário Silfredo (UFRGS).** *Notas etnolingüísticas à margem do Atlas Lingüístico-Etnográfico do Brasil-Sul (ALERS).*

Um atlas lingüístico-etnográfico possibilita uma série de estudos de ordem cultural. Os levantamentos lexicais, a partir de um questionário bem formulado, permitem-nos, além dos estudos lingüísticos propriamente ditos, estudos históricos, geográficos, étnicos também das realizações materiais de uma comunidade que são a sua herança social.

Seguimos a orientação de *palavras e coisas*, lembrando, contudo, que a herança social de uma comunidade não compreende exclusivamente a cultura material mas também os hábitos sociais de seus integrantes.

O ponto de partida para o nosso estudo são as palavras recolhidas com a aplicação do questionário semântico-lexical do ALERS de 640 itens abrangendo 15 esferas semânticas e se referem (neste trabalho) exclusivamente ao Rio Grande do Sul.

O material recolhido ainda não está totalmente transcrito por isso escolhemos apenas algumas expressões que nos pareceram de maior interesse etnolingüístico:

1. Meios de transporte: **arunha - charrete - feito - cadeirinha.**
2. Tipos de arado: **rodossaco/rodissaco**

se para ambos os grupos índices equivalentes de **repetições literais** (esquizofrênicos: 47%; "normais": 47%) e percentuais praticamente idênticos de **repetições não literais** (esquizofrênicos: 32%; "normais": 34%). Considerando que as justificativas não-lógicas e as repetições não literais podem ser indicadores de comprometimento do pensamento lógico, conclui-se que é ao nível da justificativa, e não da repetição, que podem ser encontradas diferenças no desempenho de ambos os grupos. Por outro lado, o padrão de desempenho similar na etapa de repetição permite postular a existência de dificuldades em ambos os grupos, o que nos faz supor que fatores tais como a patologia e o afastamento das práticas urbanas letradas concorrem para a dificuldade de descentração. Esses dados fornecem argumentos para uma discussão a respeito da participação ou exclusão das práticas letradas, que levaria em consideração outros fatores (além daqueles tradicionalmente invocados, como a alfabetização), tais como o grau de familiaridade com a vida urbana e alterações comumente atribuídas a estados patológicos.

## SESSÕES DE COMUNICAÇÕES COORDENADAS

### TEXTO: ARENA DE LUTA PELA SIGNIFICAÇÃO

CORACINI, Maria José R. Faria (UNICAMP). *A aula de línguas e as formas de silenciamento.*

Esta comunicação tem por objetivo refletir sobre a fala do professor no discurso de sala de aula de língua materna e língua estrangeira no que diz respeito ao silenciamento do aluno. O professor parece imbuído da imagem socialmente partilhada, segundo a qual o bom professor é aquele que expõe o seu saber de forma a poder saciar aquele que dele precisa; o bom professor é aquele que veicula o significado do texto a ser lido, cuja verdade deve ser compreendida e assimilada. É nas relações com o outro, no caso os alunos, que esse imaginário se realiza (cf. Foucault). Tal atitude é tacitamente corroborada e autorizada: afinal, cabe a ele, aluno, ouvir e assimilar o que o mestre tem a dizer. A maior consequência desse controle pelo professor que, respaldado pela instituição escola, luta por todos os meios, inclusive pela argumentação, para garantir o espaço de significação que acredita ser seu, é o silêncio dos alunos. Silêncio que se manifesta seja pelas respostas lacônicas, seja pela simples atitude de escuta ou por atitudes de total displicência. Ao lado da manifestação de anuência, essa atitude pode ser ainda interpretada como uma manifestação de conflito. Este trabalho pretende ainda estudar as formas da materialidade lingüística que garantem o controle e a estabilidade do significado, dentre as quais destacam-se as modalidades, assertivas e lógicas, e algumas formas de heterogeneidade mostrada. Para tal, serão analisadas aproximadamente 10 aulas de leitura em língua materna e língua estrangeira no primeiro e no terceiro graus de ensino, na cidade de São Paulo. Este trabalho é parte do componente Interação em aula de leitura do Projeto Integrado FAPESP *Interação e Aprendizagem de Língua: subsídios para a auto-formação do professor de 1º grau.*

CARMAGNANI, Anna Maria G. (PUC-SP). *O jornal e o desejo de homogeneização dos sentidos.*

O objetivo do presente trabalho é analisar os efeitos de sentido provocados na primeira página de três jornais brasileiros tendo em vista a relação estabelecida entre manchetes, fotos, lides e legendas.

Partimos do pressuposto que o funcionamento discursivo de textos de cunho jornalístico visa a reforçar um significado, uma leitura dos fatos, assegurando, assim, a homogeneidade no relato do "real" que se pretende objetivo.

A linha teórica adotada baseia-se nos conceitos advindos da escola francesa de Análise do Discurso (Pêcheux, 1969; Foucault, 1969, 1971) e no conceito de dialogismo de Bakhtin (1988).

Pretendemos com o trabalho contribuir para uma reflexão sobre as condições de produção do discurso jornalístico por considerarmos o jornal um dos textos mais difundidos em nosso contexto cultural.

Essa pesquisa é parte do componente *Interação em aula de Leitura* do projeto temático FAPESP *Interação e Aprendizagem de Língua: Subsídios para a Auto-Formação do Professor de 1º Grau.*

SOUZA, Deusa Maria de (USP). *Ideologia e a posição do sujeito-leitor no processo de ensino-aprendizagem em LE.*

O tipo de sistema educacional que encontramos em uma determinada sociedade está em relação com as estruturas e significados daquela sociedade, com todas as suas contradições refletidas nas contradições inerentes num sistema educacional em particular.

Ao considerarmos a questão da aprendizagem de uma língua, devemos olhar para a língua alvo através da sociedade como um todo. Na nossa relação com a linguagem, nossa participação na atividade lingüística está sempre relacionada com o processo de formação de textos.

A nossa relação com a língua estrangeira dá-se, geralmente, através de textos (material didático), que por sua vez, são mediados pela instituição escola. Considerando que textos são organizados a partir de um ponto na estrutura social e cultural, a aprendizagem de uma língua estrangeira é um aspecto de um processo abrangente.

A fim de percebermos processos ideológicos perpassando textos, precisamos compreender não só processos envolvidos na formação de textos, mas também, a posição do produtor do texto e do leitor em relação a ele.

O presente trabalho pretende analisar, a partir de uma perspectiva discursiva, textos veiculados em instituições educacionais formais e utilizados como material didático para o ensino de leitura em LE. Gostaríamos de sugerir que os textos por nós selecionados têm a ver com o aspecto de "instrução" do leitor, no sentido de "ser/estar informado" e no sentido de "ser comandado" para atender a um tópico em particular, a alguma área do conhecimento e à autoridade.

Além disso, ao examinarmos os textos num contexto de *livro-didático*, percebemos que os produtores de textos constroem "posições" para que os leitores ocupem, na tentativa de "guiá-los" em direção a uma determinada leitura.

GRIGOLETTO, Marisa (USP). *As margens e o centro da significação na construção do texto-aula.*

Pretende-se nesta comunicação analisar a função e o papel do aluno na construção do "texto-aula" na disciplina Língua Estrangeira - Inglês em escolas da rede pública de São Paulo. Neste contexto, entende-se por texto-aula todas as intervenções lingüísticas dos agentes que participam da aula, a saber, professor e alunos.

A análise do *corpus* - que consiste em observações de aulas e gravações em áudio, além de entrevistas com alunos e professores - será realizada sob a perspectiva da Análise do Discurso, que considera as condições de produção como determinantes para a interpretação das relações interativas entre os sujeitos do discurso em questão.

A análise irá revelar que há duas posições a serem ocupadas pelos sujeitos - professores e alunos - na construção do texto-aula: são elas a posição de centro e de margens da situação de enunciação. Interessa-nos discutir a qualidade e o tipo de intervenção reservados ao aluno no centro da situação de enunciação, de um lado, e em suas



SAVEBRA, Mônica (UERJ) & HEYE, Jürgen (PUC-RJ). *A flexão verbal no tempo passado em bilingües português-alemão.*

Este estudo analisa as manifestações discursivas de indivíduos bilingües em línguas portuguesa e alemã, a partir do emprego da flexão verbal para referenciar o tempo passado. O bilingüismo é considerado uma condição particular, estabelecida pelos diferentes contextos de aquisição e domínios funcionais de uso de duas línguas. A produção lingüística de bilingües é tratada em um determinado estágio de bilingüidade, em diferentes ambientes comunicativos, tais como familiar, social, escolar e profissional. A investigação é conduzida, experimentalmente, com três grupos distintos de informantes, selecionados pela competência lingüística em língua portuguesa e/ou alemã: bilingües em língua alemã e portuguesa (informantes do tipo AP); nativos de língua alemã, sem competência em língua portuguesa (informantes do tipo A) e nativos de língua portuguesa, sem competência em língua alemã (informantes do tipo P). A coleta, a codificação e a análise dos dados é feita a partir dos resultados obtidos com um pré-teste, aplicado nos moldes de uma investigação sociolingüística, com abordagem interacional. Para a investigação do emprego da flexão verbal, são estabelecidos parâmetros delimitativos conceituais, levando em consideração a gramática do texto e o uso efetivo da língua em um determinado gênero textual-discursivo, a narrativa. A pesquisa é realizada com dois tipos de narrativa: elicitada e experienciada. Ambas nas modalidades oral e escrita. O uso de tempos e formas verbais é analisado quantitativamente, pela frequência e percentual de uso, e qualitativamente, pelo tipo de flexão utilizada. Os resultados confirmam a hipótese de que o emprego da flexão verbal é um emprego gramático-discursivo, uma vez que se manifesta, diferentemente, em relação ao tipo e à modalidade da narrativa.

SCHWARTZ, Onaide (UNESP-Assis). *O léxico do campo semântico do fabrico do melado, da rapadura e do açúcar caseiro no falar de Taramã-SP.*

Nossa comunicação relata trabalho que se integra na linha de pesquisa "Linguagem Popular Falada" do Curso de Pós-Graduação em Letras da FCL/UNESP-Assis, e pretendeu recolher e transcrever material lingüístico de dialeto rural em extinção, e documentar dados etnolingüísticos sobre o fabrico do melado, da rapadura e do açúcar caseiro no falar de Taramã, SP, para levantamento do léxico correspondente e sua estruturação em campo semântico da experiência humana.

Através de entrevistas gravadas a partir de questionário apropriado, e transcritas segundo normas adaptadas do Projeto NURC/SP, estabeleceu-se o *corpus*, que se configurou em representativo material de estudo para múltiplas análises lingüísticas, e documentário etnolingüístico, através da elaboração do léxico e de sua estruturação no campo semântico do fabrico do melado, da rapadura e do açúcar caseiro, onde o sentido das lexias foi determinado pela presença de outras da mesma área lexical, referentes ao mesmo tema cultural.

VASCO, Edina Stadler. *Análise variacionista de t e d em sílabas finais átonas.*

O presente trabalho tem como objetivo analisar e comparar as realizações de *t* e *d* em sílabas finais associadas à pronúncia da vogal final, no que se refere ao seu alocamento (e para *d*). Foram escolhidas para essa análise duas cidades representativas no estado do Paraná que são: Curitiba (capital) e Irati (zona de imigração eslava).

O *corpus* usado para esse trabalho constitui-se de parte do acervo de coletas feitas pelo projeto VARSUL - "Variação Lingüística Urbana na Região Sul do País". Desse acervo foram escolhidos 12 informantes da primeira

faixa etária (25 a 50 anos), sendo 6 de cada idade, distribuídos igualmente por sexo e escolaridade (primário, ginásio e 2º grau).

A quantificação dos dados e os resultados estatísticos foram obtidos a partir dos programas "Varbrul" versão 1992 - que têm como objetivo implementar modelos matemáticos que procuram dar tratamento estatístico adequado a dados lingüísticos variáveis, analisados sob a perspectiva da teoria da variação laboviana.

VIEIRA, Hilda Gomes (UFSC). *Variantes dialetais em Santa Catarina: alguns dados do Projeto ALERS.*

Meu objetivo, nesta comunicação, é apresentar algumas variantes da língua portuguesa falada em Santa Catarina com base no *corpus* do "Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul", Projeto Integrado que ora se desenvolve nos três estados (Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina) por pesquisadores, nas universidades (UFRGS, UFPR e UFSC) dos respectivos estados, sob a coordenação de Walter Koch e financiado por CNPq e FINEP. Atenho-me, hoje, especialmente, às respostas ao Questionário Fonético-Fonológico (QFF), aplicado a informantes pouco escolarizados, em 80 localidades distribuídas pelo Estado de Santa Catarina. Nosso Estado tem sido contemplado, ao longo de sua história, por contingentes de imigrantes de origens as mais diversas (alemã, italiana, espanhola, japonesa, portuguesa, açoriana e polonesa) e por contingentes de migrantes (vicentinos, paulistas e gaúchos) que vieram imprimir traços diversificados nos falares da região. Esta diversidade, que se configura na horizontalidade, apresenta características marcantes nas realizações fonético-fonológicas cujo conhecimento é de grande relevância para a determinação de áreas dialetais brasileiras, preocupação constante em estudos lingüísticos no Brasil da atualidade, muito embora os primeiros trabalhos dialetológicos no país datem, já, de 1957, com Nelson Rossi. Os dados do ALERS, em Santa Catarina, nos permitem levantar hipóteses de maior, ou menor, extensão com alguns fatos fonéticos, entre os quais podem ser destacados os seguintes: a) realização dos fonemas /t/ e /d/ em alguns contextos (estudados por FURLAN, O.A.: 1989, CARDOSO, S.A.M.: 1993 e alguns atlas lingüísticos do Brasil); b) ditongação das vogais /a/ e /u/ tônicas em final de vocábulo, seguidas de /s/; c) elevação das vogais /e/ e /o/ em sílaba átona. Estudos sobre estes fatos foram realizados no Paraná por MERCER, J.L. da V.: 1993, e, conforme o autor, os primeiros resultados têm sido "sugestivos". Acredito poder oferecer subsídios, não só aos pesquisadores interessados nas áreas dialetais, como também aos professores da língua portuguesa padrão no Estado.

## SEÇÃO 14 - LINGÜÍSTICA E OUTROS RAMOS DO SABER

ALCOFORADO, Ihering Guedes. *Pragmática e planejamento.*

A comunicação aponta a possibilidade analítica da pragmática no campo do planejamento, apresentando o quadro de referência inspirado na extensão que Habermas faz da pragmática a partir da teoria dos atos de fala de Austin, Searle e da leitura de Apel da semiótica tridimensional de Morris.

Associa a semântica, a sintaxe e a pragmática às três experiências paradigmáticas do planejamento operacional, a teoria do planejamento e o planejamento "prático", mostrando que a estruturação deste último através da pragmática permite a reintrodução no campo do planejamento da dimensão moral via a ética do discurso de Apel/Habermas.

BALDAN, Maria de Lourdes Ortiz Gandini (UNESP/CAr). *O sentido do significante.*

O estudo das funções da linguagem tem tido um papel interessante nos estudos lingüístico-literários: ao mesmo tempo em que é convocado para explicar qualquer fato de linguagem, não há muitos estudos que tenham efetivamente mostrado o seu aproveitamento possível.

A contraditoriedade dessa questão talvez se deva ao fato, surpreendente, de que a teoria das funções é estudada de forma incompleta e fragmentária. Ao lado da teoria, de base informacional, encontramos vários outros conceitos que não podem ser pensados separadamente. A saber: os conceitos de dominante, do princípio de projeção, do paralelismo, de hierarquia, de elemento-marcado, além de dois outros que representam o efeito do funcionamento de todos esses elementos - os conceitos de metáfora e metonímia.

Cada conceito desses tem uma história e representa um elemento fundamental na rede de relações da poética de Roman Jakobson. Falar de um é pressupor os outros. Qualquer tentativa de redução seria simplificar, de forma excessiva e enganadora, o que, por definição, não pode existir separadamente. Discutir essas questões, mostrar a sua interdependência, fixar um universo mínimo sem o qual a poética de Jakobson sofre todo tipo de incompreensões; esses são os objetivos deste trabalho.

## PROJETO DISCURSO E GRAMÁTICA: ICONICIDADE NA FALA E NA ESCRITA

CHAVEGATTO, Valéria Coelho (UERJ/Universidade Gama Filho). *Estratégias icônicas de codificação lingüística nas descrições.*

A análise processual dos fatores cognitivos e comunicativos que são postos em operação quando alguém produz um texto descritivo mostra que o uso da língua não é arbitrário como a tradição lingüística tem postulado; ao contrário, nas descrições de locais, por exemplo, o falante codifica sua experiência de mundo na linguagem com o objetivo de oferecer a seu interlocutor um ícone diagramático do local que descreve, escolhendo formas de representar na estrutura da língua a sua percepção de mundo descrito. Uma descrição visa a construir na mente do interlocutor um ícone figurativo do objeto descrito. Portanto, tal como o funcionalismo givoniano postula, a sintaxe nasce no discurso, fundada em princípios cognitivos.

Ao contrário da seqüencialidade temporal que é privilegiada em textos narrativos, as descrições são estruturadas a partir da percepção das relações espaciais e dos aspectos sensoriais que o falante capta na realidade descrita, segundo as propriedades específicas do objeto descrito, onde ora se inclui como parte do objeto - uma descrição subjetiva, ora se exclui, descrevendo apenas o mundo observado, produzindo uma descrição objetiva (Beaugrande, 1993).

Uma descrição será considerada adequada pelo interlocutor, quando, através dos pontos relevantes que o falante destaca no objeto, tal representação icônica poder ser formada em sua mente. Isto só se torna possível quando o diagrama fornecido pela codificação da descrição corresponder, pelo menos em parte, ao modelo mental ou protótipo do objeto descrito que seu interlocutor tem arquivado na mente. Não preenchendo tais condições sintático-discursivas, uma descrição será considerada inadequada ou incompleta, levando o interlocutor a interferir com perguntas ou sugestões daquilo que espera seja destacado pelo falante em uma descrição.

Segundo nossa análise, a representação do tipo figurativa é construída através da representação icônica diagramática. As interferências dos entrevistados na fala dos informantes aconteceram nas descrições subjetivas,

porque as informações fornecidas pelos informantes, por intercruzarem outros gêneros além do eminentemente descritivo, parecem insuficientes para permitir formar na mente do entrevistador um ícone figurativo do objeto descrito.

ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão de (UFRJ). *A indeterminação do sujeito: um fenômeno escalar.*

Neste trabalho, inicialmente, são analisadas as duas vertentes da indeterminação do sujeito: a indefinição e a referencialidade. Lançando mão da teoria dos protótipos, é traçada uma escala que dá conta do domínio do fenômeno e indicado o seu grau prototípico. São verificadas, após, as pressões intra e extra-sintêmicas que atuam na realização do fenômeno e considerados a atuação do princípio da **iconicidade**, e processos de **gramaticalização em curso**.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da (UFRN). *Iconicidade, gramaticalização e negativa.*

Este trabalho se insere numa linha de pesquisa de orientação funcionalista que leva em conta o uso real da língua como um instrumento de comunicação (Givón 1979, 1984, 1990, 1991, 1993). A possibilidade de diferentes mecanismos na negação na fala de Natal/RN é examinada sob a perspectiva do princípio de iconicidade e do paradigma de gramaticalização. As construções sob exame compreendem: a) o uso de *não* apenas antes do Sintagma Verbal (ex. Com a Luz acesa a gente *não* conseguia dormir); b) o uso do duplo *não*, um antes do sintagma Verbal e outro no fim da oração (ex. Se pegar catapora tem nada *não*). A questão central que procuro responder é: qual é a trajetória dos mecanismos de negação canônica (antes do SV), dupla negação e negação apenas no final da oração? Em que grau esses três tipos de construção negativa podem ser resultado da manifestação do princípio de iconicidade e do paradigma de gramaticalização? Vou trabalhar com o *corpus* do projeto **Discurso & Gramática** de Natal, examinando as negativas de textos orais e escritos sobre os seguintes tópicos: narrativa de experiência pessoal, narrativa reconstruída, relato de procedimento, opinião sobre tema polêmico e descrição de local aprazível.

## PROJETO DISCURSO E GRAMÁTICA: GRAMATICALIZAÇÃO

SALOMÃO, Maria Margarida M., (UFJF). *A gramaticalização do aspecto em português.*

O estudo da *gramaticalização* das perífrases aspectuais do português, tomando como ponto de partida a hipótese de *motivação cognitiva da gramática* (que preside o atual florescimento da chamada "lingüística cognitiva": Lakoff 1987; Langacker 1987, 1991; Sweetser 1990), tanto quanto a revivescência do interesse pelo fenômeno lingüístico da *gramaticalização* (Heine, Claudi & Hünnemeyer 1991; Traugott & Heine 1992), demonstra a operatividade neste processo de *procedimentos figurativos de transferência metafórica* (do domínio conceptual do *espaço* para o *tempo* e da *estrutura de eventos*) assim como de *procedimentos diagramáticos de condensação metonímica*, manifestada, no plano sintático, através de uma fusão oracional.

Nossa análise, restrita, no momento, ao conjunto de *perífrases gerundiais*, oferece fundamento empírico às hipóteses gerais sobre a dimensão icônica da gramatogênese.



Sendo assim, o interesse maior de nosso estudo é elaborar uma fundamentação teórica para a articulação da leitura dos fenômenos de linguagem e a clínica psicanalítica, possibilitando a produção de conhecimentos científicos e o diálogo entre os diferentes profissionais que partilham desta questão.

PICUÉ, Jorge Ferro (UFPR). *Onoma e logos no "Sofista" de Platão.*

No Crátilo Platão amplia a *orthotes* dos nomes para incluir além do vínculo natural correto entre *onoma* e *prâgma*, também o uso correto de um nome, i.é., sua aplicação correta ao que ele denomina.

Ao construir duas ações relativas aos nomes (denominação e uso) permite que sem abandonar o vínculo natural nome-coisa possa-se dizer o falso, contrariando assim pela primeira vez o paradoxo da opinião falsa, pois se partirmos do esquema

V F

prâgma<sub>1</sub> - ónoma<sub>1</sub> prâgma<sub>2</sub> - ónoma<sub>2</sub>

podemos aplicá-lo ao *lógos* uma vez que este nada mais era até então do que um nome mais complexo

V F

prâgma<sub>1</sub> - lógos<sub>1</sub> prâgma<sub>2</sub> - lógos<sub>2</sub>

Esta solução no entanto é parcial uma vez que se restringe apenas a *logoi* positivos com um referente existente. Platão ao tentar no *Sophista* entender a possibilidade de existirem enunciados falsos (sem referente) e negativos (que afirmam a inexistência de algo) descobriu uma nova dimensão da linguagem humana e a partir daí reformulará a tradicional noção de *ónoma*.

Até o *Sophista*, a única possibilidade de falsidade do *lógos* seria ele possuir um *ónoma* que esteja atribuído, assignado, erroneamente, contaminando com sua equivocidade o todo discursivo. A refutação completa do paradoxo da opinião falsa se baseará no estabelecimento do *lógos* não como um *ónoma* amplificado e conseqüentemente este deverá ser redefinido dentro da nova estrutura do *lógos*. Esta estrutura é composta de *ónoma* e *rhema* (Sof. 261 e 262 a), sendo as *praxeis*, sejam ações ou estados, denominados pelos *rhemata* e o *ónoma* significaria o participante (*pratton*) ativo ou passivo. Sendo assim a solução será internalizar no interior da linguagem um esquema que lhe era exterior:

onomádzein légein

ousía ← ónoma ← rhema

Há no entanto uma discrepância entre a Doutrina das Formas e a Análise Docotônica do *Lógos*. As formas participam umas das outras de forma recíproca e simétrica enquanto Platão claramente estabelece apenas o *ónoma*, e não o *rhema*, como núcleo e fundamento de um *lógos* (Sof. 263 a).

Creemos que os motivos que levaram Platão a esta decisão são pelo menos três:

1º) motivo histórico: a antiga tradição referencial do termo. Desde o seu sentido mais restrito de "nome próprio" e seu ancestral vínculo mágico com o *pragma*, até seu sentido mais amplo de "palavra" e seu caráter convencional em Demócrito e em sofistas tais como Pródico, o *ónoma* sempre foi percebido como o ponto de maior proximidade entre a Linguagem e Mundo( o que hoje chamaríamos de *semanticity*).

2º) motivo argumentativo: Platão escolhe o *ónoma* por expressar uma *ousía*, i.e., a Forma (Homem, Animal, etc...) ou uma coisa individual concreta. Dessa forma pode tomar o seu interlocutor o fundamento real que permite a existência de uma frase falsa ("Tetoto voa"), pois o *rhema* apenas se refere a Formas (não há "verbos próprios" como existem "nomes próprios").

3º) motivo lingüístico: a investigação filosófica sobre o paradoxo da opinião falsa fez com que Platão se

defrontasse com características universais da linguagem humana. Ao afirmar que um *lógos* é necessariamente *lógos* de algo (Sof. 262 a) sendo este algo expresso pelo *ónoma*, acaba por se aproximar da noção de tópico, intuitivamente percebido pelos falantes do grego (Sof. 263 a).

Concluindo, Platão no *Sofista* explicita duas características universais da linguagem humana. Primeiramente o seu caráter produtivo uma vez que o que caracteriza o *lógos* é ser essencialmente a combinação de *ónoma* e *rhema*. Em segundo lugar explicita que um dos elementos dessa combinação, o *ónoma*, se distingue de qualquer outro, pois sobre ele é que o enunciado se estabelece.

Sendo assim apesar da crítica platônica ao caráter precário da linguagem humana, sobrepticamente, ele estabelece na natureza lingüística do nome o fundamento de sua refutação do paradoxo da opinião falsa.

SANTOS, Emmanocl (UFRJ). *Lingüística e teoria do cinema.*

Partindo de um ou de outro lado, os relacionamentos possíveis diretos ou indiretos, entre a Lingüística e o Cinema e, especialmente, entre a Lingüística e a Teoria do Cinema.

O movimento da Teoria do Cinema em direção à Lingüística, com ou sem mediação. A aproximação dos objetos da Lingüística e da Teoria do Cinema, implícita na visão teórica de Eisenstein. Analogias propostas entre o Cinema e a gramática das línguas naturais. A gramática tradicional tomada como modelo. O aparecimento contestador da Semiologia e seu papel mediador na contribuição da Lingüística para a postulação e fortalecimento de uma particular teoria do Cinema.

Aproximações problemáticas: o caso da gramática gerativa. Teorias do Cinema que não têm motivações para um relacionamento com a Lingüística.

Lucros obtidos pela Teoria do Cinema em suas incursões pelos campos da Lingüística e a contrapartida: o aparecimento de problemas pedindo solução a curto prazo (um dos quais a Lingüística Aplicada está capacitada para enfrentar).

TFOUNI, Leda Verdiani; SANTOS, Manoel Antônio dos; ANTÔNIO, Gisele Tavares & VENTURINI, Luciana Petenucci (USP). *A "patologia" e a familiaridade com a vida urbana como fatores de exclusão das práticas letradas.*

A literatura científica afirma que um dos resultados do processo de alfabetização seria a capacidade de descentração do raciocínio, o que permitiria que indivíduos alfabetizados consigam compreender raciocínios lógico-verbais (silogismos). Afirma-se ainda que o fator principal que garante o processo de inserção do indivíduo nas práticas sociais letradas é a alfabetização. Neste trabalho, pretendemos investigar a influência de outras variáveis neste processo, a saber: a condição psicopatológica e o grau de familiaridade com a vida urbana. Foram estudadas dois grupos de adultos alfabetizados da região de Ribeirão Preto (SP): um deles formado por dez pacientes esquizofrênicos; outro, por quatorze adultos "normais", residentes na zona rural. Investigou-se o desempenho de ambos os grupos em uma tarefa de compreensão de silogismos, a fim de verificar indícios de dificuldades para estabelecer conexões lógicas de pensamento, que, como já vimos, são associadas à aquisição da escrita. O teste aplicado foi estruturado na forma de dez silogismos e compreendia três etapas: resposta, justificativa e repetição. A análise comparativa dos resultados obtidos permite constatar que: (1) na etapa de justificativa, há um maior índice de justificativas lógicas entre os "normais" (64%) em comparação com os esquizofrênicos (46%); estes apresentam ainda 36% de justificativas não lógicas, contra apenas 15% do grupo "normal". (2) na etapa de repetição, observam-

## ÍNDICE REMISSIVO

ABREU, Antônio Suárez 73  
ABREU, Maria Tereza Tedesco Vilardo 183  
AGUIAR, Ana Cristina de 98  
AGUIAR, Maria Sueli de 171  
AGUILERA, Vanderci de Andrade 203  
ALARIO, Antonietta 116  
ALBÁN, María del Rosário Suárez de 144  
ALBUQUERQUE, Maria do Socorro Paz e 144  
ALCOFORADO, Doralice F. Xavier 117  
ALCOFORADO, Ihering Guedes 209  
ALISEDO, Graciela 210  
ALKMIN, Tânia Maria 184  
ALMEIDA, Cirlene Magalhães 144  
ALMEIDA, Evanilda Marins 118  
ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos 107  
ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão 219  
ALMEIDA, Norma Lúcia 206  
ALTMAN, Maria Cristina F. S. 35  
ALVARES, Ana Maria 142  
ALVES, Virgínia Colares Soares Figueirêdo 80  
ANDRADE, M. Lúcia da Cunha Victório de Oliveira 81  
ANGELIM, Regina Célia Cabral 118  
ANGENOT, Jean-Pierre 172, 175, 182  
ANTÔNIO, Gisele Tavares 213  
ANTUNES, Maria Irandé 118  
AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de 81  
ARABI, Soraiá L. 113  
ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de 203  
ARAÚJO, Antônio Martins de 91  
ARAÚJO, Gilda Maria Lins de 119  
ARAÚJO, Joseph Ildelfonso de 203  
ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago 108  
AUGUSTO, Marina R. A. 59  
AVOLIO, Jelssa Ciardi 145  
AZEVEDO, Elizabeth Macedo de 184  
AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de 45  
BALDAN, Maria de Lourdes Ortiz Gandini 218  
BALDWIN, Elizabeth 147  
BALTAZAR, Marco Antonio Rocha 172  
BANDINI, Maria Beatriz Gobby 220

BÁRBARA, Leila 119  
BARRETO, Therezinha Maria Mello 91  
BARROS, Diana P. de 18  
BARROS, Kazue Saito Monteiro de 81  
BARROS, Maria Cândida Drumond Mendes 200, 201  
BARROS, Regina Celeste Rocha de 152  
BARZOTTO, Valdir Heitor 120  
BASÍLIO, Margarida 42  
BASTOS, Lílíana Cabral 120  
BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa 92  
BATISTA, Eliete Figueira 185  
BAXTER, Alan 206  
BECKER, Bertilo Frederico 113, 210  
BENTZ, Ione M. G. 74  
BEZERRA, José Ribamar Mendes 147  
BIDARRA, Clemara 120  
BISOL, Leda 22, 26  
BITTENCOURT, Vanda de Oliveira 59  
BOHN, Hilario I. 145  
BOLÍVAR, Adriana 121  
BONINI, Adair 121  
BORBA, Lílian do Rocio 185  
BORDAS, Miguel Angel García 74  
BORGES, Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira 173  
BORTONE, Márcia Elizabeth 186  
BRAGA, Alzerinda de Oliveira 173  
BRAGA, Maria Luiza 60  
BRANDÃO, A.C. 146  
BRANDÃO, Helena H. Nagamini 40, 48  
BRANDÃO, Roberto de O. 40  
BRANDÃO, Sílvia Figueiredo 186  
BRITO, Célia 60  
BRITO, Ana Maria 44  
CALDAS-COULTHARD, Carmem Rosa 23  
CALICCHIO, Francisco 122  
CALIL, Eduardo 98  
CALLOU, Dinah 36  
CAMACHO, Roberto Gomes 175  
CAMPETELA, Cilene 53  
CAMPOS, Cristine L. F. M. 127  
CAMPOS, Elizabeth Quireza 122  
CAMPOS, Odette G. L. Altmann de Souza 186



margens, de outro: e as decorrências desses diferentes modos de ocupação de lugares pré-estabelecidos para a construção da significação do texto-aula. Finalmente, serão apontadas algumas conseqüências dessas formas de intervenção do aluno para o seu processo de aprendizagem da língua estrangeira.

## A AQUISIÇÃO DA ESCRITA POR CRIANÇAS DE ESCOLA BÁSICA

SALOMÃO, Maria Margarida Martins (UFJF). *A construção da autoria como função lingüístico-textual em redações escolares de 1ª a 5ª série.*

MOURA, Lúcia Helena Furtado & TAVELA, Maria Cristina Weitzel. *Estratégias de descentramento na representação de informação espacial em escritas escolares.*

MIRANDA, Neusa Salim & SANTOS, Teresinha Barroso. *A repetição lexical como recurso coesivo em redações de 1ª a 5ª série.*

DUQUE, Maria Teresa Mendonça; DEL GAUDIO, Sandra Maria Andrade & SCAFUTTO, Maria Luísa. *Ecos da fala do professor na escrita dos alunos.*

As comunicações propostas referem-se a relatos de desenvolvimento de Projeto Integrado "A construção da textualidade em redações escolares de 1ª e 5ª série" (UFJF-CNPq 500629/91-9), que assume como pressupostos a concepção funcionalista sobre o fenômeno da linguagem e a concepção sócio-constructivista quanto à aquisição do conhecimento da escrita.

As hipóteses gerais que mobilizam e integram os subprojetos de pesquisa presumem que

(a) o desenvolvimento da aptidão da escrita procede pela expansão do conhecimento epilingüístico acessível a cada indivíduo;

(b) sob um prisma pedagógico, a expansão do conhecimento de que se trata requer tanto a interação do sujeito com a cultura letrada como a intervenção de seu professor, como leitor-interlocutor.

A pesquisa, cujo progresso vimos relatar, é de natureza longitudinal e refere-se a um banco de dados originado em 1991, e que contém, no momento, escritas escolares de 1ª a 5ª série.

As comunicações que apresentamos sumarizam resultados de pesquisa, respectivamente, sobre

(1) a maximização da função subjetificadora e a liberação gradual do sujeito na manipulação de esquemas conceituais e textuais, de tal modo que os instrumentos de produção da coerência sejam menos mecanicamente dependentes destes;

(2) o desenvolvimento no emprego de anáforas pragmáticas e discursivas que se tornam progressivamente menos egocêntricas e mais orientadas para a situação do leitor;

(3) a diminuição do uso de repetição lexical como recurso coesivo empregado *by default* e o crescimento correlativo do uso estilístico da repetição;

(4) a persistência da representação dos ecos da intervenção pedagógica na escrita dos alunos, tanto em sua condição originadora (a proposição da tarefa da escrita) como em sua relação interativa (a provocação para a tarefa da re-escrita).

Os resultados parciais que temos até agora obtido parecem bastante produtivos, tanto do ponto de vista da compreensão global do fenômeno da construção da escrita como do ponto de vista da reorientação da ação pedagógica na área da linguagem.

## O SENTIDO DO SIGNIFICANTE

NASCIMENTO, Edna Maria F.S. (UNESP-Araraquara). *O sentido do significante: o valor visual da palavra e a magia da sua sonoridade.*

Ferdinand de Saussure, em cerca de noventa e nove cadernos manuscritos, pesquisou anagramas, preocupando-se com fatos de discurso, diferentemente do Curso de Lingüística Geral, onde o seu objetivo foi a descrição da língua.

Comentando uma primeira carta sobre os anagramas, escrita pelo mestre genebrino, endereçada a Antoine Meillet (*L'Homme*. Revue française d'Anthropologie. Paris, Mouton & Co, Tome XI, avril-juin, 1971, p.15-24), Roman Jakobson discute a importância dos estudos saussureanos sobre o sentido do significante para a Lingüística Geral. Nas obras de Jakobson, essa preocupação de Saussure está sempre presente e pode ser condensada com suas palavras "o som é o eco do sentido".

Saussure e Jakobson são teóricos. Um exemplo de texto em que há erupção do significante no discurso é a obra do mineiro João Guimarães Rosa. Mas Guimarães Rosa pode ser também lembrado como teórico. A teorização de sua prática encontra-se em uma carta, datada de 9 de fevereiro de 1965, a Harriet de Onís, tradutora de parte de sua obra para o inglês. Expondo sua plataforma de escritor, ele reflete sobre o valor visual da palavra e a magia da sua sonoridade. São as mesmas concepções de Jakobson, embasadas nos primeiros estudos de Saussure. Unindo teoria à prática, pretendemos, nesta comunicação, discutir o sentido do significante.

GREGOLIN, Maria do Rosário F.V. (UNESP/CAR). *As formas da expressão e a criação de sentidos: a modernidade de Charles Bally.*

Os estudos da determinação do plano da expressão sobre o plano do conteúdo têm tido um rigoroso crescimento atualmente. A partir das formulações de Jakobson, o acento tem sido colocado sobre a função poética da linguagem e os sentidos que o plano do significante acrescenta à mensagem.

Esta comunicação tem o objetivo de resgatar o trabalho realizado por Charles Bally, em *Précis de Stylistique Française*, que, no início do século, já traçava as bases que determinariam a visão do sujeito na língua e os recursos oferecidos pelo sistema lingüístico para a expressividade. Ao tentar fundamentar uma "Estilística da Língua", Bally evidencia o papel das formas da expressão na criação de efeitos de sentidos no discurso. Ao mesmo tempo, Bally constrói o embrião de uma teoria da enunciação ao relacionar os elementos constituintes da situação de discurso.

Ao retornarmos à obra de Bally, procuramos refazer os passos de uma Lingüística pouco estudada no Brasil: aquela que vai ocupar-se do discurso e das condições da expressividade. A modernidade da estilística de Bally pode ser vislumbrada na análise de textos literários, da comunicação de massas, e mesmo cotidianos, já que define os movimentos do sujeito produtor ao dar forma e expressão ao seu discurso.

FRANÇA, Maria Cristina Victorino de 175  
FRANÇA, Nilcéia Albuquerque 83  
FRANZKE, Lutz 126  
FREDERICO, Diva Camargo  
FREIRE, Regina Maria 126  
FURLANETTO, Maria Marta 152  
GALLEMBECK, Paulo de Tarsó 63  
GABBIANI, Beatriz 84  
GALUÉ, Dexy 188  
GALVÃO, Marise Adriana Mamede 84  
GAMA, Albertina Ribeiro da 94  
GAMA, Gustavo Ribeiro da 202  
GAMA, Nilton Vasco da 94  
GAMARA-DURÁN, Stalin 210  
GANDOLFO, Mônica 220  
GAMARSKI, Léa 110  
GÁRCIA JÚNIOR, Alfeu 189  
GARCIA, Angela 153  
GARCIA, Marisol 58  
GASPAR DE OLIVEIRA, Sidneya 54  
GAVAZZI, Sigrid Castro 85  
GERMANO, Maria do Socorro Pires 55  
GOMES, Christina A. 37  
GOMES, Mônica Alvarez 127  
GONÇALO, Márcia 64  
GONÇALVES, Alberto 153  
GONÇALVES, Anabela 65  
GONÇALVES, Carlos Alexandre V. 100  
GONÇALVES, José Carlos 85  
GONÇALVES, Maria Perpétua 43  
GREGOLIN, Maria do Rosário F. V. 217  
GRIGOLETTO, Marisa 215  
GUEDES, Marymarcia 176  
GUIMARÃES, Adriana Ramos 127  
GUIMARÃES, Doroti Maroldi 127  
GUIMARÃES, Maria Ignez de Oliveira 128  
GUIMARÃES, Maximiliano 206  
GURGEL, Maria Cristina Lírio 128  
HEAD, Brian F. 204  
HERMANS, Ben 28  
HERNANDORENA, Carmen Lúcia Matzenauer 55  
HEYE, Jürgen 208

HOFFNAGEL, Judith C. 86  
HONÓRIO, Maria Aparecida 128  
HORA, Dermeval da 56  
ILARI, Rodolfo 65  
INDURSKY, Freda 189  
ISQUERDO, Aparecida Negri 205  
ISSLER, Denise S. 101  
JACOBS, Haïke 31  
JOHNEN, Thomas 75  
JORGE, Lurdes Teresa Lopes 66  
JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi 86  
JULIÃO, Maria Risolêta Silva 176  
KAUER, Maria Alice 154  
KLASSMANN, Mário Silfredo 205  
KLEIMAN, Ângela B. 23  
KOCH, Ingedore G. V. 32  
KOSCHNITZKI, Paula 112  
LACERDA, Rosely de Souza 177  
LAGE, Maria Helena Lott 154  
LAMPRECHT, Regina Ritter 46  
LEAL, Maria Virgínia 101  
LEDEZMA, Domingo 94  
LEE, Seung Hwa 56  
LEITE, Marli Quadros 86  
LEITE, Sueli Nunes 87  
LILLO, Mario Bernales 177  
LIMA, Josenildes Maria Batista de 154  
LIMA, Maria da Glória S. B. 189  
LIMA, Renira Lisboa de Moura 155  
LIMA, Sônia Maria van Dijk 45  
LIMA, Stella Telles Pereira 178  
LOBO, Tânia Conceição Freire 95  
LONGARZO, Antônio José 129  
LONGO, Beatriz Nunes de Oliveira 76  
LOPES, Adna de Almeida 87  
LOPES, Célia Regina dos Santos 190  
LOPES, Marcia Targino 190  
LOPES, Maria Fabíola Vasconcelos  
LÓPEZ, Luisa Elcna H. 155  
LORENZO, Ramón 14  
LUCCHESI, Dante 206  
MACÊDO, Célia Maria Macêdo de 169



**MARTELOTTA, Mário Eduardo T. (UNESA/UVA). *A gramaticalização em operadores argumentativos.***

Os usos dos operadores argumentativos podem ser explicados por um processo de gramaticalização *espaço* -> (*tempo*) -> *texto*, em que um elemento de valor espacial, que intermediariamente pode assumir um valor temporal, passa a funcionar como elemento argumentativo, seguindo uma trajetória que o transfere do contexto situacional externo para o contexto discursivo interno.

Muitos operadores argumentativos são provenientes de circunstanciadores espaciais e/ou temporais, que, por convencionalização de implicaturas conversacionais, passam a assumir um valor novo, que emerge de determinados contextos em que este sentido novo pode ser inferido do sentido primeiro, independentemente do valor literal das sentenças envolvidas no processo.

É o que ocorre com operadores argumentativos como *depois, aí, então, logo, já, ainda*, entre outros, que, de uma forma geral, apresentam usos temporais e argumentativos coexistentes no português atual, e cuja origem espacial se evidencia no português arcaico, ou mesmo no latim.

**NOBRE, Mônica Maria Rio (UFJF). *Estratégias de adjetivação.***

O trabalho é a continuação da pesquisa desenvolvida entre 1986 e 1989 sobre colocação de adjetivos no Sintagma Nominal, em *corpus* de fala semi-espontânea de adultos escolarizados.

Na atual fase tem-se estudado o comportamento das estratégias de adjetivação em outras modalidades discursivas, tais como, *narrações, descrições e relatos de opinião*, no sentido de descobrir regularidades no emprego de adjetivos nos diferentes tipos de textos, baseadas no princípio funcionalista da *iconicidade* preconizado por Givón (1991) e seus subprincípios da *ordenação linear, quantidade e proximidade*.

## NEUROLINGÜÍSTICA

**COUDRY, Maria Irma Hadler & GANDOLFO, Mônica (UNICAMP). *Afasia pragmática.***

O objetivo deste texto é propor a afasia pragmática, que a classificação tradicional não contempla, para caracterizar um conjunto de sintomas lingüísticos encontrados num estudo longitudinal de caso.

Serão apresentados dados que mostram a infração de leis conversacionais ou discursivas e dificuldades com a incorporação de implícitos no processo de significação. Será, também, discutida a repercussão semântica desta afasia no trabalho lingüístico que o sujeito exerce com a linguagem.

**BANDINI, Maria Beatriz Gobby (UNICAMP). *Aplicação de fábulas e seqüências lógico-temporais na avaliação e intervenção terapêutica de sujeitos cérebro-lesados.***

Esta comunicação - que se inscreve numa série de análises de expedientes lingüísticos aplicados para a avaliação e intervenção terapêutica de sujeitos cérebro-lesados - pretende analisar exemplos de aplicação de dois

desses expedientes. O objetivo é evidenciar a importância em se avaliar sujeitos cérebro-lesados a partir de protocolos de avaliação neurolingüística que levem em conta a relação linguagem-cognição e língua-cultura.

O acompanhamento longitudinal de sujeitos acometidos por demências progressivas neurodegenerativas e por síndromes afásicas muito tem se beneficiado com a avaliação e intervenção neurolingüística baseada em protocolos de fábulas e seqüências de ordenação temporal - em especial tiras de jornal com ou sem texto escrito.

Há uma particularidade que aproxima esses dois tipos de expedientes: o controle de sentido que ambos possibilitam. Em outras palavras, tais textos veiculam relações de sentido que exigem do sujeito que acione seus pressupostos interpretativos, que adiram e mantenham o tópico em questão.

A intervenção com narrativas do tipo fábula e com seqüências pode indicar, nesses sujeitos, alterações de mecanismos coesivos e de coerência, dificuldades com as relações de sentido, evidências do afrouxamento do sistema de referências, problemas com o processo inferencial.

**PEREIRA, Sílvia Elaine (UNICAMP). *Algumas considerações sobre alterações no processo de interlocução de um caso de síndrome frontal leve.***

Problemas discursivos como coordenação de referências, seleção de informações relevantes para o tópico em curso, dentre outros, que emergem na atividade discursiva de sujeitos acometidos por síndromes frontais, podem ser evidenciados numa prática neurolingüística de avaliação e intervenção terapêutica baseada numa concepção enunciativo-discursiva de linguagem.

Em especial, este trabalho abordará um caso de síndrome frontal leve, no qual estão comprometidos, fundamentalmente, as leis discursivas, com episódios digressivos - que são potencialmente desestabilizadores com relação à organização de tópico, à coordenação de referências e relevância para o tópico, etc., e representam um elemento desviante, perturbador, que compromete o processo de interlocução.

**NOGUCHI, Milica Satake (UNICAMP). *Análise neurolingüística dos processos lingüísticos e mnêmicos alterados em sujeitos cérebro-lesados.***

A partir de uma teoria discursiva da linguagem, articulada com princípios lúrianos de organização e funcionamento cerebral, está orientada a avaliação e terapia de sujeitos cérebro-lesados, acompanhados no IEL/FCM.

Utilizando fábulas, provérbios, piadas, como expedientes avaliativos, dentre outros, pode-se evidenciar a estreita relação entre língua e cultura - aspecto pouco tratado nos testes afasiológicos tradicionais.

Neste estudo, estarei analisando a recontagem de fábulas em contraposição às crônicas, nos sujeitos que acompanhamos longitudinalmente, individual e em grupo, para melhor compreender a natureza dos seus déficits. Em outras palavras, esta comunicação se propõe a distinguir as alterações que ocorrem nos processos lingüísticos daquelas que ocorrem nos processos cognitivos (mais precisamente, mnêmicos).

Do nosso ponto de vista, é importante ressaltar que linguagem e cognição não são processos independentes; antes, estabelecem entre si uma íntima relação.

Deixa-se de indicar o(a) autor(a) da comunicação e/ou a instituição a que pertence nos casos em que essa(s) informação(s) não consta(m) da ficha de inscrição ou do resumo encaminhados à secretaria do Congresso.

NOGUCHI, Milica Sasaki 221  
NOZAKI, Izumi 88  
NUNES, Jairo Morais 38  
OGLIARI, Marlene Maria 104  
OLINDA, Sílvia Rita Magalhães de 96  
OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de 207  
OLIVEIRA, Angélica de 29, 132  
OLIVEIRA, Fátima 77  
OLIVEIRA, Fátima Helena Azevedo de 194  
OLIVEIRA, Helênio Fonseca de 160  
OLIVEIRA, Josane Moreira de 161, 211  
OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de 133  
OLIVEIRA, Maria Thereza Indiani de 153, 195  
OLIVEIRA, Rochane de 184  
OLIVEIRA, Sérgio Lopes de 134, 211  
ORLANDI, Eni de Lourdes Pulcinelli 41  
OVIEDO, Alejandro 78  
PACHECO, Cecília Maria Goulart 161  
PAIVA, Maria da Conceição de 195  
PAIVA, Vera Lúcia M. de Oliveira 162  
PANDJIARJIAN, Cristina 211  
PARANHOS, Maria da Conceição 133  
PARLATO, Erika 104, 134  
PARRET, Herman 35  
PASSADOR, Maria Helena Costa 162  
PASTORELLO, Lucilla Maria 104  
PAULINI, Marco Antonio 184  
PAULIUKONIS, Maria A. L. 163  
PEPE, Vera Pedreira dos Santos 161  
PEREIRA, Maria das Graças Dias 89  
PEREIRA, Silvia Elaine 221  
PEREIRA, Tânia Maria Augusto 197  
PEREIRA, Teresa Leal Gonçalves 96  
PEREIRA, Vanessa Parisi Rodrigues 198  
PETTER, Margarida Maria T. 25  
PETRONI, Maria Rosa 105  
PEZATTI, Erotilde Gorci 134  
PICARDI, Fernanda C. 135  
PICUÉ, Jorge Ferro 212  
PILLON, Marie Noëlle 105, 163  
PINILLA, Maria da Aparecida M. de 153  
PIRES, Nádia N. 181

POERSH, José Marcelino 71, 113, 210  
POSSENTI, Sírio 135  
PROSPERO, Heloisa Ribeiro de 163  
QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro 96  
QUEIXALOS, Francis M. Andres 182  
RABELLO, Silvana 211  
RAFAEL, Edmilson Luiz 164  
RAMOS, Ana Paula Fadanelli 106  
RAMOS, Elvira 97  
RAMOS, Suzana Gisela Sashalmi 113  
REINALDO, Maria Augusta Gonçalves de Macedo 90  
REY, Maria José Teodora Carreira 164  
RIBEIRO, Branca Telles 32, 90  
RIBEIRO, Ilza 17  
RIOLFI, Cláudia Rosa 136  
RIVERS, Wilga M. 24  
RIZZARDI, Nelson Mario 195  
ROCHA, Iúta Lerche Vieira 106  
ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia 136  
RODRIGUES, Angela C. de Souza 196  
RODRIGUES, Aryon D. 20  
RODRIGUES, Aurora de Jesus 165  
RODRIGUES, Bernadete Biasi, 165  
RODRIGUES, Rosângela Hammes 166  
RODRIGUES, Sandra Helena Arouca 187  
RODRIGUES, Violeta Virgínia 196  
RODRIGUEZ, Manuel 58  
ROJO, Roxane Helena Rodrigues 36  
ROLLEMBERG, Vera 36  
ROMAN, Elódia Constantino 166  
RONCARATI, Cláudio 60  
SABOIA, Alice Maria T. de 113  
SALOMÃO, Maria Margarida Martins 216, 219  
SALVI, Giampaolo 38  
SAMPAIO, Maria Cristina Hennes 137  
SANTANA NETO, João Antonio de 97  
SANTOS, Adriana dos Santos e 198  
SANTOS, Emmanoel 213  
SANTOS, Lúcia de Fátima 197  
SANTOS, Manoel Antônio dos 213  
SANTOS, Márcia C. S. 114  
SANTOS, Teresinha Barroso 216



CANCELIER, Natália Lobor 163  
CANO, Waldenice Moreira 108  
CANOVAS, Maria Irene F. 53  
CARDOSO, Suzana Alice Marcelino 43  
CARMAGNANI, Anna Maria G. 214  
CARNEIRO, Maria da Conceição Almeida 187  
CARNEIRO, Zenaide 206  
CARREIRA, Alessandra Fernandes 200  
CARVALHO, Luiz Marcelo de 166  
CARVALHO, Nelly 109  
CARVALHO, Rosa Borges Santos 92  
CASAGRANDE, Nancy dos Santos 123  
CASTILHO, Ataliba T. de 42  
CASTRO, Maria Guadalupe de 82  
CASTRO, Maria Lília Dias de 123  
CERQUEIRA, Vicente 18  
CESAR, América Lúcia 146  
CHAMADOIRA, João Batista Neto 147  
CHAVES, Gilda Maria Monteiro 82  
CHEVALIER, J.C. 41  
CHAVEGATTO, Valéria Coelho 147, 218  
CINTRA, Anna Maria Marques 148  
COHEN, Maria Antonieta Amarante de Mendonça 92, 93  
COIMBRA, Miriam 99  
COLAÇO, Madalena 61  
CORACINI, Maria José R. Faria 214  
CORRÊA, Leticia M. Sicuro 41  
CORTINA, Arnaldo 123  
COSTA, Catarina de Sena Sirqueira Mendes da 148  
COSTA, Ceriz G. Bicalho 156  
COSTA, Lara Benquerer 21  
COSTA, Januacele Francisca da 174  
COSTA, Maria Cristina Rigoni 153  
COUDRY, Maria Irma Hadler 220  
COSTA, Sônia Bastos Borba 93  
COULTHARD, Malcolm 24  
COUTO, Hildo Honório do 204  
CRISTÓFARO, Thaís 54  
CRUZ, Edna Aparecida Cavalcante 149  
CRUZ, Maria Odileiz Sousa 174  
CRUZ, Maria Luiza Segura da 204  
CUNHA, Cláudia de Souza 124, 190

CUNHA, Dóris de Arruda C. da 124  
CUNHA, Maria Angélica Furtado da 219  
CUNHA, José Carlos Chaves 149  
CUNHA, Maria Jandira 24  
CUNHA, Myrian Crestian Chaves 150  
CUNHA, Viviane 94  
CYRINO, Sônia Maria L. 61  
D'AVILA, Suzana 153  
DEL GAUDIO, Sandra Maria Andrade 219  
DECAT, Maria Beatriz Nascimento 125  
DIAS, Maria Carmelita Pádua 28  
DIJK, Teun van 13  
DILLINGER, Mike 62  
DIONÍSIO, Angela Paiva 82  
DOURADO, Luciana 175  
DUARTE, Elizabeth Bastos 125  
DUARTE, Inês 62  
DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira 109  
DUQUE, Cláudio Gottschalg 62  
DUQUE, Maria Teresa Mendonça 216  
DUTRA, Cristiane 187  
ELIAS, Regina M. Pessoa 150, 166  
ELIAS, Zéqui 150  
ELIZAINCÍN, Adolfo 30  
EMMERICH, Charlotte 195  
ESPAR, Teresa 19  
ESTRADA, Megan Parry de Castro Duque 83  
FARACO, Carlos Alberto 33  
FARIA, Antônio Augusto Moreira de 125  
FÁVERO, Leonor Lopes 34  
FÁVERO, Teresinha Oliveira 151  
FERNANDES, Eliane Marques da Fonseca 152  
FERRARI, Lilian Vieira 187  
FERREIRA, Alessandra C. 127  
FERREIRA, Rosilda Arruda 137  
FERREIRA, Severina Sílvia M. O. 99  
FIAD, Raquel Salek 45  
FIGUEIREDO, Ricardo Molina de 54  
FINATTO, Maria José Bocorny 109  
FIORIN, José Luiz 18  
FRANCHETTO, Bruna 47  
FRANCHI, Carlos 13,

MACHADO, Júnia Focas Vieira 129  
 MACHADO, Marcia dos Santos 190  
 MACHADO, Marina Helena Kaiser 110  
 MACHADO, Miriam 179  
 MACTEL, Vânia Luíza Avalos 191  
 MADFES, Irene 87  
 MADUREIRA, Sandra 57  
 MAGALHÃES, Gladys de S. 156  
 MAGALHÃES, José Olímpio de 27  
 MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo 156  
 MAGELA, Ana Flávia Lopes 110  
 MAINGUENEAU, Dominique 48  
 MALAVER, Irania 191  
 MARCHEZAN, Renata M. F. Coelho 130  
 MARCOMINI, Adriani Aparecida 111  
 MARINELLI, Vera Lúcia 156  
 MARQUES, Maria Helena Duarte 111  
 MARQUESI, Sueli Cristina 157  
 MARRAFA, Palmira 67  
 MARTELOTTA, Mário Eduardo T. 220  
 MARTÍNEZ-PADRÓN, Maria Eugenia 130  
 MARTINS, Ana Maria 33  
 MARTINS, Ronaldo Texeira 76  
 MARTINS, Silvana Andrade 179  
 MARTINS, Walteir 180  
 MARUYAMA, Toru 91  
 MATOS, Francisco Gomes de 20  
 MATOS, Gabriela Ardisson 67  
 MATTOS, José Miguel de 157  
 MAUÉS, Júlia 131  
 MAURO, Maria Adélia Ferreira 30  
 MEDEIROS, Deusa F. R. 113  
 MEDEIROS, Luiz Claudio Valente Walker de 192  
 MELLO, Antônio Augusto Souza 180  
 MELLO, Cecília Vaz Pupo de 158  
 MELO, Lélia Erbolato 29, 102  
 MELO, Zilda Maria Zapparoli Castro 192  
 MENDES, Eliana Amarante de Mendonça 88, 202  
 MENDES, Ronald Beline 68  
 MENDONÇA, Mary Fátima de Lacerda 152  
 MENDONÇA, Olympio Correa de 158  
 MENON, Odete Pereira da Silva 192

MESQUITA, Roberto Melo 158  
 MEYER, Rosa Marina de Brito 76  
 MIGUEL, Matilde 68  
 MILANEZ, Wânia 159  
 MINARRIETA, Myriam 210  
 MIOTO, Carlos 17  
 MIRA MATEUS, Maria Helena 14  
 MIRANDA, Neusa Salim 216  
 MOINO, Ruth Elisabeth Lopes 211  
 MOLINA, Teresa 102  
 MOLLICA, Maria Cecília 37  
 MONTEIRO, José Lemos 193  
 MONTEIRO FILHO, Hélio Augusto 22, 23  
 MOORE, Denny 180  
 MORAES, Lygia Corrêa Dias de 69  
 MORIS, Maria Aparecida Torres 69  
 MORALES, Marlene 57  
 MOREIRA, Marli Merker 159  
 MORELLO, Rosângela 131  
 MORI, Angel Corbera 181  
 MOSCA, Lineide do Lago Salvador 39  
 MOTA, Helena Bolli 103  
 MOTA, Maria Antônia Coelho da 159  
 MOURA, Lúcia Helena Furtado 216  
 MOURA, Maria Denilda 193  
 MOUTINHO, Lurdes de Castro 160  
 MUBARACK, Jorge Cesar 132  
 MÜLLER, Ana Lúcia  
 MULLER, Diocelma Maria 181  
 MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo 112  
 NAGAMINE, Regina 103  
 NASCIMENTO, Edna Maria F. S. 216  
 NASCIMENTO, Karina Chrysóstomo de Souza 132  
 NAVAS, Maria Victoria 207  
 NETTO, Waldemar Ferreira 25  
 NEGRÃO, Esmeralda Vailati 70  
 NESPOR, Marina 27, 31  
 NEVES, Maria Helena Moura 43  
 NEVES, Patrícia Ferreira 112  
 NICOLAU, Eunice M. D. 194  
 NICOLAU, Marieta Lúcia Machado 30  
 NOBRE, Mônica Maria Rio 220



K

SARMENTO, Manoel Soares 71, 72  
 SAVEBRA, Mônica 208  
 SCAFUTTO, Maria Luísa 216  
 SCHEINOWITZ, Celina Araújo 114  
 SCHINELO, Rosimar de Fátima 78  
 SCHWARTZ, Onaide 208  
 SCLAR-CABRAL, Leonor 40  
 SELLAN, Aparecida Regina Borges 137  
 SENNA, Luiz Antônio de Gomes 28  
 SERBINO, Raquel Volpato 166  
 SERRA, Maria Anecy Calland M. 197  
 SILVA, Anna Christina Bentes da 138  
 SILVA, Anne Kelly Santos da  
 SILVA, Célia Esteves da 167  
 SILVA, Dulciene A. de Andrade e 168  
 SILVA, Edila Vianna da 198  
 SILVA, Elen Lucy Tavares da 115  
 SILVA, Emanuel Messias Cardoso da 138  
 SILVA, Eurisandra Bezerra da 182  
 SILVA, Ione de Assis 62  
 SILVA, Maria Emília Barcellos da 115  
 SILVA, Myrian B. 44  
 SILVA, Rosiane Motta da 198  
 SILVA, Shirley Cabante 168  
 SILVA, Telma Domingues da 139  
 SILVA, Vera Lúcia Paredes P. 139  
 SILVEIRA, Elisabeth 139, 198  
 SILVEIRA, Maria Elisa Luiz da 199  
 SILVEIRA, Nadia Mara da 199  
 SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da 140  
 SIMON, Maria Lúcia M. 116  
 SIQUEIRA, João Hilton Sayeg de 140  
 SMITH, Marisa Magnus 37  
 SOARES, Marília Facó 31, 47  
 SOBRAL, Maria Luizete Sampaio 105, 163  
 SOTU, Eva Ucy Miranda Sá 169  
 SOUSA, Maria Isabel de 184  
 SOUSA, Maria Jucirema da Silva 184  
 SOUZA, Deusa Maria de 215  
 SOUZA, Ester Maria de Figueiredo 141  
 SOUZA, Maria da Graça de 115  
 SOUZA, Maria Helena G. M. de 116

SOUZA, Sueli Maria de 25  
 SPINELLI, Mauro 46  
 SPINILLO, A.G. 146  
 STEINBERGER-ELIAS, Margarethe 141  
 STOPPA, Flávia 62  
 STOWELL, Timothy A. 26  
 TAVELA, Maria Cristina Weitzel 216  
 TÁVERO, Teresinha Oliveira  
 TEIXEIRA, Lúcia 141  
 TELES, Maria Clara 142  
 TELLES, Célia Marques 94, 97  
 TFOUNI, Leda Verdiani 142, 200, 213  
 TOMÉ, Maria Evanilda 107  
 TOSCANO, Maria Eulália Sobral 169  
 TRINDADE, Regina Célia Fernandes Cruz 58  
 VANDRESEN, Paulino 20  
 VASCO, Edina Stadler 208  
 VASCONCELLOS, Zinda 78, 79  
 VASCONCELOS, Ione Pereira 183  
 VENTURINI, Luciana Petinucci 213  
 VEREZA, Solange Coelho 128  
 VIEIRA, Hilda Gomes 209  
 VIEIRA, Márcia Damaso 48  
 VIEIRA, Sílvia Rodrigues 190  
 VILLAMIZAR, Thania 58  
 VITRAL, Lorenzo 72  
 WETZELS, Leo 26  
 YUSTE, Angela Nieto 170  
 ZAMBONIM, Devino João 143  
 ZANDOMENEGO, Diva 165  
 ZANOTTO, Mara Sophia 79  
 ZEN, Tânia Maria Campos 143